

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
CENTRO INTERDISCIPLINAR DE NOVAS TECNOLOGIAS NA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM INFORMÁTICA NA EDUCAÇÃO

ROSANGELA SILVEIRA GARCIA

ENTRE ABAS:

processos de enunciação em rede

Porto Alegre

2017

ROSANGELA SILVEIRA GARCIA

**ENTRE ABAS:
processos de enunciação em rede**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação do Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Informática na Educação.



Orientadora: Dra. Margarete Axt

Co-Orientadora: Dra. Marie Jane Soares Carvalho

Linha de Pesquisa: Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição.

Grupo de Pesquisa: LELIC/UFRGS (PROVIA III)

Porto Alegre

2017

CIP - Catalogação na Publicação

Garcia, Rosangela Silveira
Entre abas: processos de enunciação em rede /
Rosangela Silveira Garcia. -- 2017.
197 f.
Orientadora: Margarete Axt.

Coorientadora: Marie Jane Soares Carvalho.

Tese (Doutorado) -- Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Centro de Estudos Interdisciplinares em Novas Tecnologias na Educação, Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2017.

1. Processos de enunciação em rede. 2. Pressupostos Bakhtinianos. 3. Análise de redes sociais - ARS. 4. Rede enunciativa de educadores. 5. Rede social digital. I. Axt, Margarete, orient. II. Soares Carvalho, Marie Jane, coorient. III. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Dedico esta e todas as minhas demais conquistas, aos amores de minha vida, sem os quais qualquer sucesso seria ausente de sentido: meu filho **LUIZ FERNANDO** e meu marido **MÁRIO FERNANDO**.

AGRADECIMENTOS

A verdadeira viagem de descobrimento não consiste em procurar novas paisagens, mas em ter novos olhos (Marcel Proust).

..... à família pela compreensão das minhas ausências.

..... à Profa Dra. Margarete Axt, minha orientadora, exemplo de ser humano, amiga e parceira, agradeço o acolhimento. Nenhuma palavra pode expressar o orgulho de ter sido sua orientanda, tampouco minha admiração pela pessoa, mestre e pesquisadora. Nenhum agradecimento será suficiente pela companhia no trajeto desta pesquisa, e por partilhar seu conhecimento.

..... à Profa. Dra. Marie Jane Soares Carvalho pela coorientação desta pesquisa, por ter me apresentado ao mundo das redes, mas principalmente, pelo apoio e amizade, pelo ser humano lindo que é. Pelo carinho e atenção que sempre dedicou aos seus alunos.

..... às amadas Margarete e Marie Jane que foram amparo e consolo nos momentos de dificuldade.

..... às duas queridas irmãs-amigas de doutorado Cristiane Koehler, Maribel Susane Selli, pela motivação e apoio, que esta tríade nunca se separe.

..... à querida Dinora, minha orientadora no primeiro ano de doutorado, que me fez alçar voos e nunca buscar caminhos já desbravados, mas olhar sempre além. Que sempre desconstruiu minhas “verdades universais” com seus questionamentos, e compartilhou comigo o amor pela linguagem e pelo diálogo interdisciplinar.

..... aos colegas de grupo de pesquisa: Cristiane Koehler, Karina Marcon, Raquel U. Hahn, Selma Nascimento, Paula Fogaça Marques, Patrícia Grasel, Silvia Kist, Carina Kunze, Lisete Rigoni, Marlise Bock, Rafaela Melo, Antônio Manjate, Maribel Susane Selli, Joelma Remião, Magali Dias de Souza, Cristina Martinho, Aline Santos Oliveira, Rodolfo Salgado, Armando Zavala, Cacilda Nhanisse, Sansão Timbane, Keli Luz, Raquel Salcedo Gomes.

..... às amigas de percurso Cristina Pescador, Fernanda Schneider, Daniele da Rocha Schneider, Maria Inês Castilho, Sandra Andrea Assumpção Maria, Ana Rita Kalinoski.

..... às mosqueteiras Keli Luz e Raquel Salcedo - e Dinorá que nos uniu. Aos nossos cafés filosóficos, e ao nosso pensar e agir em linguagens. Uma por todas e todas por uma.

..... às adoráveis Cristiane Koehler, Paula Fogaça Marques, Patrícia Grasel pela força nos momentos de dificuldade, pelas palavras de apoio e o carinho. Ombros parceiros, uma apoiando a outra, tantas histórias nestes anos de caminhada juntas.

.....à Banca do Projeto de Qualificação desta Tese de Doutorado: Profa Dra. Maria Cristina Villanova Biasuz (PGIE/UFRGS); Profa Dra. Gislei Domingas Romanzini Lazzarotto (Instituto de Psicologia/UFRGS); Profa Dra. Dinora Moraes Fraga (PDLet UCS/UniRitter); Prof Dr. Silvio Salej Higgins (FAF-Depto Sociologia/UFGM); pelas valiosas contribuições e considerações na qualificação da proposta de tese que deram suporte a confecção final deste trabalho.

..... ao Prof. Dr. Antônio Carlos Andrade Ribeiro pela paciência, pelo carinho e auxílio nos momentos mais importantes de uso da teoria da ARS.

..... à Profa Dra. Maria Cristina que, no primeiro dia de aula no curso de doutorado, mostrou as potencialidades do diálogo interdisciplinar, e que “fragmentar” uma pesquisa é se impor limites.

..... à Profa Dra. Gislei pela contribuição nas reflexões teóricas e pelo acolhimento desta tese.

..... aos Professores Dr. Sílvio Salej Higgins, Dr. Dimitri Fazito e Dr. Antônio Carlos Andrade Ribeiro, do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Análise de Redes Sociais (GIARS), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFGM), pelo conhecimento partilhado, essencial ao desenvolvimento desta tese.

.....à Coordenação do Curso de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), por todo o apoio durante o curso de Doutorado.

..... ao corpo docente do programa de Pós-Graduação em Informática na Educação (PGIE), da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), de extrema importância na minha vida acadêmica e no desenvolvimento como pesquisadora.

..... a equipe incansável de funcionários do PGIE, sempre prontos a auxiliar quando necessário.

..... à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do Ministério da Educação (MEC), do Governo Federal Brasileiro, pela bolsa de doutorado que possibilitou a dedicação exclusiva à pesquisa.

..... às vozes dos educadores, sem as quais esta pesquisa não se realizaria; todas presenças diretas ou indiretas que contribuíram para o desenvolvimento desta investigação.

Toda pesquisa implica em princípio, por paradoxal que pareça, um conhecimento e um desconhecimento; conhecimento no sentido de impressões advindas do fenômeno, condição sine qua non da pesquisa, pois se não tem ideia do que procura ao construir seu objeto, o pesquisador não o pode procurar, e desconhecimento, no sentido de que o pesquisador não percebe, nesse momento, aspectos do objeto que não se dão imediatamente ao olhar, porque, se já sabe tudo do objeto, o pesquisador não tem uma pesquisa a fazer. (SOBRAL, 2013, p. 115)

RESUMO

A aba de navegação é um universo de enunciação e constituição discursiva, cenário do agir e estar do sujeito em distintos espaços sociais no mundo digital. A territorialização nas abas constitui o universo das relações éticas e políticas emergentes das interações sociais. Partindo desta propositura, trazemos um estudo que tem como meta investigar os processos de enunciação que se estabelecem no mundo digital, visando analisar as formas como educadores enunciam e assumem posições sócio-enunciativas nas abas que territorializam. Metodologicamente, embora, essencialmente, centre-se no dialogismo como posição filosófica-enunciativa, esta pesquisa faz, durante seu percurso, certas aproximações dos pressupostos da área de estudos da Comunicação Mediada pelo Computador; de pressupostos da ciência das redes e da ARS (Análise de Redes Sociais). Os dados analisados são resultantes dos enunciados emergentes do discurso de educadores, advindos de comunidades virtuais no *site* de rede social Facebook. Os enunciados são considerados relacionados às suas conexões responsivas com outros enunciados que os antecedem e /ou os seguem, e na correlação com os espaços onde se produzem. Como forma de constituir a rede representativa destas relações, e analisá-las a partir do seu grau de conexão, adotou-se o software Pajek - software de código aberto - que possibilita visualização e análise de grandes redes, e como métrica analisou-se a centralidade dos constituintes da rede enunciativa. A rede enunciativa formada foi analisada em duas perspectivas: da ARS, e de pressupostos bakhtinianos. Em nosso trajetar as principais descobertas nos levaram a perceber que o processo discursivo, em sua configuração, ou seja, na materialização por meio de enunciados, sofre efeitos da interface, assim como também lhe causa impacto. Que o enunciado produzido pelos educadores tem caráter autobiográfico acentuado e as relações dialógicas se estabelecem e circulam por distintos espaços, sendo seu encadeamento decorrente das ações de comentar e curtir. No âmbito das posições sócio-enunciativas, identificou-se que são múltiplas e não se apresentam de modo alternado, tampouco se configuram como partes isoladas e independentes de um todo. As posições sócio-enunciativas, neste caso, vão instituindo acabamentos provisórios ao si discursivo. Este estudo compreende que pode trazer contribuições ao campo das pesquisas em ciências humanas, e aos estudos dos processos de enunciação no contexto digital; contemplando um dos direcionamentos da linha de pesquisa Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como objetivo investigar os efeitos das interfaces digitais em diferentes campos empíricos.

Palavras- chave: processos de enunciação, posição sócio-enunciativa, rede social na internet.

ABSTRACT

The navigation tab is a universe of enunciation and discursive constitution, scenery of the subject's acting and being in different social spaces in the digital world. Territorialisation in the tabs constitutes the universe of ethical and political relations emerging from social interactions. Starting from this proposition, we present a study that aims to investigate the processes of enunciation that are established in the digital world, aiming to analyze the ways in which educators enunciate and assume socio-enunciative positions in the tabs that territorialize. Methodologically, while essentially focusing on dialogism as a philosophical-enunciative position, this research makes, during its course, certain approximations of the assumptions of the area of study of Computer-Mediated Communication; of assumptions of the science of the networks and of the SNA (Social Networks Analysis). The data analyzed are the result of the emergent statements of the educators' discourse, coming from virtual communities on the social networking site Facebook. The statements are considered to be related to their responsive connections with other statements that precede and / or follow them, and in the correlation with the spaces where they are produced. As a way to form the representative network of these relations, and to analyze them from their degree of connection, Pajek software - open source software that allows visualization and analysis of large networks - was adopted, and, as a metric, centrality of the constituents of the enunciative network was analyzed. The enunciative network formed was analyzed in two perspectives: SNA, and Bakhtinian assumptions. In our trajectory the main discoveries led us to realize that the discursive process, in its configuration, that is, in materialization through statements, has effects of the interface, as well as its impact. That the statement produced by the educators has an accentuated autobiographical character and the dialogic relations are established and circulate through different spaces and its linkage derives from the actions of comment and enjoyment. In the context of socio-enunciative positions, it has been identified that they are multiple and do not present themselves in an alternate way, nor do they form as isolated and independent parts of a whole. The socio-enunciative positions, in this case, are instituting provisional finishes for the yourself discursive. This study understands that it can contribute to the field of research in human sciences, and to the study of the processes of enunciation in the digital context, contemplating one of the directives of the research line Digital Interfaces in Education, Art, Language and Cognition of the Graduate Program in Computer Science in Education of the Federal University of Rio Grande do Sul (UFRGS), whose objective is to investigate the effects of digital interfaces in different empirical fields.

Keywords: enunciation processes, socio-enunciative position, internet social networks.

RESUMEN

La solapa de navegación es un universo de enunciación y constitución discursiva, escenario del actuar y estar del sujeto en distintos espacios sociales en el mundo digital. La territorialización en las alas constituye el universo de las relaciones éticas y políticas emergentes de las interacciones sociales. A partir de esta proposición, traemos un estudio que tiene como meta investigar los procesos de enunciación que se establecen en el mundo digital, buscando analizar las formas como educadores enuncian y asumen posiciones socio-enunciativas en las abas que territorializan. Metodológicamente, aunque, esencialmente, se centra en el dialogismo como posición filosófica-enunciativa, esta investigación hace, durante su recorrido, ciertas aproximaciones de los presupuestos del área de estudios de la Comunicación Mediada por el Ordenador; de los supuestos de la ciencia de las redes y de la ARS (Análisis de Redes Sociales). Los datos analizados son resultado de los enunciados emergentes del discurso de educadores, provenientes de comunidades virtuales en el sitio de la red social Facebook. Los enunciados se consideran relacionados con sus conexiones responsivas con otros enunciados que los anteceden y / o los siguen, y en la correlación con los espacios donde se producen. Como forma de constituir la red representativa de estas relaciones, y analizarlas a partir de su grado de conexión, se adoptó el software Pajek - software de código abierto - que posibilita visualización y análisis de grandes redes, y cómo métrica se analizó centralidad de los constituyentes de la red enunciativa. La red enunciativa formada fue analizada en dos perspectivas: de la ARS, y de supuestos bakhtinianos. En nuestro trayecto los principales descubrimientos nos llevaron a percibir que el proceso discursivo, en su configuración, o sea, en la materialización por medio de enunciados, sufre efectos de la interfaz, así como también le causa impacto. Que el enunciado producido por los educadores tiene carácter autobiográfico acentuado y las relaciones dialógicas se establecen y circulan por distintos espacios, siendo su encadenamiento resultante de las acciones de comentar y de disfrutar. En el ámbito de las posiciones socio-enunciativas, se identificó que son múltiples y no se presentan de modo alternado, tampoco se configuran como partes aisladas e independientes de un todo. Las posiciones socio-enunciativas, en este caso, van instituyendo acabados provisionales al mismo discursivo. Este estudio comprende que puede aportar contribuciones al campo de las investigaciones en ciencias humanas, ya los estudios de los procesos de enunciación en el contexto digital; que contempla uno de los direccionamientos de la línea de investigación Interfaces Digitales en Educación, Arte, Lenguaje y Cognición del Programa de Postgrado en Informática en la Educación de la Universidad Federal de Rio Grande do Sul (UFRGS) que tiene como objetivo investigar los efectos de las interfaces digitales en diferentes campos empíricos.

Palabras Clave: procesos de enunciación, posición socio-enunciativa, red social en Internet.

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ARS – Análise de Redes Sociais

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CINTED – Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação

CMC - Comunicação Mediada por Computador

CV - Comunidades Virtuais

GIARS - Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Análise em Redes Sociais da Universidade Federal de Minas Gerais

LELIC - Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição

NRC - National Research Council of the National Academies

PPGIE - Programa de Pós-graduação em Informática na Educação

PROVIA - Programa Interinstitucional Comunidades de Aprendizagem, Estética do Virtual e Autoria Coletiva

UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

UNISINOS – Universidade do Rio dos Sinos

EDNET - Rede Informática para Educação à Distância (EDNET)

LEC/UFRGS - Laboratório de Estudos Cognitivos do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul

GCAT - Grupo de Comunidades Associadas por Temática

CV - Comunidades Virtuais no *website* de rede social Facebook.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Exemplificação do processo de enunciação	46
Figura 2 – Botões Curtir novo formato	50
Figura 3 – Ícone Status	73
Figura 4 – Ícone de inserção de imagens.....	73
Figura 5 – Ícone para marcar pessoas na publicação.....	73
Figura 6 – Ícone para adicionar ações ou sentimentos à publicação	73
Figura 7 – Ícone para adicionar localização geográfica à publicação	73
Figura 8 – Ícone para adicionar acontecimento à publicação.....	73
Figura 9 – Ícone para definição da privacidade da publicação.....	73
Figura 10 – Linhas de Ícones de Navegação	75
Figura 11 – Espaço de informações sobre os membros da comunidade virtual.....	75
Figura 12 – Espaço de publicação de fotos e vídeos	76
Figura 13 – Espaço de publicação de arquivos criação de documentos.....	76
Figura 14 – Espaço de criação de documentos.....	76
Figura 15 – Segunda linha dos ícones de navegação.....	77
Figura 16 – Espaço de produção de enunciados.....	77
Figura 17 – Composição do contexto do campo empírico	78
Figura 18 – Grafo com seis vértices e sete arcos.....	86
Figura 19 – Imagem representativa de grafo não direcionado da relação na Fronteira Física .	86
Figura 20 – Rede Egocentrada de Composição da Fronteira Física.....	88
Figura 21 – Descrição do perfil da comunidade 14.....	90
Figura 22 – Descrição do perfil da comunidade 37.....	90
Figura 23 – Imagem de exemplificação de uma rede de afiliação das conexões Comunidades Virtuais e Atores Sociais	93
Figura 24 – Software Pajek: primeira janela	95
Figura 25 – Software Pajek: segunda janela.....	95
Figura 26 – Software Pajek: terceira janela.....	96
Figura 27 – Software Pajek: quarta janela.....	96
Figura 28 – Software Pajek: quinta janela.....	97
Figura 29 – Software Pajek: rede de um modo	97
Figura 30 – Software Pajek: rede de dois modos	98
Figura 31 – Composição do contexto da extração de dados de análise.....	99
Figura 32 – Função Descobrir Grupos do site Facebook	113
Figura 33 – Enunciado Múltiplas linguagens	115
Figura 34 – Processo de formação da rede de três modos com uso do Pajek	122

LISTA DE GRAFOS

Grafo 1 – Rede Conexões Comunidades Virtuais e Educadores.....	105
Grafo 2 – Rede Conexões Comunidades Virtuais	107
Grafo 3 – Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa	109
Grafo 3a – Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa (só grafo).....	110
Grafo 4 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade.....	110
Grafo 4a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade - só grafo.....	111
Grafo 5 – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação	118
Grafo 5a – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação só grafo	119
Grafo 6 – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação	120
Grafo 6a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação só grafo	120
Grafo 7 – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade)	123
Grafo 7a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo	124
Grafo 8 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade).....	125
Grafo 8a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo.....	125
Grafo 9 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada (organização por vizinhança) a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo	126
Grafo 10 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo ...	128
Grafo 11 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo.....	129
Grafo 12 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo	130
Grafo 13 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Curtidas).....	131
Grafo 13a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo.....	132
Grafo 14 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas Si discursivo.....	140

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Estado da arte sobre o enunciar narrativo no contexto online	34
Tabela 2 – Composição cronológica de estudos sobre redes (sociais)	82
Tabela 3 – Membros conectados por temática de discussão	91
Tabela 4 – Aplicação da fronteira temporal (janeiro a agosto de 2016).....	92
Tabela 5 – Taxa de participação das comunidades nas conexões	111
Tabela 6 – Configuração do corpus enunciados/enunciadores.....	116
Tabela 7 – Rede Enunciativa: atributo comunidade no corpus conexões enunciados e enunciadores	123
Tabela 8 – Corpus das relações dialógicas	127
Tabela 9 – Composição do campo semântico da rede do educador 11	141

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Denominação de termos da composição de uma rede	85
Quadro 2 – Percorso de composição de dados de análise	88

SUMÁRIO

1. A PRIMEIRA ABA: ESTABELECENDO O CENÁRIO E A INTENCIONALIDADE DA PESQUISA.....	18
1.1 DOIS CENÁRIOS. ESTRANHOS ENTRE SI?.....	18
1.2 DOIS CENÁRIOS E MÚLTIPLOS QUESTIONAMENTOS.....	20
1.3 A PESQUISA E SUA INTENCIONALIDADE	26
2. AGIR NAS ABAS: ENUNCIÇÃO EM REDE E A CONSTITUIÇÃO DO SI DISCURSIVO.....	33
2.1 AS DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE O CONCEITO DE NARRAR E O ENUNCIAR NARRATIVO	33
2.2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE PROCESSO DE ENUNCIÇÃO E CONCEITOS CORRELATOS	42
2.3 O SUJEITO DE ENUNCIÇÃO E A EMERGÊNCIA DE POSIÇÕES SÓCIO-ENUNCIATIVAS: O SI DISCURSIVO	52
3. AO ENCONTRO DAS ABAS: OS PERCURSOS DA PESQUISA.....	58
3.1 A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: O DIALOGISMO COMO POSIÇÃO FILOSÓFICO-ENUNCIATIVA DO PESQUISADOR.....	58
3.2 CAMPO EMPÍRICO: INSTAURANDO O CONTEXTO	68
3.2.1 A composição do macrocontexto no campo empírico	71
3.2.2 A composição do microcontexto no campo empírico	74
3.2.3 Relações Observáveis no Microcontexto e Macrocontexto	80
3.3 OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA E A COMPOSIÇÃO DOS DADOS	81
3.3.1 Composição dos dados no macrocontexto e no microcontexto	87
3.3.2 Tratamento dos dados: o software Pajek	93
3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE: A COMPOSIÇÃO DAS CONTEMPLAÇÕES.....	98
4. MOVIMENTO DE ABAS: CONTEMPLAÇÕES	103
4.1 PRIMEIRA CONTEMPLAÇÃO: NOVAS FRONTEIRAS DO HORIZONTE DE PESQUISA.....	105
4.2 SEGUNDA CONTEMPLAÇÃO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES EDUCADOR-COMUNIDADE.....	108

4.3	TERCEIRA CONTEMPLAÇÃO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES EDUCADOR-ENUNCIADO	114
4.4	QUARTA CONTEMPLAÇÃO: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA REDE ENUNCIATIVA	127
4.4.1	Considerações sobre o quadro geral observado na rede enunciativa: ações comentar e curtir	132
4.5	QUINTA CONTEMPLAÇÃO: SENTIDOS, AUTORIA, SI DISCURSIVO	137
5.	ABAS INFINITAS: ACABAMENTO PROVISÓRIO DE UM OBJETO ESTÉTICO	146
5.1	NOVOS OLHARES: O QUE NÃO FOI INVESTIGADO, DESCONSTRUÇÕES E NOVOS QUESTIONAMENTOS.....	149
	REFERÊNCIAS	154
	ANEXOS	165

1. A PRIMEIRA ABA: estabelecendo o cenário e a intencionalidade da pesquisa

1.1 DOIS CENÁRIOS. ESTRANHOS ENTRE SI?

CENÁRIO I – O PINTOR E A TELA

“O pintor está ligeiramente afastado do quadro.

↳ lança um olhar em direção ao modelo; talvez se trate de acrescentar um último toque, mas é possível também que o primeiro traço não tenha ainda sido aplicado. O braço que segura o pincel está dobrado para a esquerda, na direção da palheta; permanece imóvel, por um instante, entre a tela e as cores. Essa mão hábil está pendente do olhar; e o olhar, em troca, repousa sobre o gesto suspenso. Entre a fina ponta do pincel e o gume do olhar, o espetáculo vai liberar seu volume.

“Não sem um sistema sutil de evasivas.

↳ distanciando-se um pouco, o pintor colocou-se ao lado da obra na qual trabalha. Isso quer dizer que, para o espectador que no momento olha, ele está à direita de seu quadro, o qual ocupa toda a extremidade esquerda. A esse mesmo espectador o quadro volta as costas: dele só se pode perceber o reverso, com a imensa armação que o sustenta. O pintor, em contrapartida, é perfeitamente visível em toda a sua estatura; de todo modo, ele não está encoberto pela alta tela que, talvez, irá absorvê-lo logo em seguida, quando, dando um passo em sua direção, se entregará novamente a seu trabalho; sem dúvida, nesse mesmo instante, ele acaba de aparecer aos olhos do espectador, surgindo dessa espécie de grande gaiola virtual que a superfície que ele está pintando projeta para trás.

“Podemos vê-lo agora, num instante de pausa, no centro neutro dessa oscilação.

Seu talhe escuro, seu rosto claro são meios-termos entre o visível e o invisível: saindo dessa tela que nos escapa, ele emerge aos nossos olhos; mas quando, dentro em pouco, der um passo para a direita, furtando-se aos nossos olhares, achar-se-á colocado bem em face da tela que está pintando; entrará nessa região onde seu quadro, negligenciado por um instante, se lhe vai tornar de novo visível, sem sombra nem reticência. Como se o pintor não pudesse ser ao mesmo tempo visto no quadro em que está representado e ver aquele em que se aplica a representar alguma coisa. Ele reina no limiar dessas duas visibilidades incompatíveis.

“O pintor olha, o rosto ligeiramente virado e a cabeça inclinada para o ombro.

↳ fixa um ponto invisível, mas que nós, espectadores, podemos facilmente determinar, pois que esse ponto somos nós mesmos: nosso corpo, nosso rosto, nossos olhos. O espetáculo que ele observa é, portanto, duas vezes invisível: uma vez que não é representado no espaço do quadro e uma vez que se situa precisamente nesse ponto cego, nesse esconderijo essencial onde nosso olhar se furta a nós mesmos no momento em que olhamos. E, no entanto, como poderíamos deixar de ver essa invisibilidade, que está aí sob nossos olhos, já

que ela tem no próprio quadro seu sensível equivalente, sua figura selada? Poder-se-ia, com efeito, adivinhar o que o pintor olha, se fosse possível lançar os olhos sobre a tela a que se aplica; desta, porém, só se distingue a textura, os esteios na horizontal e, na vertical, o oblíquo do cavalete. O alto retângulo monótono que ocupa toda a parte esquerda do quadro real e que figura o verso da tela representada reconstituiu, sob as espécies de uma superfície, a invisibilidade em profundidade daquilo que o artista contempla: este espaço em que nós estamos, que nós somos. Dos olhos do pintor até aquilo que ele olha, está traçada uma linha imperiosa que nós, os que olhamos, não poderíamos evitar: ela atravessa o quadro real e alcança, à frente da sua superfície, o lugar de onde vemos o pintor que nos observa; esse pontilhado nos atinge infalivelmente e nos liga à representação do quadro.

CENÁRIO II -- A MULHER E A TELA

“A tela do computador absorve totalmente a atenção da mulher a sua frente.

Encontro quase simbiótico, espaço e tempo perdem a referência padrão, o único movimento perceptível é do olhar feminino fixo na tela. O som agudo e insistente que, momentaneamente, interrompe a música tocando nos fones de ouvido da mulher sentada em frente ao computador - olhando fixamente a tela à sua frente - desvia sua atenção da leitura *online* da obra *As Palavras e as Coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, de Michel Foucault. A mão direita da mulher manuseando o mouse a direciona para uma nova aba do navegador da *web* na qual se localiza a página de um *site* de rede social.

“Usando os recursos da interface do *site*, acessa a página de seu perfil pessoal.

Um bloco se destaca no canto inferior à direita, na barra lateral de bate-papo surge mensagem de outro usuário que faz parte de suas conexões. A mensagem é composta de um texto verbal, por uma imagem e um hiperlink; o conteúdo tem sua atenção por alguns minutos.

“Algo, aparentemente, desperta seu interesse.

Sua próxima ação é usar o mouse para clicar no hiperlink, sendo logo direcionada à terceira aba do navegador onde se localiza a informação desejada. Após breve leitura, direciona-se ao botão do navegador da *web* e abre nova aba, na qual acessa seu correio eletrônico, envia mensagem para um de seus contatos. Ao encerrar esta ação, desliza o mouse novamente e um leve clique a direciona para a guia de seu perfil no *site* de rede social, onde faz a leitura do conteúdo das postagens na linha do tempo, curte algumas, compartilha outras. Acessa uma comunidade virtual no *site*, e após um rápido olhar sobre as postagens, volta à página inicial. Realiza um comentário à publicação de sua irmã sobre um passeio realizado, insere *emoticons* e faz comentário jocoso a respeito da foto postada.

“Na continuidade da leitura das publicações seu olhar se desvia.

Um fato, aparentemente, chama sua atenção e seu novo movimento a leva à nova aba onde uma notícia – veiculada no microblog *Twitter* – gera uma discussão intensa sobre tema

polêmico. Insere-se na discussão que vai ficando cada vez mais acalorada, quando, neste momento, o aviso sonoro do celular posicionado ao lado do teclado indica atividade. A mão esquerda da mulher traz o celular mais para perto e, ao toque de seus dedos, o descanso de tela é desativado. Clica em um ícone e já desvia a atenção da tela do computador para a tela do celular. Identifica que há muitas mensagens não lidas em um aplicativo de mensagem instantânea. Ao que parece, depois de leitura que dura poucos segundos, decide a ordem em que as mensagens serão lidas. A do filho é a primeira, ele informa a saída mais cedo da escola; em segundo, o espaço de mensagem intitulado Grupo de Pesquisa UFRGS; a terceira aparece intitulada com o nome do contato Mãe, após a leitura do texto recebido, seus dedos digitam a resposta. Mal termina a ação e nova mensagem não identificada aparece na tela do celular; é acessada e surge a seguinte mensagem: “favor confirmar presença de seu filho na consulta ao dentista”, digita a resposta e encerra o aplicativo.

“O celular é posto de lado. A atenção da mulher se volta à tela do computador; o olhar busca o relógio na interface do dispositivo e ao notar o avançado das horas, fecha todas as abas simultaneamente. Em poucos movimentos, procede ao desligamento do computador, organiza de forma célere os livros, canetas e bloco de notas, pega o celular e o coloca dentro da bolsa, que, até o momento, estava no encosto da cadeira. Levanta, dá um olhar à sua volta. Ao que tudo indica não esqueceu nada.

Desliga as luzes, anda até a porta e sai do ambiente.

Os dois cenários descritos (o primeiro da obra foucaultiana; o segundo, a descrição de um recorte do cotidiano desta pesquisadora, que a situa no movimento entre as abas e nas fronteiras que delineiam o *online* e *offline*), aparentemente não relacionados, têm o propósito de ilustrar, de forma metafórica, tanto os indagamentos que produziram o contexto problemático de onde emerge a questão de pesquisa, quanto determinados conceitos que serão discutidos ao longo desse texto.

1.2 DOIS CENÁRIOS E MÚLTIPLOS QUESTIONAMENTOS

O primeiro cenário é a descrição feita por Foucault (1999), na obra *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*, quando da análise detalhada do quadro de Diego Velázquez. Intitulada *As meninas (Anexo 01)*, a pintura mostra - de acordo com o Museu do Prado - um grande aposento onde personagens da corte espanhola são representados, dentre eles a infanta Margarida. Citada como uma das obras mais analisadas da pintura ocidental surpreende pelos múltiplos sentidos que possibilita a seu espectador, sendo o principal a presença na pintura do próprio Velázquez trabalhando em uma grande tela. Na

visão de Foucault,

Velázquez compôs um quadro; que neste quadro ele se representou a si mesmo em seu ateliê, ou num salão do Escorial, a pintar duas personagens que a infanta Margarida vem contemplar, rodeada de aias, de damas de honor, de cortesãos e de anões; que a esse grupo pode-se muito precisamente atribuir nomes: a tradição reconhece aqui dona Maria Agustina Sarmiente, ali, Nieto, no primeiro plano, Nicolaso Pertusato, bufão italiano. Bastaria acrescentar que as duas personagens que servem de modelo ao pintor não são visíveis, ao menos diretamente; mas que podemos distingui-las num espelho; que se trata sem dúvida, do rei Felipe IV e de sua esposa Mariana (FOUCAULT, 1999, p.10).

Tomando por exemplo Velázquez que representa a si mesmo no espaço da tela, no segundo cenário realizei a descrição de meu cotidiano – também em uma tela: a do computador -, num recorte que contempla o espaço de fronteira entre *offline* e *online*. E procedi a um movimento exotópico, ou seja, o movimento de afastamento para compreender e ao mesmo tempo dar acabamento ao outro (Bakhtin, 2003), buscando o distanciamento que me daria lugar privilegiado à observação desejada. O mesmo movimento que o realizado por Velázquez ao se pintar na tela como um outro, proporcionando uma nova perspectiva de meu próprio agir. Mulher em contemplação de si enquanto em atividade na tela, assumo-me como outro que, fora de mim, tem condições de ver em mim aquilo que não consigo ver a meu respeito, possibilitando vislumbrar o que antes era invisível sem esse deslocamento. Como o pintor que se afasta de seu objeto de contemplação para nele poder perceber um cenário mais amplo.

A escolha do primeiro cenário teve como propósito a identificação com a projeção na tela – a da pintura – do próprio pintor que nela atuava, buscando pontos de diálogo com similaridades de meu agir – na tela do computador - que buscava descrever. O segundo cenário objetivava retratar o momento em que os questionamentos que geraram esta pesquisa se manifestaram.

O contexto dinâmico descrito no segundo cenário, do agir e estar do sujeito em distintos espaços do território digital, vou chamar de movimento de territorialização nas abas. Territorialização aqui compreendida como a ação de ocupar um espaço que é antropológico; espaço que produz “mundos de significação e não categorias coisificadas que partilham entre si objetos corporais [...]” (LÉVY, 1997, p. 186). O sujeito, neste caso, em frente a tela do computador, segundo Silva (2001, p. 157, grifo nosso), “está simultaneamente enraizado num lugar físico (*offline*, a partir do qual produz e partilha informação e relações) e em

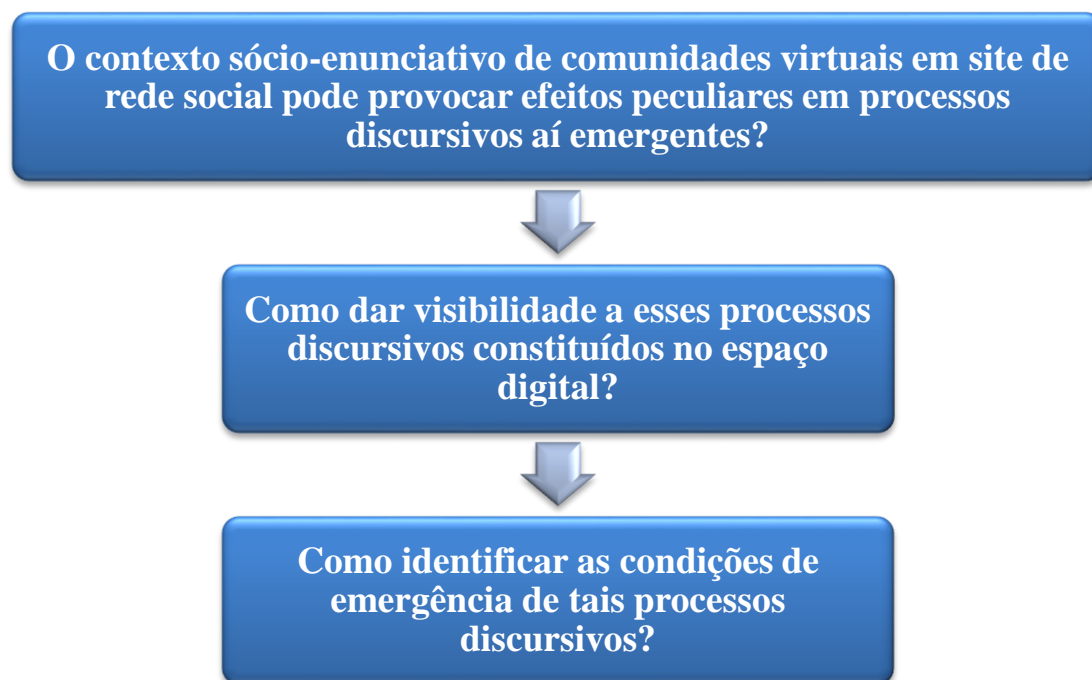
deslizamento na pluralidade de lugares que a navegação na rede (*online*) lhe permite. ”

Partindo de uma perspectiva bakhtiniana, entendemos este sujeito que está no mundo digital - que fala sobre si, sobre o outro e sobre o mundo em múltiplas abas - como sujeito de enunciação, que se constitui a partir da interação social com outros nos múltiplos espaços digitais em que territorializa. Espaços que o significam como sujeito social, histórico, político e ideológico (BAKHTIN, 2002, 2003, 2006). O uso de tal acepção – **sujeito de enunciação** – encontra justificativa nas ideias do filósofo da linguagem, quando afirma que todas as atividades humanas estão intrinsecamente relacionadas ao uso da língua na forma de enunciados que emergem de uma ou de outra esfera da comunicação humana (BAKHTIN, 2003).

Compreendo, assim, que o sujeito de enunciação emerge dos movimentos de territorialização na pluralidade de lugares que habita no mundo *online*. Ao mesmo tempo em que busca sua completude, seu acabamento - mesmo que fugaz e provisório -, em um território ENTRE ABAS, no sentido de uma constituição de um si, que não está integralmente em uma aba ou outra; encontra-se em movimento de transição entre elas, como quem ocupa um entre espaço que é simbólico, intermediário deste deslocamento.

Assumimos a aba de navegação enquanto universo de enunciação e constituição discursiva do sujeito, da relação com o outro, e o leva a territorializar em múltiplos e distintos espaços sociais no mundo digital. Dessa forma, a territorialização nas abas produziria o espaço interacional das relações éticas e políticas emergentes das interações sociais. A desterritorialização de uma aba em direção à outra (o entre), em nosso entendimento, produziria, ao natural, um afastamento, engendrando as condições da constituição de si numa tomada estética. Nossa compreensão é de que tal afastamento poderia ser considerado como um dispositivo para contemplação de si, com efeitos na assunção de determinada posição sócio-enunciativa correlacionada ao contexto discursivo onde se produzirá. O que nos direcionou à seguinte indagação: **Potencialmente, os processos de enunciação - em seus mais variados contextos de produção – afetariam ou seriam afetados pelas formas como enuncio e me constituo discursivamente no espaço digital?**

Questionamento que me inquieta como pesquisadora - e como educadora - presente no mundo digital, e levou-me, de modo ainda abrangente, a refletir sobre...



Questão pontual a destacar, antes mesmo de iniciar a apresentação formal do propósito desta pesquisa, versa sobre as motivações que em mim se estabeleceram para realizá-la.

A primeira, talvez a mais central, se relaciona a aspectos referentes à área da linguagem: base de minha formação acadêmica. Essencialmente, o interesse sobre como a linguagem vai se estabelecendo nos processos de interação social; como os sujeitos de enunciação se constituem e constituem suas relações com e no mundo através dela.

A segunda, não menos importante, recai sobre o fascínio pelas tecnologias digitais e pela forma como – discursivamente - vamos ocupando distintos espaços, nos quais a distância física e geográfica não configura impedimento, tampouco a sincronia nas comunicações é restritiva à maneira como os processos de conversação se instauram.

A terceira motivação emerge do aceite ao desafio para desenvolvimento de estudo interdisciplinar; de dialogar com teorias, aparentemente tão distantes; por acreditar na contemporaneidade dos pressupostos bakhtinianos para estudos das linguagens oriundas do contexto digital.

A quarta motivação decorre do interesse na utilização do espaço digital de uma rede social na internet como campo empírico; e da percepção de que, ao deslocar-me entre diferentes abas, sutis mudanças no processo de enunciar-me acontecem; e de como deste processo, aparentemente, emergiam distintas posições sócio-enunciativas advindas dos processos de enunciação em rede.

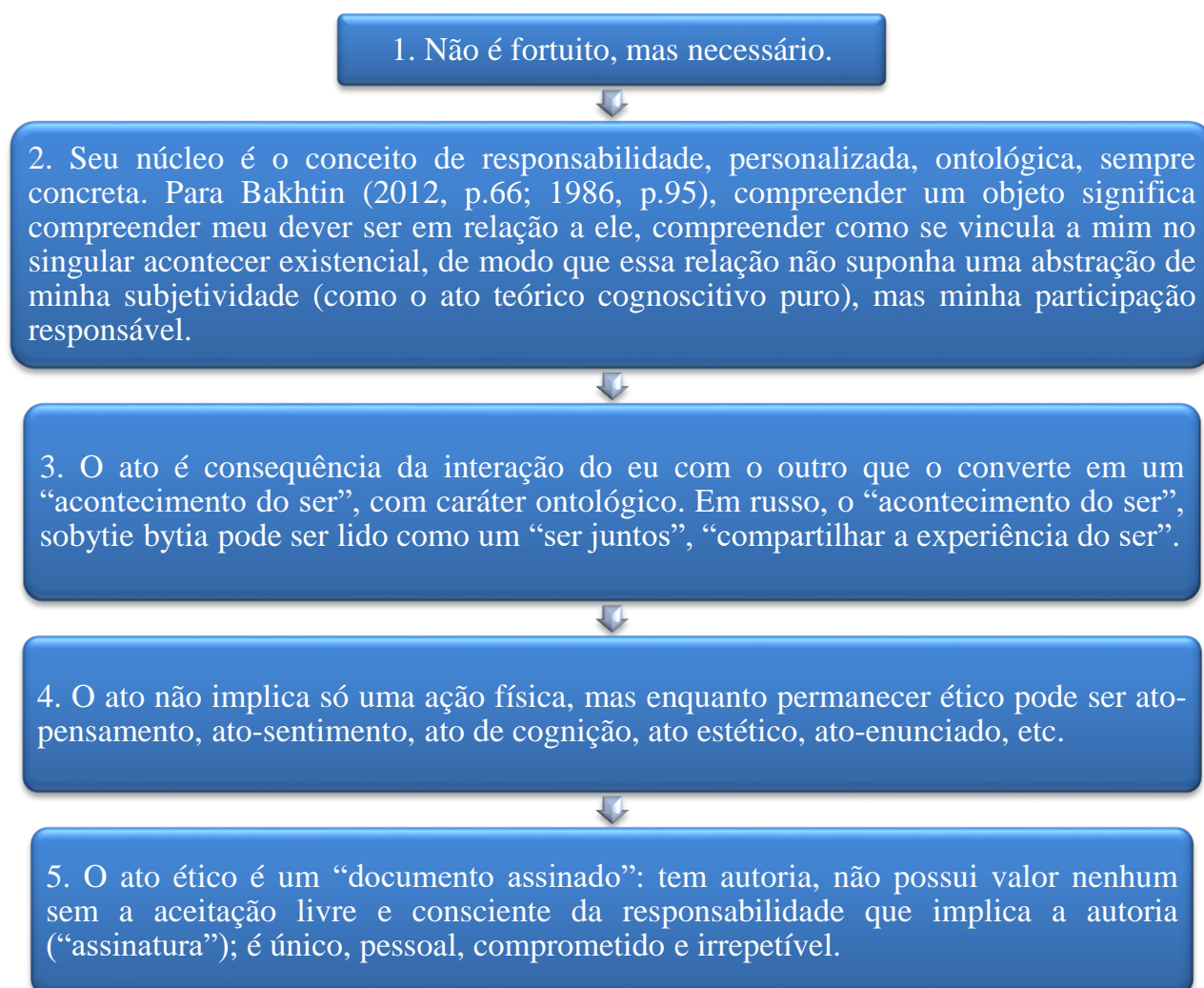
O interesse pelas redes sociais na internet como campo empírico de pesquisa já se apresentava na proposta de pesquisa para ingresso ao doutorado. Os movimentos de agir e contemplar, de base bakhtiniana, trouxeram o refinamento da proposta. O que chamo de movimento de agir é a *performance* como um sujeito de enunciação, presente em redes sociais na internet, que imerge nas interações discursivas, estabelecendo relações de alteridade; o que denomino como movimento de contemplar relaciona-se ao distanciamento ativo proveniente dos intervalos (maiores ou menores) entre cada saída e nova entrada em uma aba, atentando ao próprio fazer nesse cenário, produzindo sentidos, mesmo que provisórios.

Um agir interacional que é um ato ético e um contemplar ativo que produz um ato estético. Ato, aqui considerado, em seu conceito mais abrangente, como aspecto geral do agir humano, como propõe Sobral (2008).

Considerando inerente à discussão a que esta tese se propõe, que insere o enunciar como indissociável da ética e da estética que se produzem pelo agir do sujeito de enunciação no mundo, discutiremos tais conceitos em interlocução com Bakhtin (2012), Bubnova (2013) e Axt (2011).

Assumindo uma perspectiva bakhtiniana, situamos **ética** como modos de existência que nos constituem em nossa singularidade, referidos à responsabilidade do sujeito com seu agir, implicada em uma responsividade ao outro, um ato de escuta da voz do outro. Das relações éticas originam-se valores axiológicos que emanam do agir humano no mundo social, histórico e político. Em síntese podemos situar a ética como o “vivendo” nas interações com o outro, lugar onde o centro de valorações meu e o do outro, ambos sujeitos éticos, estão em constante tensão. Vale ressaltar que, na visão bakhtiniana, a ética não é fonte dos valores axiológicos, mas sim condensa a maneira como o sujeito se relaciona com tais valores do e no mundo vivido (Bakhtin, 2012).

Bubnova (2013) quando discute o princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin, nos apresenta uma delineação muito interessante do ato ético. Nas palavras da autora o ato ético pode ser compreendido da seguinte forma:



Fonte: Bubnova (2013, p. 13)

Axt (2011) que corrobora nossa visão de indissociabilidade entre a natureza da ética e da estética - em suas reflexões sobre arquitetura do mundo da vida -, correlaciona o ato ético e ato estético como “dois sentidos de um mesmo movimento, duas faces de uma mesma interface relacional do um com o outro.” (AXT,2011, p. 52). Dessa forma, para compreensão da ética precisamos pensá-la em diálogo com a estética e vice-versa; este entrelaçamento conceitual é observado nas discussões bakhtinianas nas obra *Estética da Criação Verbal* (Bakhtin, 2003) e *Questões de Literatura e Estética* (Bakhtin, 2002)

Encontramos em Bakhtin (2003) subsídios para situar a **estética** como acabamento provisório do agir do sujeito ético. Este acabamento emerge do deslocamento exotópico do sujeito de enunciação para um lugar fora de si, somente de onde é possível o distanciamento – movimento de afastamento - necessário para apreensão e contemplação estética do ato ético. Em síntese podemos situar estética como um agir contemplativo, ou seja, uma contemplação

ativa do vivido, agora objeto estético, com o qual também mantém uma relação ética; somente no movimento exotópico de contemplação que a estética se produz. Como afirma Bakhtin, contemplação é “efetiva exotopia ativa do contemplador com relação ao objeto estético contemplado [...]” (BAKHTIN, 2012, p. 140-141).

Considero que, na contemplação do objeto estético, assumo uma posição espacial abstrata – entre abas - enquanto sujeito estético que não é mais a posição de quem participa do evento (sujeito ético). É somente enquanto sujeito estético (Velázquez, retratando a si mesmo no ato de pintar, por exemplo) que percebo a arquitetônica do mundo real porque estou fora dela.

Foi no movimento de afastamento, como do espectador que observa o pintor no cenário descrito por Foucault - e na tentativa de descrever minha rotina como observadora somente - que se manifestou a percepção de que meu agir sofria modificações conforme o território (aba) em que meu discurso o materializava.

As diferentes abas em que me “materializava” discursivamente me compeliavam a distintos agires; a posições sócio-enunciativas distintas: ora a mãe, ora a pesquisadora, ora a educadora, ora a filha, a amiga, entre tantas outras posições que me absorveram e das quais fiz uso.

O percurso de buscar a compreensão sobre a mulher multifacetada, que se projeta discursivamente entre *offline* e *online* e *vice-versa* – espaço de transmutação de um *eu* agora já outro de *mim* -, provocou o interesse por investigar esses agires sócio-enunciativos no discurso em outros educadores, motivou e inspirou a questão de pesquisa que foi se construindo ao longo do desenvolvimento desta tese.

1.3 A PESQUISA E SUA INTENCIONALIDADE

Nossa reflexão parte do pressuposto de que a linguagem pode também operar como expressão do ato ético e do ato estético pelo qual o sujeito de enunciação se constitui discursivamente, e, em nosso caso específico, compreende o espaço da rede social digital como cenário de interação social e de constituição e visibilidade do **si discursivo** - posição social e enunciativa assumida pelo sujeito de enunciação que se tece no contorno de uma arquitetônica em rede.

A tessitura desta arquitetônica da rede do si discursivo não se faz ausente do outro, tampouco somente no espaço da singularidade, pois o si discursivo é a concretização e

materialização do sujeito de enunciação, singular, mas constituído na dimensão do coletivo, pois é somente no outro que o eu se legitima.

O sujeito de enunciação é, simultaneamente, individual e coletivo. Na medida em que nos processos de enunciação emerge como sujeito singular, ele é individual, contudo, a enunciação só se estabelece no social, e se concretiza na relação com o outro; portanto, mesmo que singular, não se faz ausente do que é coletivo.

Com base em Bakhtin (2008) e Axt (2011), podemos pensar a indissociabilidade do sujeito na esfera individual e na coletiva sob duas perspectivas: da arquitetônica do mundo real e das vozes sociais.

De forma sintética, no âmbito das vozes sociais, a voz exterior que enuncia marca o discurso do sujeito que se apresenta uno, entretanto, os dizeres enunciados são perpassados por múltiplas vozes, ou seja, está-se numa esfera polifônica e coletiva. Na perspectiva da arquitetônica do mundo real proposta por Bakhtin (2008), todos os significados e todas as relações espaço-temporais tem a base no eu-para-mim, o-outro-para-mim e eu-para-o-outro, e a arquitetônica se caracteriza em termos dessa alteridade. É na ótica do eu-para-mim, onde se dá o reconhecimento da existência do eu, que o caráter do individual se insere; e é no movimento alteritário do eu-para-o-outro e do outro-para-mim - no ato onde o outro é constitutivo do eu -, onde o eu é constituído pela presença do outro, onde a relação com o outro que me interpela me afeta, que se institui o coletivo, dando corpo a uma relação de mútua intervenção, em que um responde responsabilmente ao outro (AXT, 2011).

Esse coletivo - que no caso deste estudo, se constitui por sujeitos de enunciação presentes em comunidades virtuais, em sites de redes sociais - faz parte do espaço de produção discursiva de onde emergiram os dados que serão analisados. Espaço, em que práticas sociais e linguísticas de educadores, sujeitos de enunciação (presentes em sites de redes sociais), vão delineando a composição conversacional que vai se formando em uma enunciação tecida em rede na rede.

No caso desse estudo, o termo 'em rede' se relaciona à arquitetura derivada das interações dos sujeitos e dos discursos; enquanto 'na rede' designa o espaço digital onde as conexões entre os sujeitos são estabelecidas. Da mesma forma, a expressão 'rede' será utilizada na representação das relações estabelecidas entre os interlocutores da pesquisa e as comunidades virtuais; assim rede enunciativa também diz respeito ao mapeamento dos processos individuais e coletivos de enunciação de sujeitos de enunciação no contexto digital.

Reconheço que utilizar o conceito de rede para o estudo dos processos discursivos

emergentes do espaço digital na caracterização dos processos de enunciação, e suas implicações na arquitetura da rede de um si discursivo, implica grande desafio, ainda mais compreendê-los dentro de um contexto dinâmico das práticas sociais na internet, mais especificamente, nos *sites* de redes sociais.

O contexto digital contemporâneo se constitui com base em uma organização social apoiada pela informação, onde redes de comunicações e informação eletrônica estruturam uma nova morfologia social, ou seja, uma Sociedade em Redes (Castells, 2006). De acordo com o sociólogo, o termo Sociedade em Redes descreve o emergente novo panorama tecnológico, advindo de uma sociedade globalizada e centrada no uso da informação.

No novo paradigma tecnológico, que tem a lógica das redes como uma de suas características, a morfologia da rede é vista como possibilidade à compreensão da crescente complexidade das novas formas de interação social. O homem é um ser social, ou seja, o sujeito é resultado das interações com o outro, e as interações no mundo virtual estabeleceram novas configurações de relação, comunicação e organização das práticas sociais, novas construções de subjetividade, e, assim também, de constituição do si discursivo.

Neste contexto - e motivada pelos questionamentos já citados -, esta pesquisa focalizará nos processos de enunciação em comunidades virtuais de caráter público no *site* de rede social Facebook, compostas por educadores para discussão de temáticas relacionadas a tecnologias e educação. Busca, essencialmente, durante seu desenvolvimento, respostas possíveis aos seguintes questionamentos:

Como se desenvolvem os processos de enunciação em contexto formado por comunidades de educadores em sites de redes sociais?

Como estes educadores se constituem discursivamente?

Visando atingir tal propósito de investigação, a pesquisa organiza seu percurso através dos objetivos abaixo delineados.

1. Identificar como se constituem as relações dialógicas em distintas comunidades virtuais no âmbito de uma rede social na internet.

2. Analisar a arquitetônica da rede enunciativa que emerge dos enunciados produzidos pelo educador no espaço de uma rede social na internet.

3. Investigar, a partir da rede enunciativa, evidência do si discursivo do educador nos enunciados por ele produzidos.

Os capítulos desta tese estão estruturados com base em uma designação metafórica que remete ao conceito de abas – também conhecidas como guias -, usadas nos principais navegadores web para representar as páginas abertas durante a navegação. As abas¹ permitem acessar diferentes websites ao mesmo tempo, sendo

organizadas em uma combinação de tempo (novas abas são abertas sempre à direita das anteriores) e origem (a partir de uma página específica são posicionadas próximas à aba original) (TEIXEIRA, 2013).

A escolha de tal expressão, não de forma aleatória, se deu na intenção de produzir uma analogia aos movimentos de deslocamento e de territorialização nos espaços digitais de navegação numa interrelação aos movimentos da pesquisa e da pesquisadora.

Após exposição, na **primeira ABA**, do contexto problemático que gerou os questionamentos de pesquisa e sua intencionalidade, subsequentemente um quadro conceitual é apresentado. A discussão conceitual, apresentada na **segunda ABA**, organiza o trajetar na composição de dois conceitos-chave desta tese: o enunciar narrativo online e o si discursivo; com relação ao primeiro conceito, partimos do diálogo com autores como Bakhtin (2002, 2003, 2006, 2008, 2012); Amorim (2004); Axt (2008, 2011); Lévy (2004), entre outros, para

¹ TEIXEIRA, Fabrício. (2013). Editor do website uxdesign.cc.Brasil, site de design de interação e tecnologia. Disponível em <https://brasil.uxdesign.cc/um-novo-conceito-para-as-abas-do-seu-navegador-72ac9f027487#.jzkzpk17bq>

refletir sobre o **enunciar narrativo online** enquanto processo comunicativo, resultante da interação (que é dialógica) entre sujeitos de enunciação constituídos social, historicamente; e formado por elementos linguísticos (de caráter hipertextual) e contextuais (sociais) que tecem os sentidos que vão se instaurando no processo enunciativo no contexto digital, de caráter polissêmico e polifônico.

Como o ato de enunciar narrativo não exclui o sujeito de enunciação nele envolvido e dele derivado, o segundo conceito, de **si discursivo**, com ele se entrelaça. Alicerçamo-nos, essencialmente, nas leituras de Bakhtin (2002, 2003), Deleuze (2001) e Guattari (2006), através: do diálogo conceitual que discute sobre sujeito, subjetividade, elementos que emergem dos processos de enunciação; da compreensão de um sujeito de enunciação que se (re)constrói no processo social, na linguagem e na relação eu-outro; e da subjetividade que emerge das relações dialógicas para além de perspectivas psicológicas, sociológicas - ou filosóficas – mas entendidas pelo ângulo do discurso (como um Si discursivo constituído). Um Si discursivo afetado pelo contexto social, histórico, pelas configurações e especificidades dos espaços de linguagem em que se produz.

Na **terceira ABA** são discutidas as bases teórico-metodológicas de composição e de análise dos dados, e são apresentados: a) os pressupostos bakhtinianos que nos conduziram à assunção de uma posição filosófica-enunciativa de investigação com base numa postura dialógica; b) a contextualização dos espaços digitais que compuseram o cenário deste estudo; c) as especificidades da interface do campo empírico; d) a delimitação do campo empírico no nível micro e macrocontextual; e) os interlocutores da pesquisa; f) o método de diálogo com os dados que se organizou pelo que denominamos contemplações.

Na **quarta ABA** iniciamos percurso de caráter reflexivo-analítico que denominamos **CONTEMPLAÇÃO**. Apresenta-se, teórica e metodologicamente, com aporte nos pressupostos bakhtinianos para análise apreciativa dos enunciados em seu conteúdo; e com metodologia da ARS para composição da arquitetura da rede enunciativa a partir das variadas formas assumidas pelas interações dialógicas.

A **quinta**, e última **ABA**, têm como meta discorrer sobre as construções e desconstruções decorrentes do processo de investigação; mais que conclusões ou potenciais acabamentos, aponta questionamentos que surgiram da reflexão sobre os dados.

Ressalto que esta pesquisa enquadra-se dentro da linha de pesquisa Interfaces Digitais em Educação, Arte, Linguagem e Cognição do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) que tem como objetivo

investigar os efeitos das interfaces digitais em diferentes campos empíricos, inscrevendo-se nos planos da cognição, da subjetivação, da criação estética, da produção de sentido e de autoria, das metodologias e das aprendizagens. Inscreve-se nas pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição (LELIC/UFRGS) que investiga questões relativas à educação, interação, linguagem e cognição, mais especificamente com o Projeto PROVIA III, o qual integra o LELIC/UFRGS, que busca mapear efeitos do emprego de tecnologias digitais em distintos campos empíricos e contextos, delineando a emergência, nestas circunstâncias, de modos particulares de subjetivação, no plano da produção de sentido e da autoria, das aprendizagens e da construção do conhecimento. Pretende ainda contribuir com as investigações do projeto de pesquisa Aspectos Semióticos e Linguísticos do Hipertexto numa Comunidade Virtual de Conhecimento (UNIRITTER/UFRGS/UNISINOS), o qual também integra. Dialoga também com a ciência das redes através do Grupo de Estudos em Análise de Redes Sociais (UFRGS), em parceria com pesquisadores do Grupo Interdisciplinar de Pesquisa em Análise em Redes Sociais (GIARS/UFMG).

O amadurecimento deste projeto foi resultado, em grande parte, das contribuições de grupos de pesquisa tão distintos, em diálogos teóricos tão diversos que me transfiguram mais que “tradutora” de espaços e discursos, interpretadora, definindo uma posição sócio-enunciativa singular. A participação no curso de analista de redes sociais em 2013 na UFMG e em 2015/1 e 2015/2 na UFRGS - me fez perceber a carência de análises desse escopo discursivo em redes. Foi quando compreendi a presença do conceito de rede em múltiplas perspectivas teóricas e distintas áreas de estudo; e de que na realidade somos nós mesmos, a partir das nossas subjetividades, uma rede: a rede de si.

Como pesquisadora, falo inserida em grupos de pesquisa que têm a preocupação de qualificar tanto a formação inicial como a continuada, e essa é a preocupação desse estudo também, porque o processo de formação docente não é somente estudar seus modos de produção, mas por meio de análise dos enunciados, propor-se a dar voz aos educadores – ouvir, na escuta que é ética, sobre suas perspectivas. Não é objetivo fazer o apagamento desse sujeito-educador, objetivando-o, extraíndo-o do social, tornando a voz do pesquisador absoluta; mas dar palco para que a voz desse educador se manifeste e com ela estabelecer um diálogo, pois a autoria, nesta perspectiva, só se faz por meio do diálogo polifônico.

Reconheço que, nesse caminho de percorrer potenciais sentidos que emanam dessas vozes – com as quais também dialogo – parto de uma compreensão que tem base em meu próprio horizonte social, portanto impregnada de uma visão sobre o mundo que é singular.

Enquanto assumo a singularidade da posição sócio-enunciativa de pesquisadora na escrita desta tese, em movimento exotópico de afastamento, assumo posição estética que somente de meu horizonte de visão é possível. Somente neste sentido conseguirei apreender o eu do outro, não como objeto, mas como outro que também me integra.

É meu horizonte, um outro lugar com tempo e valores diferentes do sujeito outro com quem dialogo, que me possibilita ver no sujeito outro mais do que a ele seria possível. É no movimento exotópico de deslocamento de sujeito ético, enquanto pesquisador, que me vejo possibilitada de ver o outro constituído pelo meu excedente de visão. São meu excedente de visão, meu acolhimento às vozes, minha identificação com este interlocutor que, em um movimento de alteridade, deslocam-me ao lugar deste outro: vejo o mundo através de seu sistema de valores, tal como é visto por ele, e, em retorno a meu lugar, completo seu horizonte com o descoberto do lugar que agora ocupo, fora dele. E fora dele, emoldurá-lo, proporcionar-lhe acabamento sem dele retirar o que lhe é próprio (BAKHTIN, 2003).

Pelo reconhecimento da limitação de meu horizonte, de minha posição singular - de poder ver somente o que meus olhos veem -, ressalta a importância de deslocar-me ao lugar de meu interlocutor de pesquisa. Deixar que a voz dele dialogue comigo, ecoe na minha voz e dela faça parte; pois, da mesma forma que permito a ele completar-se como sujeito naquilo que sua individualidade sozinha não conseguiria, é somente através dele que tenho visibilidade.

2. AGIR NAS ABAS: ENUNCIÇÃO EM REDE E A CONSTITUIÇÃO DO SI DISCURSIVO

Considerando que o processo de enunciação envolve tanto o sujeito que enuncia (como no exemplo de Velázquez) como a materialização que seu enunciado assume (como As Meninas pintada por Velázquez, objeto estético da enunciação), neste capítulo discutiremos: o **enunciar narrativo** e suas especificidades como gênero digital; o sujeito enunciator que emerge discursivamente dos processos de enunciação (**si discursivo**).

2.1 AS DIFERENTES PERCEPÇÕES SOBRE O CONCEITO DE NARRAR E O ENUNCIAR NARRATIVO

Sendo escopo, desse estudo, o enunciar narrativo produzido por educadores no contexto online, buscou-se estabelecer diálogo com pesquisas já realizadas que se aproximassem dessa temática de estudo. Com essa meta foi realizado no ano de 2014 levantamento de dissertações e teses junto ao Banco de Teses Capes defendidas no período de 2010 a 2014. A investigação se organizou em torno dos seguintes descritores: narrativa digital, narrativa autobiográfica, escrita de si e histórias de vida. Os descritores foram definidos buscando identificar trabalhos produzidos cuja temática envolvesse o enunciar narrativo de educadores no contexto online. A leitura preliminar dos estudos foi realizada, buscando informações sobre como tal temática tem sido abordada em pesquisas científicas no Brasil.

A expressiva quantidade de estudos gerada no primeiro momento levou à necessidade de estabelecimento de um recorte; para tanto foram definidos como critérios de delimitação os seguintes aspectos:

- a) Possuir como cenário de produção o ciberespaço;
- b) Possuir como temática o narrar;
- c) Ter como sujeito interlocutor de pesquisa educadores;
- d) Voltar-se às interações sociais no contexto online.

Posteriormente excluídos os trabalhos que não se enquadravam nos critérios acima definidos, os estudos foram organizados com objetivo de compendiar o estado da arte de pesquisas que se aproximassem da concepção de enunciar narrativo no contexto online (tabela 01).

Tabela 1 – Estado da arte sobre o enunciar narrativo no contexto online

Descritores da Pesquisa	Resultado Total (nº registros)	Resultado Pós-recorte (nº registros)	Total de Pesquisas por Nível (tese/dissertação)	Total de Pesquisas por Área de conhecimento
Narrativa Digital	50	10	03 teses 07 dissertações	06 letras/linguística 03 educação 01 comunicação
Narrativa Autobiográfica	34	14	02 teses 12 dissertações	07 letras/linguística 07 educação
Escrita de Si	254	36	06 teses 30 dissertações	17 educação 15 letras/linguística 02 psicologia 01 sociologia 01 história
Histórias de Vida	546	65	23 teses 42 dissertações	53 educação 06 letras/linguística 02 educação física 02 matemática 01 saúdes e biologia 01 ciências sociais

Fonte: Banco de Teses Capes (2014).

Ressalto alguns distanciamentos das pesquisas acima relacionadas com a proposta desta tese. Em relação aos descritores histórias de vida e escritas de si, diferentemente desta pesquisa, o corpus se volta ao (s) sujeito (s), mais especificamente educadores, e o impacto de suas vivências na prática pedagógica e na escolha da profissão, bem como no desenvolvimento de seus saberes e suas memórias; e não no enunciar narrativo que, enquanto discurso produzido nas interações na rede social, possui as particularidades dos processos de enunciação do contexto digital e do sujeito de enunciação que ali se estabelece. Nossa investigação compreende, não somente uma revisão de literatura, visando identificar a relevância desse estudo, mas de que maneira esta pesquisa pode contribuir e dialogar com os demais estudos.

Observou-se que as pesquisas sobre narrativas autobiográficas e narrativas digitais direcionam seus estudos da narrativa aos aspectos estruturais e funcionais, e como princípio metodológico orientador, na investigação da identidade profissional e práxis docente. Identificou-se em tais estudos, em expressiva recorrência, identidade docente concebida como processo de construção social marcada por distintos fatores (ambiente externo, o contexto profissional e experiência pessoal), que tem como fundamento a significação social da profissão. Distinto de nosso estudo que percebe o ser docente em suas múltiplas facetas, não somente as restritas à atividade profissional que exercem.

Em nenhuma das pesquisas com os descritores - história de vida, narrativas autobiográficas e narrativas digitais - observou-se como cenário de produção o espaço online das redes sociais. As pesquisas também não trouxeram como objeto o processo de enunciar espontâneo – advindo das interações sociais nas quais os sujeitos se inserem – com os quais pretendemos dialogar. Os instrumentos de coleta de dados são, essencialmente, entrevistas semiestruturadas, diários e memoriais que isolam - quase inteiramente - o sujeito de enunciação das interações com o mundo e com o outro – até mesmo com o pesquisador. Os motes das reflexões das pesquisas se detêm somente no sujeito quando submerso no papel social de educador, ignorando outras posições sócio-enunciativas assumidas pelos educadores quando imersos nos contextos sociais das redes digitais. Outro aspecto observado é de que nenhum dos estudos analisados teve como foco de investigação o enunciar dos educadores produzidos em contexto digital, direção para a qual nossa investigação se volta.

Friso que, diferentemente das pesquisas que compuseram o estado da arte acima apresentado, em nossa investigação o narrar autobiográfico não será utilizado como corpus para embasar estudos sobre a formação e profissão docente, tampouco para investigar a construção composicional de um gênero textual. Mas será compreendido como enunciação produzida na rede digital, emergente de um processo dinâmico de alteridade, implicando o ato ético dialógico, mediado pela materialização em enunciados, estes produzidos dentro de um contexto histórico social que é singular: o contexto do espaço online das redes sociais.

Compreende-se que, antes da discussão do conceito de enunciar, ao qual pretende-se associar o ato de narrar, é essencial uma discussão do entendimento sobre narrar, mais delimitado - não encontrado nas pesquisas coletadas. Assim, foi buscar-se nos estudos linguísticos e em outras áreas de conhecimento, como o ato de narrar é concebido.

Na abordagem conceitual sobre o narrar é importante iniciar com a apresentação de seu enquadramento no campo linguístico, aos estudos voltados à estrutura composicional que

o dispõe dentro de uma tipologia textual que pode estar presente em diferentes gêneros. Entretanto, para discussão sobre estudos das tipologias e gêneros textuais há que, antecipadamente, delinear-se o conceito de texto.

Consideramos que a concepção de texto mais próxima de nossa visão advém de Marcuschi (2002, 2008) e Koch e Elias (2008). Esses teóricos concebem texto como algo mais que uma unidade linguística; eles o inserem como manifestação linguística resultante das interações comunicativas entre sujeitos, tendo os sentidos – construídos a partir dele – afetados por fatores de caráter social, cognitivo e interacional.

De acordo com Marcuschi (2002), os textos se materializam a partir de determinado gênero, e todos os gêneros textuais apresentam uma ou mais tipologias textuais². O linguista caracteriza tipologia como construtos teóricos definidos por propriedades linguísticas específicas, como por exemplo a narração, a argumentação, a exposição, a descrição a injunção; enquanto gêneros textuais, nas palavras do próprio autor, são “textos materializados encontrados no dia-a-dia e que apresentam características sociocomunicativas definidas pelos conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica.” (MARCUSCHI, 2002, p.27).

Dell’isola (2012) afirma que, assim como a discussão sobre tipologia textual em distintas correntes no campo da linguística se mostra em constante tensão, o mesmo panorama encontramos na busca de uma definição sobre gênero textual. A autora alerta para inexistência de um consenso no emprego da terminologia, que se modifica de acordo com a vertente da base teórica, assumindo a designação de gênero discursivo, gênero do discurso ou gênero textual. Dell’isola (2012), que em sua obra nos apresenta um panorama sobre o emprego da terminologia³ gênero em diferentes perspectivas teóricas, afirma que Bakhtin é referência comum entre os estudiosos, e que a concepção de linguagem defendida pelo filósofo serviu de base a diversos conceitos de gênero.

Diferentemente de Marcuschi (2008), que adota o uso do termo gênero textual, em Bakhtin (2003) encontramos referência ao conceito de gênero⁴ discursivo. A teoria bakhtiniana sobre gêneros está baseada em uma concepção dialógica da linguagem. O filósofo caracteriza gêneros do discurso como formas-padrão “relativamente” estáveis de enunciados -

² A tipologia textual abrange as categorias narração, argumentação, exposição, descrição e injunção. Discussões mais aprofundadas sobre o tema podem ser encontradas em Moirand (1977), Adam (1985), Adam & Petitjean (1982), Neis (1986), Koch & Fávero (1987), Koch & Travaglia (1989), Travaglia (2012) e Orlandi (1983).

³ Encontrado no quadro elaborado pela autora: *Algumas concepções de gênero textual/discursivo* Dell’isola (2012, p. 15-17).

⁴ Para Bakhtin, os gêneros têm as mesmas propriedades do enunciado, encontramos em suas obras, ora o uso do termo enunciado, ora gênero (Dell’isola, 2012).

unidade concreta da comunicação, produzidos nas esferas sociais de utilização da língua -, sendo estes determinados sócio-historicamente; tal estabilidade é relativa em razão de serem os gêneros suscetíveis a mudanças decorrentes do momento histórico no qual estão inseridos (BAKHTIN, 2003).

Os gêneros do discurso, na perspectiva bakhtiniana, são inerentes às situações comunicativas nas quais o sujeito se insere, portanto tão infinitas quanto são as situações comunicativas, são os gêneros dos quais o sujeito se apropria. A expressiva diversidade justifica a divisão proposta por Bakhtin (2003) dos gêneros do discurso, que os categoriza como: primários, gêneros emergentes de situações comunicativas cotidianas, como, por exemplo, poderiam ser considerados os enunciados produzidos em sites de redes sociais; e gêneros secundários, que derivam de situações comunicativas mais complexas, tais como o romance, ou mesmo esta tese.

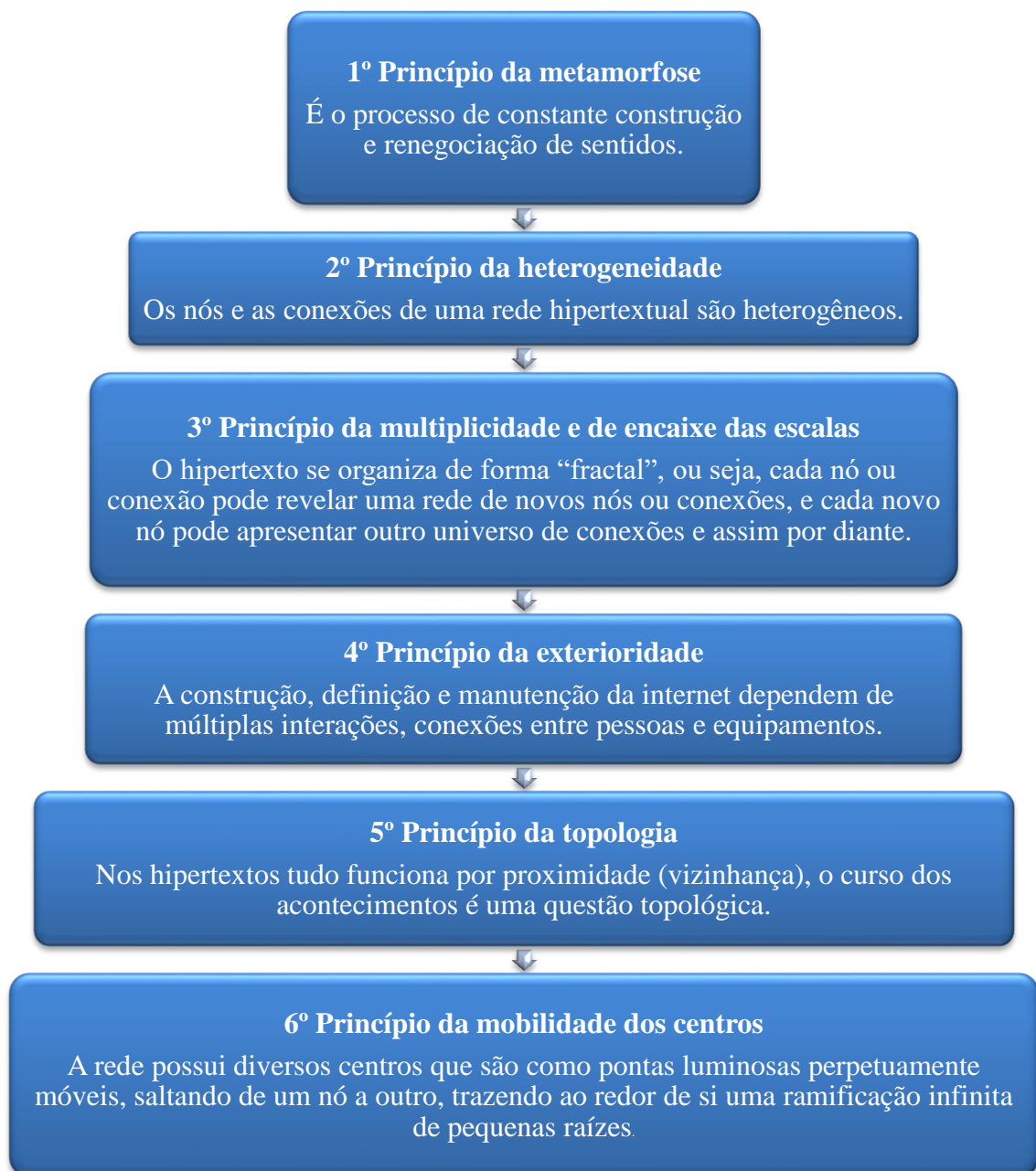
Dessa forma, no âmbito linguístico, o narrar neste estudo configura-se como um gênero discursivo, no sentido que Bakhtin (2003) confere ao termo: como uma arquitetônica do enunciado concreto inserido em modos de produção e circulação articulados sócio-historicamente. Assim, considerar o gênero discursivo implica considerar as esferas de atividades em que se produzem e as especificidades dos contextos onde se inserem (que lhe são particulares). No caso deste estudo, o narrar estabelecido como gênero do discurso se produz em contexto midiático específico – sites de redes sociais - que lhe propicia características singulares próximas às atribuídas ao hipertexto, portanto, algumas considerações sobre este termo devem ser discutidas.

Marcuschi (2001), em seus estudos sobre a prática da escrita/leitura no espaço digital, conceitua hipertexto como um processo multilinearizado, multisequencial e indeterminado, realizado em um novo espaço de escrita, que demanda novas formas de lidar com o texto. Xavier (2002) insere o hipertexto dentro de um contexto de enunciação digital, como modos de “dispor, compor e superpor, entrelaçadamente, em uma mesma plataforma enunciativa, os recursos semióticos de natureza linguística e não linguística.” (XAVIER, 2009, p. 92). De acordo com Wertheim (2001), o hipertexto é destituído de fisicalidade, porém, real e gerador não só da constituição do pensamento, como também e, principalmente, da constituição de sujeitos por meio de novas práticas comunicativas.

Dessa forma, alicerçados em Marcuschi (2001), Xavier (2002, 2009) e Wertheim (2001), podemos designar hipertexto como uma rede complexa (nós e links) de múltiplos segmentos textuais conectados por um sistema interativo de links - mas não necessariamente

por ligações não lineares - que permite a formação de laços semânticos e de sentidos; e a composições de novas formas de ser estar do sujeito de enunciação.

Em relação aos atributos do hipertexto, encontramos em Lévy (2004) seis categorias na constituição do hipertexto que podem se apresentar na composição do enunciar narrativo online: a Metamorfose, a Heterogeneidade, a Multiplicidade, a Exterioridade, a Topologia, e a Modalidade dos Centros.



Tal categorização do hipertexto é relevante, quando pensamos na arquitetura que o enunciar narrativo assume como gênero discursivo produzido no contexto digital, e na tessitura da rede enunciativa. Entretanto, a despeito da caracterização do narrar como gênero discursivo digital (hipertextual) produzido pelo sujeito de enunciação – conceituação que assumimos nesta investigação –, procuramos ampliar nossa reflexão buscando abordar o narrar como prática social, pois, como defende Bakhtin (2002), o elemento narrativo pode ser examinado não só do ponto de vista da sua “qualidade representativa e objetiva [linguística], mas também do ponto de vista do seu caráter expressivo subjetivo [metalinguístico⁵]” (BAKHTIN, 2002, p.77).

De acordo com Bruner (1990, 1991, 2002), a narrativa é uma prática social organizadora de versões⁶ da realidade em que a aceitação de veracidade é regida, não pela investigação empírica e pelas condições lógicas, mas por convenções estabelecidas entre os sujeitos. A realidade é construída pela narrativa que media a experiência e configura a construção social da realidade, diretamente relacionada ao discurso comunicativo. Para Bamberg (1996), toda narrativa é, simultaneamente, um ato de (re)construção, no qual a realidade social se produz na relação com o outro; e de uma autodescrição.

Brockmeier e Harré (2003) defendem que não existe narrativa, mas narrativas (conjunto de estruturas linguísticas e psicológicas transmitidas cultural e historicamente) construídas a partir de determinados pontos de vista delineados pelo contexto e pelas vozes que nele se apresentam. Esses autores afirmam que as narrativas seriam um modo específico de construção e constituição da realidade que compõe um conjunto de regras do que é aceito, ou não, em determinada cultura.

Muito apropriadamente, o filósofo Ricoeur (2000)⁷ traça uma fronteira entre o viver e o narrar sobre o vivido. O mundo narrado é sempre um mundo já acontecido, já vivido, reorganizado no pensamento, resgatado da memória e materializado no social. Poderíamos entender este viver relacionado ao ato ético dialógico e o narrar, a uma tomada de posição sócio-enunciativa que constitui uma estética. Um cenário que se monta da própria vida, assim como, enquanto assumia-me como observadora de meu agir, produzia o narrar sobre eventos

⁵ Metalinguística é a designação de uma disciplina geral proposta por Bakhtin que “ultrapassando o objeto da linguística (a língua enquanto sistema abstrato e análise tendo a frase como limite), teria no discurso o seu objeto e permitiria a descrição e análise das relações dialógicas” (BRAIT, 1994, p. 24).

⁶ A estória é contada a partir de um conjunto de prismas pessoais. Dessa forma, podem existir várias versões, pois há uma vertente inevitavelmente humana para a instituição de sentido (BRUNER, 1990).

⁷ “Entre vivir y narrar existe siempre una separación, por pequeña que sea. La vida se vive, la historia se cuenta” (RICOEUR, 2000, p. 192).

do cotidiano. Assim como o pintor de Las Meninas, ao finalizar a pintura, provia o passado de visibilidade.

No alinhamento à reflexão que se volta ao narrar como gênero discursivo produzido no contexto digital (emergente de práticas sócio-comunicativas do sujeito de enunciação) que organiza uma estética da realidade vivida, direcionamo-nos à discussão da especificidade do narrar que compôs nosso estudo.

Uma direção que busque compreender o narrar, na própria situação interacional do curso do desenvolvimento da relação social, enquanto narrar preenhe de sentido, que se compõe sempre na relação e interação no coletivo do espaço digital, de um sujeito de enunciação que vive em sua posição ética de relação com o outro, um enunciar narrativo que produz sentidos do vivido que o sujeito ético constrói sobre o mundo e sobre si mesmo – portanto autobiográfico.

Ressaltamos que o cenário do enunciar narrativo a que esta pesquisa se dirige - o espaço da rede social na internet - tem, aparentemente, como meta estimular o narrar sobre si mesmo, incentivado pela própria interface que, na abertura da página do perfil de seu usuário, questiona: *No que você está pensando? O que você está fazendo? O que você está sentindo?* Dessa forma, fomos buscar em Passeggi (2008), Souza (2004), e no pensamento de Bakhtin (2003, 2012), subsídios para entender as especificidades da autobiografia nos modos de narrar. Etimologicamente, podemos conceituar a autobiografia como escrita da própria vida.



Passeggi (2008) compreende a autobiografia como o eu consciente de si mesmo, que arquiteta a tessitura de uma figura pública de si, sendo o narrar autobiográfico instituído de marcas individuais e coletivas que emergem das memórias - enquanto construção social - de experiências e lembranças. Nas palavras da autora, autobiografar é “aparar a si mesmo com

suas próprias mãos.[...] como a ação de cuidar de si e de renascer de outra maneira pela mediação da escrita.” (PASSEGGI, 2008, p. 28).

Para Souza (2004), narrar sobre si remete o sujeito para uma dimensão de "auto-escuta de si mesmo, como se estivesse contando para si próprio suas experiências e aprendizagens que construiu ao longo da vida, através do conhecimento de si." (SOUZA, 2004, p. 72).

Complementar a esta conceituação, alinhamo-nos ao pensamento bakhtiniano para refletir sobre aspectos do narrar que consideramos importante a nosso estudo: o princípio autobiográfico e a arquitetura do mundo real.

Primeiramente, em Bakhtin (2003, 2012), encontramos a compreensão do autobiográfico como princípio organizador da narrativa - constitutivo de minha existência - que pode dar forma à consciência, à perspectiva de minha própria vida, e ao discurso que assumirei. Dessa forma, o narrar autobiográfico é o modo pelo qual o sujeito pode materializar distintas e múltiplas composições subjetivas, objetiva sua vida num plano que é estético.

Bakhtin (2012) nos apresenta a proposta de uma arquitetura concreta do mundo real organizado por pilares básicos onde, na visão do filósofo, “os valores da vida e cultura reais estão dispostos em torno dos pontos básicos arquitetônicos do mundo real.” (BAKHTIN, 2012, p.54). Segundo Axt (2011), esses pilares básicos propostos pelo filósofo são: eu-para-mim, eu-para-o-outro, o outro-para-mim. O eu-para-mim se produz no interior do sujeito, no reconhecimento da existência do eu; o outro-para-mim o é em duas dimensões: a) no reconhecimento do outro por mim como meu constitutivo, e na aceitação do eu de que sua existência se deve à reciprocidade deste reconhecimento, b) na responsabilidade responsável; o eu-para-outro se constituindo na relação.

Dessa forma, o narrar autobiográfico não se centra somente no sujeito que produz esse narrar, mas também no outro que o acolhe, produzindo uma arquitetura de sua própria vida - para seu estar no mundo - no qual o outro também se insere e do qual é indissociável; a batalha em que sou cada vez mais eu mesmo, que “acontece entre esses dois extremos: o ser-para-si e o ser-para-o-outro.” (PIRES e SOBRAL, 2013, p. 209).

Em conclusão, podemos situar o enunciar narrativo - além de gênero do discurso de caráter hipertextual - como ato ético, que produz uma estética - que introduz o sujeito estético que narra e que lhe concede acabamento. Autobiografar-se é, como sujeito estético, deslocar-se no resgate da memória do vívido, ser autor de suas próprias experiências, observar-se herói no palco onde se é o ator principal (BAKHTIN, 2012).

2.2 REFLEXÕES TEÓRICAS SOBRE PROCESSO DE ENUNCIÇÃO E CONCEITOS CORRELATOS

Neste momento, apresentamos uma breve discussão teórica sobre os **processos de enunciação** e conceitos a eles mais fortemente correlacionados: **enunciação/enunciados, produção de sentidos, vozes sociais, e autoria**.

Iniciamos com Bakhtin (2002, 2008), para quem a enunciação se situa como um diálogo produzido a partir da interação de sujeitos socialmente organizados. Dessa forma, a enunciação não existe fora do contexto social, ou seja, ela se produz no agir dos sujeitos e nas suas relações sociais e históricas. Assim como sempre ocorre direcionada a um interlocutor, mesmo que potencial e/ou representativo da comunidade em que este interlocutor se insere.

Como um todo, a enunciação se realiza no discurso, como atividade de linguagem ininterrupta, em processo contínuo de composição que se estabelece dentro do social - centro organizador de toda a enunciação -, produzida por meio de relações dialógicas. A **enunciação** é o processo pelo qual a atividade mental é levada à sua objetivação externa, sua elaboração é de natureza sociológica, ou seja, é estabelecida pelo contexto e pelo meio social em que se produz (BAKHTIN, 2002, 2008).

Parte essencial da enunciação é a polifonia⁸ que, na perspectiva bakhtiniana, refere-se às vozes exteriores que marcam o discurso do sujeito, caracteriza-se pela radicalização do processo de descentramento da linguagem, sendo responsável pela manifestação multívoca em que as mais diversas vozes sociais encontram um espaço de emissão. Ocorre através da interação de consciências isonômicas e interiormente inacabadas; rege-se, de acordo com o filósofo, pela “multiplicidade de vozes⁹ e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plivalentes.” (BAKHTIN, 2008, p. 17).

O conceito de polifonia é bastante relevante para o desenvolvimento de nossa pesquisa, uma vez que o objetivo primordial é prover espaço às diversas vozes presentes nos enunciados produzidos pelos educadores no contexto digital. A essência da polifonia consiste no fato de que as vozes subsistem independentes e, como tais, configuram-se numa unidade de ordem superior à da homofonia. Para Bakhtin (2008), a polifonia não é uma renúncia a si mesmo ou a própria consciência; mas o aprofundamento e ampliação dessa consciência,

⁸ O termo polifonia é usado por Bakhtin (2008), inicialmente, para caracterizar o gênero romanesco criado por Dostoiévski: o romance polifônico.

⁹ Faraco (2009, p 78) adverte que para Bakhtin a polifonia “não é um universo de muitas vozes, mas um universo em que todas as vozes são equipolentes”.

permitindo-lhe abarcar a consciência plenivalente do outro.

A enunciação é a constituição de um enunciado, a unidade real da cadeia verbal que está em constante evolução, já que as relações sociais estão também sempre em evolução. Voltar-se aos estudos da enunciação é direcionar-se a uma potencial compreensão do processo comunicativo que ocorre entre os sujeitos de enunciação, pois somente neste contexto podemos depreender partes de sua real natureza. É indissolivelmente ligada às situações comunicativas, que, por sua vez, derivam das interações discursivas. Portanto, sendo linguagem é impregnada de conteúdo ideológico; sendo ideológica, para Bakhtin (2003), manifesta-se e constitui-se através das interações sociais, ou seja, são produtos e processos das interações sociais, um reflexo das estruturas sociais.

Considerando a enunciação como processo comunicativo de natureza social, pode-se compreender o **enunciado** como uma enunciação já concretizada, produto materializado da interação verbal entre os sujeitos, elo na cadeia da comunicação discursiva. O enunciado, produto da enunciação, constitui o discurso sendo um ato individual que pressupõe um sujeito (BAKHTIN, 2008).

Os enunciados produzem-se como síntese das práticas discursivas construídas histórica e socialmente, não sendo possível estudá-los independentes do contexto onde se formam e dos impactos de fatores sociais, culturais, educacionais, políticos e tecnológicos que originam sua enunciação. Possuem uma natureza complexa e dinâmica, e dentro dele “ocorre uma interação tensa e um conflito entre sua palavra e a de outrem, um processo de delimitação ou de esclarecimento dialógico mútuo.” (BAKHTIN, 2002, p. 153). Para Bakhtin (2003, 2006), os enunciados não são neutros¹⁰, eles se constituem como materialização da valoração e da ideologia do discurso, produzido em determinada esfera social por um sujeito instituído social e historicamente - a valoração sendo compreendida como índices sociais de valor e a ideologia como horizonte axiológico do discurso (BAKHTIN, 2003, 2006).

De acordo com Facundes (2008), os termos avaliativos axiológicos, presentes nos enunciados constituem uma avaliação valorativa a respeito do “objeto”, no sentido de atribuir um valor a coisas ou pessoas e refletem a subjetividade do enunciador, reproduzindo, com isso, concepções de mundo, de valor cultural ou ideológico.

Nas palavras de Bakhtin (2002),

O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento

10 Para Faraco (2003, p. 47) “Não há enunciado neutro; a própria retórica da neutralidade é também uma posição axiológica”.

social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social (BAKHTIN, 2002, p. 86).

Assim, o enunciado pode ser compreendido não apenas como uma unidade de comunicação, mas como uma unidade de sentido axiológicamente formada na situação interativa, indissociável das valorações axiológicas diante das quais o sujeito se posiciona. São distintas as correlações entre as minhas valorações e a do outro, sendo geradas, portanto, por diferentes quadros axiológicos, por conseguinte, o eu e o outro constroem, cada qual, um universo de valores particular e subjetivo. Essas distinções, de acordo com Faraco (2003), são constitutivas de nossos atos e de nossos enunciados.

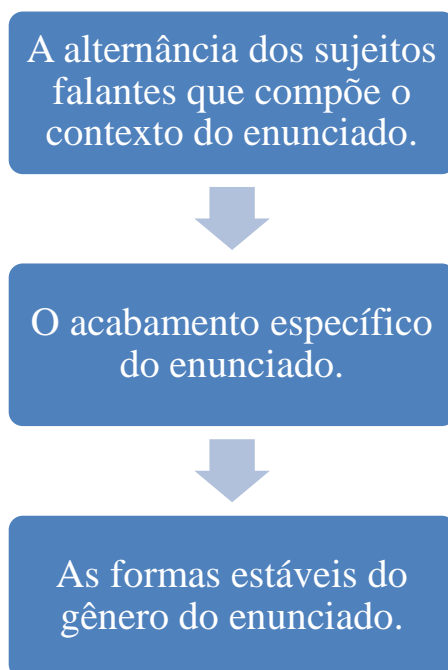
Algumas características do enunciado são de especial interesse desse estudo: seu caráter responsivo e respondível; suas especificidades; sua correlação aos enunciados que o precedem ou sucedem. Um de seus atributos mais importante é a de gerar atitudes responsivas - importante critério de acabamento do enunciado.

Bakhtin (2002) defende o caráter responsivo do enunciado com base na responsabilidade do sujeito ético, pois para o teórico

[...] não posso livrar-me da minha responsabilidade para com o objeto e o sentido. Não posso deixar de ser ativo no objeto, pois isso seria subtrair-me ao que constitui meu próprio sentido, seria transformar-me numa máscara da minha própria existência, seria pregar-me a mentira de mim mesmo (BAKHTIN, 2002, p. 153).

A compreensão de um enunciado, de acordo com Bakhtin (2003, p. 291), se faz sempre “acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se o locutor”.

Algumas particularidades do enunciado se expressam pelo(a):



Para Bakhtin (2003), a alternância dos sujeitos demarca as fronteiras de um enunciado em relação a outros vinculados a ele; a alternância dos sujeitos falantes é, de certo modo, responsável pelo acabamento (sempre provisório) do enunciado visto de seu interior. As formas estáveis do gênero do enunciado são determinadas em função da especificidade de uma determinada esfera social e situação comunicativa, bem como, das necessidades de produção e intenção discursiva dos sujeitos.

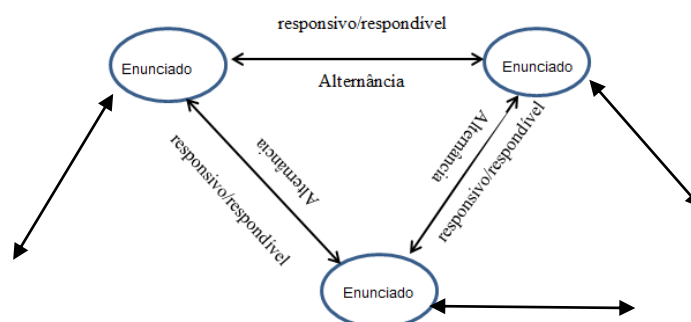
Para Axt (2011), o enunciado, além de caráter responsivo, é indissociável da arquitetônica proposta por Bakhtin, que compreende que é em torno da relação eu-para-mim, eu-para-o-outro e o outro-para-mim, que os valores da cultura e do mundo teórico devem se dispor, e não o contrário.

Amorim (2004, p.111) reforça a ideia de que o enunciado sempre se produz com a meta de ir ao encontro da resposta do outro (ouvinte), portanto, compreendê-lo significa guiar-se ao encontro do outro. Para a autora, a responsabilidade do enunciado, bem como seu acabamento, é determinada por três fatores: “a exaustividade do objeto de sentido; o desejo discursivo, ou o querer dizer, do locutor; as formas-tipo de estruturação do gênero.” (AMORIM, op cit, p.111).

Outro atributo do enunciado, segundo Ribeiro (2006), é que ele se constrói a partir de um contexto histórico definido - o compartilhamento de uma cultura -, bem como pelo estabelecimento de diálogo entre sujeitos plenamente identificados.

Dessa forma, os enunciados são interdependentes e mantêm estreita correlação aos enunciados que o precedem e sucedem, em relação aos quais não são indiferentes, tampouco autossuficientes. Cada enunciado é “pleno de ecos e ressonâncias de outros enunciados com os quais está ligado pela identidade da esfera de comunicação discursiva.” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Ou seja, em sua relação com outros enunciados, ele refuta-os, confirma-os, completa-os, baseia-se neles, supõe-nos conhecidos e, de um modo ou de outro, conta com eles. A fronteira que os delimita se estabelece por meio da alternância entre os sujeitos falantes. O encadeamento em rede do processo enunciativo evidencia sua tessitura arquitetônica.

Figura 1 – Exemplificação do processo de enunciação



Os arcos que vão conectando os vértices desta rede do enunciar derivam do movimento de alternância entre os sujeitos falantes e do caráter responsivo e respondível dos enunciados – vértices da rede (Figura 01). As setas bidirecionais indicam o movimento em que as relações dialógicas se produzem, evidenciam a dinâmica destas relações entre os enunciados, que de forma alguma é acabada ou permanente.

Considera-se que o enunciado é um ato e um fato social, que se constrói a partir das interações entre os sujeitos em suas práticas cotidianas, ressignificado a cada momento enunciativo, repleto de vozes que representam uma visão sobre o mundo e para o mundo. A interação social entre interlocutores, nesta perspectiva, é a base fundadora da linguagem e o espaço onde o eu e o outro estão inseparavelmente ligados (BAKHTIN, 2003, 2006).

A relação estabelecida entre os enunciados, denominada relação dialógica, de acordo com Bakhtin (2003),

É uma relação marcada por uma profunda originalidade e que não pode ser resumida

a uma relação de ordem lógica, linguística, psicológica ou mecânica, ou ainda a uma relação de ordem natural. Estamos perante uma relação específica de sentido cujos elementos constitutivos só podem ser enunciados completos (ou considerados completos, ou ainda potencialmente completos) por trás dos quais está (e pelos quais se expressa) um sujeito real ou potencial, o autor do determinado enunciado (BAKHTIN, 2003, p. 353).

Destarte, a relação dialógica é a relação de sentido que se instaura entre os enunciados na comunicação verbal, sendo pertencente ao campo do discurso e não puramente, ou restrita, aos estudos linguísticos. Consequentemente, não pode ser reduzida a relações meramente semânticas, mesmo que seja impossível que se estabeleça sem relações lógicas e concreto-semântica. As relações dialógicas não se estabelecem entre elementos do sistema da língua ou entre elementos do texto, num enfoque puramente linguístico, nas unidades sintáticas, são extralinguísticas e não podem ser separadas do discurso. As relações dialógicas são relações de sentido que se produzem nos enunciados, valorativamente arquitetadas no seu interior ou mesmo no interior da palavra, onde se localizam duas posições de valor, duas vozes em embate. Este conflito com a palavra do outro constitui a fluente e situada subjetividade de cada sujeito (BAKHTIN, op.cit).

Os pressupostos acima já permitem situar o enunciar narrativo como um processo comunicativo resultante da interação entre sujeitos (que é dialógica) constituída social, histórica e espacialmente – no caso deste estudo. Ou seja, o enunciar narrativo organiza-se por meio de enunciados que se perpassam e se entrelaçam na composição de uma rede por meio do narrar. Esta rede é formada por elementos linguísticos e contextuais (sociais) que vão tecendo os sentidos que vão se instaurando, e neste espaço de sentidos em que as vozes sociais se instauram entrelaçadas às posições sócio-enunciativas assumidas pelo sujeito de enunciação. A enunciação produzida no contexto digital assume a especificidade de uma escritura eletrônica não sequencial, que se bifurca e permite ao leitor o acesso a um número praticamente ilimitado de outros textos a partir de escolhas locais e sucessivas, em tempo real (MARCUSCHI, 2001).

Sendo indissociável da discussão sobre processos de enunciação, um outro conceito desponta como relevante: o conceito de **sentido**. Entretanto, preliminar à discussão sobre tal conceito, consideramos pertinente uma breve distinção sobre o conceito de sentido e significado. De acordo com Bakhtin (2002),

O significado linguístico de uma enunciação dada é conhecido sobre o fundo de uma língua e o seu sentido atual, sobre o fundo de outras enunciações concretas do mesmo tema, sobre o fundo de opiniões contraditórias, de pontos de vista e de

apreciações, ou seja, justamente sobre o fundo daquilo que, conforme vimos, complica o acesso de qualquer discurso a seu objeto (BAKHTIN, 2002, p. 90).

Dessa maneira, o significado se volta a uma concepção estritamente linguística interna ao discurso, pouco mutável; enquanto o sentido se constrói no social, no embate entre os enunciados produzidos.

Para Axt (2012), o sentido é social, móvel, dinâmico, e se produz no encontro com outros sentidos em determinado contexto, contexto este também mutável. Bréal (2008) defende que os sentidos de uma mesma palavra coexistem na língua, sendo que podemos usar um mesmo termo alternando seus sentidos, o que decorre de um ato individual de utilização da enunciação. Para Amorim (2004), o sentido é produto da relação complexa entre o enunciado e o contexto discursivo em que ele se produz. Todorov, em prefácio na obra bakhtiniana *Estética da Criação Verbal*, destaca que “os homens só têm acesso a valores e sentidos relativos e incompletos, mas o fazem tendo como horizonte a plenitude do sentido, o caráter absoluto do valor.” (TODOROV, in Bakhtin 2003, p. 17).

Podemos, neste contexto, conceber que a palavra só ganha sentido quando relacionada a um contexto que lhe favoreça a descoberta e, ainda, que haja “tantas significações possíveis quantos contextos possíveis”–, embora a pluralidade de significações, a palavra não deixa de ser “una”. Essa pluralidade de significações é o que define o caráter polissêmico do enunciado, amplia os sentidos que nele estão dispostos (BAKHTIN, 2003, 2006).

Em Bakhtin (2003, 2006), encontramos a afirmação de que o sentido é potencialmente infinito, pois não existe um sentido único, nem um sentido que se encerra em si mesmo, pois ele só existe no encontro com outro (s) sentido(s). Na sua relação com a palavra, o discurso e o enunciado, o sentido se estabelece da seguinte maneira: na palavra, sofre influência e é totalmente determinado pelo contexto em que ela se insere; no discurso, não existe fora da acentuação e entonação viva; no enunciado, ocorre em seu interior de ordem factual-lógica (no sentido lato do termo), e na relação com outros enunciados de ordem dialógica (BAKHTIN, 2006).

Selli (2011) defende que

O sentido não acontece de forma isolada sem que seja considerada a existência e importância do outro, pois se constrói nas trocas enunciativas que se produzem na interação verbal entre os interlocutores numa cadeia contínua em que não existe nem o primeiro nem o último enunciado (SELLI, 2011, p. 84).

Pires (2002) argumenta que o sentido do enunciado "é também engendrado pelas condições reais da enunciação e distribui-se entre as diversas vozes sociais que habitam o tecido da linguagem." (PIRES, 2002, p. 40).

Os sentidos produzidos no enunciar narrativo derivam das relações dialógicas estabelecidas entre os sujeitos éticos, no interespaço da relação social, onde as vozes sociais embatem. O sentido se distribui entre as diversas vozes sociais. Enunciados – escopo desse estudo – é o local onde as vozes sociais se apresentam e se manifestam. O enunciado pleno não é uma unidade da língua, "mas uma unidade da comunicação discursiva, que não tem significado, mas sentido." (BAKHTIN, 2003, p. 348).

Na perspectiva bakhtiniana, o termo vozes se refere à consciência falante presente nos enunciados, e sua característica fundamental é que ela sempre carrega um juízo de valor, uma visão de mundo, um horizonte axiológico singular. O enunciado é composto por diferentes pontos de vista, ou seja, por meio de diferentes consciências falantes ou vozes, por isso polifônica. É imerso nas múltiplas relações da interação sócio-ideológica que o sujeito se constitui discursivamente, interagindo com outras vozes sociais (BAKHTIN, 2008). Ou seja, concebendo a natureza ideológica e dialógica da linguagem, **vozes sociais** se apresentam como dizeres presentes no discurso, e manifestam o pensamento de determinado grupo social, que, citando Bakhtin (2006, p. 41), são "tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios". Para o filósofo, o sujeito "eu" possui forma verbal a partir do ponto de vista do outro, e em definitivo, a partir do ponto de vista da comunidade a que pertence, pois, o discurso nunca é individual, em cada palavra ressoam duas vozes, a do eu e a do outro (BAKHTIN, 2006, 2008).

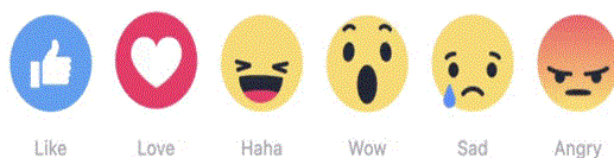
Como a realidade linguística é heterogênea, o sujeito não assimila só uma voz social, mas várias. "O mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais em suas múltiplas relações de consonâncias e dissonâncias; e em permanente movimento, já que a interação sócio-ideológica é um contínuo devir." (FARACO, 2003, p.18).

Considerando as diferentes vozes presentes em cada discurso, a apropriação da palavra de outro, citando Grigoletto (2005, p. 122), "vai ter uma relação direta com o sentido de um discurso, o qual é construído a partir das determinações sociais e ideológicas".

Os conceitos acima permitem compreender que os sentidos produzidos pelo enunciar narrativo emergem do embate entre as diversas vozes presentes nos enunciados produzidos pelo sujeito ético e manifestam o pensamento singular ou coletivo – portanto ideológico. Da mesma maneira que os contextos de enunciação são múltiplos, múltiplos também serão os

sentidos produzidos no enunciado. Tal sentido é afetado pelo contexto de enunciação, pela intencionalidade do sujeito enunciador, pelo encontro entre os enunciados, pela entonação que este enunciar assume. A entonação, para Bakhtin (2003), é o “colorido” expressivo que se faz presente no enunciado materializado, impregna-os de sentido e de julgamentos de valor; é recurso de expressão da relação emotivo-valorativa do sujeito de enunciação. A entoação, neste estudo, apresenta-se pela escolha de recursos linguísticos e extralinguísticos do sujeito de enunciação. A exemplificação do uso destes recursos pode ser identificada na ação de curtir (Figura 02) agregada à interface do site de rede social Facebook.

Figura 2 – Botões Curtir novo formato



Fonte: Facebook

Tal recurso – uso do botão curtir como entonação expressiva - evidencia que os sentidos podem ser ressignificados, como afirma Abrahão e Souza, 2006, p.151, “em razão não só do tempo transcorrido, mas pelas diferentes ressignificações que o sujeito da narração [enunciação] imprime aos fatos ao longo do tempo”.

Destacamos que a busca pelos sentidos produzidos na relação dialógica entre os enunciados produzidos pelos educadores pode nos levar a identificar como o sentido se reflete nos processos de enunciação. Por conseguinte, analisar os processos de enunciar narrativo que ocorrem nas situações comunicativas em que educadores se inserem em espaços de socialização no ciberespaço, tanto potencializa a investigação dos sentidos derivados de suas vozes, quanto abre à análise da arquitetura dos processos de enunciação e da constituição do sujeito de enunciação neste espaço digital.

Percebemos que, no contexto das redes sociais na internet - na comunicação contínua com o outro –, enunciar narrativo online são produções de um processo dinâmico de alteridade via materialização de enunciados, produzidos como prática social corporificada por meio dos enunciados constituídos em rede e na rede. Dessa forma, os espaços de interação social, possibilitados pelo *site* Facebook – campo empírico de nossa investigação - aos usuários, promovem campo fértil à produção do enunciar narrativo online, nas práticas dos

sujeitos no cotidiano, e produzem um ambiente onde o enunciar narrativo se concretiza. A escolha, de analisar o enunciar narrativo online, produzido por educadores em suas práticas sociais, deriva da compreensão que tenho de que - para atingir os objetivos propostos – tal análise possibilitará os recortes necessários: para identificar as marcas das posições sócio-enunciativas emergentes nos enunciados produzidos pelos educadores, assim como também podem possibilitar uma compreensão mais abrangente da dinâmica dos processos de enunciação no contexto digital.

Mas para que tal compreensão se estabeleça, outro aspecto ainda deve ser discutido sobre os processos de enunciação: o conceito de autoria e de autoria coletiva. Iniciamos a discussão sobre tal termo a partir da compreensão de que todo sujeito de enunciação é autor, e pela defesa da interdependência da relação autor/processo de enunciação sustentada nas palavras de Bakhtin (2008), pois, de acordo com o filósofo “todo enunciado tem uma espécie de autor, que no próprio enunciado escutamos como o seu criador [...]” (BAKHTIN, 2008, p.159).

Para uma discussão contemporânea sobre os processos de autoria, centramo-nos nos estudos produzidos pelos pesquisadores do LELIC/UFRGS), em especial, a forma como a autoria é discutida por Selli e Biancamano na coletânea produzida em 2016 por AXT; AMADOR; REMIÃO.

Em Selli (2011, 2016) encontramos a **autoria** situada como resultante da materialização de enunciados; enunciados que emergem das diferentes vozes que compõem as enunciações nas relações dialógicas - individuais e sociais - que se estabelecem no contexto das interações do sujeito de enunciação por meio da alteridade. Para Biancamano (2016), o autor – sujeito de enunciação - assume uma posição axiológica-enunciativa e uma ética ao enunciar, e a posição enunciativa do sujeito se realiza nas interrelações responsivas da enunciação.

Fato que os sujeitos da enunciação estão inseridos em um ambiente social dentro de um determinado contexto, e é esse contexto que vai definir a situação enunciativa e potencialmente as formas de assumir a autoria que, de acordo com Bakhtin (2008), possui formas muito diversas e pode ser produto da enunciação de mais de um sujeito, ou seja, onde duas ou mais consciências se apresentam – portanto uma autoria **coletiva**. Para Mehlecke et all (2003), o contexto digital favorece que a autoria coletiva se produza pois tais ambientes refletem a voz de muitos autores; “a autoria de um se transforma na autoria de muitos compondo a autoria coletiva.” (MEHLECKE et all, 2003, p.3).

No caso de nosso estudo, a autoria coletiva pode ser percebida pela relação enunciativa estabelecida entre os educadores – sujeitos de enunciação – e seus interlocutores nos espaços das comunidades virtuais. Neste contexto, podemos situar o sujeito de enunciação como autor, como aquele que ocupa posição estética no discurso, ou seja, como defende Faraco (2005), aquele que assume uma posição ética-estética na materialização dos enunciados.

2.3 O SUJEITO DE ENUNCIÇÃO E A EMERGÊNCIA DE POSIÇÕES SÓCIO-ENUNCIATIVAS: O SI DISCURSIVO

Se quisermos compreender o mundo como acontecimento único e aberto, e orientarmo-nos nele, será possível abstrairmos o lugar que somos os únicos a ocupar nele, em oposição a todos os outros homens - passados, presentes e futuros? (BAKHTIN, 2003, p. 76).

É a partir do questionamento provocativo de Bakhtin (2003), e percebendo que os processos de enunciação, bem como o enunciar narrativo dele advindo, não excluem o mundo social vivido, o sujeito de enunciação nele envolvido e dele derivado, que, neste momento, a reflexão deste estudo se volta a uma breve discussão teórica sobre: **sujeito de enunciação, subjetividade, e posições sócio-enunciativas** emergentes do enunciar narrativo que se analisará.

Com esta meta delineamos um trajetar teórico em interlocução, de pressupostos bakhtinianos com a psicologia social e com a filosofia. Apesar do diálogo com teorias tão distintas, que embora denso se faz necessário, as discussões aqui presentes são essenciais às reflexões desenvolvidas em nosso estudo pois nos possibilitam a apropriação de importantes conceitos para pensar o que denominaremos **si discursivo**.

Primeiramente, quando se discute uma concepção de **sujeito de enunciação**, com tantas perspectivas distintas existentes sobre o termo sujeito, é necessário o direcionamento a um conceito teórico que siga ao encontro de nossas proposições. Encontramos tal alinhamento em discussão com Deleuze (2001), Guattari (2006) e Bakhtin (2002,2003,2012) que, de acordo com Souza e Oliveira (2012), rompem com a ciência moderna e situam o sujeito atravessado pela pluralidade, pela polifonia, com ênfase nos movimentos vividos e os sentidos produzidos nas relações.

Na perspectiva bakhtiniana, encontramos um **sujeito** situado social e historicamente - centro concreto de emanções de valores -, que se constitui na e pela linguagem através da relação dialógica, portanto, não um sujeito uno ou fixo, mas que se (re)constrói, de acordo com Bakhtin (2002), no processo social na relação eu-outro. Dessa forma, é compreendido como um sujeito dialógico, instituído a partir da constituição do outro; sendo ao mesmo tempo, psicológico-cognitivo, ético-social, político-estético. Na visão de Bakhtin (2002,2012), o sujeito se caracteriza por ser polifônico, materializando-se através das múltiplas vozes, de forma simultânea, sem que haja preponderância de uma sobre as outras).

Partindo do diálogo com Bakhtin (2002,2003), podemos situar que o sujeito de enunciação, um sujeito social, em sua integralidade, não está dissociado de uma relação de constituição ética e estética. Ou seja, podemos compreender o sujeito em sua integralidade como produto de uma ótica estética criadora, sendo somente a partir dela possível observar sua existência no mundo social. O sujeito, nesta perspectiva, encontra-se num plano ético da consciência, e em um plano estético do qual enuncia.

Stafuzza (2004), Pires e Sobral (2013) e Sobral (2013) defendem que o sujeito, na perspectiva bakhtiniana, se instaura por meio do fenômeno social da interação verbal, constituindo-se a partir de suas relações com o outro; ou seja, os sujeitos somente são sujeitos no sentido de eu-para-mim, mas também são relacionais, isto é, eu-para-o-outro. Destacam ainda que é no eu-para-mim que a subjetividade se produz, e no eu-para-o-outro que essa subjetividade se insere no plano relacional responsável/responsivo, que lhe dá sentido e integralidade. Dessa forma, o sujeito se constrói mediante atos de enunciação, por consequência na relação estabelecida da arquitetônica do eu-para-outro e do outro-para-mim

Encontramos em Deleuze (2001) e Guattari (2006) consonância com o pensamento bakhtiniano sobre sujeito. Esses autores defendem que o sujeito se define “por e como um movimento, movimento de desenvolver-se a si mesmo” (DELEUZE, 2001, p. 76), e nesse deslocamento o sujeito se ultrapassa e se reflete. Entretanto, contrária a visão observada em Bakhtin (2002, 2003, 2012), Deleuze (2001) e Guattari (2006) entrelaçam ao conceito de sujeito o conceito de subjetividade, que para os autores se produz no campo social pelo sujeito de enunciação. Dessa forma, a partir das perspectivas de Guattari (2006) e Deleuze (2001), podemos compreender **subjetividade** como processo contínuo e dinâmico de existência e de um vir a ser subjetivo, não uma substância acabada e dada *a priori* no sentido de uma interioridade, mas uma transfiguração do sujeito em distintas e múltiplas composições subjetivas, flexíveis e de permanente inacabamento.

A partir de Guattari (2006), podemos entender que o processo de geração de subjetividade é resultado da inserção do sujeito no contexto social e histórico, do qual não pode ser dissociado. A subjetividade resultante desse processo - que é dinâmico – é produto da cultura, afetada por fatores de subjetivação da esfera social; dessa forma se constitui no que é exterior ao sujeito, no movimento do encontro com o outro. Por consequência desse espaço onde se produz, se atualiza de forma contínua, impactada pela multiplicidade de fatores que compõem a realidade sócio-histórica, deriva de um processo de produção e transformação que é cíclico, condição da continuidade do processo de produção de subjetividade (GUATTARI, 2006). Assim, podemos inferir, a partir do diálogo com esses teóricos, que os espaços sociais pelos quais circulamos e os grupos sociais que integramos impactam, modificam, arquitetam e projetam nossa subjetividade e como a assumimos frente a esses espaços. Desse modo, assim como a subjetividade é afetada pelo exterior – pelo que é social e coletivo – ela também o revela, evidenciando sua configuração sempre de uma perspectiva que é singular. A subjetividade é criadora, capaz de construir diferentes tipos de singularização existencial.

Encontramos em Colvara (2013), Fonseca (2000), Guattari (2006), Guattari e Rolnik (1999) o pensamento de que a subjetividade permeia todos os processos sociais, não se situa só na esfera individual - apesar de vivida por sujeitos em suas existências particulares. Dessa forma, a subjetividade – enquanto produto do social - rompe, de acordo com Fonseca (2000), com os referenciais de “pessoa, indivíduo e personalidade, tidas, segundo o paradigma cartesiano, como unidades indecomponíveis e garantidoras da tradição do sujeito individuado como fonte primordial dos enunciados e das ações.” (FONSECA, 2000, p. 44).

Uma definição ampla proposta por Guattari (2006) concebe subjetividade como “o conjunto das condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial autorreferencial, em adjacência ou em relação de delimitação com uma alteridade ela mesma subjetiva.” (GUATTARI, 2006, p. 19).

Nesse contexto, a subjetividade é compreendida como efeito dessa produção, sofre influências e é afetada por fatores de subjetivação que são da procedência do coletivo. Mesmo posicionamento encontra-se em Axt et al. (2003, p. 261) para quem a subjetividade é indissociável da noção de processualidade, sendo obra de um “ processo temporal tomado como massa de tempos contraídos no presente, da qual se bifurcam multiplicidades, que, ao se agenciarem, produzem realidades, atualizam potencialidades de vir a ser [...], inauguram o outro do si.” (AXT et al, op cit, p. 261). Desse modo, a subjetividade sofre efeitos de lugares e

tempos históricos, podendo, segundo as autoras, ser pensada como “proposições de modos de ser e existir [...]” (AXT et al, 2003, p. 262), ou seja, um vir a ser subjetivo.

Compreendemos necessária tal discussão sobre subjetividade por compreendê-la indissociável do sujeito que enuncia; dessa forma, uma das faces do enunciar narrativo online, integrando uma atuação subjetiva que mobiliza posições sócio-enunciativas derivada das dinâmicas das relações sociais. Como afirma Oliveira (2012), narrativizar (enunciar) o vivido é mais que enunciar textos, mas a inserção do sentido subjetivo ao espaço do discurso.

Destarte, fato que interessa a nosso estudo - e favorece a compreensão de um si discursivo proveniente de posições sócio-enunciativas-, podemos entender, com base nos teóricos acima discutidos, que a subjetividade pode se expressar num nível que é coletivo, que transcende o sujeito individualizado, conectando-o ao grupo social, espaço no qual circula, ou seja, a subjetividade não se centra no indivíduo, ela se produz no social no movimento do encontro com o outro. Considerando que o sujeito se forma através da linguagem e da língua, nessa percepção, a subjetividade, passa a ser efeito das práticas discursivas do sujeito de enunciação.

Tanto como a discussão conceitual sobre o sujeito, subjetividade e processos de enunciação, já apresentada; da mesma forma, faz-se necessário compreender como este sujeito de enunciação concretiza posicionamentos sociais que afetam os posicionamentos enunciativos e vice-versa; para tal meta busca-se apoio em pressupostos bakhtinianos e na Teoria do Posicionamento proposta por Harré e Van Langenhove (1999) para a discussão do que se compreende como **posição sócio-enunciativa**.

Inicialmente, é necessário destacar a distinção entre posição e posicionamento que a teoria do posicionamento preconiza. Na ótica de Harré e Van Langenhove (1999), posição refere-se ao espaço social, psicológico e discursivo ocupado pelo sujeito (de enunciação) dentro de práticas sociais; enquanto posicionamento determina a estratégia discursiva (formas de enunciação) que permite aos sujeitos de enunciação ocuparem determinadas posições sociais (HARRÉ e VAN LANGENHOVE, 1999). Críticos da teoria de desempenho de papéis, Harré e Van Langenhove (1999), argumentam que falar de posições em vez de papéis é “aderir a um novo corpo de ideias emergentes sobre a ontologia do fenômeno social.” (ROSSETI-FERREIRA et al, 2008, p. 76).

A teoria do posicionamento privilegia o estudo das interações comunicativas entre os sujeitos para a compreensão dos fatos sociais. Os sujeitos, nessa perspectiva, constroem espaços discursivos para si e para o outro; nestes espaços as posições discursivas, de acordo

com Saito e Ribeiro (2013, p. 110), podem ser “assumidas, rejeitadas e negociadas e as pessoas conseguem construir o mundo social e agir nele” Para Davies & Harré (1999), a principal característica de tal teoria tem como base a articulação da noção do “eu” ao conceito de posição, onde o foco está no modo como as práticas discursivas constituem os sujeitos de determinadas maneiras e ainda, ao mesmo tempo, são um recurso através do qual eles podem negociar novas posições sociais.

Destarte, o conceito de posição¹¹ pode ser utilizado por analistas da teoria da ARS para uma análise discursiva que o uso do conceito papel social restringia. Em síntese, nos permite situar a subjetividade que emerge das relações dialógicas para além de perspectivas psicológicas, sociológicas - ou filosóficas - e compreendê-la pelo ângulo do discurso (como um si discursivo constituído), objetivo deste estudo quando se direciona aos processos discursivos do sujeito de enunciação. Compreendemos que a teoria do posicionamento¹² pode auxiliar esta investigação a compreender as formações e os deslocamentos das posições sócio-enunciativas e a composição do si discursivo que se produz no enunciar narrativo dos educadores; dessa forma, possibilita estudar as relações sociais por meio das interações entre os sujeitos, e investigar as **posições sociais** - compreendidas como espaços que o sujeito ocupa socialmente - inseridas no espaço de interação social através do reconhecimento do outro, dos encontros e desencontros do si e do outro.

Conceituado o termo posição social, e considerando fundamental a ele relacionar especificidades relacionadas aos processos de enunciação, buscamos nos pressupostos bakhtinianos o que poderia se compreender como posição enunciativa. Para Bakhtin (2002), é a partir acolhimento do enunciado do outro que o sujeito constitui sua autoimagem e se situa como sujeito ético nas interações sociais, assumindo diferentes posições de enunciação por meio de uma cadeia de enunciados que vão sendo produzidos. No caso específico do *site* Facebook – campo empírico de nosso estudo - , a ação de marcar pessoas na publicação ou postar na linha do tempo de outro sujeito, produz, no enunciar narrativo, o que Elias et all (2015) denominam como **posições enunciativas**, posições provisórias que o sujeito assume

¹¹ O novo conceito ajuda a concentrar a atenção em aspectos dinâmicos em contraste com a maneira que o uso do termo "papel social" serve para destacar aspectos estáticos, formais e ritualísticas (DAVIES e HARRÉ, 1999, tradução nossa).

¹² De acordo com Borges, Versuti, Piovesan (2012), a teoria do posicionamento, influenciada pelos pressupostos de Foucault e com uso de alguns conceitos bakhtinianos, parte da concepção de que as interações produzem construções do eu e do outro, o que se alinha a nossa discussão de posição sócio-enunciativa.

quando produz seus enunciados; posições enunciativas instauradoras de sentidos e produtoras de subjetividade.

Desta maneira, posterior à discussão conceitual já apresentada, podemos conceituar **si discursivo** como materialização das posições sócio-enunciativas e dos discursos que emergem das vozes dos educadores – sujeitos de enunciação. Um si discursivo produto dos sentidos derivados das relações dialógicas; de acabamento sempre provisório, não fixo, revelado como fração do singular e do coletivo. Que evidencia, através das posições sócio-enunciativas – sempre provisórias - assumidas pelo educador, seus saberes, ideologias, posições valorativas, posição ou posições sociais por ele assumidas no ato da enunciação. Um si discursivo afetado pelo contexto social, histórico, pelas configurações e especificidades dos espaços discursivos em que se produz.

3. AO ENCONTRO DAS ABAS: OS PERCURSOS DA PESQUISA

3.1 A PESQUISA EM CIÊNCIAS HUMANAS: O DIALOGISMO COMO POSIÇÃO FILOSÓFICO-ENUNCIATIVA DO PESQUISADOR

As ciências humanas, na ótica bakhtiniana, não podem, por ter objetos distintos, fazer uso dos mesmos métodos de investigação das ciências exatas (BAKHTIN, 2003). Como apontam Freitas (2002) e Emerson (2003), nas ciências exatas, o pesquisador encontra-se perante um objeto estático que necessita ser observado para ser conhecido, dessa forma analisa e se expressa sobre ele a partir de postura monológica, de forma unidirecional e unívoca. Já nas ciências humanas, o pesquisador defronta-se com um escopo de estudo – o ser humano - que não pode ser estudado como um fenômeno da natureza, como coisa ou um simples objeto.

Na análise dos distanciamentos entre ciências exatas e ciências humanas Jobim e Souza; Albuquerque (2012), concluem que

As ciências exatas, em contrapartida, buscam explicar o que é imutável em todas as mudanças. Em síntese, buscam encontrar um acabamento, ou seja, finalizar uma determinada análise em um dado texto. Mas a formação do Ser não pode ser engessada, capturada por um ato de conhecimento que transforme o Ser em um único texto. Cabe às ciências humanas encontrar as estratégias metodológicas que deem conta dessa dimensão de liberdade que deve ser a principal garantia para nos mantermos, como pesquisadores, fiéis à especificidade das ciências que estudam o homem e seu permanente vir-a-ser (JOBIM e SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p 119-120).

De fato, pesquisas em ciências humanas requerem uma perspectiva que não seja monológica em razão de possuírem como escopo de estudo o sujeito em sua especificidade humana, inserido em uma relação dinâmica com o mundo e imerso em um contexto histórico e social que o constitui como sujeito ético-estético pela enunciação; contexto no qual, pesquisador e os interlocutores da pesquisa são sujeitos de enunciação em interação coexistindo no mesmo meio – mesmo que momentaneamente - e imbricados num processo que é dialógico (BAKHTIN, 2003).

Compreendemos, assim, que a filosofia dialógica bakhtiniana apresenta-se como um potencial caminho à produção de conhecimento científico na área de estudos das ciências humanas, porque o conhecimento sobre o sujeito de enunciação, de acordo com Bakhtin (2006), só pode se concretizar quando esse é compreendido e aceito como sujeito de

enunciação e portador de voz. Nesse sentido, conduzir uma investigação no campo das ciências humanas, dentro de uma perspectiva bakhtiniana (Bakhtin 2002,2006,2012), é assumir-se sujeito de enunciação e tanto reconhecer a voz do sujeito-outro, como assumir uma posição de alteridade e de escuta no ato dialógico que vai se estabelecendo durante o percurso de investigação por meio da interação social, e no movimento exotópico que permite abarcar mais da realidade investigada.

Ao buscar em Bakhtin suporte à assunção de uma posição filosófica-enunciativa a essa pesquisa, reconhece-se a contemporaneidade¹³ de suas teorias e as contribuições para estudos da linguagem e ao campo das pesquisas em ciências humanas como defende Brait (2006), assim como o desafio posto ao pesquisador de assumir-se como sujeito de enunciação – que é dialógico e polifônico - num palco onde os sujeitos, segundo Axt (2008), se apresentam em distintas vozes, os sentidos são negociados, e fatores axiológicos e ideológicos se postam na interlocução que se constitui na constante tensão existente entre a minha voz e a voz do sujeito outro.

Para Brait (2006), são significativas as contribuições teórico-metodológicas de Mikhail Bakhtin na constituição de uma posição filosófica-enunciativa de investigação como lugar de atuação ao mesmo tempo ética e estética, e como suporte de compreensão e análise dos processos de enunciação. O pensamento bakhtiniano, de acordo com Brait (2006, p. 48), “em suas múltiplas faces, aflora de maneira eloquente, múltipla, generosa, sugerindo caminhos para a leitura e interpretação do homem contemporâneo, de suas atividades, das linguagens que identificam seu estar e atuar no mundo”. Consoante com Axt (2008), defendemos que assumir o pressuposto dialógico na pesquisa é

[...] considerar múltiplas vozes, em relação de tensão entre si, tanto as vozes dos participantes da experimentação, quanto as vozes dos autores de referência teórica e a do pesquisador-autor, no âmbito de uma relação de confronto mais ampla entre campos de força monológicos e dialógicos. É uma experimentação, que se pauta pelo princípio dialógico, trata participantes e autores de referência, como interlocutores e parceiros no engendramento, tanto dos interrogantes da investigação, quanto dos enunciados interpretativos da experimentação (AXT, op.cit., p. 98)

Dessa forma, entendemos que a escolha do aporte metodológico reflete a relação e

¹³ Como o estudo bakhtiniano se volta aos usos sociais da linguagem, enquanto materialidade das interações entre os indivíduos, esse fato torna sua teoria aplicável tanto aos estudos literários como à comunicação que ocorre nos espaços das mídias digitais, sobre “o que, evidentemente, Bakhtin nada disse, mas para o que suas formulações convergem.” (MACHADO, 2013, p. 152).

comprometimento que o pesquisador estabelece frente ao seu campo empírico, aos interlocutores da pesquisa, as escolhas teóricas, em sua relação com os dados de pesquisa e consigo mesmo - enquanto sujeito imerso no cenário em que pesquisa -, portanto, busca-se no pensamento bakhtiniano o alicerce teórico-metodológico, bem como princípio ético-estético, da investigação a que se propõe.

Assume-se, portanto, o desafio que tal aporte metodológico representa, posto que não se configura, como afirma Brait (2006), como método científico edificado por meio de conceitos e percursos fechados, tampouco linear. Ou seja, os conceitos emergem da necessidade de compreender o objeto de estudo dentro da realidade em que ele se instala, não os formatando a teoria.

Stella (2013) assevera que duas dificuldades despontam na identificação dos conceitos no conjunto da obra bakhtiniana; seja pela disseminação dos conceitos nas várias obras do círculo, seja por dificuldades na tradução do russo para outras línguas de algumas terminologias usadas pelo filósofo. Brait (2006) alerta que não encontra-se, na perspectiva bakhtiniana, categorias a priori aplicáveis de forma autômata, ou de trajeto pré-definido ou estanque para análise discursiva, mas conceitos “próximos, mas não necessariamente intercambiáveis, [...] noções e categorias que especificam a postura dialógica diante de corpus discursivo, da metodologia e do pesquisador.” (BRAIT, 2006, p .60-61).

Para delinear de forma mais específica tal postura dialógica, os conceitos de ato dialógico, alteridade, exotopia (excedente de visão) e compreensão criadora - a esta perspectiva entrelaçados - serão discutidos abaixo.

Primeiramente devemos compreender que, numa perspectiva dialógica, a relação entre o pesquisador e o interlocutor pesquisado não é direta ou neutra ideologicamente, e sim constituída de múltiplos enunciados no ato dialógico. De acordo com Sobral (2013), o **ato dialógico** que se estabelece no encontro entre pesquisador e o outro (sujeitos de pesquisa e autores do referencial teórico), os questionamentos, as assertivas, o estranhamento frente aos atos e discursos do sujeito outro, bem como o ponto de vista e horizonte axiológico dos sujeitos subjacentes aos discursos, configurando a pesquisa em um processo vivo e dinâmico de produção de sentidos - porque esses são múltiplos e se produzem numa singularidade que advém do coletivo - sobre as formas de perceber e compreender, buscando significar as visões de si no mundo e sobre o mundo. Souza e Albuquerque (2012) sustentam que a relação pesquisador e seu outro pode ser pensada a partir de dois conceitos-chave: alteridade e exotopia. Alteridade e exotopia são, portanto, a premissa da constituição do sujeito de

enunciação quando no ato dialógico a palavra do outro me completa.

O princípio dialógico decorre, em certo sentido, da **exotopia**, pois a minha palavra está inexoravelmente contaminada do olhar exterior, do outro que lhe dá sentido e pelo distanciamento necessário ao acabamento estético. O conceito de exotopia é bem explicitado em Bakhtin no livro *Estética da Criação Verbal* quando analisa a relação autor-herói – aqui compreendidos como autor-pesquisador - na atividade estética. O filósofo afirma que

[...] o autor [**pesquisador**] deve situar-se fora de si mesmo, viver a si mesmo num plano diferente daquele em que vivemos efetivamente nossa vida; essa é a condição expressa para que ele possa completar-se até formar um todo, graças a valores que são transcendentais à sua vida, vivida internamente, e que lhe asseguram o acabamento. Ele deve tornar-se outro [**alteridade**] relativamente a si mesmo, ver-se pelos olhos de outro. (BAKHTIN, 2003, p. 36, grifo nosso)

O princípio dialógico, de acordo com Souza e Albuquerque (2012), funda a alteridade, lugar do incompleto e provisório como constituinte do ser humano e de seus discursos e, de acordo com os autores,

Não se limita à consciência da existência do outro, nem tampouco se reduz ao diferente, mas comporta também o estranhamento e o pertencimento. O outro é o lugar da busca de sentido, mas também, simultaneamente, da incompletude e da provisoriedade. Essa perspectiva apresenta a condição de inacabamento permanente do sujeito, o vir-a-ser da condição do homem no mundo (SOUZA e ALBURQUERQUE, 2012, p. 111).

Dessa forma, a **alteridade** excede os limites estipulados pela consciência da existência do outro, sendo lugar de estranhamento e pertencimento, ou seja, o outro é o lugar onde a busca de sentido se concretiza. De acordo com Axt (2011), é na alteridade que o sujeito reflete e refrata o outro, assim como também o é por ele, compondo um espaço de subjetividade múltipla, inacabada, fluida e não fixa. Como afirma a autora (2011),

Do mesmo modo como esse outro se constitui um outro-para-mim, nestas duas dimensões, vale dizer nestes dois sentidos, eu-para-outro se constitui na relação inversa eu-outro, eu se constituindo em outro para um outro agora eu. Em uma palavra, pode-se dizer que a relação eu-outro sempre é uma relação de “intervenção”, constitutiva tanto do um como do outro (AXT, 2011, p.49).

Como o pintor de *Las Meninas* que ao distanciar-se consegue uma visão mais abrangente do cenário. Consequentemente, só o sujeito-outro pode nos dar acabamento, assim como só nós podemos dar acabamento ao sujeito-outro. Nesta perspectiva, a percepção de si é

produzida através do olhar do outro, o outro me dando acabamento e eu ao outro, ou seja, o excedente de visão. **Excedente de visão** que, de acordo com Bakhtin (2012), é o desdobramento e desvelamento de olhares a partir de um lugar exterior que possibilita que se veja do sujeito-outro algo que ao próprio sujeito é impossível, ou seja, a totalidade de si o sujeito só encontra no olhar do outro, ou seja, “o que vejo do outro é justamente o que só o outro vê quando se trata de mim.” (BAKHTIN, 2012, p.43). Para o filósofo, o excedente de visão - espaço-tempo da enunciação - permite ao pesquisador – ocupar e se manifestar a partir de determinado horizonte social que lhe possibilita desvelar um olhar para o mundo que é singular e individual, mesmo que construído coletivamente por meio das interações com o outro (BAKHTIN, 2003,2006).

Um aspecto importante sobre a relação social entre os sujeitos de enunciação, neste caso o pesquisador e o interlocutor da pesquisa (educadores), é a de que esta relação resulta, inevitavelmente, em uma interação dialógica. De acordo com Axt (2006), a interação dialógica

ampara-se no dialogismo bakhtiniano, em que toda relação dialogal implica necessariamente a alteridade e em que a toda expressão enunciativa (mesmo quando de efeito retardado em relação a uma expressão anterior) corresponde sempre uma atitude responsiva ativa prévia, dando conta de um contexto pragmático, interacional e enunciativo-responsivo, enquanto pressuposto de linguagem e de sujeitos de linguagem em relação. A amplitude desse contexto é sempre variável e inclui tanto um diálogo real entre dois interlocutores concretos quanto um diálogo entre teorias, obras, épocas, culturas, paradigmas (AXT, 2006, p. 257).

Podemos, a partir de Amorim (2004), Axt (2006), Souza e Albuquerque (2012), encontrar subsídios para pensar a constituição do pesquisador como sujeito de enunciação e seu texto como campo de produção de sentidos, local de embate de vozes emergentes da interação dialógica estabelecida entre o pesquisador e seus interlocutores de pesquisa. Compreendemos, dessa forma, que o processo de constituição do sujeito de enunciação (pesquisador) decorre do movimento exotópico e de alteridade que se estabelece na interação dialógica, sendo tal interação afetada pelo contexto onde se produz, com suas especificidades culturais, espaciais, políticas, ideológicas – onde os sentidos vão sendo instaurados, negociados e ressignificados. Dessa maneira, a pesquisa científica pode ser vista como campo de circulação de sentidos, sentidos negociados nas relações entre a minha voz (pesquisadora) e a do outro (interlocutor da pesquisa), sem apagamento destas vozes, mas fundada em uma relação de alteridade. Segundo Souza e Albuquerque (2012), a pesquisa também pode ser compreendida como acontecimento visando abarcar o mundo vivido ou criação de um modo

de participar dele.

Por conseguinte, o pesquisador é parte integrante do processo de investigação, a neutralidade é impossível, sua ação e os efeitos desta constituem elementos de análise. Axt (2008) frisa que estar imerso no contexto em que se desenvolve a pesquisa impossibilita o pesquisador de assumir uma posição arbitrária e autoritária de uma explicação monológica e de tradução literal do fenômeno investigado. Por conseguinte, é compreendido como um ser social que faz parte da investigação e transfere para ela tudo aquilo que o constitui como um ser concreto em diálogo com o mundo em que vive.

No contexto deste estudo, a compreensão do todo do enunciado e da relação que se estabelece entre estes é necessariamente dialógica (é também o caso do pesquisador nas ciências humanas); na visão bakhtiniana, "aquele que pratica ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo, ainda que seja num nível específico - que depende da orientação, da compreensão ou da pesquisa." (BAKHTIN, 2003, p. 355).

O pesquisador é capaz de construir sua compreensão sobre o outro de forma original, porque o outro não é alguém que está fora de mim. O outro é sempre um estranho para mim, mas também é alguém que me constitui, pois somente existo a partir de seu olhar (BAKHTIN, 2003).

Na perspectiva de Jobim e Souza; Albuquerque (2012, p. 112), o "território interno de cada um não é soberano [...] é com o olhar do outro, impregnado de valores, que me comunico com o meu interior". Nas palavras do próprio Bakhtin (2003, p.341; 373-374), "ser significa ser para o outro e, por meio do outro, para si próprio [...], pois através do outro eu recebo as palavras, as formas e a tonalidade para a formação da primeira noção de mim mesmo".

Para Bakhtin (2006), um observador (pesquisador) não tem posição fora do mundo implicado, e sua observação integra como componente o sujeito observado. Dessa forma, o pesquisador se transfigura em agente transformador e transformado, da mesma maneira que o interlocutor pesquisado que, não sendo um mero objeto, também tem oportunidade de refletir, aprender e ressignificar-se no processo de pesquisa. Implica, assim, que pesquisador, bem como o interlocutor da pesquisa, carregam um conjunto de pressuposições, embates e expectativas, que emergem do discurso, da ação e da própria estruturação do estudo e tema de pesquisa.

Destarte, o pesquisador das Ciências Humanas não pode se limitar ao ato contemplativo de um mero artefato inanimado, pois se encontra perante um sujeito de

enunciação que é singular, que tem voz, com o qual – na busca pelo conhecimento científico - deve estabelecer um diálogo¹⁴. Conseqüentemente, o contexto de pesquisa passa de uma interação sujeito-objeto para uma relação de interlocução entre sujeitos de enunciação, ou seja, uma postura monológica transfigura-se em uma perspectiva dialógica. Pois, no monologismo, as vozes dos interlocutores são abafadas ou completamente apagadas pela voz do pesquisador e, assim procedendo, afirma Bezerra (2013, p 192), “coisifica em certa medida toda a realidade e cria um modelo monológico de um universo mudo, inerte”.

Axt (2011), na discussão sobre o mundo da vida e pesquisa em educação, defende que o pesquisador assuma uma atitude de escuta da voz do outro e que, pela atitude contemplativa e de interlocução dialógica busque a compreensão do mundo desse outro. Assim como, assuma uma atitude ético-responsiva no encontro com outros mundos (o mundo da vida, o universo teórico dos autores com quem dialoga, seu próprio mundo), não opondo um ao outro, mas compondo-os. A autora defende que a pesquisa parta “do mundo da vida para pensar a própria vida e as teorias sobre a vida; partir do mundo da vida para pensar e compreender o ser vivo concreto que age do seu lugar espaço-temporal histórico.” (AXT, 2011, p.50).

Em relação à escrita desta tese, concordamos com Jobim e Souza; Albuquerque (2012) quando afirmam que é através da escrita que o pesquisador materializa o acontecimento vivido em campo e “consolida a criação de conceitos cuja pretensão é criar zonas provisoriamente estáveis de pensamento sobre uma dada realidade.” (JOBIM e SOUZA; ALBUQUERQUE, 2012, p. 116). Dessa forma, é na escrita da tese, como objeto estético da pesquisa desenvolvida, que, como pesquisadora e sujeito ético, materializo os diálogos (com a teoria utilizada, com os sujeitos interlocutores da pesquisa) que ocorreram durante a investigação.

De certa forma o pesquisador - durante a produção escrita de sua pesquisa - além de dialogar com outras vozes acaba assumindo o papel de “tradutor” - tradutor não-literal, como alerta Axt (2008) - dos potenciais sentidos que emergem das enunciações discursivas. É importante ressaltar que toda pesquisa que envolve o estudo dos atos humanos deve fazer a escuta dessas vozes, sendo que colocar-se em posição de escuta, entendo ser a forma para dar sentido ao enunciado.

Numa perspectiva dialógica de pesquisa, a escrita e análise dos dados nesta tese não é

¹⁴ Nesta tese compreende-se, dentro de uma perspectiva bakhtiniana, diálogo como forma de comunicação socialmente construída e dialogismo como uma perspectiva epistemológica, uma qualidade intersubjetiva na produção de sentido, como propõe Markova (1990) e Kirschkop (2002).

neutra, tampouco monológica, porque é atravessada por múltiplas vozes; busca-se na “tradução” de enunciados do mundo vivido, não a trajetória para chegar a respostas exatas, mas constituição de olhares potenciais à compreensão do homem contemporâneo, esse sujeito de enunciação interpelado por distintas vozes em constante tensão, porém nem sempre antagônicas.

Tradução aqui compreendida, não restrita ao sentido denotativo do termo, mas entendida enquanto interpretação/compreensão dos enunciados produzidos pelos sujeitos de enunciação. Uma interpretação, que envolve um interpretar que faço de meu próprio horizonte social, e da posição sócio-enunciativa de autora que assumo; produtora de potenciais sentidos na relação de minha voz com a voz do sujeito-outro, que me acolhe, como o acolho, permitindo-me explorar o contexto do mundo social (BAKHTIN, 2006; AXT 2008).

O ato de traduzir, mais que um solo é um dueto alternado de vozes na composição dos sujeitos e dos discursos; é pluralidade de vozes, compreensão. Mas há sempre algo fugaz, que escapa ao tradutor, pois a tradução nunca é literal, pois há presente não só memória, mas também esquecimento, não só há reminiscências, mas faz-se antecipações de discursos passados e discursos futuros (BAKHTIN 2003, 2006). Para Bakhtin (2006) compreender a enunciação do outro significa orientar-se em relação a ela; nas palavras do filósofo, a compreensão “exerce-se de uma maneira ativa e criadora. Uma compreensão criadora prossegue o ato criador [...]” (BAKHTIN, 2003, p. 379).

Em Axt (2008, 2016), encontramos profícua discussão sobre os termos: tradução, interpretação e compreensão. Para a autora, a tradução (sempre não-literal) - que também é interpretação e compreensão - evidencia a descontinuidade e o intervalo, a contingência da impossibilidade de apreender a totalidade do que se traduzirá (AXT, 2008).

Na perspectiva de Axt (2008, 2016), interpretar é, por meio da contemplação ativa, aventar possibilidades para outros e novos sentidos. A interpretação decorre da captura dos efeitos de sentidos emergentes das enunciações em relação de tensão, em determinado contexto espaço-temporal e enunciativo, pela escuta de um interpretador que é por eles (os efeitos de sentidos) afetado; e toda a interpretação adquire visibilidade quando intervém no contexto enunciativo-discursivo pela produção de nova enunciação. O que a autora define como gesto de interpretação decorre da possibilidade de afastamento (exotopia) do sujeito interpretador em relação ao enunciado sem relação nesse contexto enunciativo-discursivo, abrindo à possibilidade de a ele responder.

Axt (2016) defende que uma interpretação responsiva se instaura como compreensão criadora¹⁵, na medida em que “traduz (criadora e expressivamente) para os próprios termos os sentidos advindos desses enunciados outros, pois sempre misturados a percepções e afecções do interpretador.” (AXT, 2016, p. 33).

O termo **compreensão** é situado por Axt (2008, 2016) como “efeito de uma pragmática: uma pragmática assim se constituindo pela mediação e atravessamentos dos contextos e dos sentidos aí produzidos, por implicação dos próprios atos empíricos concretos nestes contextos e suas interpretações possíveis.” (AXT, 2008, p. 95-96).

Dessa forma busco, no diálogo com os enunciados produzidos pelos educadores e com os teóricos que dão aporte para este estudo, assumir o dialogismo como posição filosófica-enunciativa, compondo meu olhar e minha voz com base em uma compreensão criadora do enunciado do sujeito outro com quem mantenho interlocução.

Dessa forma, ressalto, mais importante que organizar e mapear os dados é a análise interpretativa dos dados de pesquisa feita a partir do lugar sócio-histórico no qual se situa o pesquisador; e a partir das relações intersubjetivas que estabelece com seus interlocutores (os sujeitos pesquisados).

Para Freitas (2002, p. 30), a leitura que o pesquisador “faz do outro e dos acontecimentos que o cercam está impregnada do lugar de onde fala e orientada pela perspectiva teórica que conduz a investigação”. Nesta perspectiva de análise, a ênfase está no lugar ocupado pelo olhar e pela palavra, na constituição da produção de sentido de estar no mundo, um sentido que é cruzado e construído por que os valores são uma parte da cultura.

Em uma abordagem que segue por caminhos não lineares na busca de respostas a seus questionamentos, embora, essencialmente, assuma uma perspectiva filosófica dialógica, esta pesquisa faz, durante seu percurso, certas aproximações dos pressupostos da área de estudos da comunicação mediada pelo computador encontrada em RECUERO (2012), para compreender o contexto de produção do enunciar narrativo online; e de pressupostos da ciência das redes e da ARS (Análise de Redes Sociais) – conjunto teórico e epistemológico focado na compreensão das relações entre os sujeitos sociais e sua função na constituição da sociedade (RECUERO et al, 2015) - enquanto potencial indicador da dispersão das posições sócio-enunciativas derivadas do enunciar narrativo online; das relações entre os sujeitos sociais e as comunidades que integram; e dos deslocamentos, encadeamentos e rupturas nos

¹⁵ De acordo com Axt (2016), pesquisadores do grupo Lelic usam o termo “in(ter)venção” como gesto de interpretação e como compreensão criadora.

enunciados produzidos no contexto digital.

Concordamos com a afirmação de Marteleto (2001, p. 72), que a análise de redes “não constitui um fim em si mesma. Ela é o meio para realizar uma análise estrutural cujo objetivo é mostrar em que a forma da rede é explicativa dos fenômenos analisados”. A escolha pela ciência das redes para representar a arquitetônica relacional (mais que estrutural) da rede enunciativa proveniente dos processos de enunciação no contexto digital - praticamente um ato de subversão - deriva de acreditar no potencial da teoria para os estudos dos enunciados narrativos online, não somente para a compreensão das relações de redes objetivadas, mas das posições sócio-enunciativas dos educadores nos espaços de *sites* de redes sociais.

Consideramos que o instante em que o pesquisador inicia a organização e indexação dos dados já se configura como um movimento de análise, pois não é qualquer recorte que será feito, mas um recorte já contaminado de seu horizonte social de pesquisador. Assim como um antropólogo que ingressa em um novo ambiente e para compreendê-lo parte de seu conhecimento de mundo, que é singular.

Igualmente, a escolha dos interlocutores da pesquisa também não é aleatória, pois parto de minha identificação com eles – enquanto educadora, pesquisadora - e meu conhecimento do campo empírico, no qual me coloco para nele aprofundar meus saberes. Meu conhecimento sobre esse sujeito - por ser um deles - me permite certa compreensão de suas falas e com eles estabelecer um diálogo, não digo que não pudesse ser com outros perfis de sujeitos, mas parto do que para mim já é familiar, ao mesmo tempo em que lá estou também como estrangeira.

O tema de investigação emerge entrelaçado aos fios do diálogo social, num cenário polifônico e dialógico no qual o pesquisador tem sua voz imersa, e do qual ele deve buscar identificar as vozes mais relevantes e se posicionar frente a elas tornando explícito o lugar de onde fala (BAKHTIN, 2012).

Entretanto a pesquisa não termina no encontro entre o pesquisador e seu outro. É imprescindível, como atesta Amorim (2004), dar forma e substância ao ato de investigação, e é neste momento que o texto escrito entra em jogo concretizando-o. O ato de investigação pode ser entendido como um evento único: inicialmente a partir do ato singular entre o pesquisador e seu outro, e depois na materialização do texto escrito. Texto no qual o pesquisador organiza seus conceitos e produz o que Jobim e Souza, Albuquerque (2012, p. 116) denominam como “zonas estáveis do seu pensar sobre a realidade dada”.

Para Faraco (2013, p. 39), o pesquisador, enquanto autor-criador “dá forma ao

conteúdo: ele não apenas registra passivamente os eventos da vida (ele não é um estenógrafo desses eventos), mas, a partir de certa posição axiológica, recorta-os e reorganiza-os esteticamente”. Para o autor, assumir uma posição autoral é “assumir uma posição axiológica, é deslocar-se para outra(s) voz(es) social(is). [...] as buscas do autor por sua própria palavra são basicamente buscas por uma posição autoral.” (FARACO, op cit, p. 56).

A constituição da materialização do discurso no processo investigativo advém não somente do encontro do pesquisador com o interlocutor da pesquisa – durante sua inserção no contexto sócio-cultural onde esta é produzida – mas também, de acordo com Jobim e Souza, Albuquerque (2012), do movimento pseudo solitário do encontro do pesquisador e o texto; e do texto como objeto estético com o qual o pesquisador deve manter uma relação ética. É em cada um desses momentos de produção de conhecimento que podemos destacar o compromisso ético para construir a sólida compreensão da experiência humana.

O pesquisador que aceitar os desafios de assumir uma perspectiva dialógica de investigação deve compreender - que como ser social - é parte integrante da pesquisa, que a ela transfere o que o constitui e por ela é afetado. Sendo parte integrante da pesquisa, sua voz é impregnada das vozes que a compõe, e que o sentido e acabamento do processo investigativo estão entrelaçados e se materializam no olhar do outro, sendo ele e o outro indissociáveis (BAKHTIN, 2003; AMORIM, 2004).

3.2 CAMPO EMPÍRICO: INSTAURANDO O CONTEXTO

No mundo contemporâneo a internet abreviou distâncias, no ciberespaço a interação entre os sujeitos sociais alcançou maior abrangência, os relacionamentos se multiplicaram e as conexões estabelecidas, de acordo com Castells (2006), estruturaram a composição de novos grupos sociais (comunidades virtuais) e novos cenários para a socialização (*sites* de rede social na internet). Esse quadro de acelerados avanços tecnológicos deixou a sociedade ávida pela exploração do mundo digital onde, segundo Chagas (2007, p. 48, grifo nosso) “narrar **[enunciar]** as próprias experiências, fantasias, emoções, sentimentos, opiniões ou visões de mundo, parece que se tornou irresistível”, sendo os *sites* de redes sociais claros exemplos desse agir do sujeito de enunciação no ciberespaço.

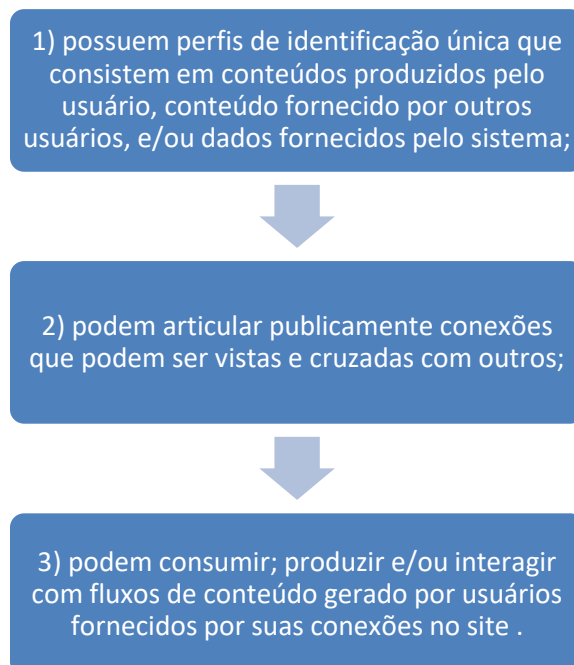
Isto posto, e considerando necessária a contextualização dos espaços digitais que compõem o cenário deste estudo, neste momento serão discutidos os conceitos de rede social na internet e comunidades virtuais; assim como serão apresentadas: as especificidades da

interface do campo empírico, e os níveis micro e macrocontextual da composição do campo de investigação.

Redes sociais na internet, de acordo com Recuero (2009, 2015), podem ser compreendidas como agrupamentos sociais que se estabelecem através da comunicação mediada pelo computador. De acordo com a autora, são determinadas como “um conjunto de dois elementos: os atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (relações, interações ou laços sociais).” (Recuero, 2009, p. 23).

As redes sociais na internet se estabelecem, geralmente, através de um *site* de rede social que lhe dá suporte midiático. Os *sites* de redes sociais, segundo Recuero (2009), são sistemas - não são propriamente redes sociais – que atuam como suporte nas interações entre os sujeitos sociais, os reais constituintes da rede. Como bem observam Ribeiro e Ayres (2014), se constituem espaços de conversação, circulação de informações e de novas formas de construção de sentido, portanto de grande potencial como campo empírico na pesquisa linguística.

De acordo com Ellison e Boyd (2013), *sites* de rede social são plataformas de comunicação em rede na qual os participantes



Fonte: Ellison e Boyd (2013, p. 158)

Neste contexto, *sites* de redes sociais são espaços criados para a promoção de conexões mediadas pela internet, onde os sujeitos estão em constante interação, sem

limitações de espaço e tempo, num incansável intercâmbio de informações e conexões com o outro e com o mundo. Dessa forma, o espaço das redes sociais na internet se configura como cenário importante dos processos de enunciação online, acelerando e multiplicando, como afirma Couto (2014), as diversas possibilidades para o sujeito de enunciação construir e dar visibilidade a si mesmo no ciberespaço. O enunciar narrativo online, enquanto marca da visibilidade e da composição de posições sócio-enunciativas, é uma característica da época e marca da cultura digital – encontrando no espaço da rede social na internet ambiente fecundo de sua produção, em especial nas comunidades virtuais que vão se constituindo.

Espaço específico de composição de dados deste estudo, as **comunidades virtuais** são, de acordo com Schlemmer (2005), redes eletrônicas de comunicação autodefendidas e que tem sua base na interação entre os sujeitos, são constituídas em torno de interesses e objetivos compartilhados estabelecidos em um processo de cooperação. Em seu artigo, *Comunidades Virtuais - Uma abordagem teórica*, Recuero (2001) faz uma reflexão sobre o uso dessa terminologia e as diferentes acepções que assumiu. Para autora “a ideia de comunidade moderna começou a se distinguir de seu protótipo antigo” afetada pela comunicação mediada por computador, e que a terminologia define “os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço através da comunicação mediada pelas redes de computadores.” (RECUERO, 2001, p. 3-5). Friso que para a autora esses agrupamentos ocorrem pelos interesses comuns que os sujeitos partilham; se estabelecem num espaço onde as interações ocorrem (o *site* por si, não estabelece uma comunidade virtual), e possuem como base a relação entre seus membros, ou seja, a comunidade, para a pesquisadora, “é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.” (RECUERO, 2001, p 10).

Consideramos que tais espaços de interação social (rede social na internet e comunidade virtual), por se constituírem em meio digital, necessitam um olhar mais cuidadoso às suas especificidades de composição, dentre eles se destaca a interface – tópico essencial quando se discute os potenciais efeitos do contexto digital sobre os processos de enunciação. De acordo com Prado (2001) e Pressman (1995), **interface** é o meio pelo qual o diálogo entre o computador e o ser humano é estabelecido, “região de contato entre duas entidades, refletindo em si características de cada uma delas.” (PRADO, 2001, p. 7). Pensamento similar encontramos em Lévy (2004), para quem a

interface é uma superfície de contato, de tradução, de articulação entre dois espaços, duas espécies, duas ordens de realidade diferentes: de um código para outro, do

analogico para o digital, do mecânico para o humano [...] tudo aquilo que é tradução, transformação, passagem, é da ordem da interface (LÉVY, 2004, p.111).

Entretanto, conceituar interface como sistemas tecnológicos que dão forma à interação entre usuário e computador, agindo como uma espécie de tradutor - governando e organizando uma relação que é semântica – é, para Johnson (2001), limitá-la a uma função básica de um conceito já defasado. Segundo o autor, vivemos um contexto de cultura de interface, cenário no qual as tecnologias digitais transformam e ressignificam as formas de criação e comunicação, indo além de “janelas” e “ícones” (JOHNSON, 2001).

Dessa forma, a interface em seus distintos formatos produz efeito no modo como os sujeitos se comunicam e se constituem no meio digital. Concordamos com Johnson (2001), de que a interface, mais que meio de comunicação e tradução da linguagem computador-humano e vice-versa, se compõem como meio que faz a mediação do processo de atualização dos pensamentos e intenções do sujeito, definindo possibilidades assim como limites nas ações de comunicar, estabelecer conexões e de enunciar-se.

Assumindo que uma interação dialógica se estabelece - não somente entre os sujeitos de enunciação, mas entre os sujeitos de enunciação e os espaços digitais onde a relação social se materializa –, faz-se necessário compor o cenário dessa relação na interface do *site* de rede social Facebook. Tal propósito visa delimitar as possibilidades e limites que produzem sua interface, compondo efeitos na configuração da conversação em rede¹⁶.

3.2.1 A composição do macrocontexto no campo empírico

O Facebook¹⁷, campo empírico de realização desta pesquisa, pode ser definido, segundo Recuero (2009), como um *site* de rede social propriamente dito, ou seja, um sistema onde há perfis e espaços específicos para publicização das conexões entre os sujeitos, cujo foco principal encontra-se na exposição pública das redes conectadas aos atores.

¹⁶ Para Recuero (2012) a conservação em rede é uma nova forma conversacional de caráter mais público, mais permanente, rastreáveis e com características que permitem a delineação de redes.

¹⁷ A escolha pelo *site* de rede social Facebook ocorreu por ser esta considerada uma das redes sociais mais utilizadas em todo o mundo para interagir socialmente. Segundo o *site* Statista, um dos maiores portais de estatísticas do mundo, o número de usuários do Facebook ativos mensais - aqueles que têm conectado ao Facebook durante os últimos 30 dias - em todo o mundo a partir do 4º trimestre de 2014 chega a 1,35 bilhões de usuários ativos mensais. De acordo com o site Pimgodm, o Brasil é um dos países mais ativos no Facebook com 85.962 postagens mensais.

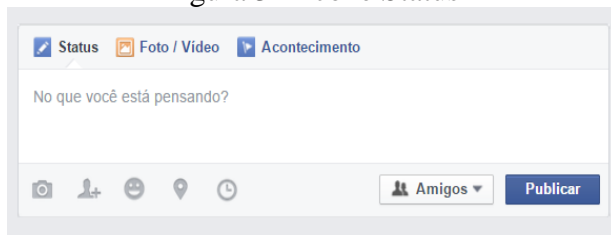
O *site* Facebook também possibilita, além da criação de páginas pessoais, a construção de páginas conhecidas como *Fan Page*, estas se parecem com os perfis pessoais, mas oferecem recursos diferentes e podem atender a objetivos diferentes, tais como promover um produto, um evento, ou organizações empresariais. São gerenciadas por sujeitos com perfis pessoais e não conectadas diretamente a perfis pessoais ou outras páginas. As *Fan Pages* só possibilitam aos usuários do *site* a opção curtir e compartilhar, não há possibilidade de estabelecer conexão direta com outras páginas ou com os sujeitos.

O ingresso neste *site* de rede social Facebook está vinculado ao cadastramento de um perfil pessoal como acontece em outras redes similares. Para Kelly (2007), o Facebook uma ferramenta popular, fácil de usar, não necessita de desenvolvimento interno ou de aquisição de *software*, permite a integração de diversos recursos, proporciona uma ampla lista de ferramentas e aplicações que permitem, aos usuários, comunicar e partilhar informação, assim como controlar quem pode acessar informação específica ou realizar determinadas ações.

Como o enunciado narrativo - corpus a ser analisado – se produz no espaço da linha do tempo da página inicial do perfil do usuário, ou mesmo da comunidade virtual onde esse se insere, é necessário compreender como esses espaços se delinham.

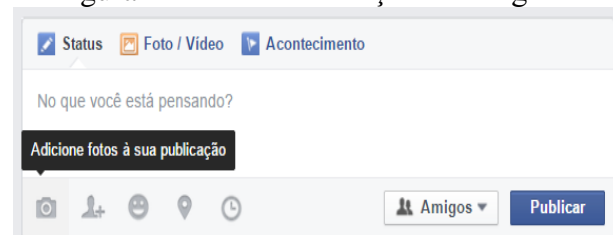
Inicialmente, ao fazer *login* no site, o usuário visualiza seu *feed* de notícias; ao clicar sobre seu nome (canto superior à direita) é direcionado à página de seu perfil onde visualiza todas as suas ações em ordem cronológica, iniciando pela mais recente. O eixo central da página inicial do perfil do usuário possibilita, além do registro verbal ao clicar no ícone *status* (figura 03), as ações de adicionar fotos à publicação (figura 04), marcar pessoas que serão notificadas da publicação (figura 05), relacionar a postagem a ações ou sentimentos (figura 06), informar sua geolocalização no momento da postagem (figura 07), relacionar acontecimentos à publicação (figura 08), definir se a publicação será pública ou restrita (figura 09).

Figura 3 – Ícone Status



Fonte: Facebook

Figura 4 – Ícone de inserção de imagens



Fonte: Facebook

Figura 5 – Ícone para marcar pessoas na publicação



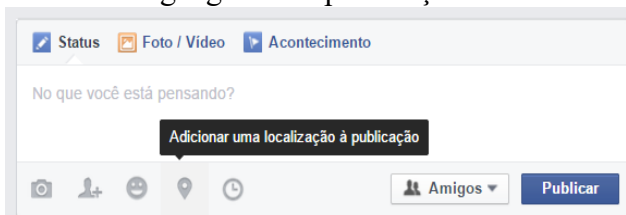
Fonte: Facebook

Figura 6 – Ícone para adicionar ações ou sentimentos à publicação



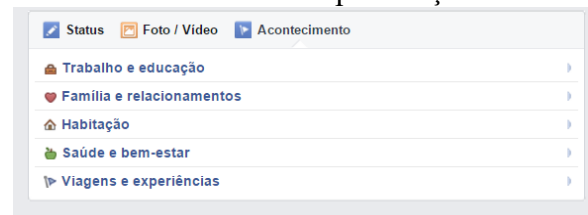
Fonte: Facebook

Figura 7 – Ícone para adicionar localização geográfica à publicação



Fonte: Facebook

Figura 8 – Ícone para adicionar acontecimento à publicação



Fonte: Facebook

Figura 9 – Ícone para definição da privacidade da publicação



Fonte: Facebook

É a configuração de privacidade definida pelo usuário que determina se a publicação ficará restrita a sua linha do tempo ou será publicada no *feed* de notícias de suas conexões. De acordo com o *site* Facebook, as histórias publicizadas no *feed* de notícias são influenciadas pelas conexões e atividades dos membros; um algoritmo do próprio site organiza – através do perfil do usuário - histórias de potenciais interesses compartilhadas pelas conexões, informando o número de comentários e curtidas que cada publicação recebeu; de forma mais concisa, é um fluxo de atualizações de conexões e páginas que o usuário acompanha,

configurando e organizando a visualização da página inicial do usuário.

Frisamos, entretanto, que é compreensível - e aceitável - que uma interface apresente determinadas delimitações, talvez geradas pelos seus objetivos de criação, – fronteiras com as quais os usuários se deparam nas situações comunicativas em que se inserem. Sempre haverá efetivamente um limite estrutural, que pode até ser rompido – modificações feitas na interface¹⁸ - a partir das necessidades advindas das interações sociais dos usuários do website produzidas em seu cotidiano, e evidenciam a forma como os sujeitos se apropriam de distintos espaços digitais para construir seus espaços de interação e diálogo. Portanto, as interfaces sejam de *websites*, *softwares* ou aplicativos utilizados em diferentes dispositivos (celulares, tablets e notebooks), agem sobre, e sofrem ação dos usuários, criam possibilidades, assim como limites, na ação de comunicar-se, estabelecer conexões e enunciar. Na sua relação com os usuários, elas não são protagonistas, ou seja, a centralidade está no sujeito de enunciação, que se apropria de recursos tecnológicos dos novos contextos sociais, que tem o ambiente digital como um espaço relacional e de convivência. As práticas sociais estabelecidas no ciberespaço sofrem efeitos e são, como afirma Recuero (2012, p. 17) “dependentes das limitações técnicas dos espaços construídos para a interação que vão se reconstruir, através da apropriação, sentidos e convenções para a conversação online”.

3.2.2 A composição do microcontexto no campo empírico

Um recurso disponibilizado pelo *site* Facebook, e muito utilizado, é o de criação de grupos – que nesse estudo são compreendidos e conceituados como comunidades virtuais¹⁹. Esses grupos são criados por um usuário ativo, e a ele são agregados outros usuários, tanto pelo seu administrador (criador do grupo) como por outros usuários a eles pertencente. A configuração de privacidade, descrição e os objetivos são publicados pelo administrador do grupo e o formato permite a criação de grupos em espaços privados que podem ser abertos (no qual qualquer pessoa tem acesso); secretos (onde somente membros podem acessar); e

¹⁸ Mudanças na *timeline* em março de 2013 que promoveu alterações na organização do conteúdo compartilhado, com a unificação do layout de todas as plataformas. Inserção em abril de 2015 opção *reply* que permite ao usuário responder diretamente a outro usuário que fez um comentário sobre determinada postagem, embora esse recurso ainda não apareça (Maio/2015) como possibilidade na *timeline* das comunidades virtuais.

¹⁹ Para Recuero “muitos autores optaram por definir as novas comunidades, surgidas no seio da CMC - **Comunicação Mediada por Computador** - por ‘comunidades virtuais’ (Rheingold, 1994 Palacios, 1998, Donath, 1999 Smith, 1999 Wellman e Gulia, 1999 Paccagnella, 1997, entre outros.)” (RECUERO, 2001, p5, grifo nosso), da mesma forma que consideramos pertinente usar a terminologia neste estudo.

fechados (que torna disponível a qualquer pessoa a visualização do grupo, mas que restringe aos membros o acesso às publicações). Um ponto importante na composição dessas comunidades virtuais no *site* Facebook é a de que os sujeitos conectados através de um grupo não necessariamente possuem laços fora desse espaço.

O eixo central da página inicial da comunidade virtual no *site* Facebook é composto por duas linhas de ícones de navegação. A primeira linha (figura 10) permite ao usuário acompanhar as postagens (ícone Discussão) da mais recente às anteriores e/ou fazer publicações, bem como os comentários e curtidas a elas relacionadas; identificar os membros integrantes (ícone Membros).

Ao conectar-se ao espaço Membros (figura 11), o usuário tem acesso à listagem com nome de todos os membros, informações sobre o administrador da comunidade virtual (geralmente o próprio criador do grupo). Pode também organizar a listagem dos membros por ordem alfabética ou por data de ingresso ao grupo (figura 11). Ainda na primeira linha de ícones estão disponibilizados os ícones: Eventos (gerenciar eventos da comunidade virtual); Fotos (figura 12), acessar e/ou publicar fotos e vídeos, criar álbum e/ou adicionar vídeo; e Arquivos: postar ou acessar arquivos (figura 13) e/ou criar um documento (figura 14).

Figura 10 – Linhas de Ícones de Navegação



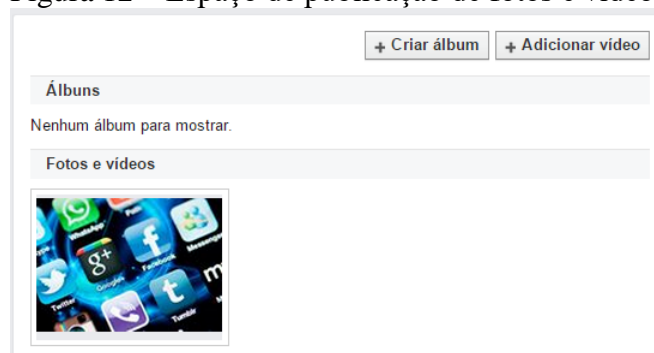
Fonte: Facebook

Figura 11 – Espaço de informações sobre os membros da comunidade virtual



Fonte: Facebook

Figura 12 – Espaço de publicação de fotos e vídeos



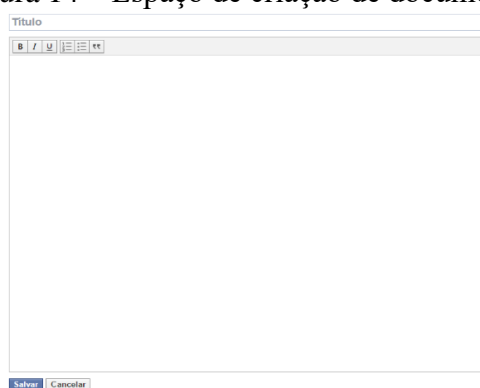
Fonte: Facebook

Figura 13 – Espaço de publicação de arquivos criação de documentos



Fonte: Facebook

Figura 14 – Espaço de criação de documentos



Fonte: Facebook

Na segunda linha existem ícones de navegação (figura 15) que possibilitam ao membro da comunidade virtual no espaço da rede social Facebook: fazer postagens²⁰; publicar fotos e/ou vídeos; produzir uma enquete; adicionar arquivo. Na publicação os mesmos recursos do perfil pessoal estão disponíveis (figura 10 à figura 14). A comunidade virtual pode ter em seu início uma publicação fixa que permite ao (s) administrador(res) produzirem um enunciado estático, disponível à leitura em cada acesso á pagina da

²⁰A postagem dentro da comunidade virtual criada no site de rede social Facebook pode ser passível de autorização para publicação ou não, dependendo das configurações definidas pelo administrador do grupo.

comunidade (essa publicação não sofre impacto da organização cronológica imposta a *timeline*).

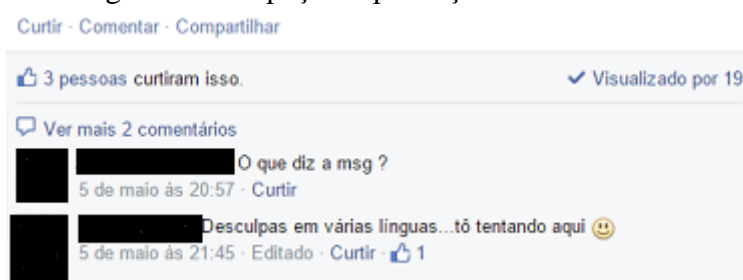
Figura 15 – Segunda linha dos ícones de navegação



Fonte: Facebook

No eixo central onde os usuários fazem suas postagens – palco central da produção de enunciados -, a interface possibilita as ações de: curtir a publicação ou os comentários a essa publicação; comentar, compartilhar e visualizar (figura 16). Ao posicionar o mouse sobre os ícones Curtidas e Visualizado, surgirá a lista dos membros da comunidade que curtiram ou que visualizaram a publicação.

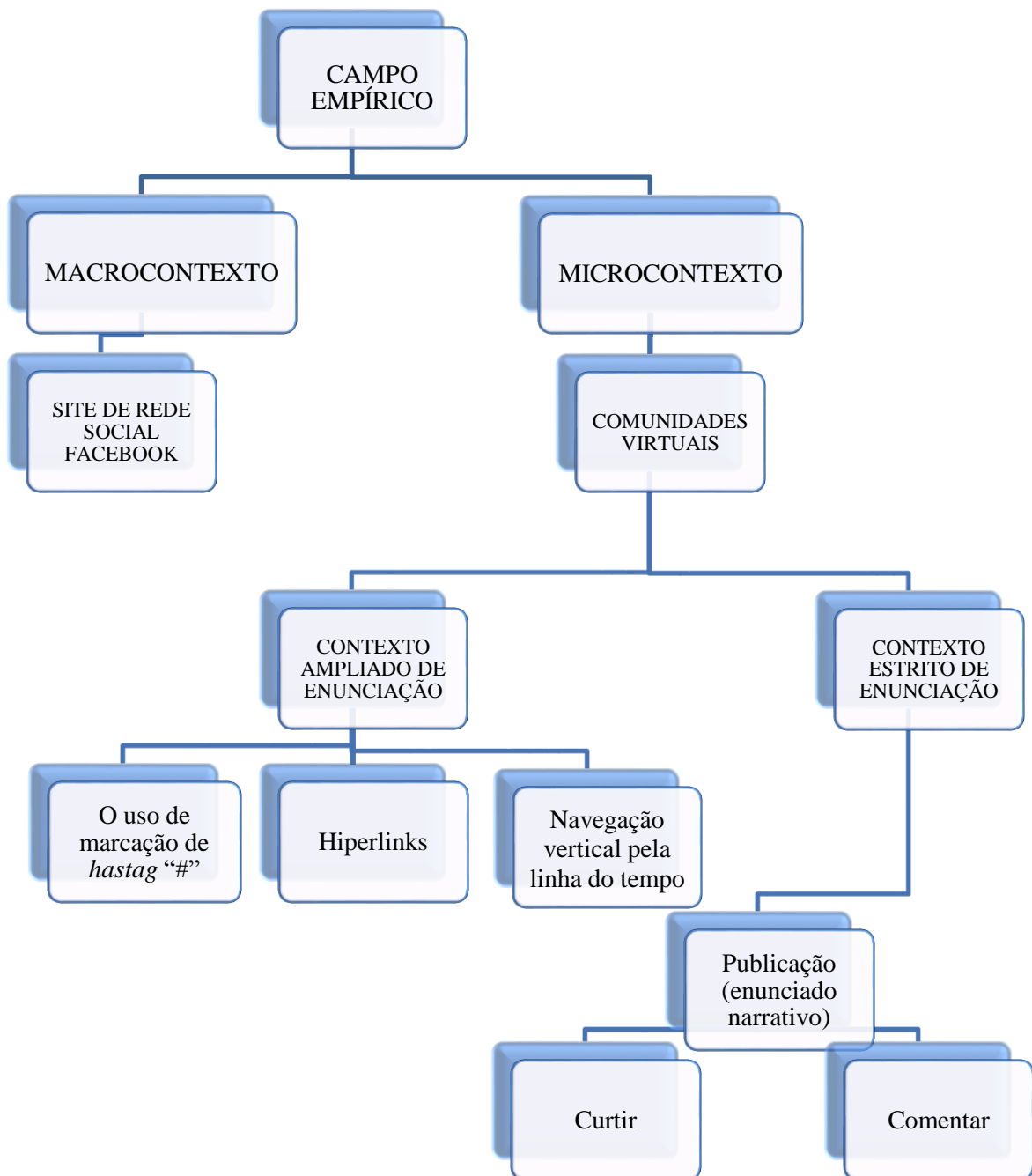
Figura 16 – Espaço de produção de enunciados



Fonte: Facebook

Discutidos os conceitos-chave para compreensão de nosso campo empírico, e delineadas as especificidades da interface onde os dados se produziram (comunidades no site de rede social Facebook), neste momento delimitamos o macrocontexto e o microcontexto de nosso escopo de investigação (figura 17).

Figura 17 – Composição do contexto do campo empírico



Sob a perspectiva dos estudos da comunicação mediada pelo computador (Recuero 2012), um dos fatores nucleares para a compreensão de como se configuram as conversações em espaços digitais - e os sentidos que produzem - é o contexto, componente fundamental na organização da conversação. De acordo com a autora “todo ator **[sujeito de enunciação]** envolvido em uma conversação precisa ser capaz de negociar, construir e recuperar o

contexto, que vai formar o pano de fundo sobre o qual as conversações acontecem.” (RECUERO, 2012, p. 98, grifo nosso). A autora adota a terminologia microcontexto e o macrocontexto para delimitar os contextos conversacionais; o primeiro refere-se ao que Recuero (2012, p. 99) denomina como “momento da interação, os sentidos negociados e delimitados ali pelas interações, os participantes e seus objetivos, o ambiente, etc”; o segundo se direciona a “todo um contexto maior, que compreende o momento e o ambiente histórico, social e cultural, as experiências dos grupos e mesmo, o histórico de interações anteriores dos participantes [...] é construído pelas referências feitas pela mensagem a informações publicadas em outros meios.” (RECUERO op cit, p. 99 e 106).

Para Amorim (2004), o contexto é o suporte de compreensão e local onde se torna identificável a presença do outro no discurso, que pode ser rastreada linguisticamente, isto é, através de formas gramaticais, ou no nível do enunciado. Boll (2013), em seus estudos sobre a produção estética juvenil em vídeos escolares no youtube, faz uso dos termos contexto estrito e contexto ampliado, ambos para delinear o cenário da produção enunciativa. O primeiro termo utilizado para caracterizar os elementos macro, composicionais e informativos, do contexto enunciativo. O segundo termo, para caracterizar os elementos micro do contexto enunciativo.

Como forma de delimitar, mesmo que superficialmente, as possibilidades e limites que produz a interface do *site* de rede social Facebook nos processos de enunciação, e identificar seu efeito na materialização do enunciar narrativo online produzido nesse espaço de conexão entre os sujeitos de enunciação, estruturamos o contexto do campo empírico em dois grupos de elementos de composição: o primeiro se relaciona ao macrocontexto e microcontexto, o segundo ao contexto ampliado e contexto estrito (Figura 17). Embora se reconheça a correlação e proximidade dos termos macrocontexto e microcontexto propostos por Recuero (2012) e contexto ampliado e contexto estrito propostos por Boll (2013), adotaremos o uso de ambas terminologias com meta de facilitar a organização das fronteiras de delimitação do campo empírico.

No macrocontexto temos o *site* Facebook que permite aos seus usuários a criação de espaços distintos, um deles é a página pessoal – obrigatória para ser membro do website - na qual são evidenciadas: conexões do sujeito com outros e a grupos, informações pessoais, fotos e vídeos compartilhados com outros atores, páginas que o usuário acompanha; seguidores que possui. O microcontexto, entendemos como o espaço constituído pelas comunidades virtuais, onde encontram-se os interlocutores da pesquisa – lugar de enunciação que carrega

especificidades próprias, o que é mais particular ao contexto, a composição do grupo.

3.2.3 Relações Observáveis no Microcontexto e Macrocontexto

As comunidades virtuais serão observadas no contexto ampliado e contexto estrito de enunciação. Como contexto ampliado será considerada a recuperação de contextos anteriores e posteriores através: do direcionamento a outras páginas por meio de hiperlinks, da navegação vertical pela linha do tempo como forma de recuperar o histórico anterior, o uso de marcação de *hashtag* “#” e marcação de conexões na publicação.

O primeiro elemento, o hiperlink, utilizado pelos usuários, direciona o leitor ao contexto ampliado, dá fluidez e marca a alinearidade do texto, pode direcionar a outras páginas de usuários que poderão dialogar com o enunciado narrativo de origem, ampliando o contexto original ou iniciar o percurso de novas enunciações. O recurso de marcação de conexões promove maior visibilidade ao enunciar narrativo online, fazendo com que ele: circule em outros espaços, deslocando-se e fazendo-se presente; confronte novos sentidos, sendo afetado por seus efeitos; e, por consequência, continuamente produza e ressignifique os processos de enunciação. O segundo elemento do contexto ampliado, a organização cronológica da linha do tempo em formato verticalizado, possibilita visualizar as postagens e interações do perfil; entretanto, se for grande a quantidade de publicação e atividades na linha do tempo do usuário, a recuperação do contexto se torna um pouco mais lenta e talvez até afetada, sendo que poderá haver a necessidade do leitor precisar usar muito a barra lateral de rolagem para acompanhar o narrar do usuário, podendo comprometer a negociação de sentidos, uma vez que o uso mais lento da barra de rolagem pode potencializar o rompimento com o contexto ampliado. O terceiro elemento, *hashtag*²¹, funciona, de acordo com Recuero (2012, p. 110), “como uma etiqueta, que classifica a mensagem dentro de macrocontextos específicos”.

Como contexto estrito das comunidades virtuais, compreende-se a publicação e os recursos utilizados na sua composição, assim como o ato de curtir e comentar após a postagem. O ato de curtir e comentar, neste estudo, serão considerados no aspecto da responsabilidade do enunciado; e a publicação, no que se refere à investigação das posições

²¹ Outro recurso da interface do *site* de rede social Facebook é a possibilidade de *emoticons* para adicionar ações ou sentimentos à publicação, esses elementos auxiliam na construção do contexto, podendo diminuir o risco de *ruidos* nos sentidos negociados no microcontexto.

sócio-enunciativas dos sujeitos de enunciação.

3.3 OS INTERLOCUTORES DA PESQUISA E A COMPOSIÇÃO DOS DADOS

O primeiro ato do pesquisador, ao iniciar uma investigação, incide sobre a delimitação da “superfície” na qual seu estudo se desenvolverá. Dessa forma, escolher criteriosamente e de forma adequada a superfície de trabalho onde a pesquisa se desenvolverá tem o potencial de possibilitar o alcance do objetivo esperado. Com este pensamento, inicio a explanação sobre o trajeto de composição dos dados analisados, que segue abordagem metodológica fundada na ARS.

Preliminarmente, uma discussão que se faz fundamental quando se adentra o campo de estudos da ciência das redes é a compreensão necessária deste conceito, bem como o conhecimento sobre sua estrutura e as relações que ela possibilita observar.

O termo rede provém do latim *retiolus* e designa um conjunto de linhas entrelaçadas (SANTANA, 2004). Usado tanto de forma coloquial como no meio acadêmico, designa, de acordo com Mercklé (2004), uma grande variedade de objetos e fenômenos ganhando dimensão de abstração que o inseriu nos mais distintos domínios. De acordo com Recuero (2009, p. 20), a “representação de rede pode ser utilizada como metáfora para diversos sistemas”. Para o National Research Council of the National Academies (NRC,2005), “a noção de uma rede deve ser abstraída das suas realidades física, biológica e social em que é experimentalmente observada [...] Por isso pode-se dizer que a rede é sempre uma representação da realidade observável, não a realidade em si.” (NRC, 2005, p. 27 e 28).

Na perspectiva de distintos teóricos, pode-se observar que a rede implica diferentes facetas:

Genericamente, pode-se definir uma rede como um conjunto de elementos que mantêm conexões uns com os outros (BRANDÃO et al., 2007)

Uma rede é composta por três elementos básicos: nós ou atores, vínculos ou relações e fluxos (VELAZQUEZ et al., 2005)




Uma rede é um conjunto de nós interconectados. Um nó é um ponto no qual uma curva apresenta uma interseção com ela mesma (CASTELLS, 1996)

Para os físicos (matemáticos), uma rede é um conjunto de itens, que chamamos de vértices (nós), com ligações entre eles, chamados de conexões (arestas) (DE CASTRO. 2007)

As redes são estruturas abertas com potencial de expandir - através das conexões integrando novos nós - de forma contínua, ilimitada, e altamente dinâmica (CASTELLS, 1999). O importante é que, independente das significações do termo, como afirma Martinho (2001), devemos voltar nossos olhos não para as coisas do mundo, mas para a ligação que as sustenta. No que tange à Ciência das Redes, consiste no estudo em configuração de rede “de fenômenos físicos, sociais e biológicos, tendo em vista a criação de modelos preditivos desses fenômenos.” (NRC, 2005 p. 29). A ciência das redes já nasce com característica transdisciplinar, portanto a compreensão da potencial contribuição para nosso estudo.

Necessário frisar que o uso da terminologia “rede”, e mesmo estudos sobre redes e redes sociais, não é novo – tampouco derivado do contexto tecnológico atual. As redes aparecem em 370 a.C. no discurso de Hipócrates (Tabela 02) transportando em sua significação a memória de sua origem orgânica; mostram-se essenciais para a compreensão das relações sociais (Moreno (1934), Milgram (1967)); e tornam-se base na criação da nova web – web semântica (Berners-Lee (2001)).

Tabela 2 – Composição cronológica de estudos sobre redes (sociais)

<p>Hipócrates</p> 	<p>370 aC</p>	<p>O conceito de rede carrega em sua significação a memória de sua origem orgânica, e próxima do imaginário do corpo (MARTELETO, 2007).</p>
<p>Matemático e físico suíço. Iniciou uma nova área da matemática, conhecida como teoria dos grafos. Essa teoria é, hoje, a base de todo o conhecimento sobre redes.</p>	<p>1736</p>	 Euler
<p>Moreno</p> 	<p>1934</p>	<p>Com seu trabalho sobre padrões de amizade, em 1934, foi o fundador da sociometria.</p> <p>Pesquisas anteriores: Almack (1922), Wellman (1926), Cheveleva-Janovskaja (1927), Bott (1928), Hubbert (1929) e Hagman (1933).</p>

<p>Introduziram o conceito de redes randômicas, a primeira proposta para o mecanismo de formação de redes.</p>	<p>1951</p>	 Solomonoff  Rapoport
<p>Erdős </p> <p>Rényi </p>	<p>1959</p>	<p>Estabeleceram a teoria randômica dos grafos. Redes de número fixo de nodos conectados por arestas aleatórias.</p>
<p>Conectividade básica de um conjunto de nós com graus variados de ligação.</p>	<p>1964</p>	 Baran
<p>Milgram </p>	<p>1967</p>	<p>6 graus de separação: distância entre duas pessoas quaisquer, conhecido como conceito de mundo pequeno.</p>
<p>Define e explora o conceito da força dos laços fracos.</p>	<p>1973</p>	 Granovetter
<p>Latour </p>	<p>1980</p>	<p>Teoria ator-rede: atores não humanos e humanos agem mutuamente, interferem e influenciam o comportamento um do outro.</p>
<p>Laço Social: conexão apresentada entre dois atores em uma rede social.</p>	<p>1992</p>	 Wasserman  Faust

<p>Burt </p>	1993	<p>Estudo sobre os buracos estruturais.</p> <p>Falhas na estrutura da rede que podem ser estrategicamente preenchidas por ligações entre um ou mais elos por forma a unir outros atores.</p>
<p>Redes de computadores como a concretização do projeto de novas maneiras da inteligência coletiva.</p>	1996	<p> Lévy</p>
<p>Strogatz </p> <p>Watts </p> <p>Castells </p>	1998	<p>Algoritmo com base em grafos aleatórios. Redes reais não são randômicas (aleatórias) (Strogatz e Watts)</p> <p>As redes são forma flexíveis e adaptáveis, formas evolutivas de desenvolvimento orgânico de ação social humana (Castells).</p>
<p>Estudos voltados ao discurso mediado por computador, redes sociais (discurso e violência simbólica) e comunidades virtuais na Internet.</p> <p>Web Semântica: rede de metadados, visa construir uma rede que, além de ligar documentos entre si, seja capaz de reconhecer o significado desses documentos e, através de um processamento via máquina, inferir novos conhecimentos.</p>	2001	<p> Recuero</p> <p> Berners-Lee</p>
<p>Barabási </p>	2002	<p>Crescimento das redes e ligação preferencial dos nós. Modelo escala livre.</p>

Na educação, estudos sobre redes não são novidades, exemplos são pesquisas desenvolvidas pelo Laboratório de Estudos em Linguagem, Interação e Cognição (LELIC/UFRGS) com grandes contribuições a área que podem ser citados:

- AXT, Margarete (2008). Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede.
- AXT, Margarete (2000). A pesquisa em rede como espaço de autoria – condições de possibilidade, intervenção e avaliação.

- AXT, Margarete; FAGUNDES, Léa da Cruz (1996). Educação à distância via Internet: buscando indicadores de qualidade para a avaliação.
- AXT, Margarete; FAGUNDES, Léa da Cruz (1992). Comunicação via Rede Telemática: a Construção de um Saber Partilhado com vistas a Mudanças na Prática Educativa.

Este último trabalho, totalmente revolucionário quando da criação de Rede Informática para Educação à Distância (EDNET) via rádio amador, no LEC/UFRGS. Portanto, esta tese, ao falar em rede não introduz propriamente uma novidade, somente tem a pretensão de atualizar os olhares sobre o discurso em rede a partir de um outro contexto, que hoje envolve as redes sociais na internet.

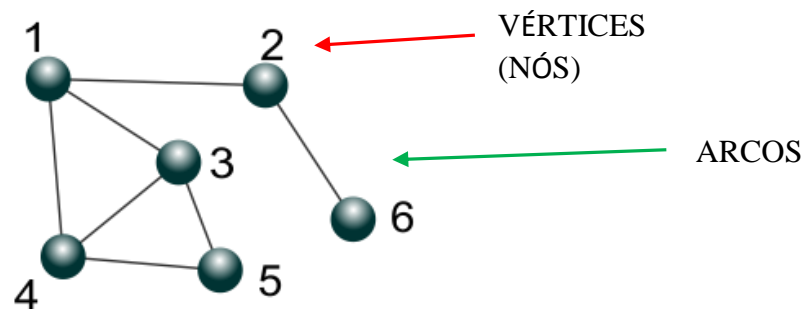
No aspecto referente ao uso da metodologia da ARS, é imprescindível conhecimento mínimo de determinado vocabulário para o estudo das redes. Dessa forma, para orientar o leitor, segue abaixo breve explanação sobre termos usados na análise de composição de uma rede.

Quadro 1 – Denominação de termos da composição de uma rede

Ator sociais	Para Matheus; Silva (2006, p. 243), um ator “ [...] é uma unidade discreta que pode ser de diferentes tipos, como uma pessoa, ou um conjunto discreto de pessoas agregados em uma unidade social coletiva, como subgrupos, organizações e outras coletividades [...] O conceito de ator é flexível, permitindo diferentes <i>níveis de agregação</i> , o que permite sua adequação a diferentes problemas de pesquisa”.
Arestas/Arcos (setas ou linhas)	A linha que liga dois vértices. Representa a conexão e relações entre os vértices.
Grafo	Um grafo é um desenho constituído de pontos, denominados vértices, e de setas, denominadas arcos, ligando alguns de seus pontos. Para Recuero (2012), grafo apresenta as relações entre elementos, representação de uma matriz onde os elementos (nós ou nodos) são apresentados como vértices e suas conexões (ou arcos) como arestas. (Figura 18)
Grau	O número de arestas conectadas a um vértice.
Relações direcionadas e não direcionada	Uma aresta é direcionada se ela roda em apenas uma direção (como uma estrada unidirecional entre dois pontos) e não direcionada se ela roda em ambas as direções. Um gráfico é direcionado se todas as suas arestas forem direcionadas. Um gráfico não direcionado pode ser representado por um direcionado com duas arestas entre cada par de vértices conectados, uma em cada direção, ou linha simples ausentes de direção (Figura 19).

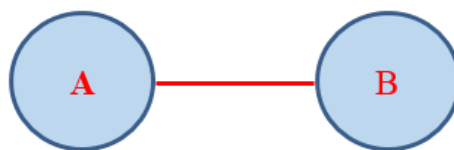
Vértices/Nós (pontos)	Geralmente, os vértices representam os atores sociais, e os arcos, as relações de interdependentes e trocas entre si. (...) as relações entre dois vértices podem ser diretas ou indiretas (LAZEGA e HIGGINS, 2014, p 39).
-----------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Figura 18 – Grafo com seis vértices e sete arcos



No espaço relacional da análise de redes podemos ter relações direcionadas ou não direcionadas. O grafo abaixo apresentado é não direcionado (Figura 19), ou seja, as conexões não são representadas por flechas que indicam a direção da ligação; e simétrico porque para cada aresta existe um correspondente reverso – a pesquisadora (A) está conectada as comunidades (B) assim como as comunidades estão conectadas a ela.

Figura 19 – Imagem representativa de grafo não direcionado da relação na Fronteira Física



Para a compreensão desta relação, serão utilizados, como subsídios pressupostos do método estrutural relacional que, de acordo com Lazega e Higgins (2014, p 5), “parte da observação das interdependências e da ausência das mesmas”, buscando representar uma estrutura e descrever os seus efeitos e, de acordo com os autores,

[...] influência desse sistema no comportamento dos membros, as variadas maneiras que empregam para gerir essas interdependências e as formas adquiridas pelos

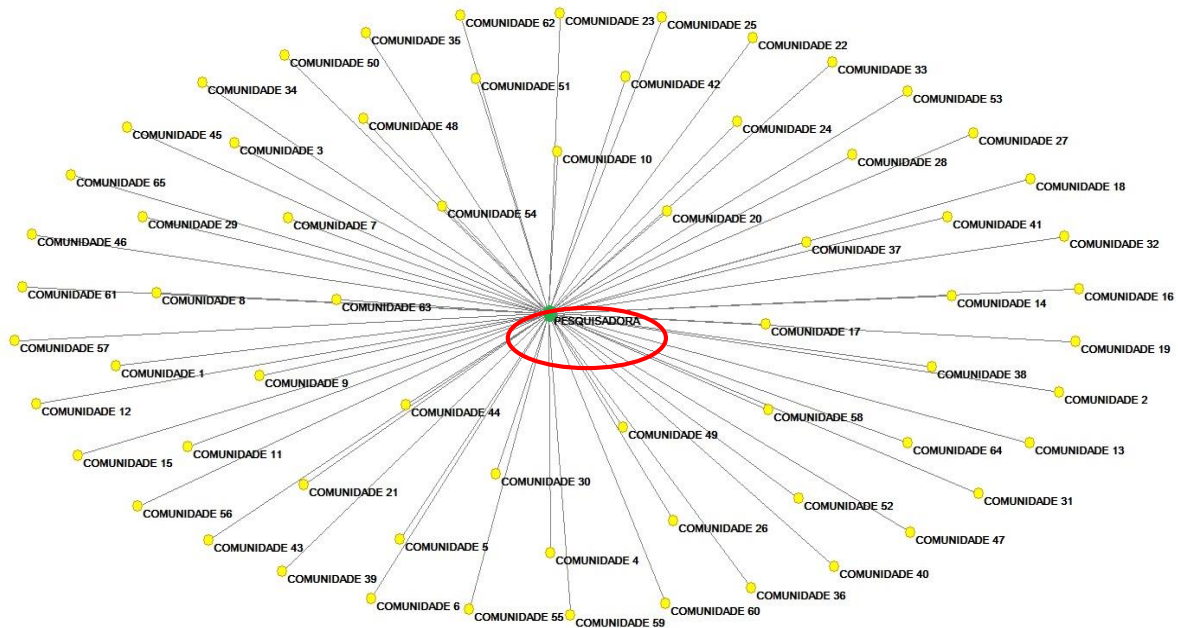
processos sociais decorrentes dessa gestão: aprendizagens, solidariedades, controles sociais, regulações, [produção de posições sócio-enunciativas](LAZEGA e HIGGINS, 2014, p 5, grifo nosso).

Ressalto que, diferentemente do uso do termo estrutura, adotado por Saussure, que se refere à língua como um sistema fechado, abstraído das relações sociais onde se produz – o que é criticado de forma contundente por Bakhtin -, a expressão estrutura neste estudo é tomado com o sentido de “representação simplificada de um sistema complexo.” (LAZEGA e HIGGINS, 2014, p. 6). Ou seja, diz respeito às relações entre os sujeitos sociais, relações que são provisórias em determinado contexto. Desse modo, a expressão estrutural utilizada por Lazega e Higgins (2014) possui aproximações com a propositura de Bakhtin (2012) para uma arquitetônica, enquanto formação de um todo integrado, a construção ou estruturação do discurso que une e integra o material, a forma, o conteúdo e representa as relações entre o sujeito ético e o mundo.

3.3.1 Composição dos dados no macrocontexto e no microcontexto

A primeira etapa do movimento ao encontro dos dados consistiu na definição das comunidades virtuais no site de rede social Facebook que integrariam esse estudo, sendo estas selecionadas com base em quatro atributos fundamentais: primeiro, que seu traçado fosse centrado a partir da conexão com a pesquisadora (Figura 20); segundo atributo, que a comunidade se constituísse como um espaço público de discussão; terceiro atributo, que os objetivos da comunidade estivessem relacionados a reflexões sobre o campo da educação e uso das tecnologias digitais; quarto, que seus integrantes fossem, em sua grande maioria, educadores – independentemente do nível de ensino em que atuassem. Salientamos que, nesta etapa, seguiu-se as orientações propostas por Fragoso, Recuero e Amaral (2012), para delimitação da rede formada pelos dados coletados, usando os graus de conexão, onde cada grau é traçado a partir de determinado ator (que pode ser uma comunidade, um sujeito de enunciação, um enunciado); e graus de separação – proposto por Stanley Milgram num estudo de 1967 – para identificação das comunidades conectadas à autora desta tese. O grau de separação é a distância entre quaisquer atores da rede social (nós da rede), essa distância é calculada em termos de arestas (conexões) (RECUERO,2014).

Figura 20 – Rede Egocentrada de Composição da Fronteira Física



Fonte: Comunidades Virtuais Públicas no Facebook (uso do software Pajek²²)

Considerando a quantidade expressiva de comunidades virtuais enquadradas nos atributos definidos, a próxima delimitação foi realizada, utilizando as etapas propostas por Fazito²³ (2002) em roteiro de aplicação prática para pesquisas de redes sociais (Quadro 02).

Quadro 2 – Percurso de composição de dados de análise

ETAPAS	DESCRIÇÃO
1. Unidades Amostrais	<p>Fronteira Física: Comunidades Virtuais do site de rede social Facebook com configuração de privacidade de formato público. Fronteira traçada a partir da conexão com a pesquisadora (Figura 20).</p> <p>Fronteira Temporal: Janeiro à Agosto de 2016.</p> <p>Construção Social: Comunidades Virtuais</p> <p>Níveis estruturais de interação: entre comunidades e objetivos temáticos de discussão, entre comunidades e educadores, entre educadores e enunciados, relações dialógicas.</p>

²² Software de código aberto, programa de possibilita visualização de grandes redes e análise, segundo medidas definidas pelo analista da rede.

²³ Roteiro de aplicação prática da ARS aos estudos de migração realizados por Fazito (2002) fundamentado nas sugestões de Knoke e Kuklinsky (1982) e Wasserman e Faust (1994).

ETAPAS	DESCRIÇÃO
2. Formas das Relações ²⁴	Métrica de Centralidade: Grau do Nó
3. Conteúdo Relacional	Educação e Tecnologias Digitais
4. Nível de Análise	Rede egocentrada ²⁵ da pesquisadora Rede de afiliação

A construção da rede de composição da fronteira física (figura 20) se estruturou com base na rede egocentrada da pesquisadora de grau de separação 01, isto é, foram consideradas somente as conexões em primeiro grau entre a pesquisadora e determinadas comunidades virtuais no site de rede social Facebook. A delimitação do grau de separação foi definida pela própria pesquisadora e a definição de que as comunidades objetos de estudos seriam somente as pertencentes à rede ego da pesquisadora, que, ao determinar a composição da rede de comunidades integrantes do estudo e a distância – em graus de separação –, estabelece os limites espaciais do campo empírico da pesquisa, necessários frente a expressiva quantidade de comunidades existentes²⁶ no *site* de rede social Facebook.

Ainda na etapa das unidades amostrais, na constituição dos níveis estruturais de interação, foram utilizados critérios de organização centrados na conexão: comunidades e objetivos temáticos de discussão (conteúdo relacional), comunidade e educadores. A necessidade de constituição dos níveis estruturais de interação se justifica por possibilitar a observação dos deslocamentos dos enunciados produzidos entre distintos espaços (comunidades) e a identificação da dinâmica que estabelece as relações dialógicas entre os mesmos. Em tal organização, primeiramente, buscou-se identificar os objetivos temáticos de discussão de cada comunidade (tabela 03) a partir dos propósitos expressos no discurso da descrição do grupo (figura 21 e figura 22). Estes espaços são usados pelo administrador, geralmente também criador do grupo, para delinear o objetivo que sustentará as discussões no

²⁴ As formas de relação dizem refere-se às propriedades – medidas descritivas de redes sociais - da relação entre dois indivíduos, no caso deste estudo são as comunidades e os atores a ela conectados.

²⁵ “As redes egocentradas representam um recorte analítico das redes pessoais dos indivíduos. O seu estudo não parte de considerações ontológicas individualistas sobre os padrões de relação, mas de uma restrição produzida pelo método das redes de sociabilidade mais amplas. Conceitualmente, portanto, redes egocentradas são redes pessoais, mas centradas no ego e com distância máxima de um passo a partir dele (MARQUES, BICHIR, 2011, p. 66)”.

²⁶ Mais de 1 bilhão de usuários em todo o mundo usam o Facebook Groups mensalmente, e há cerca de 35.000 grupos formados. Dados de 2015 fornecidos pelo próprio Facebook e o site de tecnologia **TecMundo**. **Dados disponíveis em** <http://newsroom.fb.com/products/> e <http://www.tecmundo.com.br/facebook/94824-bilhao-pessoas-participam-de-grupos-facebook.htm>.

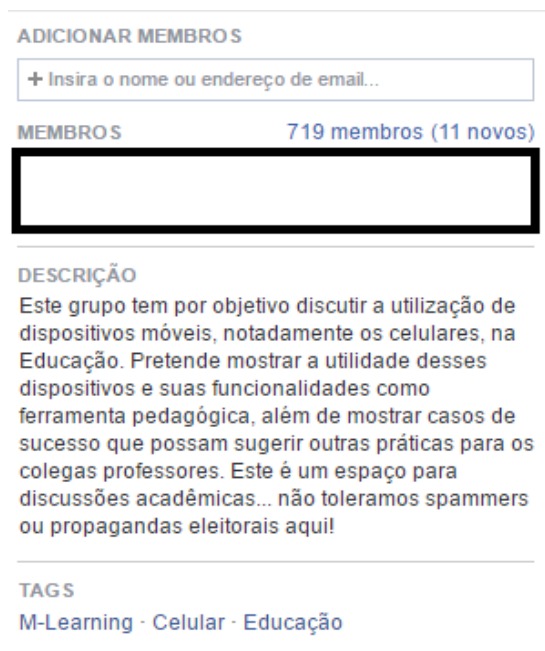
grupo, seu público-alvo (formado por sujeitos que partilham interesses comuns), assim como podem informar aos membros restrições às postagens (figura 22).

Figura 21 – Descrição do perfil da comunidade 14



Fonte: Facebook

Figura 22 – Descrição do perfil da comunidade 37



Fonte: Facebook

Posterior à caracterização dos objetivos temáticos (conteúdo relacional), foram identificadas as conexões do objetivo temático e cada comunidade e educadores integrante destas comunidades (Tabela 03), delineando a composição dos níveis estruturais de interação: entre comunidades e objetivos temáticos de discussão, entre comunidades e educadores.

Tabela 3 – Membros conectados por temática de discussão

OBJETIVOS TEMÁTICOS DE DISCUSSÃO	QUANT. COMUNIDADES CONECTADAS AO TEMA	QUANT. MEMBROS²⁷
01. Tecnologias digitais para educação (recursos tecnológicos)	09	46.426
02. Tecnologias digitais (formação docente)	03	38.868
03. Ensino a distância	11	19.737
04. Recursos educacionais abertos	02	14.872
05. Cultura digital	05	6.105
06. Redes sociais digitais	11	5.738
07. Pesquisas em tecnologias na educação	04	3.948
08. Aprendizagem aberta	01	2.289
09. Inclusão digital	05	2.223
10. Nativos digitais	03	1.824
11. Moocs	02	1.218
12. Mobilidade	02	1.185
13. Conectivismo	02	809
14. Escola aumentada	03	781
15. Robótica	02	459
15 Objetivos temáticos de discussão	65 Comunidades	146.482 educadores

Sendo que as comunidades virtuais se estabelecem em razão de interesses comuns, o que se observou foi que essas refletem o interesse temático da pesquisadora, elas estão intrinsecamente relacionadas às discussões no campo da educação e tecnologias digitais (tabela 03), e são compostas por sujeitos com estreita ligação ao tema, em geral educadores.

Avaliando a quantidade distinta da temática de discussão, bem como quantidade expressiva de comunidades e de membros a elas conectados, como é possível perceber na tabela acima, observou-se a necessidade de estabelecimento do primeiro recorte nos níveis

²⁷ Foram considerados todos os membros integrantes das comunidades, mesmo não ativos no período de coleta, por indicar potencial de discussão sobre o tema de discussão (objetivo de formação da comunidade virtual).

estruturais de interação. Para tanto foram definidos como critérios: que o objetivo temático (conteúdo relacional) da comunidade fosse estrito à discussão sobre o uso das tecnologias digitais na educação, visando compreender e/ou identificar potenciais avanços nesse movimento de inserção das tecnologias no ensino e suas possíveis implicações para a educação e formação docente – o que compreendemos ser umas das potenciais contribuições deste estudo; que, relacionado a estas comunidades, houvesse número expressivo de educadores em interação, o que, potencialmente, permitiria a coleta de um número significativo de enunciados produzidos. Dessa forma, os níveis estruturais de interação do contexto de produção enunciativa reduziram-se às nove comunidades integrantes do GCAT²⁸ 01, com um total de membros de 46.426. Neste escopo foi aplicada a fronteira temporal (tabela 04) definida para este estudo - Janeiro à Agosto de 2016 -, visando identificar os educadores em interação durante o período definido de coleta dos dados. Tal formato nos permitiu reduzir - de 65 comunidades para 9 comunidades, e de 146.482 educadores para 3.672 educadores - o corpus do estudo de forma criteriosa, ainda com dados representativos para análise.

Tabela 4 – Aplicação da fronteira temporal (janeiro a agosto de 2016)

COMUNIDADES INTEGRANTES	CV²⁹ 01	CV 02	CV 03	CV 04	CV 05	CV 06	CV 07	CV 08	CV 09	Total
Quant. de membros em interação no período.	527	105	98	329	857	269	437	645	405	3.672
Publicações	277	46	198	212	114	32	38	24	107	1.048
Comentários	87	63	25	15	25	30	02	09	101	357
Curtidas	334	131	27	415	199	87	52	36	824	2.105

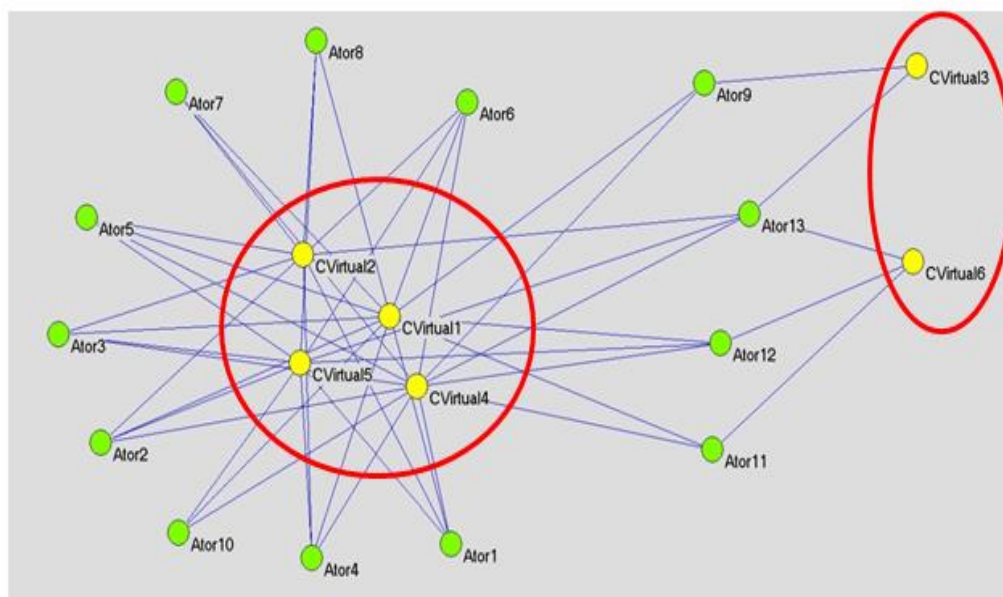
Considerando o tempo restrito para o desenvolvimento desta pesquisa, e o foco centrado nos deslocamentos dos enunciados narrativos, produzidos em mais de um espaço do contexto discursivo, realizou-se segundo recorte nos níveis estruturais de interação com base

²⁸ GCAT (Grupo de Comunidades Associadas por Temática).

²⁹ Comunidades Virtuais no *website* de rede social Facebook.

nas formas de relação: o primeiro a partir da análise da rede de conexões estabelecidas entre os educadores e as comunidades virtuais com a meta de identificar o pertencimento dos educadores a mais de uma comunidade³⁰ (Figura 23), buscando a possibilidade de observar o deslocamento nos processos de enunciação em mais de um espaço discursivo.

Figura 23 – Imagem de exemplificação de uma rede de afiliação das conexões Comunidades Virtuais e Atores Sociais



Na imagem acima, representativa de uma rede de afiliação ou rede *two modes*, os nós (pequenos círculos) retratam os componentes deste tipo de rede: atores (cor verde) e comunidades virtuais (cor amarela). As linhas que conectam os nós evidenciam as relações que se estabelecem entre os componentes da rede. Primeiramente, é observável que as relações entre os atores (ou entre as comunidades) não é direta (o círculo vermelho destaca essa separação), ou seja, os atores estão conectados através das comunidades. Por exemplo, se utilizássemos um cenário que considerasse professores e as instituições em que atuam; mesmo sem haver interação entre os professores (podem nem se conhecer), eles poderiam estar conectados, e fazer parte da mesma rede, caso integrassem as mesmas instituições.

3.3.2 Tratamento dos dados: o software Pajek

³⁰ Levantamento preliminar realizado em abril de 2015 em seis comunidades virtuais que atendem aos critérios da pesquisa constatou a presença de usuários conectados a mais de dois grupos em comum.

Como forma de constituir a rede representativa dos processos de enunciação, e analisá-las a partir do seu grau de conexão, adotou-se o software Pajek - software de código aberto - que possibilita visualização e análise de grandes redes, segundo medidas definidas pelo analista da rede; para mensuração dessas medidas, produziu-se matrizes de adjacência³¹ e sociogramas³².

Na versão utilizada (5.01), a interface do software apresenta cinco janelas principais: a primeira janela (Figura 24) permite a entrada dos dados (em arquivo formato .txt) e a aplicação das medidas (Figura 24); a segunda janela (Figura 25) possibilita a manipulação do grafo (layout do rede, definição de cores e tamanhos de arcos e edges, tamanho do formato da rede, exportação da imagem da rede em 2D ou 3D e em formato distintos (jpeg, eps/os,svg,bitmap,vos); a terceira janela (Figura 26), denominada *report*, permite acesso as informações sobre os dados e a visualização dos comandos executados (inclusive de erros de comando); a quarta janela (Figura 27) possibilita a visualização e alteração de atributos, sua localização na rede e o valor a ele relacionado; a quinta janela (Figura 28) é a tela de edição, esta tela nos permite a visualização de informações sobre em que vértice se encontram os componentes da rede de dois modos, esta tela foi utilizada durante a análise para inserção de atributos que nos permitissem a visualização de uma rede de 3 modos.

³¹ Forma de representação de um grafo; descreve a relação entre os nós da rede.

³² São grafos que “mostram a estrutura, composição e dinâmica, que são propriedades das redes sociais (...) analisadas tanto da perspectiva dos atores (a centralidade dos atores), quanto na perspectiva da rede como um todo (densidade, centralização, grupabilidade e buracos estruturais da rede) (KOEHLER, 2015, p. 144)”.

Figura 24 – Software Pajek: primeira janela

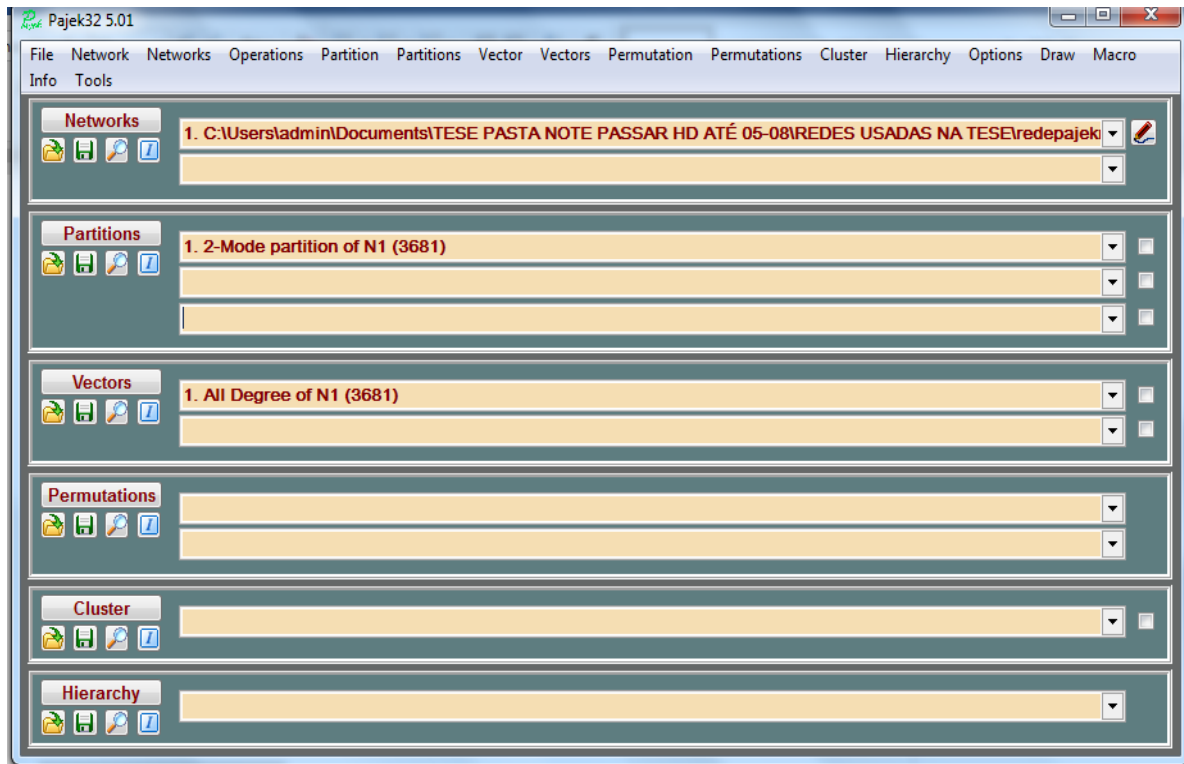


Figura 25 – Software Pajek: segunda janela

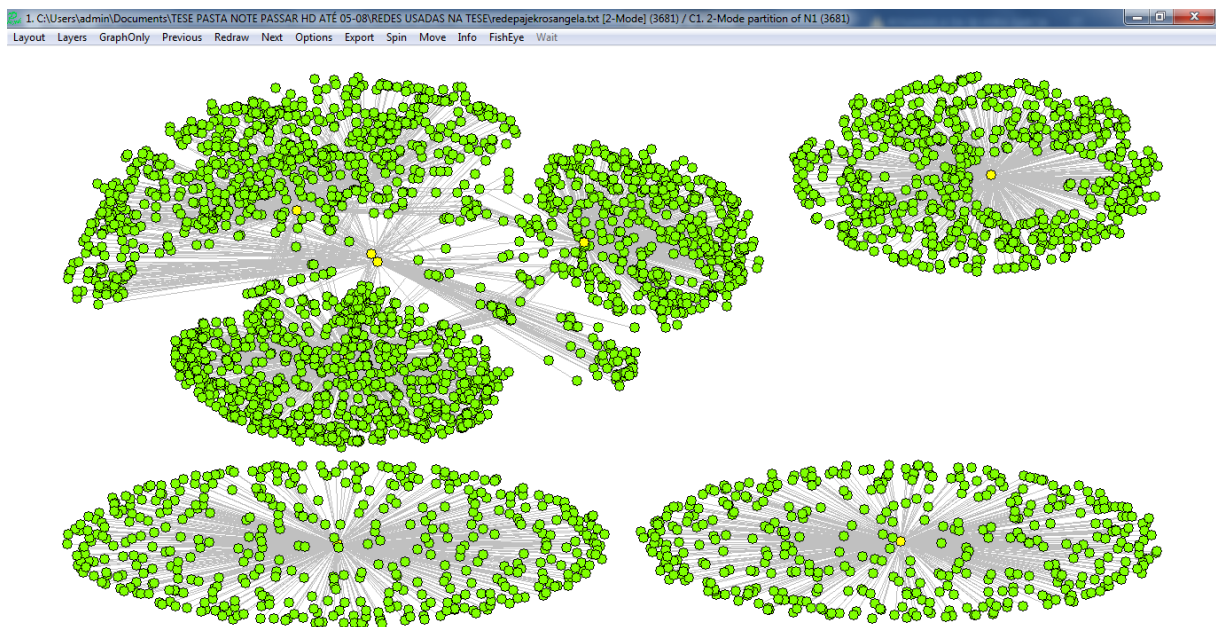


Figura 26 – Software Pajek: terceira janela

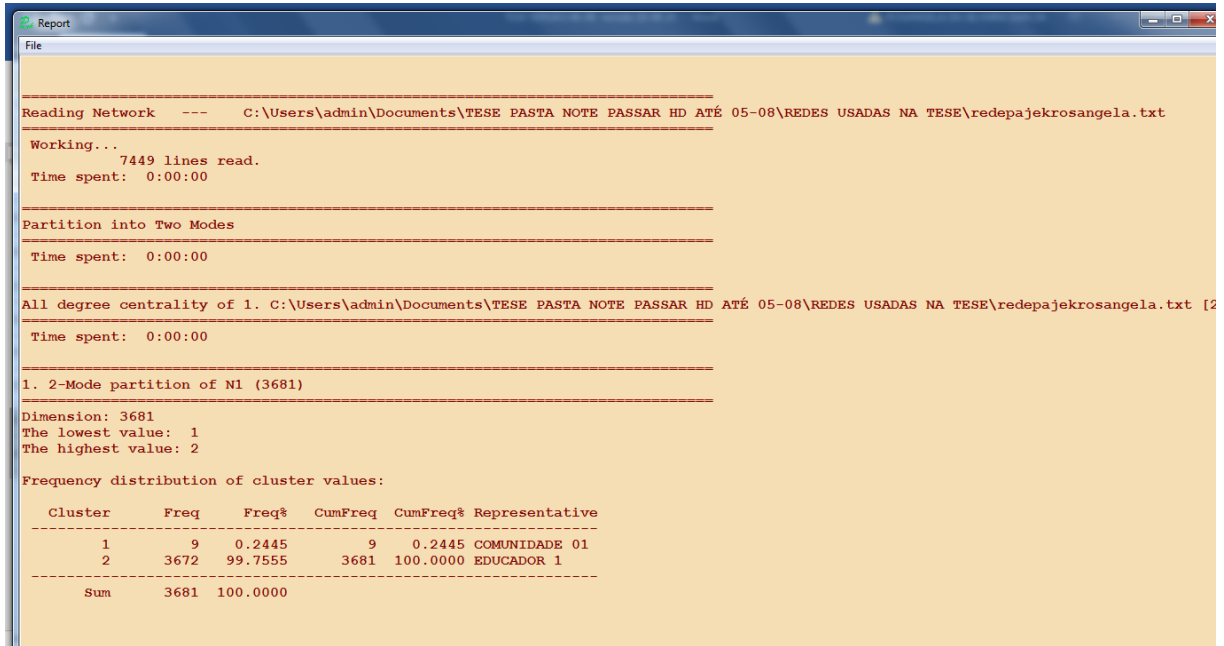


Figura 27 – Software Pajek: quarta janela

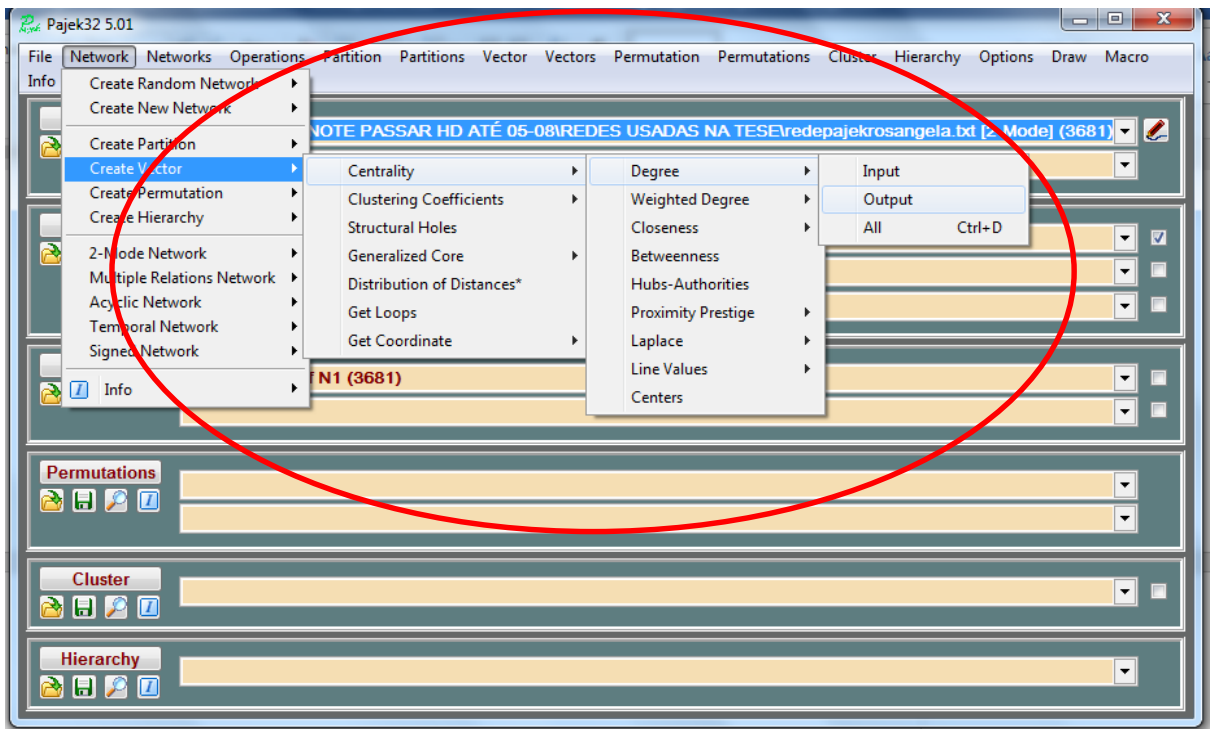


Figura 28 – Software Pajek: quinta janela

Vertex	Val	Label
1	1	COMUNIDADE 01
2	1	COMUNIDADE 02
3	1	COMUNIDADE 03
4	1	COMUNIDADE 04
5	1	COMUNIDADE 05
6	1	COMUNIDADE 06
7	1	COMUNIDADE 07
8	1	COMUNIDADE 08
9	1	COMUNIDADE 09
10	2	EDUCADOR 1
11	2	EDUCADOR 2
12	2	EDUCADOR 3
13	2	EDUCADOR 4
14	2	EDUCADOR 5
15	2	EDUCADOR 6
16	2	EDUCADOR 7
17	2	EDUCADOR 8
18	2	EDUCADOR 9
19	2	EDUCADOR 10
20	2	EDUCADOR 11

O software Pajek permite ao analista trabalhar com redes de um modo (figura 29), redes de dois modos (figura 30), ou ainda, extrair uma rede de um modo de uma rede de dois modos. Como o objetivo de nossa pesquisa se direciona à investigação de processos de enunciação - e toda enunciação advém de um enunciador -, ela se volta a observação de uma relação binária, portanto, fazendo necessária a utilização de uma rede de dois modos.

Figura 29 – Software Pajek: rede de um modo

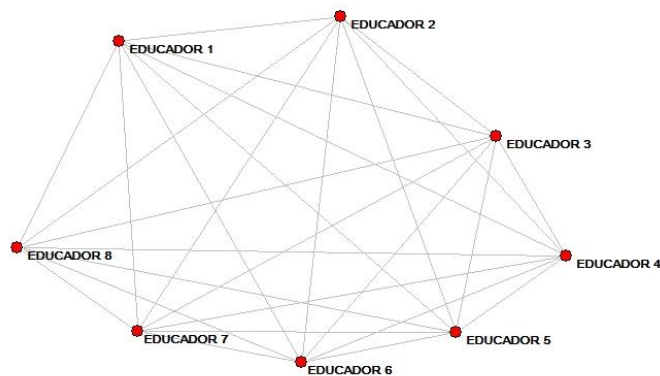
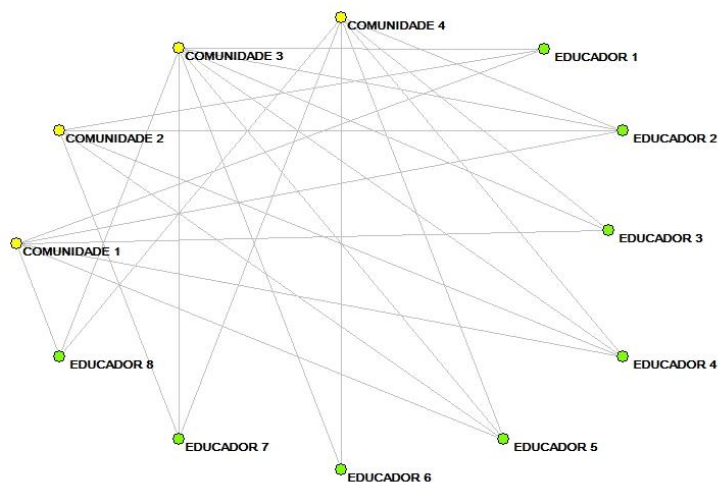


Figura 30 – Software Pajek: rede de dois modos



Considerando que as redes derivadas deste estudo são constituídas por meio de uma relação binária (Figura 30) entre elementos distintos impôs-se a necessidade de composição de uma rede *two modes* ou rede de afiliação ou bipartidas (TOMAÉL e MARTELETO, 2013). As autoras citam que no Brasil é “ incomum encontrar estudos que analisam redes de dois modos. Na literatura científica, o número de trabalhos publicados sobre redes de dois modos é cerca de 80% menor do que de um modo. ” (TOMAÉL e MARTELETO, op cit p. 246).

Redes de um modo (figura 29) representam conexões entre elementos (vértices) da mesma categoria - educadores que integram comunidades virtuais -; redes de dois modos (Figura 30) se voltam às conexões entre conjuntos distintos de categoria das entidades (educadores e comunidades) como único sistema social. A forma mais simples de sua apresentação é por meio de uma matriz de afiliação na qual cada linha indica a afiliação dos atores (educadores, enunciados) e cada coluna indica os eventos a eles conectados (comunidades, educadores). As redes de afiliação potencializam observar como atores e eventos estão relacionados entre si, que os eventos criam relações entre os atores e vice-versa (WASSERMAN e FAUST,1994).

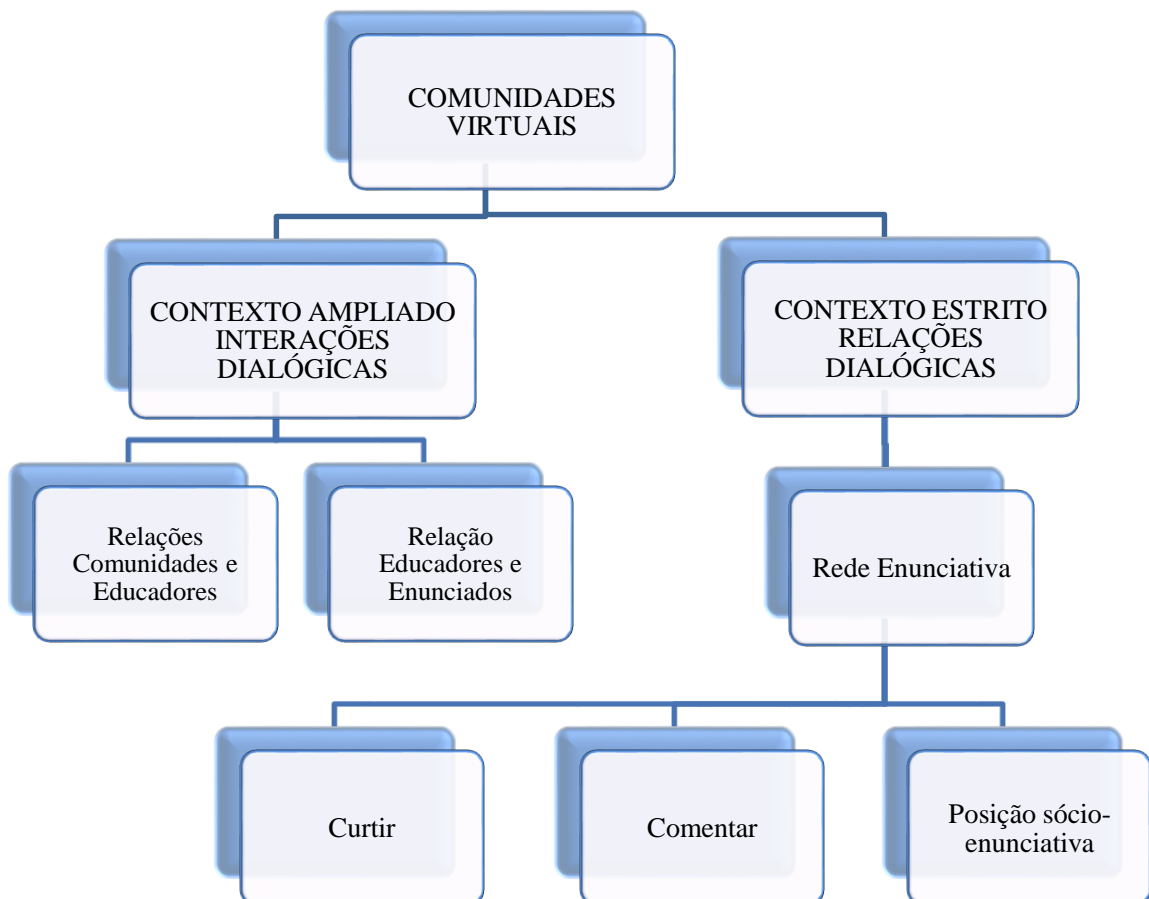
3.4 METODOLOGIA DE ANÁLISE: A COMPOSIÇÃO DAS CONTEMPLAÇÕES

Relativo aos dados analisados, estes foram resultantes das relações (Figura 31) estabelecidas entre: interações dialógicas (comunidades e educadores, educadores e enunciados), e relações dialógicas (entre enunciados), já anteriormente apontados nos níveis

estruturais de interação (Quadro 2, p. 82). As relações dialógicas consideraram as conexões responsivas dos enunciados com outros enunciados: que os antecederam e /ou os procederam e se referem aos discursos produzidos no processo de enunciação das distintas comunidades virtuais em que se inserem os educadores. As interações dialógicas consideraram as conexões formadas entre comunidades e educadores e, entre educadores e enunciados.

Na metodologia de composição dos dados analisados utilizamos os termos contextos ampliado e contexto estrito - já usados anteriormente -, agora para delimitar o campo de observações das relações dialógicas e das interações dialógicas (Figura 31).

Figura 31 – Composição do contexto da extração de dados de análise



O contexto ampliado das interações dialógicas nos permitiu investigar as comunidades com maior quantidade de educadores e educadores participantes em maior quantidade de comunidades virtuais; assim como, identificar os educadores que mais produziam enunciados

e os espaços onde estes enunciados circularam.

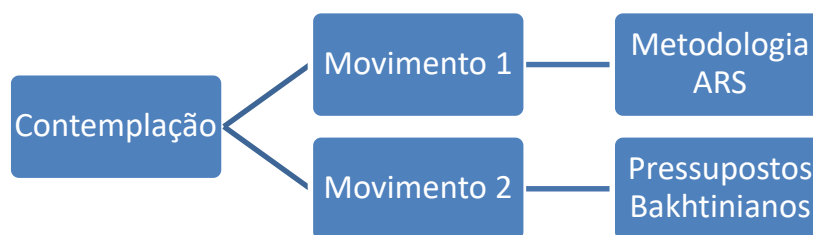
O contexto estrito possibilitou materializar a rede enunciativa formada pelas relações dialógicas, investigar aspectos da responsabilidade aos enunciados e identificar as posições sócio-enunciativas e o si discursivos emergentes dos processos de enunciação.

Como métrica, aplicada à rede enunciativa formada, utilizou-se a mensuração do grau de centralidade visando identificar os educadores mais conectados a determinadas comunidades; e determinar os enunciados mais conectados a determinados educadores e a determinadas comunidades em uma rede. A centralidade, de acordo com Recuero (2014), é uma das medidas mais importantes em ARS e determina a medida de posição do nó³³ (educadores e comunidades; educadores e enunciados) na rede, evidenciando o número de conexões estabelecidas; quanto mais conexões determinado nó apresentar, mais central ele é na rede (SCOTT, 2004). A centralidade pode ser mensurada: pela centralidade de grau do nó (número de conexões que este possui na rede); pelo grau de intermediação; pelo grau de proximidade; pela Centralidade Eigenvector e PageRank que medem a influência de determinado nó (RECUERO, op cit). A autora cita que há várias maneiras de observar a centralidade, sendo o grau do nó

a primeira e mais simples medida. Ela representa o número de conexões que um determinado nó possui. Quanto mais conexões, mais central o nó é para a rede. Um grafo direcionado tem dois graus: o indegree que representa a quantidade de conexões que um determinado nó recebe e o outdegree que representa a quantidade de conexões que o nó faz. O grafo não direcionado (**caso deste estudo**), por outro lado, tem apenas um grau, que é o número de conexões (RECUERO, 2014, p. 8, grifo nosso).

Entretanto, mais importante que organizar e mapear os dados, ressalto que é a análise interpretativa dos dados de pesquisa, feita a partir do lugar sócio-histórico no qual se situam pesquisador e interlocutor pesquisado, que o valor de uma pesquisa realmente se centra. Na etapa posterior ao mapeamento e organização, o diálogo com os dados se organizou no que denominamos contemplações.

³³ Recuero (2014) designa como nós da rede o que LAZEGA e HIGGINS (2014) denominam vértice.



Ao longo do capítulo de análise serão compostas 5 contemplações, cada uma contemplando 2 movimentos. O primeiro movimento tem como objetivo apresentação da análise nos dados com base na metodologia da ARS; o segundo movimento busca estabelecer diálogo com a análise do primeiro movimento a partir de pressupostos bakhtinianos.

Assumiu-se como diretriz deste percurso: pressupostos bakhtinianos para o estabelecimento do diálogo com o horizonte de pesquisa em construção e com os dados de pesquisa; e diretrizes da ARS– enquanto potencial indicador da organização das comunidades, das relações entre os educadores e as comunidades que integram e das relações dialógicas, deslocamentos, encadeamentos e rupturas nos enunciados produzidos no contexto digital.

Nota da autora sobre a composição dos dados.

Na investigação sobre os processos de enunciação, e pela rede tecida pelo enunciar narrativo no espaço de comunidades virtuais em um site de rede social, foi possível identificar - ao longo de anteriores etapas de análise - a necessidade de voltar a reflexão ao contexto onde este enunciar se produzia, bem como a de ampliar o período de coleta de dados. A primeira, derivada do diálogo “plástico” com os dados, resultante da imprescindibilidade de ampliar a compreensão sobre o contexto no qual os enunciados se constituíam; a segunda, derivada da identificação de que os dados extraídos eram insuficientes para atingir os objetivos de pesquisa, em razão de restringirem a observação dos deslocamentos discursivos que se produziam, e do panorama diminuto do cenário da produção enunciativa.

Como resolução buscou-se, concomitantemente, a reorganização dos dados a partir da ampliação do intervalo de extração dos dados – antes compreendendo o período de março de 2016 a julho de 2016, posteriormente delimitado ao período de 01 janeiro de 2016 a 31 de agosto do mesmo ano -, assim como identificar as interações entre os membros das comunidades e as relações dialógicas estabelecidas no processo de enunciação, ação que se justifica pela indissociabilidade da relação entre contextos históricos e sociais e práticas discursivas.

Considero importante essa nota ao leitor por acreditar que, não só os acertos devem estar presentes no texto acadêmico, mas também todos os erros e/ou tentativas frustradas que ocorrem durante o processo de investigação, porque são eles responsáveis pelo nosso crescimento. Defendo que, durante o desenvolvimento de uma pesquisa, temos que estar cientes de que, em alguns – quem sabe em muitos – momentos, nos depararemos com alguns problemas e que uma postura reflexiva sobre aspectos teóricos e/ou metodológicos pode ser assumida em razão de responsabilidade que assumimos enquanto pesquisadores.

4. MOVIMENTO DE ABAS: CONTEMPLAÇÕES

Em primeiro lugar, construo meu eu para o outro. No Facebook não há autismo: um perfil sem amigos seria invisível.

Em segundo lugar, para ser eu, também tenho que ser outro: comento para que me comentem, olho para que me olhem.

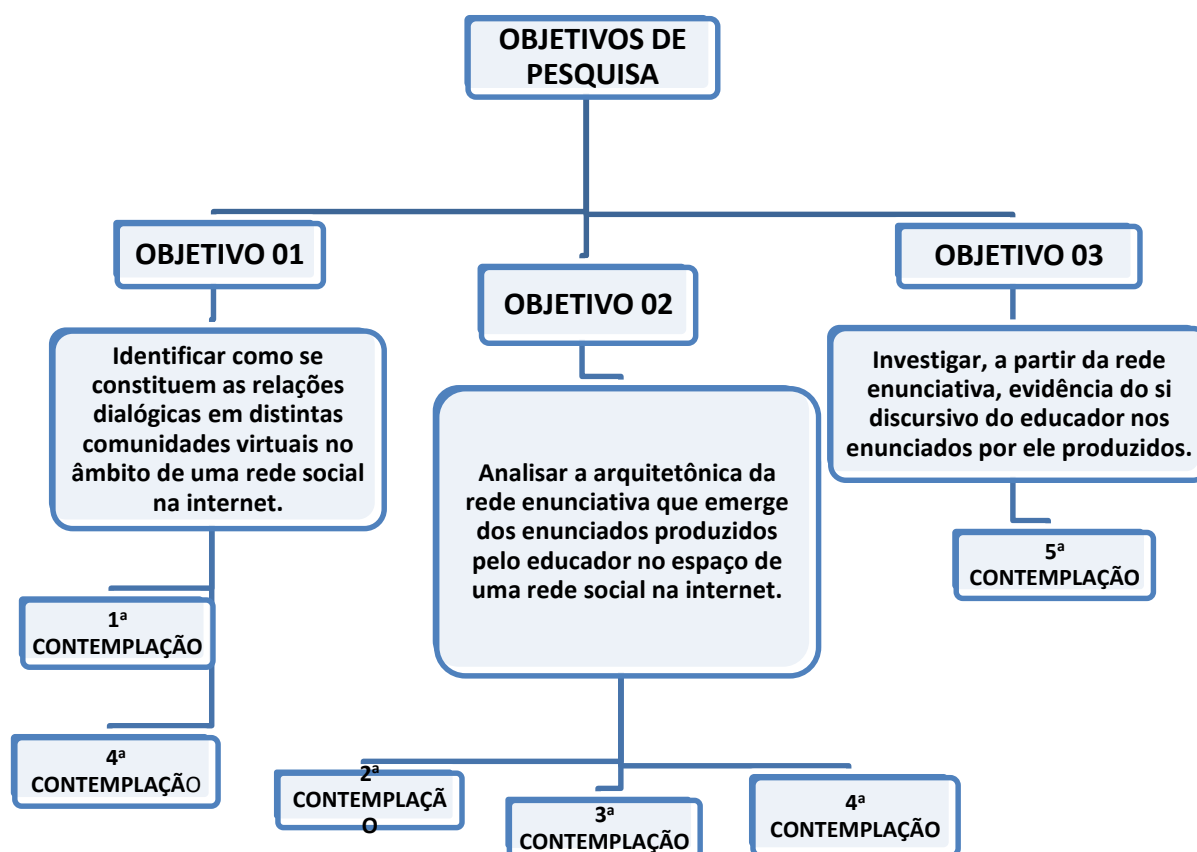
Em terceiro lugar, o outro constrói meu eu: comenta no meu mural, etiqueta-me em fotos, posta fotos no meu perfil, elege, ou não, mostrar-me e mostrar-se, mostrando-me. (SUED, 2010, p. 63).

Sendo nosso propósito de investigação voltado à enunciação em comunidades virtuais de caráter público, no *site* de rede social Facebook, compostas por educadores, para discussão de temáticas relacionadas a tecnologias e educação, consideramos importante - preliminar à análise desenvolvida - retomar os questionamentos que conduziram nossa investigação.

Os processos de enunciação afetariam ou seriam afetados pelo contexto formado por comunidades de educadores em sites de redes social?

Como estes educadores se constituem discursivamente no espaço digital?

Reapresentados os questionamentos da pesquisa, retomamos os objetivos propostos nesta investigação e que, de forma a qualificar o percurso de leitura, serão entrelaçados aos movimentos de contemplação do percurso de análise. O fluxograma abaixo informa ao leitor em quais contemplações os objetivos estarão sendo discutidos. Ressalta-se a alinearidade da discussão dos objetivos e sua ocasional presença em mais de uma contemplação.



Iniciamos, neste momento, este percurso de caráter reflexivo-analítico que denominamos CONTEMPLAÇÃO. Contemplação, aqui assumida não como algo estático, mas como movimento dialógico na busca de potenciais sentidos emergentes das relações dialógicas, que do meu horizonte estabeleço, com outras vozes - da teoria que me embasa, dos enunciados produzidos pelos docentes, pelo diálogo com as teorias. A contemplação estética dialógica permite o afastamento necessário – exotópico - que me possibilita abranger, de forma mais ampla, meu objeto estético, ao mesmo tempo que permite o acabamento provisório deste objeto. Como afirma Bakhtin, contemplação é “efetiva exotopia ativa do contemplador com relação ao objeto estético contemplado [...]” (BAKHTIN, 2012, p. 140-141).

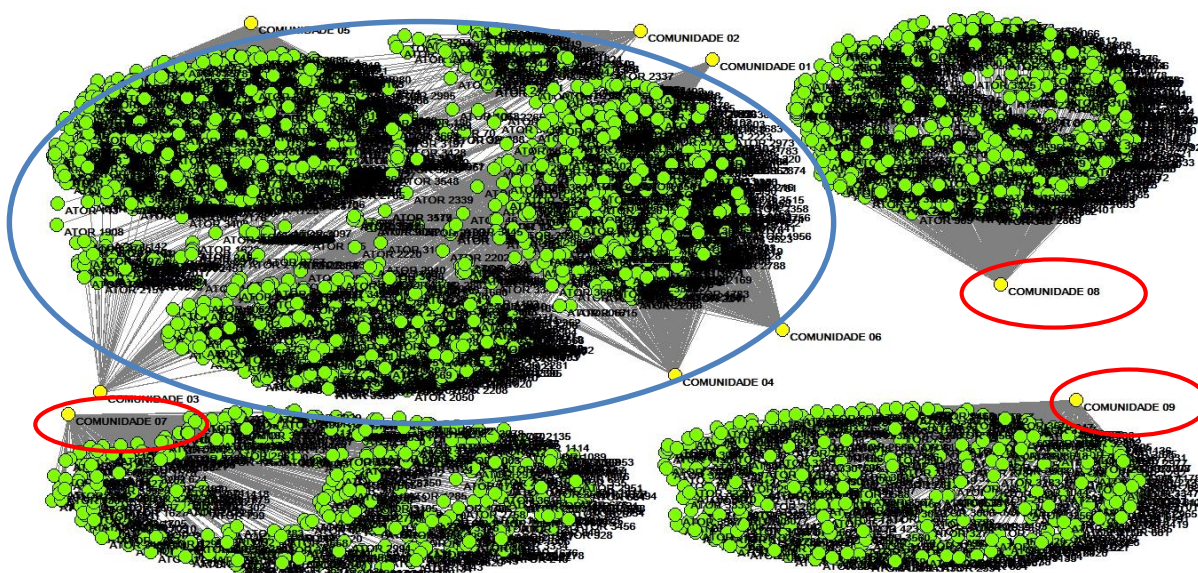
Considero que, na contemplação do objeto estético, assumo uma posição espacial abstrata – entre abas - enquanto sujeito estético que não é mais a posição de quem participa do evento (sujeito ético). É somente enquanto sujeito estético (Velázquez, retratando a si mesmo no ato de pintar, por exemplo) que percebo a arquitetura do mundo real porque estou fora dela. Contemplação criadora, contemplação amorosa (AXT, 2011) que me possibilita a percepção do mundo estético de meu horizonte visível, para prover-lhe acabamento

provisório, um acabamento que é de ordem estética, que engloba sua singularidade. Contemplação que em seu percurso, teórica e metodologicamente, conta com aporte dos pressupostos bakhtinianos para o diálogo com os dados, e com metodologia da ARS para composição da arquitetônica da rede enunciativa, da observação das relações dialógicas e das interações dialógicas.

4.1 PRIMEIRA CONTEMPLAÇÃO: NOVAS FRONTEIRAS DO HORIZONTE DE PESQUISA

A **primeira contemplação** abarca as fronteiras³⁴ que estabelecem o horizonte de investigação. Como observado, durante o período delimitado pela fronteira temporal (Tabela 04, p.87), 3.672 educadores efetivamente participaram de momentos de interação nas comunidades que fazem parte do corpus da pesquisa. Como forma de evidenciar as conexões estabelecidas entre os educadores e as comunidades elaborou-se um primeiro mapeamento desta rede (Grafo 01). Tal necessidade se deve ao fato de que durante a composição da rede das conexões entre comunidades e educadores observou-se que algumas comunidades não mantinham ligação ao cluster mais denso (Grafo 01, circulado em azul).

Grafo 1 – Rede Conexões Comunidades Virtuais e Educadores³⁵



³⁴ Fronteiras aqui tomadas como linha divisória, mesmo que simbólica, dos espaços discursivos.

³⁵ Os grafos apresentados no corpo do texto desta tese estarão disponíveis em versão ampliada como anexo.

No grafo acima, representativo da rede formada pelas conexões entre comunidades virtuais (nós de cor amarela) e educadores (nós de cor verde), observa-se que as comunidades 07, 08 e 09 (circuladas em vermelho) não possuem conexão com as comunidades 01,02,03,04,05 e 06 (circuladas em azul), o que evidencia que não integram as comunidades 07,08 e 09 educadores presentes no cluster mais denso formado pelas comunidades 01,02,03,04,05,06, ou seja, não há conexão observável entre elas.

Este primeiro mapeamento (Grafo 01) possibilitou observar que as conexões entre comunidades e educadores se organizaram em quatro grandes grupamentos (clusters): o primeiro formado pelas comunidades 01,02,03,04,05 e 06 (circulado em azul), o segundo, na parte superior à direita do grafo, formado pela comunidade 09 (circulada de vermelho); o terceiro, na parte inferior e direito do grafo, formado pela comunidade 08 (circulada em vermelho); o quarto, localizado na parte inferior do grafo à esquerda, formado pela comunidade 07 (circulada em vermelho). Tal mapeamento, evidenciou que nem todos educadores compartilham comunidades em comum e que algumas comunidades não fazem parte do cluster mais denso que se formou na rede (o primeiro cluster).

Compreendendo que o processo de enunciação ocorre de forma mais integrada em redes mais densas, em razão de serem mais conectadas - o que faz com que os enunciados sejam produzidos e compartilhados mais rapidamente entre os espaços (distintas comunidades) e os atores (educadores) -, o próximo mapeamento visou observar as conexões das comunidades entre si (Grafo 02), convertendo a rede de afiliação (dois modos) para uma rede de um modo.

Grafo 2 – Rede Conexões Comunidades Virtuais



Tendo a rede de conexões entre comunidades (Grafo 02) também evidenciado que as comunidades 07, 08 e 09 não mantinham relações com o cluster mais denso formado pelas outras comunidades, e tendo em vista nossa meta de pesquisa, a delimitação final do corpus de pesquisa excluiu de sua composição os grupamentos sem conexões, ou seja, clusters formados pelas comunidades 07, 08 e 09 (Grafo 02), sendo desta forma, tomado como corpus das próximas etapas de análise os enunciados produzidos nas comunidades 01 à 06 (Grafos 03 e 03a, p. 105-106), posteriormente denominado como rede enunciativa.

Sobre as fronteiras do horizonte de pesquisa, algumas reflexões necessitam ser realizadas. Dois pontos são de importante discussão: como se estabelecem as interações dialógicas em rede, e como os percursos destas interações vão sendo instaurados.

As interações dialógicas no *site* Facebook organizam-se em torno das conexões do eu-ético (sujeito de enunciação) a outros sujeitos de enunciação inseridos na composição da interação eu-amigos ou interação eu-comunidade. A composição eu-amigos se estabelece, em grande parte, pelas interações diretas sujeito-sujeito; já a composição eu-comunidade se configura na relação sujeito-sujeitos.

As interações dialógicas observadas neste estudo seguiram o seguinte percurso de composição em rede:

- 1) As conexões estabelecidas são estruturadas em virtude da interface do *site* Facebook, onde o ato de aceite de conexão (amizade) permite que se instaure uma relação em formato de bidirecionalidade.

- 2) A tessitura da rede se inicia através das relações entre o eu-ético (conectado a outrem) e o eu-estético (pesquisadora). Portanto, a composição mais coerente de recorte do campo empírico é a de que o horizonte de investigação seja determinado pela conexão entre o perfil da pesquisadora no Facebook e as comunidades que integra (Figura 20, p.86). Este horizonte é assim formado porque sua composição somente é possível porque as comunidades só são visíveis a mim no momento que também sou visível a elas.
- 3) O crescimento e ramificação da rede vai se estabelecendo através das conexões entre os sujeitos de enunciação e entre eles e determinadas comunidades virtuais.

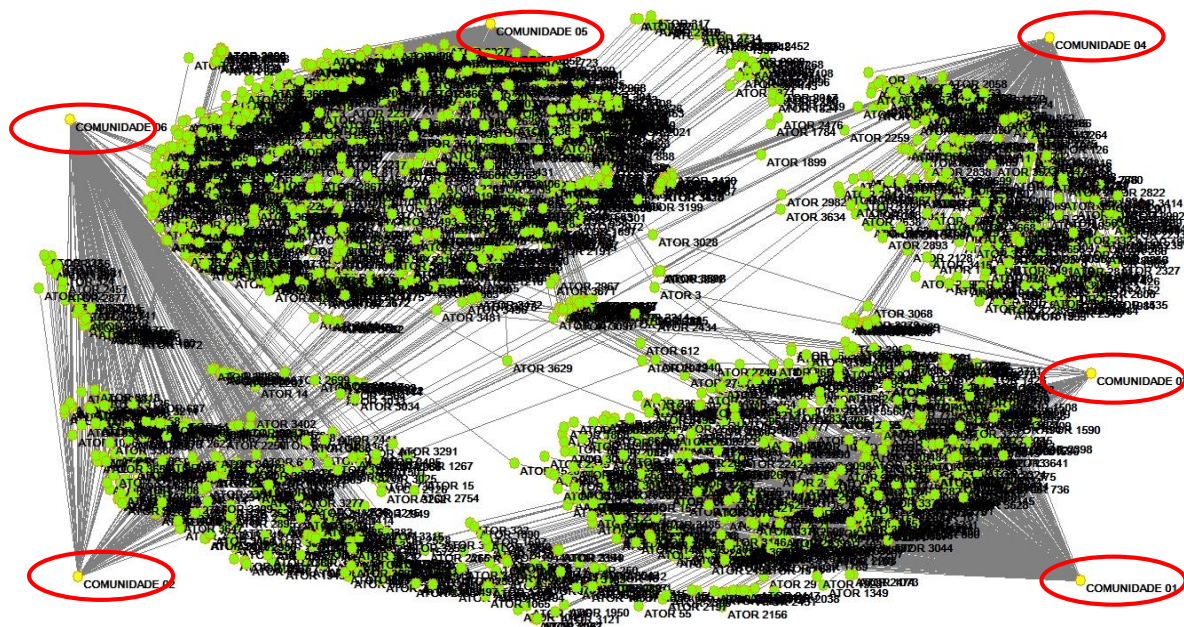
Um aspecto de destaque é o de que a rede não vai se tecendo de forma homogênea, nem todos sujeitos de enunciação que integram uma comunidade estão conectados em rede pelos seus perfis pessoais, assim como observou-se que nem todas as comunidades que fazem parte deste estudo estão conectadas, ou seja, o que une as comunidades são os sujeitos de enunciação.

4.2 SEGUNDA CONTEMPLAÇÃO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES EDUCADOR-COMUNIDADE

Um dos maiores desafios deste estudo, senão o maior, foi a construção de um percurso objetivando a análise dos enunciados produzidos pelos educadores em comunidades virtuais, principalmente com a quantidade massiva de dados emergentes da coleta (Tabela 03, p. 85). O trajeto de análise, neste momento, tem como objetivo a composição da rede enunciativa a partir das relações educador-comunidade.

Esta etapa de análise convergiu à cartografia da trama enunciativa do corpus da pesquisa, já previamente delineado anteriormente. Inicialmente, realizou-se o mapeamento das conexões entre os educadores e as comunidades (Grafo 03 e Grafo 03a) – agora restrita a 06 comunidades. Esta ação nos possibilitou identificar: que conexões entre as comunidades que formam a rede enunciativa do corpus de pesquisa, sustentam-se através da interação entre educadores; que os educadores interagem em mais de um grupo concomitantemente; que algumas comunidades integram um grupo mais interligado de educadores.

Grafo 3 – Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa



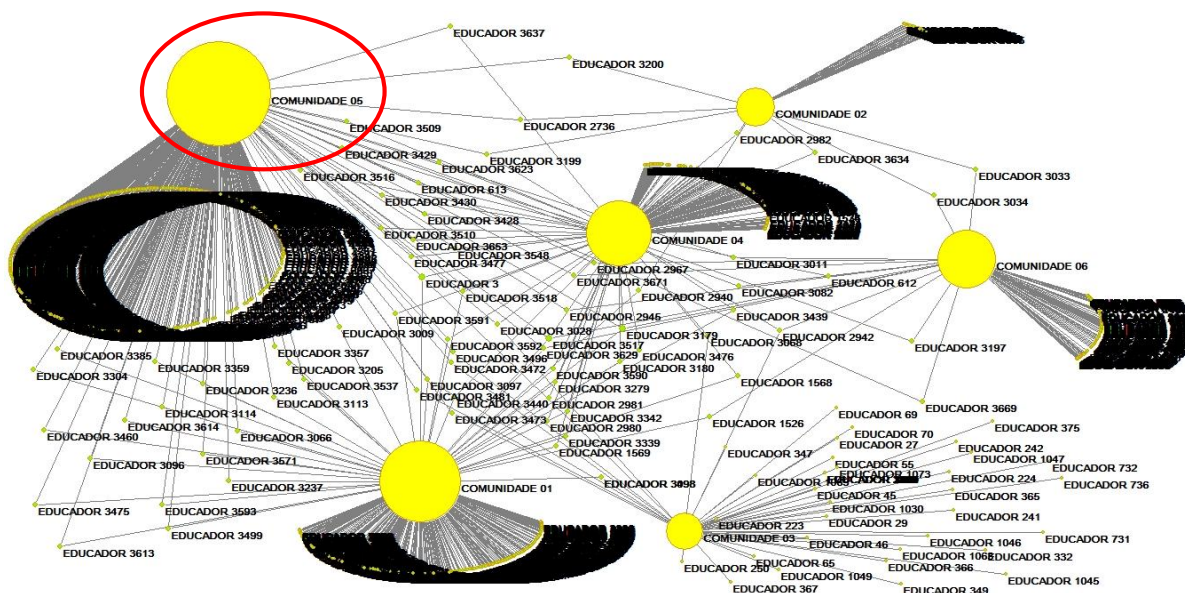
O grafo acima, representativo da rede enunciativa formada pelas conexões entre comunidades virtuais (nós de cor amarela) e educadores (nós de cor verde) do primeiro cluster do Grafo 01 (comunidades 01 à 06 circuladas em vermelho), já nos possibilita observar a dinâmica das relações que vão sendo estabelecidas entre os educadores e as comunidades que integram. Esse novo recorte amplia a visualização da rede, permitindo inferir que, aparentemente: a comunidade 05 (no centro superior) possui mais educadores conectados, e há um número expressivo de educadores que pertence a mais de uma comunidade. Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 03, o Grafo 03a sem as legendas que identificam os educadores e as comunidades (comunidades 01 à 06 circuladas em vermelho).

Grafo 3a – Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa (só grafo)



Visando aprofundar o panorama formado e ampliar o cenário onde as relações dialógicas se produzem, aplicou-se a métrica de centralidade da rede enunciativa formada (Grafo 04 e Grafo 04a).

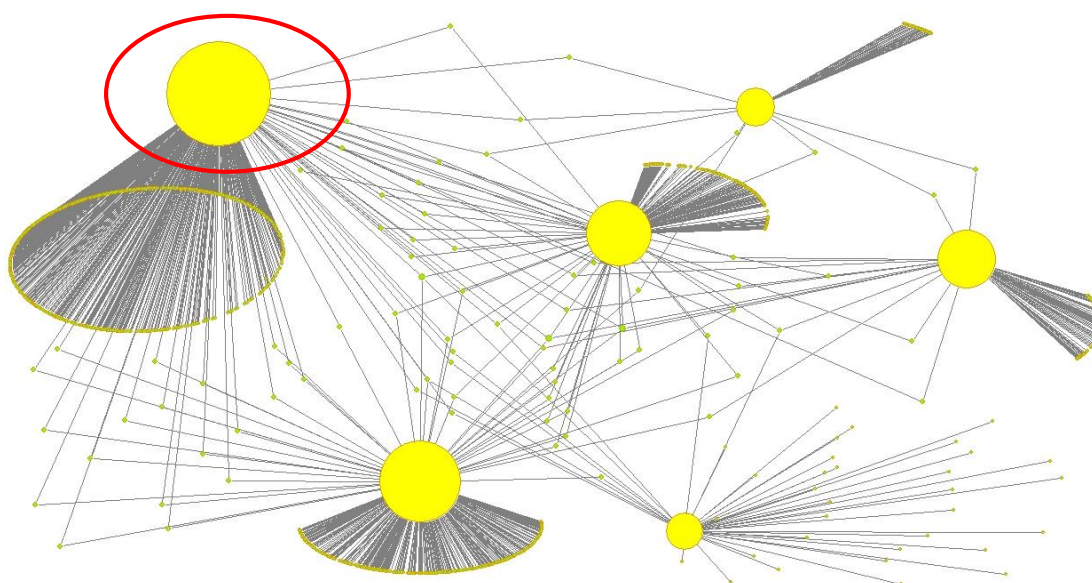
Grafo 4 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade



O Grafo 04, representativo da aplicação da métrica de centralidade no cluster 01, é formado pelas conexões entre comunidades virtuais (nós de cor amarela) e educadores (nós de

cor verde) do primeiro cluster do Grafo 01 (comunidades 01 à 06). A aplicação da métrica de centralidade nos permite visualizar na rede as comunidades com maior quantidade de educadores conectados, sendo a comunidade 05 (circulada em vermelho) a comunidade com maior centralidade na rede. Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 04, o Grafo 04a sem as legendas que identificam os educadores e as comunidades.

Grafo 4a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade - só grafo



Complementar aos dados evidenciados pelo Grafo 04, apresentamos a tabela 05 - extraída do software Pajek - que quantifica as conexões formadas entre as comunidades e os educadores, e que comprovam que a comunidade 05 (destaque em amarelo na tabela) situa-se como a comunidade com maior quantidade de educadores conectados.

Tabela 5 – Taxa de participação das comunidades nas conexões

Vértices	Conexões formadas	Percentual de participação no total das conexões
Comunidade 1	540	24,00 %
Comunidade 2	121	5,34%
Comunidade 3	109	4,81%
Comunidade 4	339	15,03%

Comunidade 5	866	38,40 %
Comunidade 6	280	12,42%

Referente a medida aplicada no Grafo 04, como afirmado anteriormente, a métrica de centralidade fornece indícios das comunidades com maior grau de centralidade do corpus de pesquisa, portanto potencialmente mais atrativas e que mobilizam mais os educadores à interação. De acordo com Marteleto (2001, p. 5), “a centralidade de um ator significa a identificação da posição em que se encontra em relação às trocas e à comunicação na rede”. Conseqüentemente, indica que quanto maior o grau de centralidade de uma comunidade, mais educadores dela participam e maior seu percentual de efeitos na rede enunciativa como todo, possibilitando que enunciados nela produzidos circulem mais facilmente em outras redes.

Neste estudo identificou-se que a Comunidade 05 (Grafo 04) assume o ponto mais central na rede enunciativa e com maior percentual de participação (38%) de seus integrantes na rede (Tabela 05); sendo, portanto, a mais atrativa dentro da rede estabelecida, o que pode indicar que os enunciados produzidos em seu contexto - e afetados por sua ideologia - possivelmente têm o poder de influenciar as discussões em outras comunidades, bem como as opiniões dos educadores desta rede podem influir na de educadores que integram outras comunidades. O Grafo 04 também nos permite identificar, de maneira mais clara, os educadores que circulam em mais de um espaço da rede enunciativa, ponto importante quando se tem como objetivo observar a produção dos enunciados destes educadores.

É fato que as conexões entre os educadores e as comunidades virtuais do Facebook se formam por meio de indicações de amigos; de indicações do próprio site mediante aplicação de algoritmo³⁶ que filtra os potenciais interesses de seus usuários; ou de buscas por grupo – disponibilizado este ano pelo site - que organiza as comunidades por área de interesse, ao mesmo tempo em que informa quantas de suas conexões de usuário estão participando de cada grupo (figura 32).

³⁶ Cientistas sociais do Facebook publicaram na revista *Science* (2015) o primeiro estudo que analisa a influência dessa fórmula que manipula os murais. Disponível em <http://science.sciencemag.org/content/348/6239/1130>

Figura 32 – Função Descobrir Grupos do site Facebook



Fonte: Facebook

Para Bakhtin (2003, p. 373), “tudo o que me diz respeito, a começar pelo meu nome, chega do mundo exterior à minha consciência pela boca dos outros”. Nesta perspectiva podemos compreender as conexões estabelecidas entre os educadores – e entre educadores e as comunidades em que se inserem – como atos de visibilidade do meu eu decorrentes do dialogismo e da alteridade, condição de possibilidade para a existência, desvelamento do eu através da constituição de meu si discursivo.

A partir das afirmações do filósofo de que o lugar, onde minha singularidade se estabelece, me é dado através do outro, e de que, a partir do outro, tomo consciência de mim, o espaço de uma comunidade virtual é um espaço de pertencimento e de visibilidade gerado pelas ações do curtir, do compartilhar e do comentar (que marcam a responsabilidade do enunciado). Consideramos que tais ações do enunciador estaria cumprindo a função de fazer convergir, divergir, questionar – dentre outras emergentes das interações dialógicas – na relação de um enunciado com outro, produzindo identificações ou confrontos.

Sobre a rede formada pelas comunidades e educadores estas ainda podem ser pensadas sobre o aspecto da presença da voz social do educador. Quando a voz deste educador vai ocupando distintos territórios, neste caso deslizando entre distintas comunidades, junto com sua voz, outras vozes – de sujeitos de enunciação a ele conectados - também se deslocam. Ou seja, reverberam discursos produzidos de uma comunidade para outra, e com eles estão

agregados determinados posicionamentos sócio-enunciativos, visões de mundo, valores axiológicos que manifestam em seu pensamento singular o pensamento coletivo de determinado grupo social. A métrica de centralidade pode ser tomada, neste contexto, como destaque a voz do educador e visibilidade da sua presença na rede.

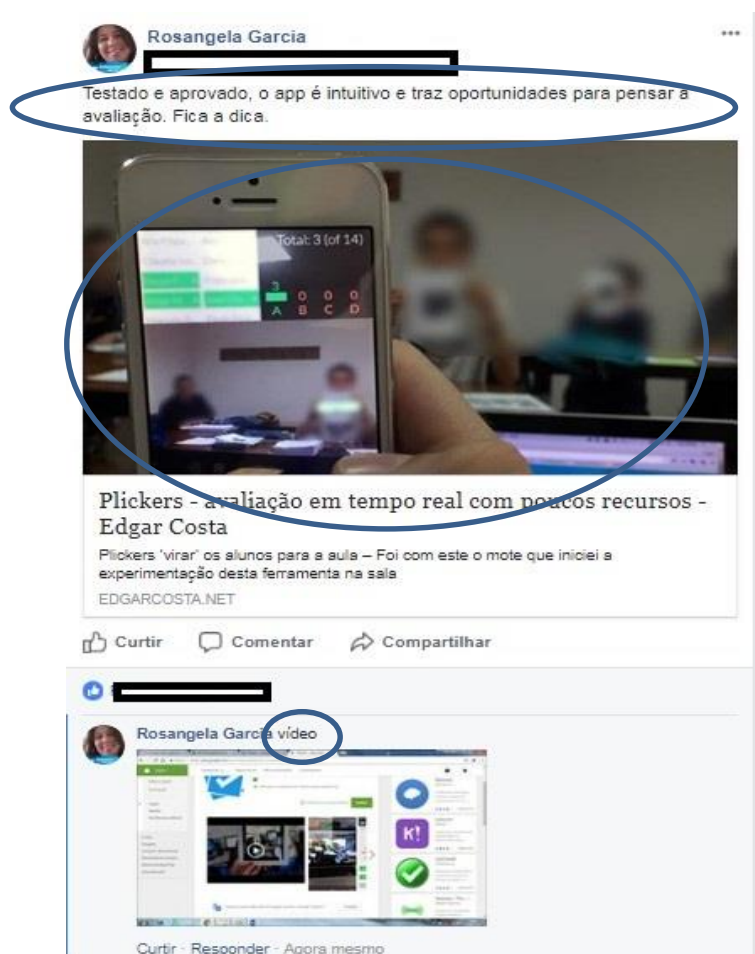
4.3 TERCEIRA CONTEMPLAÇÃO: INTERAÇÕES DIALÓGICAS NAS RELAÇÕES EDUCADOR-ENUNCIADO

Contemplado o panorama das relações entre comunidades e educadores, neste momento, nos voltamos às relações do educador com os enunciados por ele produzidos ou produzidos por outros educadores. Fator relevante nesta discussão, antes de adentrarmos os estudos desta contemplação, é o de identificar as especificidades dos enunciados produzidos nas comunidades virtuais.

A primeira característica que identificamos nos enunciados analisados foi sua forma de composição: a) utilização de múltiplas linguagens (Figura 33, circulos em azul) em um único enunciado de composição híbrida (imagens, escrita, vídeos, áudios), b) a especificidade da oralidade presente no texto escrito³⁷.

³⁷ Ressalto que, para efeito deste estudo, somente os enunciados verbais foram utilizados.

Figura 33 – Enunciado Múltiplas linguagens



A segunda particularidade, observada na enunciação dos educadores nas comunidades analisadas, se refere a publicação de enunciados produzidos por um educador distinto daquele que fez a postagem. Cabe apontamento sobre as formas observadas: a) quando o educador que fez a postagem, utilizando a ação de compartilhar, nada alterou ou inseriu na publicação original; b) quando o educador que fez a postagem, utilizando a ação de compartilhar, fez alguma alteração, ressignificando a publicação original. Neste estudo, analisaremos a primeira forma com base no caráter de replicabilidade do enunciado que, de acordo com Recuero (2012, p. 43), “ é a característica que proporciona a replicação (cópia) das informações constituídas em espaços públicos mediados”. A segunda forma será analisada como enunciado de formulação secundária, ou seja, o enunciado possui marcas observáveis de haver sido produzido a partir da composição com outro enunciado ou na alteração de um enunciado de formação primária. Será considerado enunciado de formação primária aquele que, aparentemente, emerge da escrita própria do educador que realizou a postagem, como exemplificado no enunciado abaixo.

Enunciado 01

A transformação que o Brasil precisa fazer não pode prescindir da educação. E certamente não será feita pelas escolas e universidades tais como elas são. Precisamos de uma revolução na educação: nos métodos, nos espaços e no conteúdo do que é ensinado. Num mundo onde a regra é a mudança, não faz mais nenhum sentido educarmos alguém para ser um especialista de um determinado assunto específico. Algumas escolas e alguns educadores não só já perceberam isto como foram à luta para por em prática formas inovadoras de educar. (Educador 118 – comunidade 01)

Contrária as nossas expectativas iniciais, não foram encontrados números significativos de enunciados primários, como o enunciado 01, – aqueles que determinamos serem produções enunciativas sem marcas de outros enunciados - sem estar vinculados a um enunciado produzido por outro educador ou ancorado em publicações (artigos, vídeos, reportagens). Foi observada massiva enunciação de formulação secundária e enunciados replicados, o que parece ser característica recorrente nas publicações analisadas. Para efeito deste estudo foram considerados somente enunciados de formulação primária e de formulação secundária.

Finalizada as considerações sobre a composição dos enunciados, voltamo-nos à análise das relações entre educadores e os enunciados por eles produzidos.

Inicialmente, visando observar a organização dos processos de enunciação, nas comunidades integrantes da rede enunciativa, os educadores em interação e as formas apresentadas pelos enunciados (publicar, comentar, curtir), buscou-se identificar a configuração do corpus dos enunciados produzidos e os sujeitos de enunciação a eles relacionados (Tabela 06).

Tabela 6 – Configuração do corpus enunciados/enunciadores

COMUNIDADES INTEGRANTES	CV 01	CV 02	CV 03	CV 04	CV 05	CV 06	Total
Quant. de membros em interação no período.	527	105	98	329	857	269	2.185
Publicações	277	46	198	212	114	32	879
Membros que publicaram	42	37	16	48	32	9	184
Comentários	87	63	25	15	25	30	245
Curtidas	487	192	39	256	977	195	2.146

A quantidade de membros em interação foi calculada com base nas ações de publicar, comentar, curtir e compartilhar; para análise das relações dialógicas foram consideradas somente as ações de publicar, comentar, curtir. Este mapeamento do corpus enunciado/enunciadores nos me permitiu perceber que: a) a comunidade 05, assim como evidenciado no Grafo 04 (página 106) e Tabela 05 (página 108), possui quantidade maior de relações dialógicas que outras comunidades; b) não há proporcionalidade direta e homogênea na correlação de quantidade de membros nas comunidades e número de publicações; c) a ação de curtir ocorre em quantidade superior às ações de comentar e publicar.

A elaboração do mapeamento do corpus enunciado/enunciadores foi de importância significativa em nosso estudo, pois nos permitiu identificar a forma como os enunciados se materializavam na rede enunciativa - publicações (postagens), comentários ou curtidas – e sua correlação com os enunciadores que a produziam. Preliminarmente, este panorama formado apontou-nos indícios sobre a dinâmica das enunciações, e sobre a forma como se manifestavam nas comunidades estudadas. Permitiu-nos identificar aspectos da arquitetura do mundo real (eu-para-mim, eu-para-o-outro, o-outro-para-mim) emergentes da rede formada; sendo que, a interação dialógica entre educadores dentro de uma comunidade, já carrega o princípio da busca do eu-para-o-outro (Enunciado 02), em um plano relacional de responsabilidade e responsivo (o-outro-para-mim).

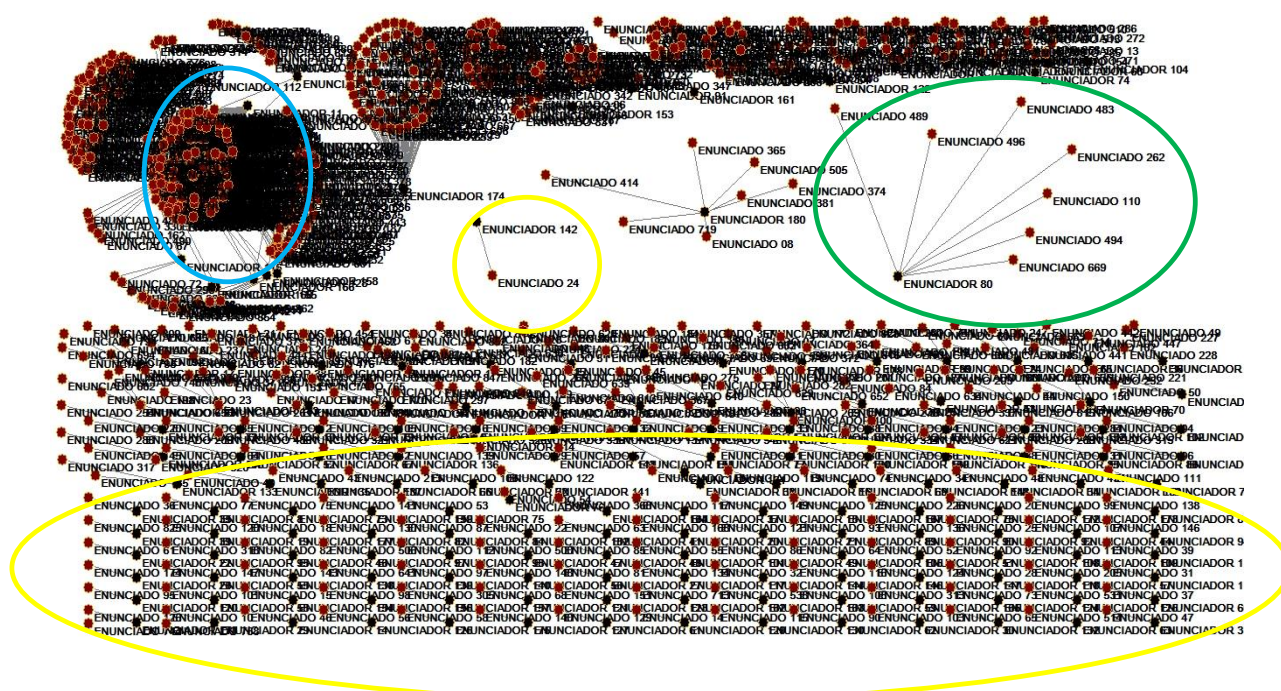
Enunciado 02

Oi gente! Tudo certinho por aqui? Estou passando para convidar vocês para participar do meu mais novo curso online (e GRATUITO) que acabou de entrar no ar! Se você empreende ou quer empreender, tenho certeza de que vai gostar! Leia direitinho a descrição do curso e quem achar interessante, é muito bem-vindo! Abraços e um ótimo domingo! (Educador 254 – comunidade 05)

O enunciado 02 serve como exemplificação: a) deste eu-para-mim que busca um eu-para-o-outro; b) da busca pela visibilidade do eu-para-mim; c) da busca do acolhimento do outro à voz do eu que enuncia; d) da imagem que quero que o outro tenha de mim, que projeto nele, que somente a partir dele é possível ser constituída.

Ponto de destaque do mapeamento do corpus enunciado/enunciadores (Tabela 06) foi ter possibilitado a continuidade do mapeamento da arquitetura da enunciação, nos fornecendo dados para composição da matriz da arquitetura de enunciação. A partir deste momento, os educadores, estabelecendo relação direta à posição que ocupam - como produtores de enunciados -, são identificados nas redes formadas como enunciadores (Grafo 05)

Grafo 5 – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação

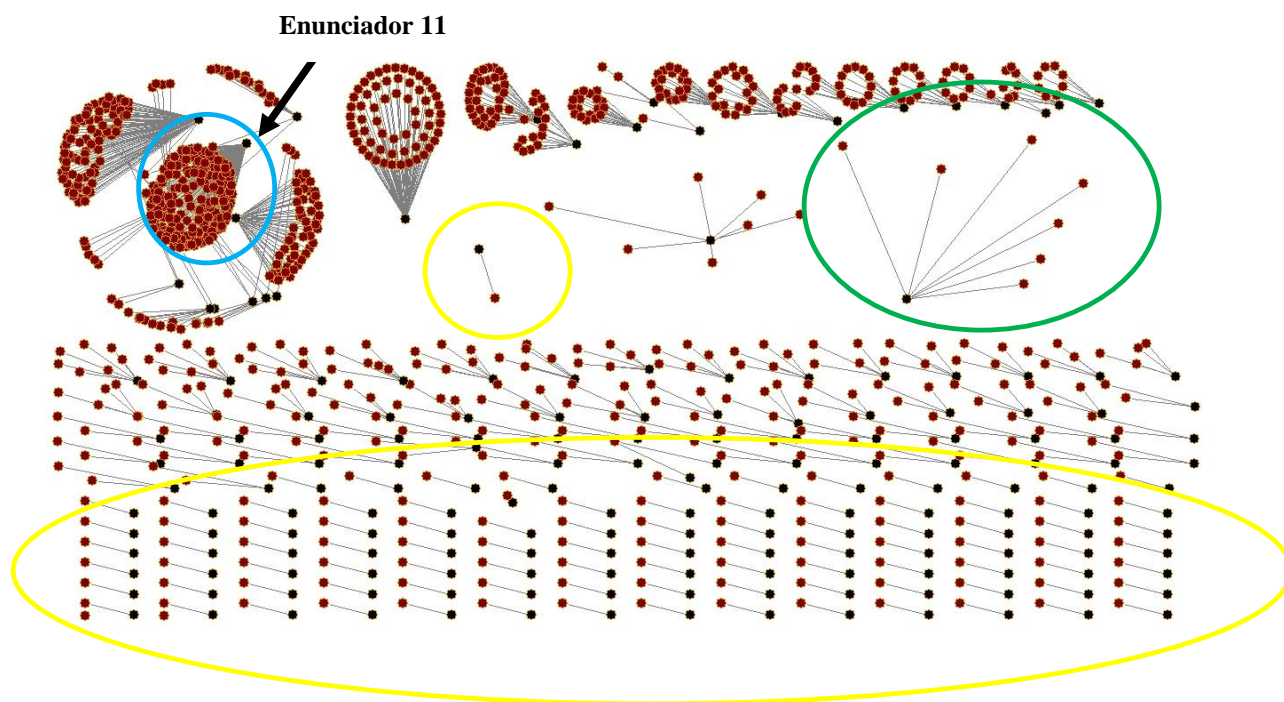


O Grafo 05, representativo da aplicação da arquitetura de enunciação da rede enunciativa, é formado pelas conexões entre enunciadores (cor vermelha) e enunciados (cor preta). A rede formada nos permite identificar a presença de enunciadores com somente um enunciado produzido (circulados em amarelo), a presença de enunciadores com mais de um enunciado produzido; como por exemplo o enunciador 80 (circulado em verde) e o enunciador 11 (circulado em azul). Já se percebe nesta rede que o enunciador 11 é quem possui a maior quantidade de enunciados produzidos.

Esta rede aponta para cenários distintos: o primeiro contendo um expressivo número de educadores com um único enunciado, exemplificado no Grafo 05 pelo enunciador 142 (circulado em amarelo), bem como casos em destaque na seção inferior do grafo (circulados em amarelo); o segundo integrado por educadores com múltiplos enunciados produzidos em distintos contextos, caso do enunciador 80 (circulado em verde) e o enunciador 11 (circulado em azul). São integrantes desta rede 879 enunciados (publicações Tabela 06) produzidos por 184 enunciadores, este quadro apresenta uma grande redução vista que no período de apuração dos dados 2.185 membros das comunidades estavam em interação, ou seja, somente 8,43% dos educadores produziram enunciados nas 06 comunidades analisadas, no período entre janeiro e agosto de 2016.

Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 05, o Grafo 05a sem as legendas que identificam os enunciadores e enunciados, e que possibilita, de forma mais clara, a identificação do enunciador 11.

Grafo 5a – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação só grafo

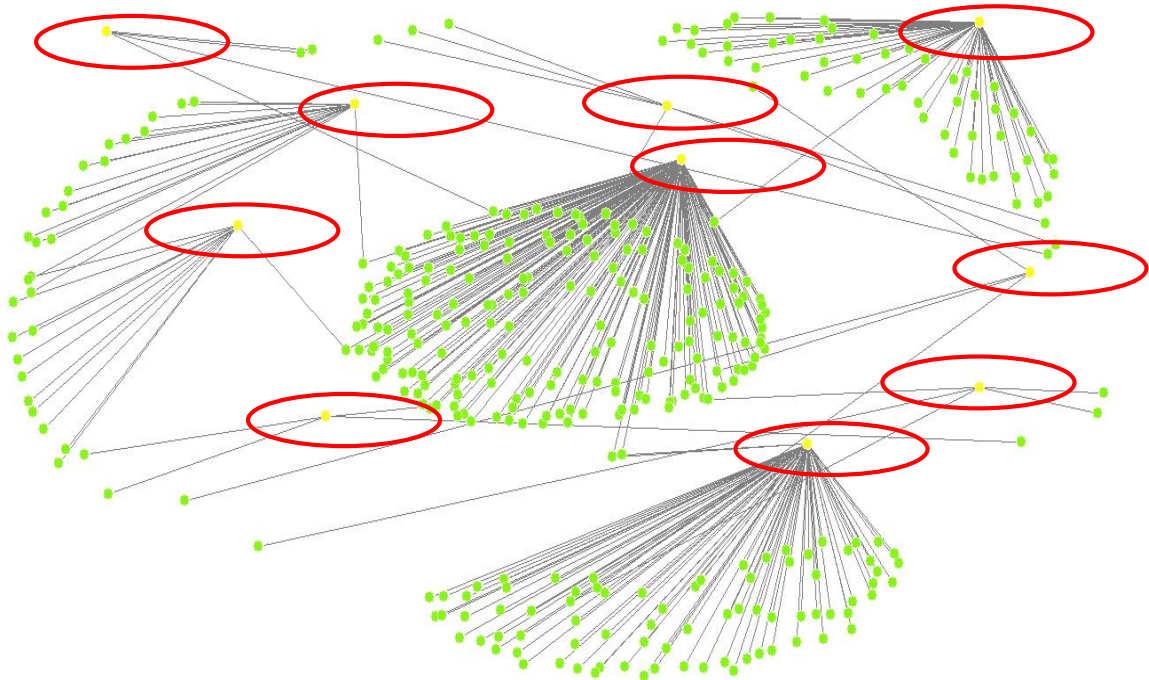


Sendo de nosso maior interesse analisar cenário no qual os educadores produzissem mais que um único enunciado isolado, realizou-se a extração de uma sub-rede com este grupo (Grafo 06 e Grafo 06a). Para delimitação da nova rede enunciativa que se formava criou-se nova partição isolando os componentes, organizando as conexões em *clusters*, o que permitiu confirmar o educador 11 como aquele com maior número de conexões.

Grafo 6 – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação



Grafo 6a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação só grafo



Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 05, o Grafo 05a sem as legendas que identificam os enunciadores e enunciados, e que possibilita,

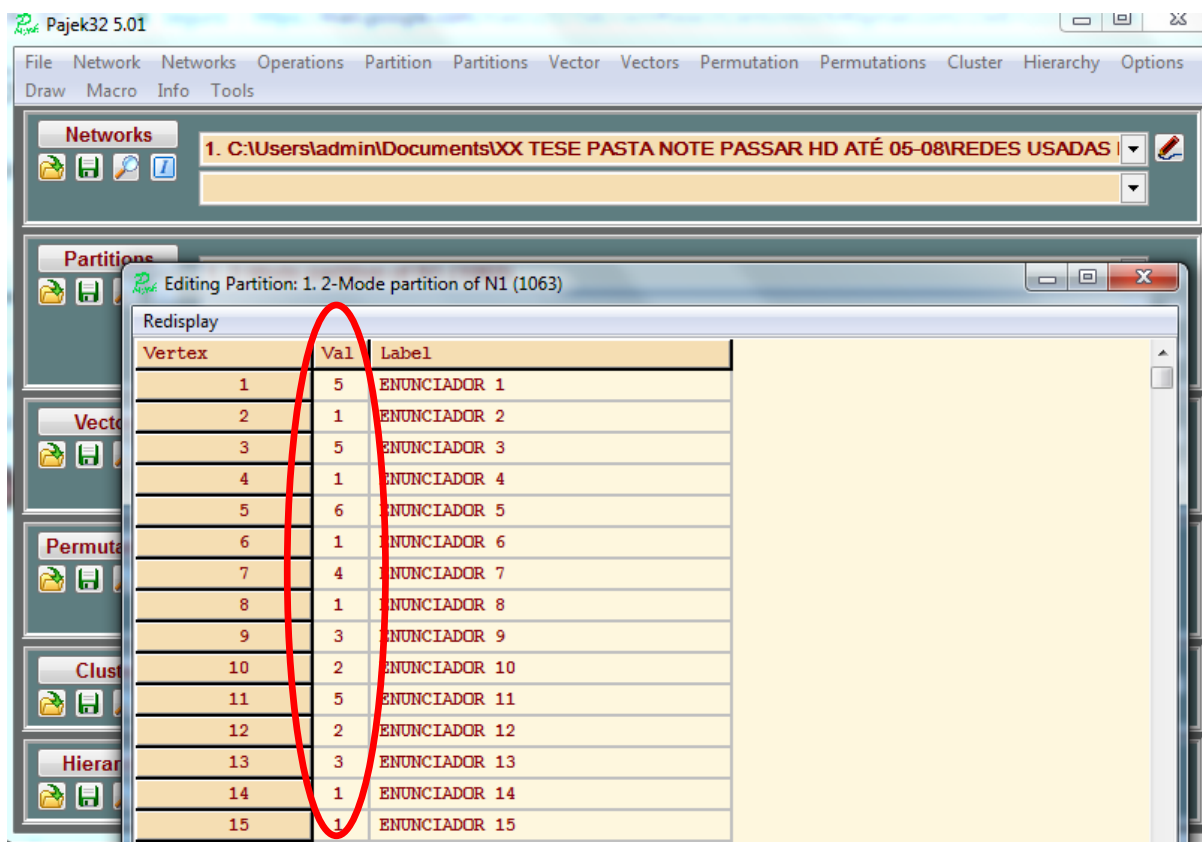
de forma mais clara, a identificação do enunciador 11. A nova rede enunciativa evidenciou atributos distintos das anteriores, mesmo limitada no número de educadores (total de dez enunciadores), observa-se notável quantidade de enunciados produzidos. O mapeamento da nova rede possibilitou a identificação de um quadro de análise ainda mais nítido quando proporcionou, mesmo sem aplicação de métricas de análise, identificar a existência dos educadores que mais enunciam.

Visando correlacionar informações relevantes ao suporte de nossa análise, e considerando insuficiente somente o reconhecimento das conexões entre enunciados e enunciadores - sendo que nosso objetivo está correlacionado as observações dos enunciados em mais de uma comunidade -, buscou-se agregar à rede formada a quantidade de comunidades que cada educador participava.

Dois impedimentos à composição desta rede, que unisse mais atributos que os utilizados na rede de dois modos, surgiram neste momento: o primeiro se deve à ausência de estudos sobre redes de afiliação de três modos (até o momento trabalhávamos com rede de dois modos, que conectavam atores e eventos); e da impossibilidade do software Pajek permitir a formação de uma rede de três modos. Uma potencial rede de três modos, a nosso ver, conectando enunciadores aos enunciados e as comunidades onde foram produzidos, forneceria um panorama mais amplo para análise da enunciação em rede. Nos permitiria investigar se o contexto específico de cada comunidade afetaria os enunciados ali produzidos.

Foi com a orientação do Professor Antônio Carlos Andrade Ribeiro (GIARS/UNIFAL-MG) que identificamos a oportunidade de lançamento das referências do contexto de produção enunciativa (comunidade) como atributo que permitisse a visibilidade desta informação na sub-rede da arquitetura da enunciação (Figura 34).

Figura 34 – Processo de formação da rede de três modos com uso do Pajek



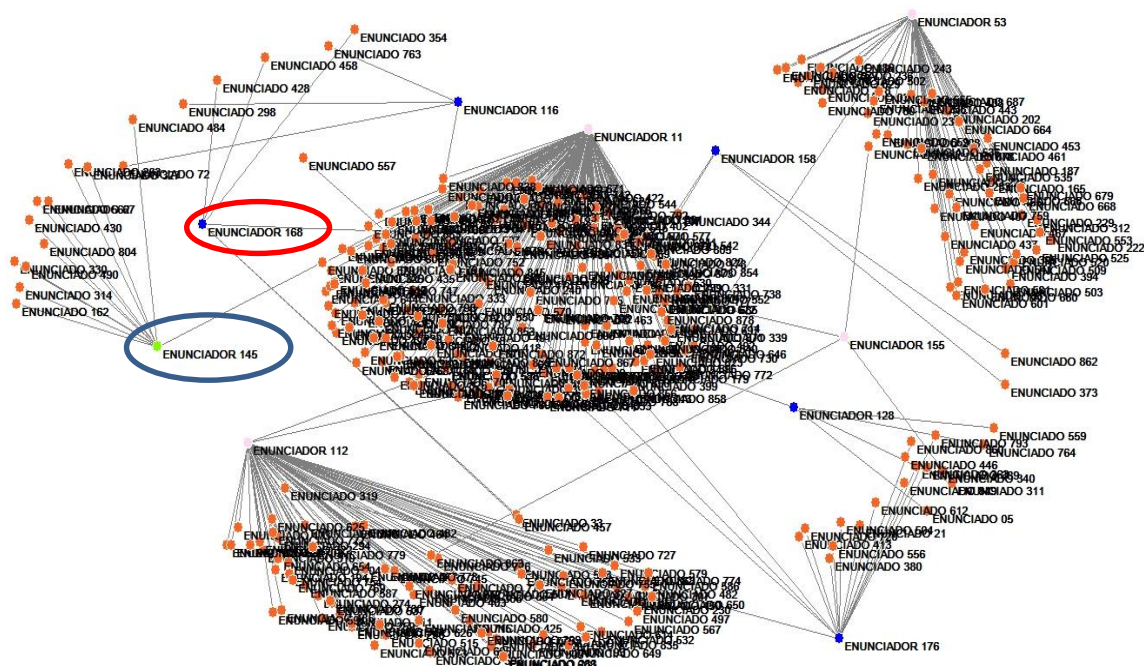
Para agregar à rede enunciativa a informação sobre a quantidade de comunidades que cada educador integrava - inserindo mais um atributo que possibilitaria um novo olhar para nossa análise -, foi realizada edição na partição da rede de dois modos e, posterior, substituído o valor 01 (no campo circulado em vermelho) que se refere a direcionalidade do vértice para o número que identificaria quantas comunidades faziam parte da rede de cada enunciador. Para melhor identificação destas informações na rede (grafo 07), segue abaixo legenda (Tabela 07) referente ao total de comunidades que cada enunciador integra, por exemplo: o enunciador 11 participa de 05 das 06 comunidades analisadas, a cor que trará tal informação no grafo da rede é a cor rosa; o enunciador 116 participa de 04 comunidades, a cor que identificará esta característica no grafo da rede é a cor azul. Observem que dos 10 enunciadores há uma média alta de integração nas comunidades.

Tabela 7 – Rede Enunciativa: atributo comunidade no corpus conexões enunciados e enunciadores

Vértice	Enunciador	Total de Comunidades a que pertencem	Legenda Comunidade (cor referente ao total de comunidades)
01	ENUNCIADOR 11	05	
02	ENUNCIADOR 53	05	
03	ENUNCIADOR 112	05	
04	ENUNCIADOR 116	04	
05	ENUNCIADOR 128	04	
06	ENUNCIADOR 145	02	
07	ENUNCIADOR 155	05	
08	ENUNCIADOR 158	04	
09	ENUNCIADOR 168	04	
10	ENUNCIADOR 176	04	

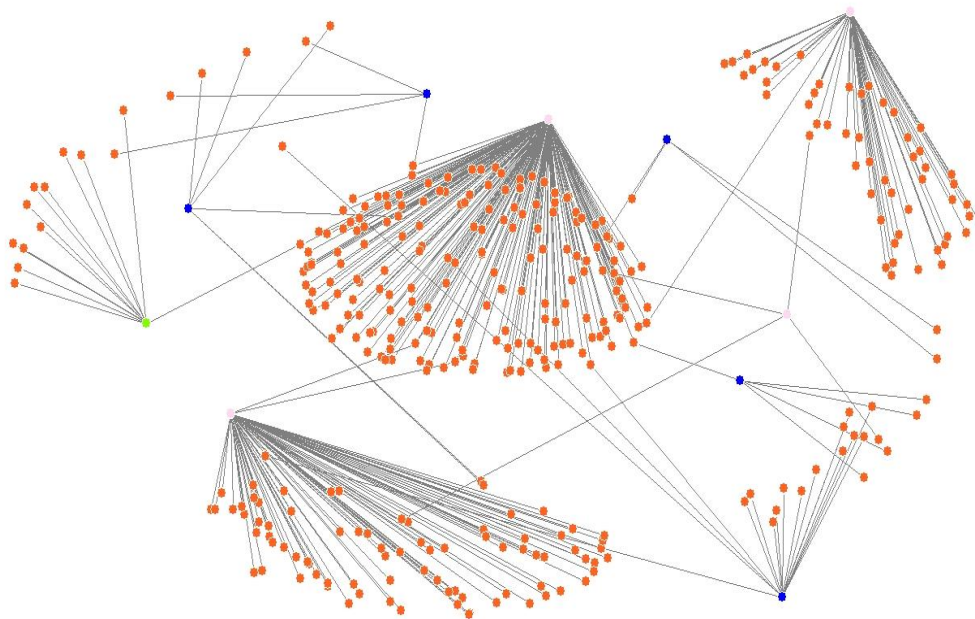
A inserção deste novo atributo (quantidade de comunidades) permitiu a elaboração do Grafo 07, representativo da arquitetura de enunciação, e a visualização de mais uma informação na rede enunciativa.

Grafo 7 – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade)



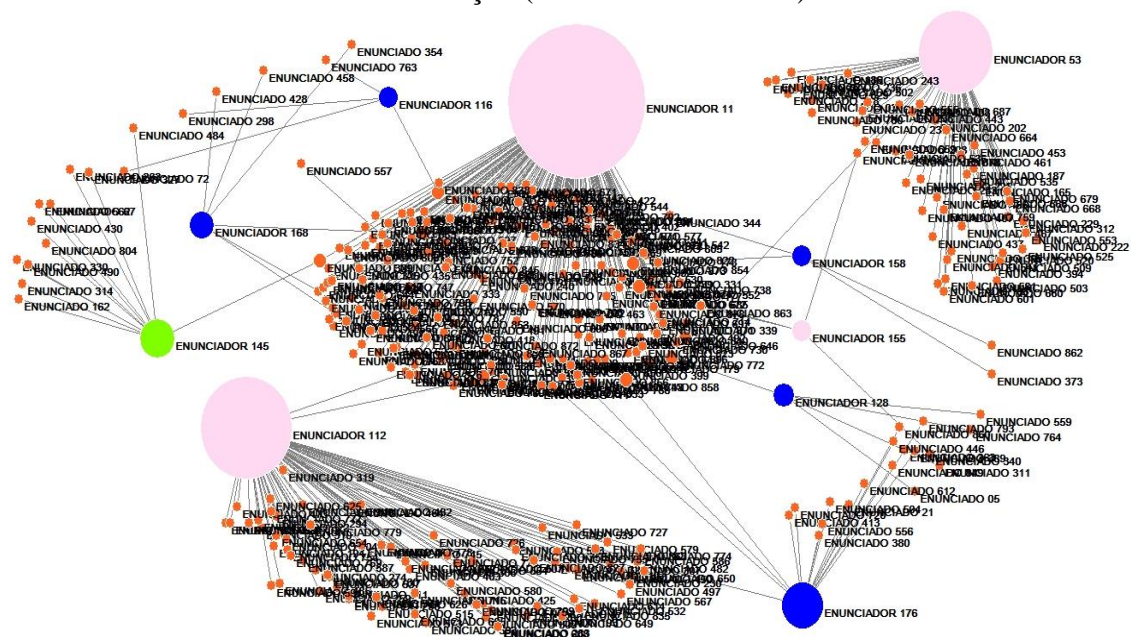
Foi possível identificar, neste mapeamento, que a quantidade de comunidades não, expressivamente, afeta a quantidade de enunciações produzidas. O enunciador 168 participa de 04 comunidades e produziu 04 enunciados (duas na comunidade 05, uma na comunidade 03, uma na comunidade 01), enquanto o enunciador 145 - que integra somente 02 comunidades - produziu 11 enunciados (seis na comunidade 05, três na comunidade 01, um na comunidade 02, um na comunidade 04). Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 07, o Grafo 07a sem as legendas que identificam os enunciadores e enunciados, e que possibilita, de forma mais clara, a identificação da dinâmica de produção enunciativa.

Grafo 7a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade)
só grafo



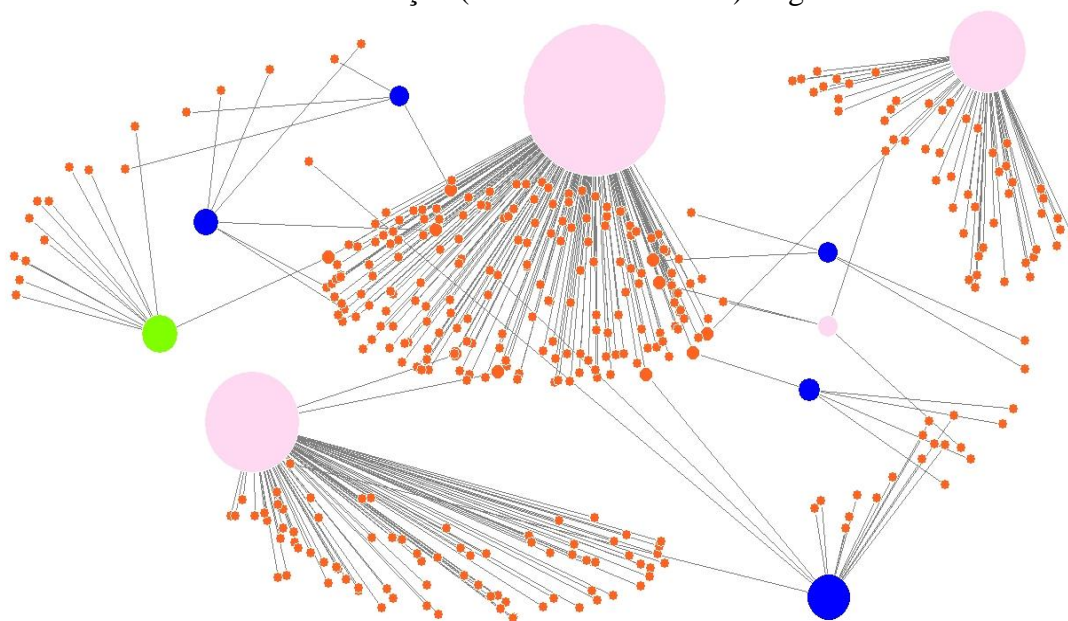
Como forma de evidenciar as conexões da rede enunciativa, entre os enunciadores e os enunciados produzidos, aplicou-se a métrica de centralidade (Grafo 08) que nos possibilitou identificar o enunciador mais central da rede enunciativa, ou seja, aquele que mais produziu enunciados, com a informação de quantas comunidades participa agregada ao grafo.

Grafo 8 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade)



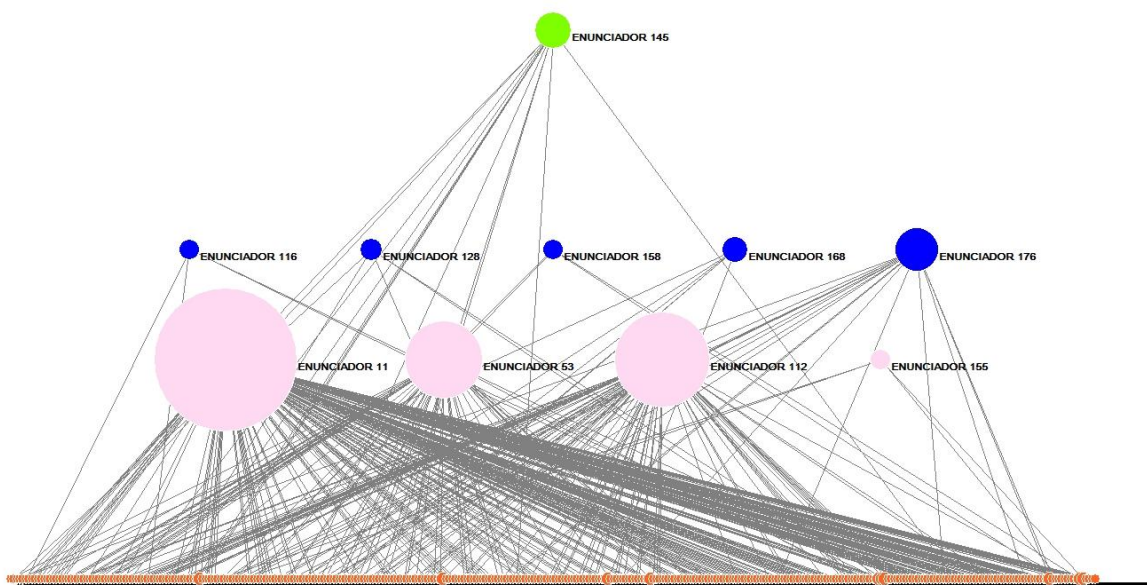
O grafo acima evidencia a centralidade do enunciador 11, que participa de 05 das 06 comunidades, e é o maior produtor de enunciados na rede enunciativa. Para facilitar a visualização desta rede optou-se por trazer, complementar ao Grafo 08, o Grafo 08a sem as legendas que identificam os enunciadores e os enunciados produzidos.

Grafo 8a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo



Aplicada a métrica de centralidade (Grafo 08, Grafo 08a) constatou-se que educadores, que interagem em um número maior de comunidades (enunciador 11, enunciador 53, enunciador 112), produzem mais enunciados, propiciando a estas comunidades um grau de atratividade maior na rede; bem como educadores, que participam de mais espaços de interação, possuem maior visibilidade na rede enunciativa.

Grafo 9 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada (organização por vizinhança) a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo



Um ponto importante a destacar, sobre o Grafo 09, foi a aplicação da medida de grau de conexão - descrição de quantos nós compõem a vizinhança de um determinado nó e número de nós adjacentes que ele possui (Scott, 2004; Wasserman & Faust, 1994 - por vizinhança – dois nós que são conectados entre si são ditos adjacentes, nós aos quais um determinado nó é adjacente são denominados vizinhança. Embora, segundo Recuero (2009, p. 71), “bastante simples esta propriedade pode ser muito informativa para descrever/comparar a quantidade de ligações de diferentes nodos”. Não é uma métrica de centralidade - embora tenha sido aplicada em conjunto com esta – e aponta dados interessantes, tais como, as relações do enunciador 146 com outros enunciadores como indícios de relação de grau dos laços e a popularidade do enunciador 146 em razão de sua posição na rede (maior grau de conexão, mais central e visível na rede).

Como os atos de enunciar, organizados em redes de conexões sujeito-sujeito e sujeito-grupos, se manifestam em contexto digital? Uma das grandes questões que mobilizou esta investigação foi a de investigar a dinâmica das relações enunciador e enunciado.

É possível observar nos espaços que estruturam o *site* Facebook - sejam eles o perfil pessoal, uma *fanpage*, ou página de uma comunidade – um aparente fluxo dinâmico de enunciadores interagindo nestes espaços. Digo aparente, em razão de que um olhar mais atento percebe os espaços vazios, os silêncios, a ocasional ausência de responsabilidade. A busca pela potencialidade do diálogo com o outro, se eterniza no tempo, enquanto espaço sempre revisitado.

No espaço das comunidades, no período de extração de dados (Janeiro à Agosto de 2016), somente 3.672 educadores (tabela 04, p. 90) interagiram nas comunidades do GCAT 01, de um total de 46.426 membros integrantes destes espaços, e destes somente derivaram 1.048 enunciados.

Em relação aos enunciadores, já no contato inicial com os dados, evidencia-se que propulsionam o mesmo enunciado em diferentes espaços através do compartilhamento do discurso produzido; e, em algumas comunidades, assumem uma posição mais central nas interações, sendo os que mais enunciam (Enunciador 11) e/ou promovem discussões a partir de comentários.

4.4 QUARTA CONTEMPLAÇÃO: RELAÇÕES DIALÓGICAS NA REDE ENUNCIATIVA

É com foco nas relações dialógicas que a quarta contemplação se inicia. Identificadas, em etapa anterior de análise, as correlações entre os educadores, os enunciados por eles produzidos, e os espaços onde habitam (as comunidades de que participam), esta etapa de análise visou a observação das relações dialógicas na rede enunciativa dessa pesquisa.

Fatores indicativos da responsabilidade dos enunciados: comentários (Grafo 10, Grafo 11, Grafo 12, Tabela 08) e curtidas (Grafo 13, Grafo 14, Grafo 15, Tabela 08) a eles relacionados são analisados.

Tabela 8 – Corpus das relações dialógicas

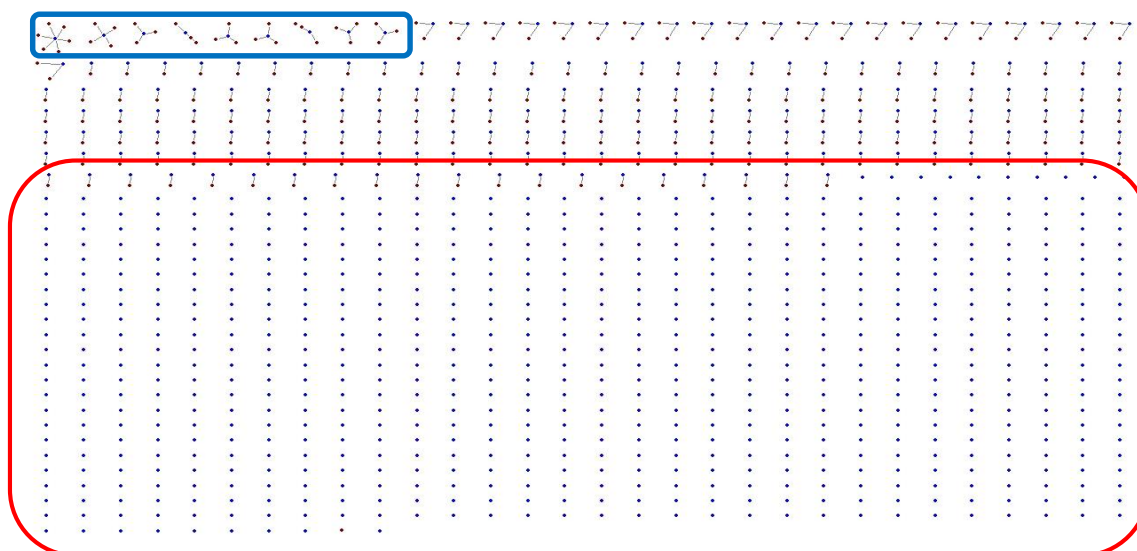
COMUNIDADES INTEGRANTES	CV 01	CV 02	CV 03	CV 04	CV 05	CV 06	Total
Enunciados	277	46	198	212	114	32	879

Comentários aos enunciados	87	63	25	15	25	30	245
Curtidas aos enunciados	487	192	39	256	977	195	2.146

A tabela acima quantifica os enunciados produzidos nas comunidades de 01 à 06 durante o período de coletas dos dados, bem como as ações de comentar e curtir relacionados a estes enunciados. Os dados evidenciam que a ação de curtir, expressivamente, apresentou maior recorrência do que a ação de comentar.

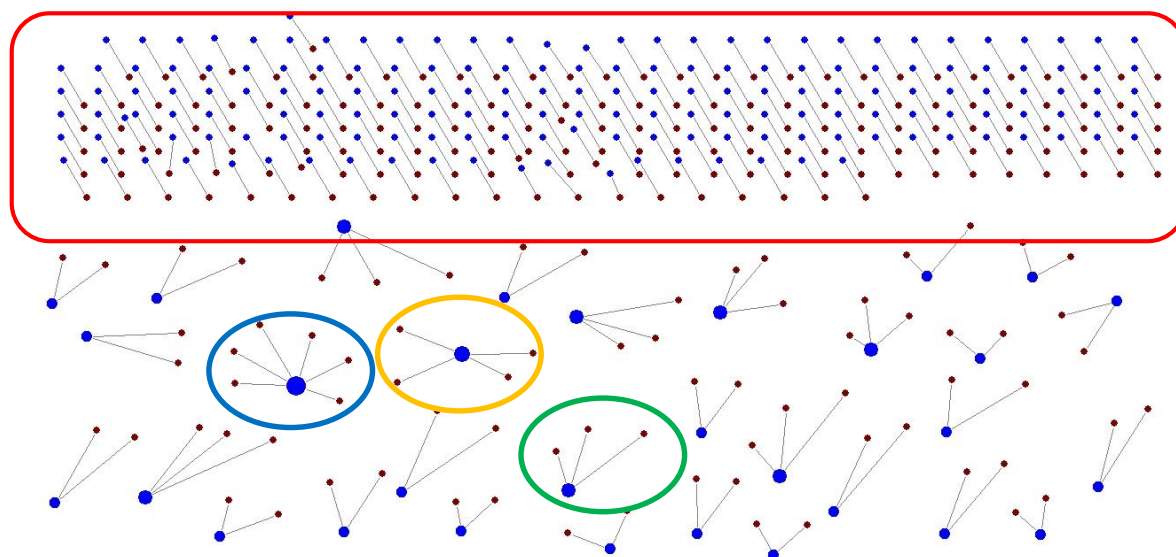
Identificado o corpus das relações dialógicas, representativo da rede enunciativa, realizou-se o mapeamento das conexões entre enunciados e comentários.

Grafo 10 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo



O Grafo 10, representativo das relações dialógicas da rede enunciativa, é formado pelas conexões estabelecidas entre enunciados (cor azul) e comentários (cor vermelha). A rede formada nos permite identificar que: a) expressivos números de enunciados não geraram ação de comentar (circulado em vermelho), b) poucos enunciados produziram mais do que um comentário (circulado em azul). Extraídos da rede enunciativa os enunciados que não apresentavam conexão com comentários, e aplicada a métrica de centralidade (Grafo 11), a mesma situação retratada pelo Grafo 10 é identificada.

Grafo 11 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo



Abaixo são apresentados três enunciados que produziram comentários, com número superior a dois, na rede das relações dialógicas (enunciado-comentário).

Enunciado 03 (circulado em azul)

Professor usa Pokémon Go para ensinar geografia. (Educador 157 – comunidade 6)

Enunciado 04 (circulado em verde)

#MarcoCivil³⁸ #neutralidade da rede (Educador 117 – comunidade 01)

Enunciado 05 (circulado em amarelo)

MARAVILHOSO artigo, que fala sobre a vida de um professor japonês do início do século XX que pontua algumas reformas para melhoria da educação. Fica a dica. 😊 (Educador 157 – comunidade 6)

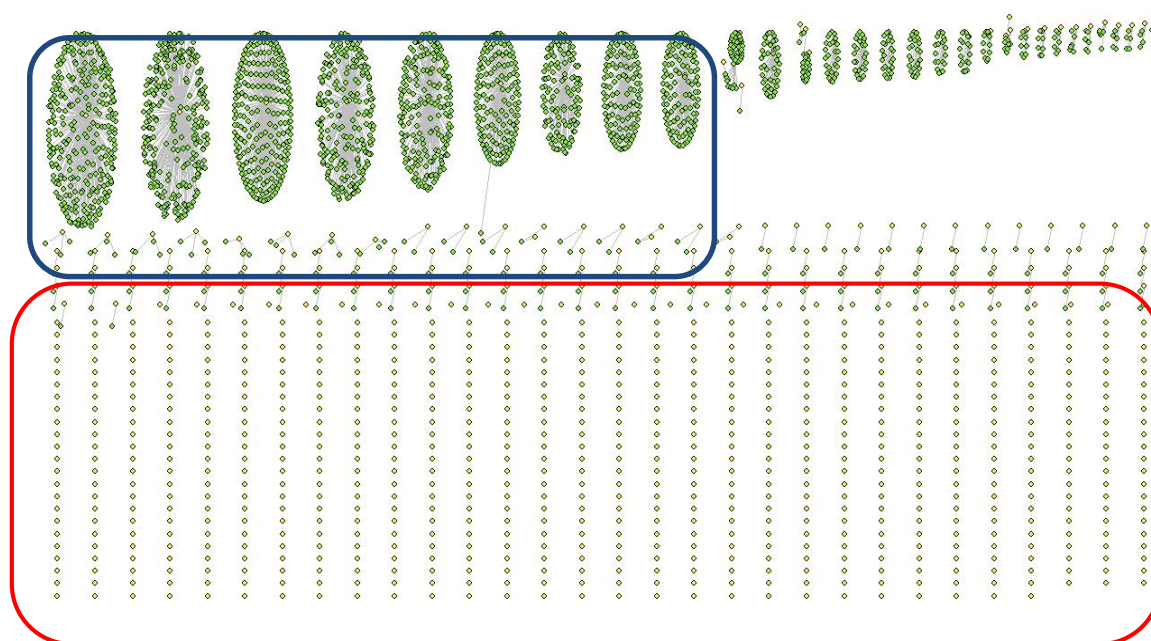
Nos enunciados acima observamos que: a) não necessariamente, os enunciados que produziram maior número de comentários estão nas comunidades mais centrais (comunidade 05), ou foram produzidos por enunciadores mais centrais (enunciador 11); b) enunciados voltados a discussão do uso de tecnologias na educação (enunciado 03), ou a práticas pedagógicas (enunciado 05) são atratores de maior quantidade de comentários produzidos; c) questões relacionadas a políticas públicas, presentes em espaços destinados à discussões temáticas do contexto da educação, repercutem na rede e geram responsabilidade.

³⁸ Lei que disciplina do uso da internet no Brasil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/112965.htm.

As relações dialógicas observadas na rede enunciativa estabelecem-se e organizam-se por meio de atratores ideológicos - aparentemente motivadores e estruturadores das conversações em rede estabelecidas nas comunidades -, em uma tessitura claramente interligada a temática discutida nestes espaços.

Feito os apontamentos sobre as relações dialógicas, representativo da rede enunciativa, estabelecidas entre enunciados e comentários, realizou-se o mapeamento das conexões entre enunciados e curtidas (Grafo 12, Grafo 13 e Grafo 13a).

Grafo 12 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo

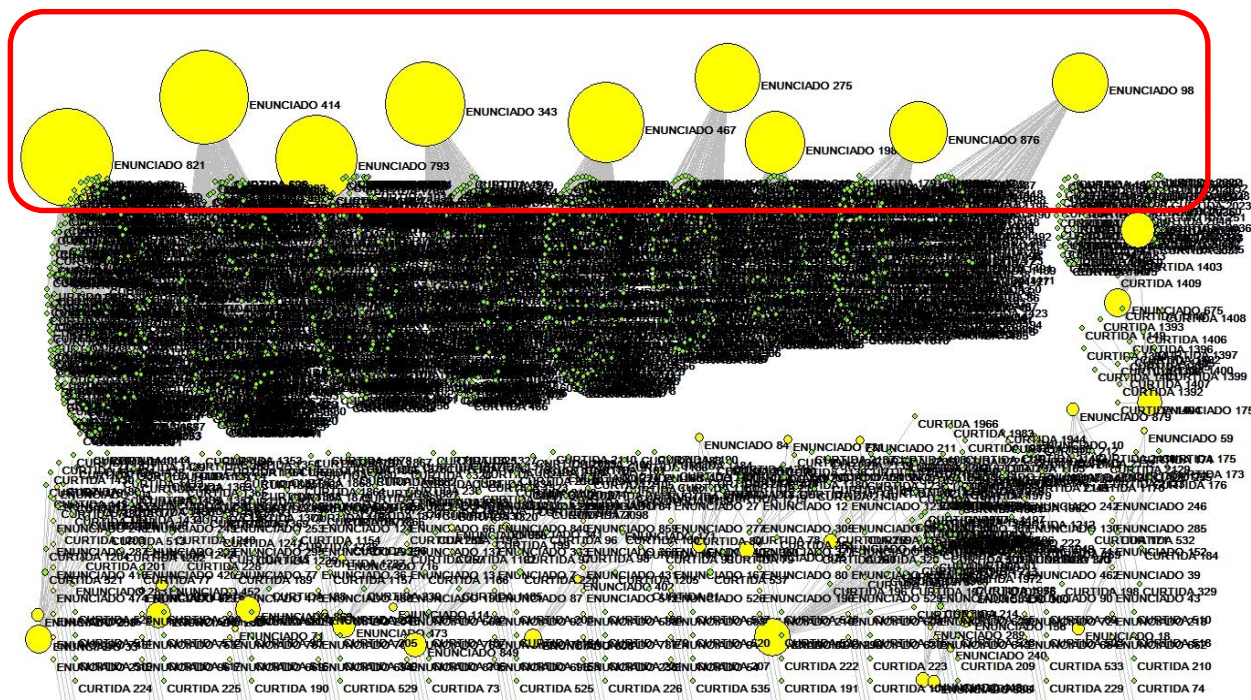


O Grafo 12, representativo das relações dialógicas da rede enunciativa, é formado pelas conexões estabelecidas entre enunciados (cor amarela) e curtidas (cor verde). A rede formada nos permite identificar que: a) expressivos números de enunciados não geraram ação de curtir (circulado em vermelho), b) uma quantidade pequena de enunciados (circulados em azul) gerou grande quantidade de curtidas.

Extraídos da rede enunciativa os enunciados que não apresentavam conexão com curtidas, e aplicada a métrica de centralidade (Grafo 13), observou-se que nove enunciados (circulados em vermelho) agrupavam número significativo e curtidas; dentre este grupo de enunciados: 05 enunciados eram pertencentes a comunidade 05, 03 enunciados eram pertencentes a comunidade 01, 01 enunciado era pertencente a comunidade 04. Diferentemente da rede enunciativa representativa das conexões enunciado/comentário, a rede

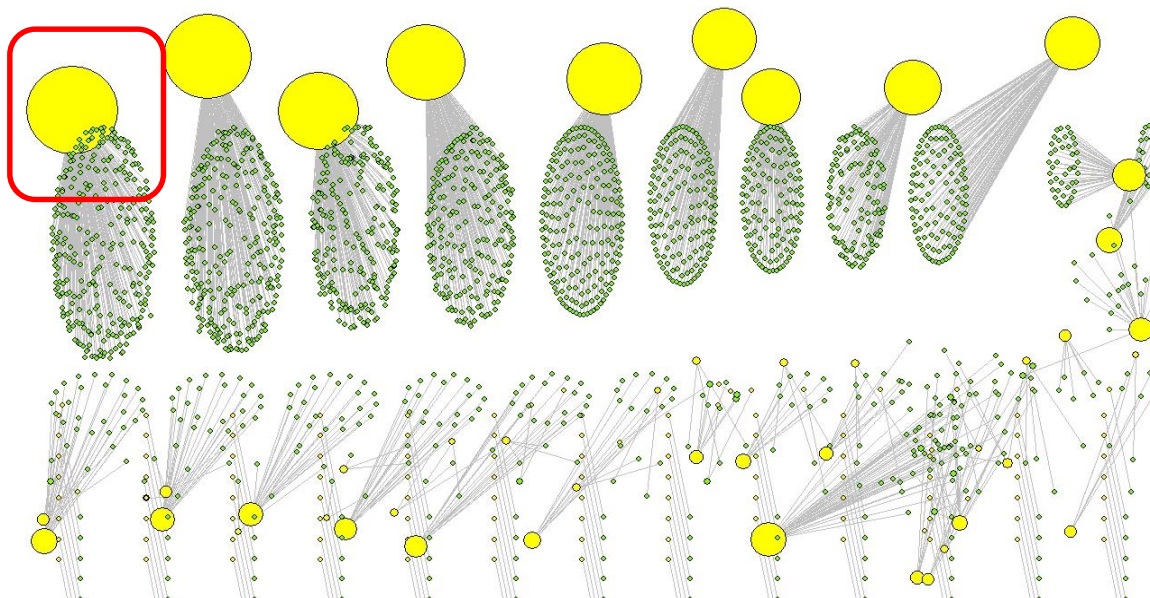
das conexões enunciado/curtida se manifesta em comunidades mais centrais: comunidade 05 e comunidade 01 (Grafo 04, página 106).

Grafo 13 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Curtidas)



Para facilitar a visualização da rede das conexões entre enunciado/curtida optou-se por trazer, complementar ao Grafo 13, o Grafo 13a sem as legendas que identificam os enunciados e as curtidas produzidas.

Grafo 13a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo



Abaixo é apresentado o enunciado 05 (circulado em vermelho no grafo 13a) produzido na comunidade 05 que gerou 254 curtidas.

ENUNCIADO 05 (circulado em vermelho no grafo 13a)

Pessoal, compartilhando com vocês este lançamento da [REDACTED] e [REDACTED]! São amigas, as conheço pessoalmente de longa data, e acredito que este livro, que reúne mais de 30 anos de experiência na vida escolar e um conhecimento antenado as mudanças estamos vivendo, pode ser de grande ajuda para muitos educadores! (Educador 11 – comunidade 05)

Podemos, talvez, inferir que a ação de curtir o enunciado 05 apresenta: a) marcas observáveis da escuta e do acolhimento afetivo ao outro; b) a temática discutida no enunciado pode ser responsável pela quantidade alta de responsabilidade. Fato interessante é que, mesmo a comunidade 05 tendo gerado somente 114 enunciados (tabela 06, página 112), os enunciados produzidos neste espaço mobilizaram um grande número de curtidas.

4.4.1 Considerações sobre o quadro geral observado na rede enunciativa: ações comentar e curtir

Observou-se um expressivo número de enunciados sem marcas registradas de responsabilidade (Grafo 10 p. 125, Grafo 12, p. 127) - que neste estudo se pautaram nas ações de curtir e comentar - observáveis na interface do site de rede social analisado, ou seja, a

ausência de marcas de responsabilidade é muito expressiva na rede enunciativa formada. Expresso que a análise da responsabilidade foi executada sobre as marcas observáveis, o que não indica que a responsabilidade inexista em grande escala, mas que neste estudo – talvez em maior grau de ocorrência – seja silenciosa e invisível a coleta de dados.

Os dados acima apresentados nos permitiram observar que, em relação a responsabilidade do enunciado, a ação de curtir (Grafo 13) é expressivamente superior a ação de comentar (Grafo 10, página 125), tornando a rede enunciativa mais densa no que tange à responsabilidade aos enunciados produzidos pelos educadores. Dois fatores podem indicar a correlação desta correspondência: a mesma pode estar pautada nos efeitos da interface nas ações e no contexto de enunciação, pois a ação de curtir tem uma execução mais acelerada e demanda menos tempo na sua realização, assim como não evidencia uma tomada de posição, parece ter mais um sentido afetivo do que reflexão sobre o tema ; que a ação comentar necessita uma reflexão mais atenta - e uso maior do tempo - antes de ser realizada a elaboração da resposta. Neste ponto, é necessário ressaltar que interações no contexto digital podem apresentar um caráter cronologicamente atemporal não delimitado; foi percebido neste estudo uma ação de responsabilidade entre 1's logo após uma publicação, e uma ação de responsabilidade de seis meses após data de publicação.

Contrária as nossas expectativas iniciais, não foram encontrados números significativos de enunciados primários – aqueles que determinamos serem produções enunciativas sem marcas de outros enunciados - sem estar vinculados a um enunciado produzido por outro educador ou ancorado em publicações (artigos, vídeos, reportagens), sendo expressiva a enunciação de autoria coletiva, que parece ser característica recorrente nas publicações analisadas. Outro aspecto que nos pareceu surpreendente foi a ausência de correspondência entre as ações comentar e curtir em relação aos enunciados produzidos; enunciados mais comentados não apareceram como mais curtidos e vice-versa, por exemplo, o enunciado 821 não teve nenhum comentário a ele relacionado mas possui 288 curtidas – o maior número da rede formada.

Sendo que é por meio da responsabilidade ao enunciado que a rede enunciativa se torna visível neste estudo, este contexto vai delineando na rede enunciativa características singulares, tais como: uma interação social baseada mais fortemente na ação de curtir; baixa presença de marcas de responsabilidade nos enunciados analisados; processo de enunciação com base na autoria coletiva e no uso de múltiplas linguagens e composição hipertextual (sendo o princípio da metamorfose o mais observado); responsabilidade de assincronicidade

acentuada; temáticas enunciativas em consonância com as propostas das comunidades; processo de enunciação reduzido a um número ínfimo de educadores – considerando a massiva quantidade de membros integrantes das comunidades; a rede não possui uma composição homogênea no que se refere ao grau de centralidade do processo de enunciação – característica de uma rede sem escalas -, algumas comunidades (Comunidade 05) e alguns educadores (Educador-enunciador 11) se sobrepõe, em participações, numericamente aos demais.

Outro aspecto importante referente à responsabilidade do enunciado pode estar relacionado ao tema e, aparentemente, agir como mote disparador da ação de curtir ou comentar uma publicação. A temática de discussão, presumivelmente, também é propulsora das conexões dos educadores às comunidades que integram e seus deslocamentos entre elas, tendo como base a presença de educadores que participam de mais de um grupo, o que pode ser exemplificado pela rede egocentrada da pesquisadora.

Referente à visibilidade, que pode ser identificada por dois fatores - pela própria enunciação, e pela responsabilidade ao enunciado produzido -, dois destaques forma percebidos: do Educador 11 e da Comunidade 05. Em uma comunidade ocupar uma posição mais centralizada aumenta o grau de visibilidade, a reverberação das vozes de seus integrantes, dos discursos produzidos e de seu posicionamento sócio-ideológico junto a outras comunidades. Dessa forma, enunciados produzidos no seu contexto tem, possivelmente, maior probabilidade de afetar e promover discussões em outras comunidades, bem como, influenciar opiniões de educadores com os quais tenham conexão.

A comunidade 05 possui 38,40% de participação no total de conexões formadas pela rede enunciativa analisada, a proposta de discussão desta comunidade é pautada na formação docente para o ensino e uso de tecnologias educacionais. Formada em julho de 2011, como espaço de discussão de alunos de graduação, possui 3 administradores – sendo um professor-pesquisador de instituição de ensino pública e dois alunos de seu grupo de pesquisa - que são os que mais centralizam (66 das 114 publicações) a produção enunciativa na comunidade. Um dos possíveis fatores encontrados para o expressivo percentual de publicações centradas no administrador-professor pode estar no fato da comunidade ser derivada de uma disciplina de graduação. As ações de comentar e curtir também são quase na sua totalidade endereçadas aos enunciados produzidos pelo professor-administrador do grupo. Os enunciados observados nesta comunidade são de autoria coletiva, e a rede enunciativa formada é mais densa nas ações de curtir. Das 114 enunciações observadas na comunidade, 48 enunciações possuíam

marcas de deslocamentos de outros espaços, 12 delas do *Twitter* e 27 de membros da rede social Facebook que não integravam a comunidade 05, e 09 membros da comunidade que compartilharam sua publicação produzida fora da comunidade. Esta observação foi possível quando a opção manter a publicação original estava ativada.

As relações dialógicas observadas na rede enunciativa estabelecem-se e organizam-se por meio de atratores ideológicos - aparentemente motivadores e estruturadores das conversações em rede estabelecidas nas comunidades. Complementar a propositura de Boll, quando caracteriza atrator como “fragmento simbólico que fixa sentidos” (BOLL, 2013 p. 64), integramos a acepção adotada pela teoria da complexidade³⁹ que os caracteriza como forma na qual os movimentos complexos do sistema se auto-organizam, “estados, ou modos de comportamentos particulares” que podem organizar um sistema caótico (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008, p. 49-50).

A ideologia tem acentuação valorativa e está entrelaçada de forma indissociável a linguagem, ou seja, toda a linguagem é ideológica, “toda a palavra expressa vem carregada de uma carga ideológica expressa no cotidiano porque somos seres sociais e tendo princípios ideológicos estes se expressam na produção de enunciados.” (SELLI, 2011, p. 106).

Neste contexto, atratores ideológicos aqui são assumidos como elementos semânticos que organizam e agrupam, sintetizam discursos e produzem efeitos de sentido (construídos coletivamente e no âmbito social) em enunciados resultantes das práticas conversacionais. São observáveis através da indexação de marcas textuais que compõe um campo semântico de atribuição potenciais de sentidos, nesta pesquisa, realizado a partir do horizonte da pesquisadora. É necessário frisar que os atratores ideológicos não são fixos ou imutáveis, sofrem constante atualização ou ressignificação, emergentes de novas interações entre os sujeitos.

Os principais atratores ideológicos identificados nos enunciados produzidos pelos educadores nas comunidades estão intrinsecamente relacionados ao campo educacional (Enunciados 06, 07 e 08) e ao uso de tecnologia na educação (Enunciado 09) - harmonizado às propostas discutidas nas comunidades -, entretanto questões políticas e sociais (Enunciado 10) aparecem de forma recorrente e expressiva nestes espaços, desviam a temática, mas ao mesmo tempo se integram a elas.

39 Teoria que discute sistemas complexos - elementos inter-relacionados que podem compor uma unidade ou totalidade. São formados por elementos heterogêneos em constante interação entre si, são dinâmicos pois estão em constante transformação (LARSEN-FREEMAN e CAMERON, 2008).

Enunciado 06

[...] uma professora de Informática Educativa do 1º ao 9º ano associa as tecnologias ao processo de alfabetização de seus alunos. (Educador 17 – comunidade 112)

Enunciado 07

a situação da educação no Brasil: "90% dos alunos que terminam o 9o. ano NÃO sabem que 90% é o mesmo que 9 em cada 10..." Vou repetir: 90%!(Educador 27 – comunidade 19)

Enunciado 08

Qual é a real importância da tecnologia nas escolas? Qual é o seu papel e como ela pode, efetivamente, agregar valor ao processo de ensino e aprendizagem? (Educador 118 – comunidade 45)

Enunciado 09

CADÊ MINHA ESCOLA? Transparência Brasil: Um app que monitora a construção de escolas e garante a responsabilidade governamental sobre elas. (Educador 157 – comunidade 45)

Enunciado 10

O Uber é o novo ou é a cooptação do novo pelo velho... O UBER é a cultura nova que chegou ou é a cooptação de uma cultura nova, emergente, pela lógica capitalista anterior? (Educador 113 – comunidade 45)

Outro enfoque relevante, são que fatos de grande repercussão em outras mídias – que não o referido site de rede social - deslocavam-se entre as comunidades e eram pautas de discussões entre os educadores, ponto interessante consta na reverberação praticamente imediata destes enunciados (exemplo: enunciado 04, página 126) entre todos os grupos, quase como contágios (viral).

Fato que os processos de enunciação não se findam porque podem ser sempre retomados, os rompimentos, ausências nas marcas de responsabilidade apontados na análise acima podem, posterior à coleta de dados, terem sido alterados, pois as relações dialógicas estão sempre em processo contínuo de construção, as rupturas são sempre efêmeras, sempre provisórias.

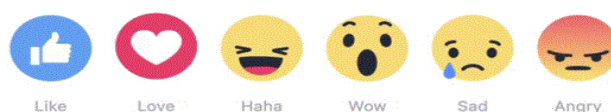
Neste quadro os potenciais efeitos de situações de interação social, em espaço digital de socialização, poderiam provocar na constituição dos processos discursivos: quanto aos sentidos constante atualização; quando aos usos das linguagens múltiplos formatos.

Na rede enunciativa, formada pelas relações dialógicas que fazem parte do corpus de pesquisa, observou-se que grande parte dos educadores se desloca em distintos espaços, sendo integrante de – no mínimo – duas comunidades; e que a ação de curtir acentuadamente mostra mais ocorrências do que a ação de comentar.

Koehler (2016), destaca em seu estudo sobre comunidades no site de rede social Facebook que o curtir é uma evidência da visibilidade e presença do membro, pode ser percebido como uma forma de fazer parte da interação social - sem a necessidade de elaborar um comentário, que exige certa reflexão sobre a postagem a que se dirige.

Consideramos que a ação de curtir, talvez derive do modelo contemporâneo de comunicação e de efeitos da interface do site de rede social, mais ainda se configura como um ato social de resposta ao outro, de dar ao outro o acolhimento que o reconhece, de concretização da arquitetônica proposta por Bakhtin. Em nossas interações com as comunidades identificou-se no final do ano de 2016 – desta forma não foi possível sua utilização neste estudo - novas configurações agregadas à ação de curtir (Figura 2, p. 50) na interface do site Facebook, quando a ação não curtiu foi substituída por outras expressões.

Figura 2 – Botões Curtir novo formato (página 50)



Fonte: Facebook

Referente a baixa presença de marcas de responsabilidade, portanto também de responsabilidade, na rede enunciativa formada analisada sob a ótica da ARS, defendemos o seguinte entendimento: a) se há presença da linguagem, elas ocorrem, pois, a linguagem em si já contempla o pressuposto de ser respondível e responsável; b) minha própria existência se funda na minha responsabilidade com o outro e o sentido, não podendo existir dela dissociado; c) a compreensão de um enunciado é indissociável de uma atitude responsiva.

4.5 QUINTA CONTEMPLAÇÃO: SENTIDOS, AUTORIA, SI DISCURSIVO

A enunciação em rede geralmente não ocupa local fixo, mas desloca-se de forma alinear em múltiplos espaços na rede – outras comunidades no Facebook ou mesmo em outras redes sociais (*twitter*) - ou desloca-se em razão temporal na mesma comunidade, quando um curtir, comentar atualiza a enunciação movimentando-a em sentido vertical –; assim como pode deslocar-se para o espaço privado (conversação *inbox*). Neste contexto, em que práticas sociais e linguísticas dos usuários de *sites* de redes sociais vão delineando a composição conversacional vai se formando em uma enunciação tecida em rede. Da mesma maneira que os contextos de enunciação são múltiplos, múltiplos também serão os sentidos produzidos no enunciado.

A peculiaridade no *design* da interface de *sites* de rede social afeta particularmente a recuperação do contexto em seu todo, e da recuperação dos sentidos. Dessa forma, em relação

aos **sentidos** produzidos pelos enunciados gerados nas comunidades, esses se atualizam afetados pelo contexto de enunciação, pela intencionalidade do sujeito enunciador e pelas próprias relações dialógicas que se estabelecem; assim como pela apropriação da palavra de outro.

Em analogia a obra de Velázquez, os sentidos vão se produzindo tanto na tela como em seu exterior. Em um diálogo dinâmico, assim como estático - quando da espera da responsabilidade do outro -, encontram-se e confrontam-se os sentidos que emergem da rede enunciativa desta pesquisa.

A relação dinâmica da produção de sentidos decorre da intensidade das interações dialógicas que vão se produzindo na rede enunciativa, deslocam-se, atualizam-se e reconfiguram-se em seus deslocamentos entre as comunidades. Observou-se frequentemente, nesta investigação, um deslocamento dos sentidos através da apropriação da palavra do outro e pelo atravessamento e confronto – tanto entre os espaços de distintas comunidades quanto em interações em única. Assim como, o contexto de enunciação provoca afecções na forma como os sentidos vão sendo produzidos e negociados entre os educadores.

Foi perceptível a expressiva tensão na busca pelo protagonismo das vozes nos processos de enunciação em interações nos espaços das comunidades analisadas: um enunciado produzido, com certa frequência, perdia destaque em razão de nova enunciação que buscava para si posição de visibilidade no palco da réplica do discurso de outrem. Observou-se igualmente alguns atos visando a regulação dos processos enunciativos, o que no início desta pesquisa já se aventava, em razão do papel mediador dos administradores das comunidades (Enunciado 11).

Enunciado 11

PRÁTICA PARA BOA CONDUTA:

Bem-vindos! Uma palavrinha dos administradores. Esse grupo tem um objetivo específico que deverá ser respeitado. Todas as postagens que fujam ao assunto, por mais interessantes que sejam, serão retiradas. Estamos juntos aqui para a troca de conhecimentos e compartilhamento de experiências. Colabore! 😊:)

OBJETIVO: discutir as novas possibilidades surgidas com a internet através de tecnologias sociais (web 2.0) interativas no cotidiano da pesquisa, da escrita e da leitura e o que elas podem trazer de novo para a comunicação acadêmica e para-acadêmica.

Todos são convidados a postar e comentar assuntos pertinentes ao grupo. (Educador 17 – comunidade 09)

A escuta das vozes, nos espaços das comunidades, somente é visível - ou melhor, passível de observação pela pesquisadora -, mediante marcas da responsabilidade nos

enunciados produzidos. Se considerarmos a baixa taxa de responsabilidade apontadas - grafos 10 (p. 125) e 13 (p. 128) - há um grau acentuado de ausência de escuta. Entretanto, é necessário reconhecer que a falta de marcas observáveis pela análise da rede enunciativa não determina que a escuta não possa acontecer com maior participação nos enunciados analisados, podendo ocorrer de maneira silenciosa.

Indissociável a discussão sobre as vozes presentes nos discursos dos educadores é a reflexão sobre a **autoria** - conceito que surge como necessidade posta pelo diálogo com os dados - nos processos de enunciação na rede.

Neste momento uma grande inquietação se impõe. Observamos no corpus analisado muitos casos nos quais se produzia uma reprodução⁴⁰ enunciativa no espaço das interações – quando um educador, por meio da ação compartilhar, fazia seu o discurso do outro. O que direciona a discussão sobre as fronteiras que separam o que se pode qualificar como autoria, e o que se pode compreender como réplica do discurso do outro.

Em Axt (2004), encontramos a concepção de autoria como posições fugazes de interpretação, noção ampliada em Axt e Elias (2003), em uma definição que postula a autoria interrelacionada às posições ocupadas pelo sujeito na assunção da função de autoria. Posições, de acordo com Axt et al (2016)

comprometidas com a produção de sentido numa dimensão simultaneamente ético-estética, coletivo-singularizante, constituídas nos entrelaçamentos advindos das conexões produzidas a partir de relações de tensão geradas na multiplicidade disjunta e heterogênea de enunciados em cruzamento enunciados em cruzamento, entrecruzados (AXT, et al, 2016, p. 261).

A interface do *site* de rede social Facebook, na ação de compartilhamento, possibilita com extrema facilidade a replicação de enunciados produzidos pelo sujeito outro “de modo simplificado e bastante fiel à cópia original, amplificando o discurso e escalando suas reverberações.” (RECUERO, 2013 p. 250).

Houve autoria na replicabilidade do enunciado da rede enunciativa analisada?

Considerando, nesta pesquisa, replicabilidade - na ação de compartilhamento - como apropriação do enunciado de outrem, e, portanto, a necessidade de apreensão de seu potencial sentido, é com base na concepção dialógica do processo de compreensão que abordaremos

⁴⁰ Ressalto que registros de compartilhamento no *site* Facebook do discurso do outro não são, em muitos casos, identificáveis ou rastreáveis.

essa discussão. Um processo de compreensão, de acordo com Bakhtin (2006), deve ser ativo. Para o filósofo, compreender a enunciação de outrem

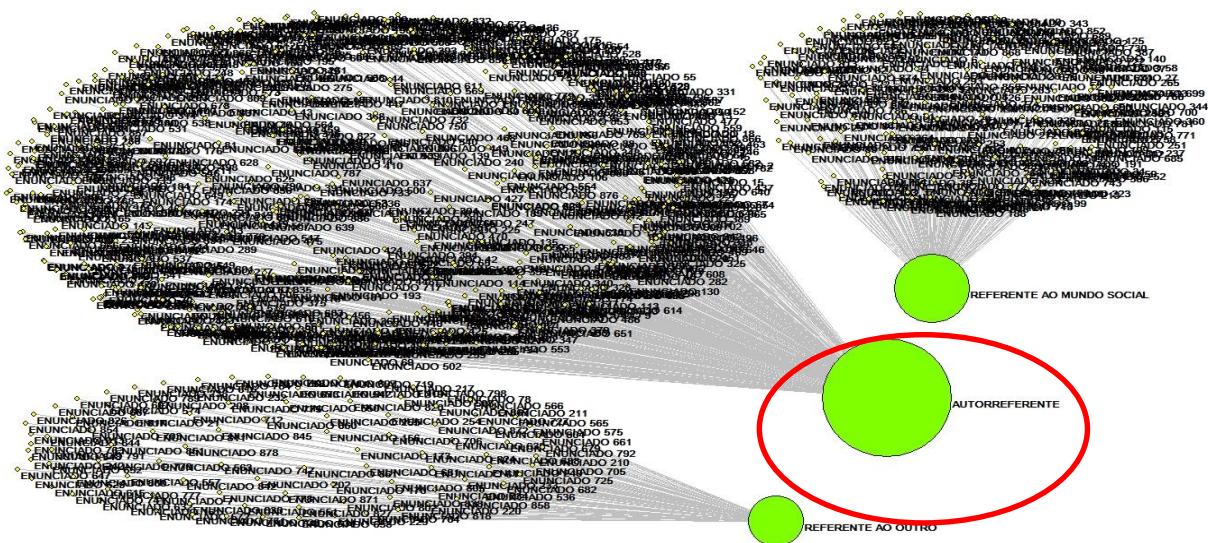
significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão (...) Compreender é opor à palavra do locutor uma contra palavra. (BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2006, p. 131-132).

Deste modo, compreender subentende um processo onde os enunciadores, através de suas vozes, pactuam significados por meio da interação. Concebendo compreensão como pré-requisito à ação de réplica de um enunciado, consideramos a apropriação que observamos em nosso estudo como ato autoral coletivo.

Finalizada as reflexões sobre produção de sentidos e autoria, na etapa final deste capítulo de análise, voltamo-nos ao foco principal de nossas atenções: a constituição do **si discursivo** que emerge da rede enunciativa.

Este desvelamento do si discursivo se pautou na análise das posições sócio-enunciativas emergentes do enunciar narrativo da rede formada por meio de análise do campo semântico. Para tal verificação optou-se, primeiramente, por investigar se o potencial objetivo comunicativo se centrava nas ações do próprio enunciador (autorreferente), de seu interlocutor (referente ao outro) do mundo social (referente ao mundo social) (Grafo 14).

Grafo 14 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas Si discursivo



O Grafo 14, representativo das relações dialógicas da rede enunciativa do si discursivo, é formado pelas conexões estabelecidas entre marcas observáveis das posições sócio-enunciativa assumidas pelo enunciador (cor verde) e enunciados (cor amarela). As posições sócio-enunciativas foram caracterizadas como: autorreferente, referente ao outro e referente ao mundo social. Na rede formada foi aplicada a métrica da centralidade, a qual nos permitiu observar que os enunciados autorreferentes eram os mais centrais (circulado de vermelho), ou seja, os que mais agrupavam enunciados.

O grafo acima corrobora nossa percepção inicial de que o enunciar narrativo - produzido no contexto do *site* de rede social Facebook – possui como especificidade, mais acentuada, um enunciar voltado ao autobiográfico, ou seja, centrado no enunciador.

A segunda parte da investigação da rede do si discursivo direcionou-se a identificação das posições sócio-enunciativas emergentes dos processos de enunciação. Para identificação das posições sócio-enunciativas foi organizada tabela de composição do campo semântico, como recorte foi definida análise das enunciações do Educador 11, enunciador mais central na rede enunciativa formada.

Ressalto que as expressões que sintetizam a organização do campo semântico (Tabela 09) partem do horizonte da pesquisadora, portanto estruturado a partir de sua leitura e dos sentidos nela produzidos durante a interação com o enunciado em seu contexto de produção. A tabela se compôs como um instrumento importante porque permitiu uma leitura mais sistemática do grande número de enunciados produzidos sem a necessidade de transcrição dos mesmos, preservando desta forma o anonimato dos interlocutores da pesquisa. Parte do objetivo temático já caracterizado no corpus (Tabela 03, p. 89) ao qual agrega subtemas desvelados na interação com os enunciados, aos subtemas são relacionados a posição social e a posição enunciativa emergentes dos enunciados. A regra de enumeração tem como base a frequência da presença e sua co-ocorrência.

Tabela 9 – Composição do campo semântico da rede do educador 11

TEMA CGT 01	SUBTEMA Campos semânticos	POSIÇÃO SOCIAL Educador 11	POSIÇÃO ENUNCIATIVA Educador 11	TOTAL DE ENUNCIADOS PRODUZIDOS
	Recursos tecnológicos	Pesquisador	Autorreferente	1
Referente ao outro			18	
Professor		Autorreferente	10	

Tecnologias Digitais para a educação	Políticas públicas educacionais	Professor	Referente ao outro	2
			Referente ao mundo social	3
	Políticas públicas: Ações políticas do setor legislativo/executivo	Cidadão	Referente ao social	12
			Referente ao outro	14
	Políticas sociais: Ações políticas do setor legislativo/executivo	Cidadão	Referente ao social	11
			Referente ao outro	2
	Práticas pedagógicas	Professor	Autorreferente	47
	Pesquisas científicas	Autor	Autorreferente	12
		Pesquisador	Referente ao outro	15
			Autorreferente	18
	Aspectos éticos da vida e do trabalho	Cidadão	Referente ao outro	4
			Autorreferente	1
Pesquisador		Autorreferente	7	
Ações sociais	Cidadão	Autorreferente	3	
	Professor	Autorreferente	2	

Na composição do campo semântico da rede do Educador 11 (Tabela 09) identificou-se que dos 182 enunciados produzidos: em relação a posição enunciativa, 101 eram autorreferentes, 55 referentes ao outro, e 26 referente ao mundo social; a posição social predominante foi a de educador.

Aspecto que consideramos relevante foi de que enunciados voltados a discussão das práticas pedagógicas, assim como de pesquisas científicas, em sua totalidade eram autobiográficos. Entretanto, nos enunciados direcionados a discussão sobre políticas - sejam elas educacionais, sociais, ou envolvendo ações do poder executivo e/ou legislativo – a posição enunciativa assumida era de referente ao outro ou referente ao mundo social, não foram encontrados posicionamentos autorreferentes nos enunciados produzidos pelo Educador 11.

O si discursivo que emerge da rede enunciativa do Educador 11 assume distintas posições sócio-enunciativas em suas interações nas comunidades virtuais (o educador, cidadão), sendo a posição sócio-enunciativa de educador intrinsecamente conectadas as outras

, como se dominante as demais-; seus enunciados têm, em grande parte, um caráter autobiográfico mais acentuado, mas sem isolar da discussão temas relacionados ao mundo político e social.

A enunciação em rede e na rede se estrutura com base nas práticas comunicativas derivadas das interações dos sujeitos no âmbito digital. Uma relação que se estabelece a partir da minha existência e da existência do outro, no qual me contemplo, me constituo, o qual me legitima.

Contrário à expectativa inicial desta pesquisadora, a crença de identificar em comunidades virtuais a rede de um si multifacetado, no qual posições sociais estabeleciam-se discursivamente de forma bem delineada e de modo alternado - derivada de estudo preliminar⁴¹ realizado em página do perfil pessoal de três membros do *site* Facebook -, esta pesquisa trouxe descobertas que antagonizam as premissas projetadas pela análise anterior.

A rede de si que emerge da rede enunciativa que estabelece a tela como território de materialização de suas vozes, presumivelmente por sua polifonia e pelas configurações que assume, não se caracteriza por partes isoladas de um todo integrado, tampouco de fronteiras demarcando em espaços limítrofes múltiplas posições sociais.

Emerge dos dados um sujeito discursivo que representa a si mesmo na tela, assim como Velázquez em sua obra, que ao mesmo tempo que é parte também é o todo. Concretizado no espaço social que ocupa através do acolhimento do outro, a quem se entrelaça e se torna visível pelos processos de enunciação que vão sendo edificados.

Que corporifica a arquetônica do sujeito social, histórico, ético, estético e político que aflora dos narrares biográficos e do mundo cotidiano - no contexto estrito do espaço de uma comunidade virtual. Um enunciar narrativo que vai, por meio dos sentidos construídos, “compondo” linhas que desvelam na tela o “quadro” das subjetividades do enunciadore; enunciadore que ao mesmo tempo que é o artista que se retrata, pincela traços do mundo vivido.

Emerge deste estudo um si discursivo em devir, à espera de um acabamento, mesmo que fugaz e provisório. Facetas de um discurso onde se encontra, de acordo com AXT (2013, p. 185-186) “o que já somos - passado presentificando-se - e o que ainda não somos - presente

41 Garcia (2013). “ME ENCONTRA NO FACE”: A tela como território de narrativas autobiográficas. Trabalho apresentado no 19º Intercâmbio de Pesquisa em Linguística Aplicada (InPLA) e do 5º Seminário Internacional de Linguística (SIL).

passando[...]. a incompletude à espreita de completar-se”. Os sujeitos nas abas estão sendo efeitos de produção subjetiva encabeçada pela tecnologia das redes sociais (*hard e software*) que intermedia a relação dialógica.

Uma das discussões a que esta tese se propunha associava-se a investigação do entendimento dos educadores sobre o uso de tecnologias digitais na educação, para respondê-la faço uso do questionamento proposto por um educador de uma das comunidades analisadas (Enunciado 08, página 138).

No que tange a discussão sobre educação e tecnologia encontra-se a valorização de inovações tecnológicas, em sua totalidade relacionadas a recursos educacionais abertos, mas sempre relacionadas as práticas pedagógicas. Foi identificada uma postura crítica-reflexiva dos educadores nas discussões sobre esta temática. O cenário construído por distintas vozes evidencia um país que ainda engatinha na inclusão digital, principalmente em escolas públicas: problemas com conexões de internet (lenta, insuficiente⁴² ou ausente), equipamentos obsoletos e em constante manutenção, falta de laboratórios de informática adequados, e falta de formação de professores para uso dos recursos digitais; mas também professores engajados em boas práticas que buscam qualificar a educação.

Dessa forma, o espaço das comunidades virtuais em sites de rede social acaba configurando-se como espaço de formação continuada quando faz o compartilhamento de recursos digitais (em especial aqueles de código aberto), e discute práticas pedagógicas inovadoras como a sala de aula invertida e uso pedagógico de sites de redes sociais - bem exemplificado pela dissertação *Portfólio de matemática: um instrumento de análise do processo de aprendizagem* (SILVA de BONA, 2010) e tese *Espaço de aprendizagem digital da matemática : o aprender a aprender por cooperação* (SILVA de BONA, 2012) - que visam introduzir docentes nas metodologias contemporâneas e nas práticas pedagógicas interdisciplinares; assim como na tese *Interação social em rede e nas redes: contributos para uma educação em rede* (KOEHLER, 2016) – que discute como as interações sociais em rede e nas redes podem contribuir para uma educação em rede.

⁴² Grande parte das escolas públicas no Brasil possuem velocidade de navegação na internet de até 2 Mbps. Informação disponível em: <http://portal.mec.gov.br/programa-saude-da-escola/193-secretarias-112877938/seed-educacao-a-distancia-96734370/15808-programa-banda-larga-nas-escolas>

5. ABAS INFINITAS: ACABAMENTO PROVISÓRIO DE UM OBJETO ESTÉTICO

*Escrever não é certamente impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida [...].
Escrever é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em vias de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria visível ou vivida.
É um processo, ou seja, uma passagem de vida que atravessa o vivível e o vivido.
(DELEUZE, 1997, p.11)*

Toda pesquisa científica necessita de um desfecho, cabe à minha voz - como pesquisadora e autora desta tese - a responsabilidade de dar acabamento ao vivido como ser ético, neste texto que se configura como objeto estético resultante da concretização do que foi experienciado. Um acabamento provisório que abre novas fronteiras, novos sentidos e olhares, um acabamento dialógico. Pois os sentidos que se apresentaram, como resultante de minha análise, emergiram de minha leitura sobre os dados e discussão teórica; partiram de minha posição sócio-enunciativa de autora-educadora, do horizonte social em que me encontrava.

A pesquisa é um campo de tensão e esta não foi diferente. A principal dificuldade foi achar o tom certo para destaque de todas as vozes, sem o apagamento ou exaltação da minha própria, esculpindo meu próprio si discursivo – o de escritora desta tese, que acolhe este outro que, nas minhas palavras, vai se enunciando, que se interroga e busca respostas diante dos acontecimentos da vida.

Não houve receitas, caminhos certos ou predefinidos, a cada momento surpresas (agradáveis ou não). Seguimos o trajetar de um percurso novo e sedutor, o que é compreensível, no momento em que esta investigação não teve como foco a composição do retrato estático da realidade vivida, até porque o mundo vivido não é estático; mas se tratou de compor pinceladas na tela do observável - que se configura a partir de meu horizonte e do acolhimento do outro.

Neste trajetar não se buscou respostas exatas, tampouco o percurso desta pesquisa foi fácil de trilhar. Os caminhos percorridos eram sempre novos, a busca de potenciais sentidos sempre foi a meta almejada; não a de esgotamento das reflexões sobre o tema. Mesmo porque a compreensão é de que somente arranhamos o profundo campo que se descortina à pesquisa dos estudos dos processos de enunciação no mundo digital; e de que os sites de rede social se

configuram como campo profícuo de investigação a pesquisadores da área da linguagem (assim como de outras áreas de estudo).

Nesta busca, esta investigação norteou-se por duas questões norteadoras, aqui retomadas de maneira concisa, visto já terem sido discutidas ao longo dos capítulos de análise.

Como se desenvolvem os processos de enunciação em contexto formado por comunidades de educadores em sites de redes sociais?

O processo discursivo, em sua configuração, ou seja, na materialização por meio de enunciados, sofre efeitos da interface, assim como também lhe causa impacto. O contexto digital, e a especificidade da interface do *site* Facebook, delinea: os modos de comunicação (na *timeline*, visível a todas as conexões; *inbox*, espaço privado que é visível somente envolvidos na conversação); as formas de conexão (via solicitação de amizade ou solicitação de ingresso em uma comunidade); as ações de interação entre seus membros (publicar, curtir, comentar, compartilhar); ocasionalmente, regulação das publicações pelo administrador da comunidade; direcionamento da temática discutida, que é estabelecida pelos administradores ou por algum dos membros.

Os processos de enunciação se produzem, em grande maioria, em tempo cronológico assíncrono, e estão sempre em processo contínuo de construção, um ciclo potencialmente retomado por meio de hiperlinks ou ações de curtir e comentar.

O que se observou de distinto neste estudo, foram as marcas que indicam a atualização do sentido:

- 1) através da ação compartilhar, o deslocamento para espaço discursivo distinto, ou seja, novo contexto;
- 2) através da ação comentar uma publicação;
- 3) através da presença de atratores ideológicos (discutido na questão anterior);
- 4) pela apropriação da palavra do outro por meio da ação compartilhar mantida publicação original.

A produção de sentido se instaura, essencialmente,

- 1) na relação eu-outro - o outro é o território em que busco o sentido, e onde ele se concretiza - e no encontro com outros sentidos;
- 2) impactada pelo contexto social, histórico, ideológico – dentre outros –,

3) pelo horizonte social do sujeito.

Tais características são presentes nas interações sociais, independentes de advirem do cenário online ou offline. No âmbito dos sentidos, o discurso constituído nas relações dialógicas, em grande parte, se organiza por atratores, os quais evidenciam a posição ideológica assumida pelo educador na interação social em rede e na rede. Os sentidos que derivam das relações dialógicas, reverberam, aparentemente, tanto no contexto *online* como no *offline*.

A interface nos impôs algumas limitações, no que tange à observação da responsabilidade aos enunciados produzidos. As marcas visíveis nas relações dialógicas estabelecidas só foram possíveis de serem observadas mediante as ações de curtir e comentar, o que nos deixa um amplo campo que não pode ser analisado. O que, na perspectiva da ciência das redes, poderíamos concluir como inexistentes, apoiados em pressupostos bakhtinianos podemos afirmar - como já o fizemos anteriormente - que ausência de marcas observáveis não significa ruptura nas relações dialógicas.

Como os educadores se constituem discursivamente no espaço digital?

No âmbito da composição discursiva, no caso deste estudo, as relações dialógicas situam-se como marcas observáveis das interações entre os educadores, e proporcionam visibilidade às vozes presentes nos enunciados e, conseqüentemente, ao si discursivo que delas emerge. As vozes discursivas, emergentes das interações sociais nas comunidades virtuais, tem caráter autobiográfico acentuado. As relações dialógicas se estabelecem e circulam por distintos espaços, seu encadeamento decorre das ações de comentar e curtir, e não obedece – obrigatoriamente - formato linear. Dessa forma, o si discursivo dos educadores flui em distintos espaços.

No âmbito das posições sócio-enunciativas, que evidenciam o si discursivo assumido pelo educador no espaço de comunidades virtuais, identificou-se que são múltiplas e não se apresentam de modo alternado, tampouco se configuram como partes isoladas e independentes de um todo. As posições sócio-enunciativas, neste caso, vão instituindo acabamentos provisórios ao si discursivo.

Somos uma rede não só no aspecto biológico - ou do organizado pelas interações sociais -, mas também no sentido discursivo, uma rede enunciativa, uma rede de si. Assim como muito do outro descobri, de mim também muito foi desvelado, porque ver o outro é ver a mim mesma projetada, tudo que se diz deles se encontra em mim também.

5.1 NOVOS OLHARES: O QUE NÃO FOI INVESTIGADO, DESCONSTRUÇÕES E NOVOS QUESTIONAMENTOS

O mapeamento dos processos enunciativos já se configura como processo de alta complexidade, e como foi observado neste estudo este fato deriva principalmente da dificuldade de recorte dos processos comunicativos sem que haja prejuízo da recuperação do sentido. Podemos extrair uma parte significativa do contexto, mas não sua totalidade, os deslocamentos enunciativos e a dinâmica dos sites de redes sociais nos impossibilitaram de observar sua integralidade, e nem ter a certeza da fração que foi possível de observar. Como um pintor conseguimos compor retratos na composição da rede, mas somente a partir de nosso horizonte social e espacial.

Ao longo desta tese, mais do que respostas nos defrontamos com novos questionamentos, desconstruções sobre potenciais resultados de análise, e novas perspectivas de estudos para aplicação nos dados coletados. Mesmo não os tendo contemplado ao longo dos capítulos desta tese, por não estarem diretamente relacionados aos objetivos de estudo, consideramos importante apresentá-los ao leitor.

O que não sabemos sobre REDES?

Recuero (2008), em sua página pessoal, afirma que é na década de 90 que os estudos das redes sociais é

redescobertos por um grupo de estudiosos de viés matemático e físico. Nesta leva estão o Duncan Watts, o Albert-László Barabási, o Steven Strogatz (que foi o orientador do Watts) e o Mark Newman. Esses estudiosos vieram de grupos que procuravam entender não mais a composição e estrutura das redes sociais, mas fundamentalmente, a dinâmica das redes sociais no tempo (RECUERO, 2008).⁴³

De acordo com Newman (2003), o estudo das redes neste novo formato ainda está no seu início, e inexistem um arcabouço teórico e um programa sistemático para análise e identificação de suas estruturas, sequer temos a certeza de estar formulando as perguntas certas.

O que o autor coloca como um panorama de incertezas vemos como um cenário de possibilidades, com potencial de integrar estudos interdisciplinares, de fomentar diálogos entre o pesquisador e distintas teorias e campos de investigação.

⁴³ Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2008/05/estudos-de-rede.html>. Acesso em 07/12/2017.

Que especificidades encontramos no processo de enunciação em rede?

Educadores se conectam a educadores, seja de forma direta – conexão direta nos perfis de amigos – ou de forma indireta – conexão através do perfil de um amigo ou através da comunidade que participa. Os processos de enunciação acompanham a dinâmica destas conexões, o que acarreta grandes dificuldades no mapeamento da rede inteira dos processos enunciativos.

Tal fato nos leva a refletir sobre dois pontos importantes: o caráter público dos enunciados e o tamanho real da rede enunciativa.

Embora as publicações tenham caráter público pelo espaço onde se produzem, seria descuido como pesquisadora não aventar que ela tenha se produzido no âmbito privado. Recuero (2012), alerta que entre o público e privado nas conversações online há fronteiras que são “permeáveis e móveis, um dos desafios para a compreensão da conversação nestes espaços (...)”. Tal possibilidade nos direcionou a decisão de manter anonimato dos enunciados produzidos pelos docentes nas comunidades analisadas, poucos enunciados foram utilizados e somente com a autorização dos autores.

Uma das características dos sites de rede social é da migração entre vários grupos sociais, só observáveis, neste estudo, quando diretamente conectadas a rede da autora. Tal peculiaridade nos provocou mais que respostas, questionamentos sobre: Que medida teria a rede enunciativa deste estudo em sua integralidade? A quantos passos estamos de outro educador com o qual não mantemos relação direta? Os interesses que nos conectam a determinadas comunidades são estáveis ou efêmeros?

Que elementos da ARS, aplicados a análise dos processos de enunciação em rede e na rede, podem ser passíveis de novos estudos a partir dos dados coletados nesta tese?

Durante o período de construção das matrizes e de análise das redes nos deparamos com algumas possibilidades de estudos bem interessantes, que podem servir de base a produção de investigações futuras.

O primeiro aspecto que nos chamou atenção durante a utilização do software para configuração da rede foi a possibilidade de aplicação de outras métricas, distintas da métrica de centralidade relacionada aos nós (educadores, enunciados) aplicada aos dados de nosso estudo. Há métricas relacionadas a análise da rede como um todo, onde o nó não é o foco central, dentre eles podemos citar:

1) densidade: caracteriza o nível geral de interações entre os nós de uma rede associado ao número médio de suas conexões (RECUERO, 2014). A medida de densidade pode indicar uma maior quantidade de conexões entre os educadores e as comunidades, assim como a conectividade entre os enunciados e suas interrelações

2) clustering (grupabilidade): expressa o grau de ligação entre os nós. Evidenciaria em nossos estudos educadores ou enunciados (nós da rede) com alta ou baixa conectividade.

O segundo aspecto de destaque a potenciais estudos futuros se refere as relações entre os sujeitos de enunciação (educadores), e da possibilidade de analisar nestas relações fatores como laços sociais e capital social. Laços sociais estão relacionados a intensidade das relações estabelecidas entre os sujeitos. Laços fortes são da esfera mais íntima das relações (família e amigos mais próximos), laços fracos se referem ao círculo externo das relações sociais (amigos de um amigo) (GRANOVETTER, 1973). A análise de laços fracos dos educadores que fizeram parte deste estudo nos possibilitaria identificar como determinados enunciados circulam entre eles, e a potencialidade de conexão da rede enunciativa. Capital social constitui-se no conteúdo das relações sociais em uma rede, valor constituído pelos sujeitos durante a interação (RECUERO, 2005). O capital social tem caráter coletivo, quando faz parte das relações de um grupo, e individual quando usado pelo sujeito. Analisar os enunciados produzidos por educadores com maior capital social poderia nos levar a compreender como seus discursos podem produzir efeitos sobre outros educadores e nas comunidades onde se inserem.

O terceiro aspecto se refere a análise da presença de buracos estruturais na arquitetura da rede. Buracos estruturais são buracos estáticos numa rede que impedem a comunicação entre componentes conexos distintas, mas que podem estrategicamente ser preenchidos adicionando uma ligação (BURT, 1992). No caso da rede enunciativa poderíamos analisar os enunciados produzidos nas comunidades 7,8 e 9 e compará-los aos demais, observando o fluxo de enunciados entre as redes.

Os pontos acima apresentados, como passíveis de novos estudos, a nosso ver apresentam-se como um panorama fértil de pesquisas ainda a serem desenvolvidas. Entretanto, destaco que apesar de amplitude de possibilidades que se anuncia, o mais importante é o uso de tal metodologia estar alicerçado a um arcabouço teórico bem fundamentado e alinhado aos objetivos de investigação. É uma base teórica sólida que fará

toda a diferença no trabalho do analista de redes, para que os dados se tornem significativos; que assim como o quadro de Velázquez, possam constituir-se como produtores de múltiplos sentidos, não somente belas imagens sem sentido.

E na perspectiva bakhtiniana, que outros diálogos poderiam ser estabelecidos a partir dos dados coletados nesta tese?

Dois potenciais diálogos com os dados, tendo como base pressupostos bakhtinianos, se destacaram em nosso estudo: o primeiro diálogo no âmbito da criação; o segundo, pelo estudo da forma composicional do grafo, ou do estudo do grafo como enunciado de manifestação artística.

O estudo dos grafos, em sua forma composicional, como meio de realização da forma arquitetônica em determinado material - substância do mundo dado extraído do mundo ético (BAKHTIN, 2003). O grafo, como enunciado de manifestação artística, como compreendido por Passos (2011), a arte como manifestação de linguagens, ou seja, “obras de arte devem ser entendidas como enunciados inseridos em determinados gêneros do discurso das esferas da comunicação humana”.

De acordo com Faraco (2007, p. 39), “criar nos remete a dar existência a algo”. O uso do software Pajek, neste contexto, poderia ser discutido como espaço de invenção criadora: primeiramente pelo criador do software que o idealizou; posteriormente, por mim – pesquisadora -, quando do uso do software para elaboração dos grafos (imagens representativas de dados coletados de uma realidade observada). Neste contexto, os grafos seriam compreendidos como estética de uma produção criadora, oportunizando retratar uma realidade estética.

PARA ONDE VAMOS A PARTIR DAQUI?

Respondo, não através de minha voz, mas com as palavras de Barabási (2003, p. 197).

A resposta é simples. Devemos retirar o invólucro.

O objetivo é entender a complexidade. Para tanto, precisamos ir além da estrutura e da topologia e começar a focar a dinâmica que se processa ao longo dos links.

As redes são apenas a estrutura da complexidade, as vias dos diversos processos que fazem nosso mundo vibrar.

Para descrever a sociedade, precisamos revestir os links da rede social com as interações dinâmicas reais, intersubjetivas.

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B; SOUZA, E. C. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

AMORIM, Marília. **O pesquisador e seu outro**: Bakhtin nas Ciências Humanas. São Paulo: Musa editora, 2004.

AXT, Margarete. Estudos em Linguagem Interação Cognição/ Criação - LELIC: dos deslizamentos de sentido engendrando um modo de pesquisar-formar. In: AXT, Margarete; AMADOR, Fernanda.S; REMIÃO, Joelma A. **Experimentações ético-estética em pesquisa em educação**. Porto Alegre: PanoramaCrítico, 2016.

_____. Por uma escuta dos sentidos na maturidade-velhice. In: OUTEIRAL, J. et al. (Org.). **Amadurecer**: ensaios sobre o envelhecimento. Curitiba: Maresfield Garden, 2013.

_____. Mimeses e Poiesis: o cognitivo e o imagístico como limiares do virtual. In: FRAGA, Dinorá (orgs) **Políticas do Virtual**: inscrições em linguagem, cognição e educação. São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 2012.

_____. Mundo da vida e pesquisa em educação: ressonâncias, implicações, replicações. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 46, n. 1, p. 46-54, jan./mar. 2011.

_____. Do pressuposto dialógico na pesquisa: o lugar da multiplicidade na formação (docente) em rede. **Informática na Educação**: Teoria e Prática, Porto Alegre, 2008.

_____. Comunidades Virtuais de Aprendizagem e Interação Dialógica: do corpo, do rosto e do olhar. **Filosofia**. Unisinos, v. 7, p. 256-268, 2006.

_____. Civitas a cidade viva ou de um espaço para o acontecimento-invenção na escola. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 29, n. 2. p. 219-235, 2004.

_____. A pesquisa em rede como espaço de autoria - condições de possibilidade, intervenção e avaliação. MESA REDONDA nº 45 – EIXO TEMÁTICO 3 – **GESTÃO E POLÍTICAS EDUCACIONAIS**, Porto Alegre, 2000.

AXT, Margarete et al. Cidades-experimentações: para inscrição numa (est)ética da aprendizagem enquanto acontecimento. **Fractal**, Rev. Psicol. vol.28 no.2 Rio de Janeiro mai./ago. 2016.

AXT, Margarete et al. **Tecnologias digitais na educação**: tendências. **Educar**, Curitiba, Especial, p. 23-264. Editora UFPR, 2003.

AXT, M.; ELIAS, C. R. Autoria coletiva ambientes virtuais e formação. In: MARASCHIN, C.; LUCCA FREITAS, L. B. de.; CARVALHO, D. C. de. (Org.). **PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO**; multiversos sentidos, olhares e experiências. 1 ed. Porto Alegre: UFRGS, v. 1, p. 259-277, 2003.

AXT, Margarete; FAGUNDES, Léa da Cruz. Educação à distância via Internet: buscando indicadores de qualidade para a avaliação. In: MORAES, V. R. (org.) **Melhoria do ensino e capacitação docente**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1996.

BAKHTIN, M. **Para uma filosofia do ato**. Trad. de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza. São Paulo, 2012.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. **Questões de Literatura e de Estética**. São Paulo: Hucitec, 2002.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. Paulo Bezerra. 4 ed. São Paulo, SP. Martins Fontes, 2003.

BAMBERG, M. **Narrative development: six approaches**. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 1996

BARABÁSI, Albert-László. **Linked: how everything is connected to everything else and what it means for business, science, and everyday life**. New York: Plume, 2003.

BATAGELJ, Vladimir; Mrvar, Andrej, Software de análise de redes **Pajek**. Disponível em: <http://mrvar.fdv.uni-lj.si/pajek/> Acesso em 15 abr. 2017.

BEZERRA, P. Polifonia. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, 2013. p. 191-200.

BIANCAMANO, Mary da Rocha. O espaço-núcleo entre o fazer e o compreender e os movimentos de autoria e ética na aprendizagem coletiva em AVA. In: AXT, Margarete; AMADOR, Fernanda.S; REMIÃO, Joelma A. **Experimentações ético-estética em pesquisa em educação**. Porto Alegre: PanoramaCrítico, 2016.

BOLL, Cintia Inês. **A enunciação Estética Juvenil em vídeos escolares no Youtube**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2013, 118 f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Educação UFRGS, Porto Alegre, 2013.

BORGES, Fabricia Teixeira; VERSUTI; Andrea Cristina; PIOVESAN, Angélica de Fátima. Lorqueando: a literatura como vivência estética de si e do outro na educação a distância. **Revista Contrapontos - Eletrônica**, Vol. 12 - n. 3 - p. 331-349 / set-dez 2012.

BRAIT, Beth. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. P.; FIORIN, J. L. (orgs.). **Dialogismo, polifonia, intertextualidade: em torno de Bakhtin**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1994. p. 11-27.

_____. Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. In: **Gragoatá**. V 11 n 20. p 47-62. 2006.

BRANDÃO. W; PARREIRAS. F.; SILVA, A. Redes em Ciência da Informação. Evidências

comportamentais dos pesquisadores e tendências evolutivas das redes de coautoria. Londrina: **Informação & Informação**, v.12, n. esp., 2007.

BRASIL. **LEI Nº 12.965, DE 23 DE ABRIL DE 2014.** Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/112965.htm Acesso em 12 maio 2016.

BRÉAL, Michel. **Ensaio de semântica.** 2 ed. Campinas:RG, 2008.

BROCKMEIER, Jens, HARRÉ, Rom. Narrativa: problemas e promessas de um paradigma alternativo. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 16. n. 3, p. 525-535, 2003.

BRUNER, J. **Making stories: law, literature, life.** Cambridge: Harvard University Press, 2002.

_____. **Actual minds, possible worlds.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1991.

_____. **Acts of Meaning.** Cambridge, MA: Harvard University Press, 1990.

BUBNOVA, Tatiana. O princípio ético como fundamento do dialogismo em Mikhail Bakhtin. **Conexão Letras**. v. 8, n. 10, 2013.

BURT, Ronald S. **Structural Holes.** Cambridge: Harvard University Press. 1992

CAPES. **Banco de Teses.** Disponível em: < <http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/>> Acesso 02 dez. 2013.

CASTELLS, M. In: CASTELLS, Manuel; CARDOSO, Gustavo (org). **A Sociedade em Rede: do conhecimento à ação política**, 2006. Disponível em: < <http://cies.iscte-iul.pt/np4/home/>> Acesso em 15 ago. 2012.

_____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

_____. **The rise of the network society.** Cambridge: Blackwell Publishers, 1996.

CHAGAS, J. **Blogs Pessoais: a representação do eu na vida cibernética.** Santa Catarina: Universidade Federal de Florianópolis, 2007.121f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Florianópolis, Florianópolis, 2007.

COLVARA, Lauren Ferreira. **Tecnototemismo: a subjetividade em tempos tecnológicos.** São Paulo: Instituto de Psicologia, 2013. 219 f. Tese de doutorado. Programa de Pós Graduação em Psicologia Social e do Trabalho, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogia das conexões. In PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e Educação: publicar, curtir e compartilhar.** P 47-65. Campina Grande: EDUEPB, 2014

DAVIES, Bronwyn; HARRÉ, Rom. Positioning: The Discursive Production of Selves. *Journal for the Theory of Social Behavior*, 20 (1), 43-63. In HARRÉ, Rom and LANGENHOVE, Luk van (eds), **Positioning Theory: Moral Contexts of Intentional Action.** Malden: Blackwell, 1999.

DE CASTRO, P. A. **Rede complexa e criticalidade auto-organizada: Modelos e Aplicações**. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007, 175 f.. Tese de doutorado. Instituto de Física de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Empirismo e Subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume** (L. B. L. Orlandi, trad.). São Paulo: Editora 34, 2001.

_____. **Clínica e Crítica**. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELL'ISOLA, Regina L. P. Algumas concepções de gênero textual/discursivo. **Gêneros textuais: o que há por trás do espelho?** [recurso eletrônico]. Dell'isola, Regina L.P. (org). Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2012. Disponível em <http://www.nigufpe.com.br/wp-content/uploads/2011/05/Generos-textuais-o-que-ha-por-tras-do-espelho.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

DONATH, Judith S. Identity and Deception in the Virtual Community. In KOLLOCK, Peter. and SMITH, Marc. (organizadores) **Communities in Cyberspace**. Routledge. New York, 1999.

ELIAS, Carime Rossi; SILVEIRA, Paloma Dias; COSTA, Janete Sander; AXT, Margarete. Processos avaliativos em ambientes virtuais de formação: uma perspectiva interacional-dialógica. **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 26, n. 61, p. 48-81, jan./abr. 2015.

ELLISON, Nicole; BOYD, danah. Sociality through Social Network Sites. In: Dutton, W.H. (Org.). **The Oxford Handbook of Internet Studies**. Oxford: Oxford University Press, p. 151-172, 2013

EMERSON, C. **Os cem primeiros anos de Mikhail Bakhtin**. Translation by Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

FACEBOOK. Website de Rede Social **Facebook**. Disponível em: <https://www.facebook.com> Acesso em 09 set. 2012.

FACUNDES, Leonildes Pessoa. **Os Sufixos -(z)inho, -ão e -ona em português: uma perspectiva enunciativa**. Piauí: Universidade Federal do Piauí, 2008. 107f. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2008.

FAGUNDES, L. C.; AXT, M. Comunicação via rede telemática. Comunicação Via Rede Telemática: a construção de um saber partilhado com vistas a mudanças na prática educativa. **LETRAS DE HOJE**, EDIPUCRS, Porto Alegre, v. 27, n. 4, p. 155-159, 1992.

FARACO, Carlos Alberto. Autor e Autoria. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p.37-60, 2013.

_____. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. Curitiba: Criar, 2003.

FAZITO, Dimitri. A análise das redes sociais (ARS) e a migração: mito e realidade. **Anais do XIII Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais**, 2002.

FONSECA, Tania Mara Galli. Trabalho e subjetividade. **Revista de Ciências Humanas**, Florianópolis: EDUFSC, n.28, p.35-49, out. de 2000.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**: uma arqueologia das ciências humana. Tradução SALMA TANNUS MUCHAIL São Paulo: Martins Fontes,1999.

FRAGOSO, S; RECUERO, R; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

FREITAS, M. T. A. A abordagem sócio-histórica como orientadora da pesquisa qualitativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 116, p. 20-39, jul. 2002.

GARCIA, Rosangela Silveira. ?ME ENCONTRA NO FACE?: A publicização do si na rede social Facebook e seu impacto nas representações sociais dos sujeitos. In: **INPLASil 19 °** Intercambio de Pesquisa em Linguística Aplicada e 5º Seminário Internacional de Linguística, 2013, São Paulo. INPLASil 2013.

GRANOVETTER, M. The Strength of Weak Ties. In: **American Journal of Sociology**, Vol 78, n 6, Maio de 1973

GRIGOLETTO, Evandra. Reflexões sobre o funcionamento do discurso outro: de Bakhtin á análise do discurso. In: ZANDWAIS, Ana.(org) **Mikhail Bakhtin**: Contribuições para a Filosofia da Linguagem e Estudos Discursivos. Porto Alegre: Ed. Sagra de Luzzatto, 2005.

GUATTARI, F. **Caosmose**: Um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo; Ed. 34 2006.

GUATTARI, F.; ROLNIK, S. **Micropolítica**: Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

HARRÉ, R.; VAN LANGENHOVE, L. **Positioning Theory**: moral contexts of intentional action. Oxford and Massachussets: Blackwell Publishers, 1999.

JOBIM e SOUZA, S. Dialogismo e alteridade na utilização de imagem técnica em pesquisa acadêmica: questões éticas e metodológicas. In FREITAS, M.T.; JOBIM e SOUZA, S; KRAMER, S. **Ciências Humanas e pesquisa**: leituras em Mikhail Bakhtin.p 77-94. São Paulo: Cortez. 2003

JOBIM E SOUZA, S.; ALBUQUERQUE, E. D. P. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana. In: **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2), p. 109-122, Jul./Dez. 2012.

JOHNSON, S. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

KELLY, Brian. **Introduction To Facebook**: Opportunities and Challenges For The Institution. Disponível em: <http://www.ukoln.ac.uk/web-focus/events/meetings/bath-facebook-2007-08/> Acesso em 10 Ago. 2012.

KIRSCHKOP, K. **Mikhail Bakhtin: An aesthetic for democracy.** Oxford, UK: Oxford University Press, 2002.

KOEHLER, Cristiane. **Interação Social em rede e nas redes: contributos para uma educação em rede.** Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2016, 278f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação, UFRGS, Porto Alegre, 2016.

KNOKE, David; KUKLINSKY, James H. **Network Analysis.** Beverly Hills, Califórnia: Sage Publications, 1982.

KOCH, I.G.V.; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender: os sentidos do texto.** 2ª ed., 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008.

KOCH, I. G. V.; FÁVERO, L. L. Contribuição a uma Tipologia Textual. **Textual, Letras e Artes**, Universidade Federal de Uberlândia, Vol. 3(1):3-10, jun./1987.

KOCH, I. G. V.; TRAVAGLIA. **Texto e Coerência.** São Paulo: Cortez, 1989.

LARSEN-FREEMAN, D; CAMERON, L. **Complex systems and applied linguistics.** Oxford: Oxford University Press, 2008.

LAZEGA, Emmanuel; HIGGINS, Silvio Salej. **Redes Sociais e Estruturas Relacionais.** Belo Horizonte, MG: Fino Traço, 2014.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática.** 13ª edição São Paulo: Editora 34, 2004.

_____. **Cibercultura,** Instituto Piaget, 1997.

MACHADO, Irene. Gêneros Discursivos. In: BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave.** São Paulo: Contexto, P 151-166, 2013.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual: análise de gênero e compreensão;** São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

_____. Gêneros textuais: definição e funcionalidade in DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino.** Rio de Janeiro: Lucerna. 2002.

_____. **Da Fala para a Escrita: Atividades de Retextualização.** 1ª. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2001.

MARKOVA, I. Introduction: Why dynamics of dialogue. In. Markova & K. Foppa (Eds.), **The dynamics of dialogue.** London, UK: Harvester Wheatsheaf, 1990.

MARQUES, E.; BICIR, R. Redes de apoio social no Rio de Janeiro e em São Paulo, **Novos Estudos.** Cebrap, São Paulo, 90, 2011.

MARTELETO, Regina Maria. Informação, redes e redes sociais – fundamentos e transversalidade. Londrina: **Informação & Informação,** v.12, n. esp., 2007.

_____. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, v.30, n.1, p.71-81, 2001.

MARTINHO, Cássio. Algumas Palavras sobre Rede. In: SILVEIRA, Caio Márcio e DA COSTA REIS, Liliane (orgs.). **Desenvolvimento Local, Dinâmicas e Estratégias**. Rede DLIS/RITS, p. 24-30, 2001.

MATHEUS, Renato Fabiano; SILVA, Antônio Braz de Oliveira e. Análise de redes sociais como método para a Ciência da Informação. **DataGramZero**, v.7, n.2, abr. 2006.

MEHLECK, Querte T. C; AXT, Margarete; TAROUCO, Liane M. R. For-chat: uma comunidade virtual construindo sentido, autoria e conceitos em um ambiente cooperativamente interativo. **Cinted**. V.1, no 01 fev-2003.

MERCKLÉ, Pierre . **Sociologie des réseaux sociaux**. Paris: La Découverte, 2004.

MOIRAND, Sophie. Communication écrite et apprentissage initial. in **Le Français dans le Monde**. 133:43-57. Hachette-Larousse. Nov./Déc., 1977.

NEIS, Ignácio A. Elementos de uma tipologia do texto descritivo. *Linguística Textual: texto e leitura*. **Cadernos PUC**, 22:47-63, São Paulo, EDUC, 1986.

NEWMAN, J. **The structure and function of complex networks**. **SIAM REVIEW** (Society for Industrial and Applied Mathematics) Vol. 45, No. 2, p. 167–256, 2003. Disponível em: <http://arxiv.org/pdf/cond-mat/0303516.pdf> Acesso em 15 abr. 2017.

NRC. **National Research Council. Committee on Network Science for Future Army Applications**. Network Science. Board on Army Science and Technology. Division on Engineering and Physical Science. National Research Council. Washington, DC: National Academies Press. 2005 Disponível em: http://www.nap.edu/openbook.php?record_id=11516&page=R1 Acesso em 20 maio 2015.

OLIVEIRA, Maria Cláudia Santos Lopes de. **Narrativas e desenvolvimento da identidade profissional de professores**. **CALEIDOSCÓPIO**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 32, n. 88, p. 369-378, set.-dez. 2012.

ORLANDI, E. P. Tipologia dos Discursos e Regras Conversacionais. In **A Linguagem em seu Funcionamento: as formas do discurso**. São Paulo. Brasiliense, 1983.

PACCAGNELLA, Luciano. Getting the Seats of Your Pants Dirty: Strategies for Ethnographic Research on Virtual Communities. **Journal of Computer Mediated Communication**, Vol 3, Issue 1. Junho de 1997. Online em: <http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/paccagnella.html> Acesso em 12 ago. 1998.

PALACIOS, Marcos. **Cotidiano e Sociabilidade no Cyberespaço: Apontamentos para Discussão**. Online em: <http://facom/ufba/br/pesq/cyber/palacios/cotidiano.html> Acesso em: 19 nov. 1998.

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGGI, Maria da Conceição; SOUZA, Clementino de. (Org.) (2008). **(Auto)Biografia: formação, territórios e saberes**. São Paulo: PAULUS; Natal: EDUFRN, p. 103-132, 2008.

PASSOS, Juliana. Arte como discurso ou a discursividade nas linguagens artísticas. **Cena em Movimento** - Edição nº 2, 2011, p. 01-18.

PINGDOM. **Mídias Sociais**. Disponível em <http://royal.pingdom.com/2013/01/16/internet-2012-in-numbers/> Acesso em 15 fev. 2015.

PIOVESAN, A.; BORGES, F. T. Identidade Docente. In PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e Educação: publicar, curtir e compartilhar**. P 329-347. Campina Grande: EDUEPB, 2014.

PIRES, V.L. Dialogismo e alteridade ou a teoria da enunciação em Bakhtin. **Organon** (revista do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. v16, n 32-33. p 36-48, 2002. Disponível em <http://seer.ufrgs.br/organon/article/view/29782> Acesso em 23 fev. 2017.

PIRES, V. L; SOBRAL, A. Implicações do estatuto ontológico do sujeito na teoria discursiva do Círculo Bakhtin, Medvedev, Voloshínov. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (1): 205-219, Jan./Jun. 2013.

PRADO, A. B. **Contribuições da abordagem semiótica ao estudo de Interfaces de Sistemas de Informação Geográfica**. São Paulo: Universidade Estadual de Campinas . 2001, 217f. Dissertação. Instituto de Computação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

PRESSMAN, R. S. **Engenharia de software**. São Paulo: Markron Books, 1995.

RECUERO, Raquel. Métricas de Centralidade e Conversações em Redes Sociais na Internet: Desvelando Estratégias nos Debates Presidenciais de 2014. VIII Simpósio Nacional da ABCiber **Comunicação e cultura na era de tecnologias midiáticas onipresentes e oniscientes**. ESPM-SP – 3 a 5 de dezembro de 2014.

_____. **A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na internet**. Porto Alegre, Sulina, 2012.

_____. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

_____. Um estudo do Capital Social gerado a partir de Redes Sociais no Orkut e nos Weblogs. Revista **FAMECOS**. Porto Alegre, nº 28 - dezembro 2005.

_____. Comunidades virtuais: Uma abordagem teórica. Trabalho apresentado no **V Seminário Internacional de Comunicação**, no GT de Comunicação e Tecnologia das Mídias, promovido pela PUC/RS, 2001. Disponível em <http://www.raquelrecuero.com/teorica.htm>. Acesso em 31/09/2016.

RECUERO, Raquel; BASTOS, marcos; ZAGO, Gabriela. **Análise de Redes para Mídia Social**. Porto Alegre, Sulina, 2015.

RECUERO, Raquel; SOARES, P. Violência simbólica e redes sociais no facebook: o caso da fanpage “Diva Depressão”. **Galaxia** (São Paulo, Online), n. 26, p. 239-254, dez. 2013.

RHEINGOLD, Howard. **La Comunidad Virtual: Una Sociedad sin Fronteras**. Gedisa Editorial. Colección Limites de La Ciência. Barcelona, 1994.

RIBEIRO, José Carlos; AYRES, M. Breves comentários sobre análise de conversação em sites de redes sociais. In PORTO, C.; SANTOS, E. **Facebook e Educação: publicar, curtir e compartilhar**. P 199-219. Campina Grande: EDUEPB, 2014

RIBEIRO, Luis Filipe. O conceito de linguagem em Bakhtin. **Conferência para alunos de Letras da Universidade Fluminense**. Rio de Janeiro, 27 a 29 de novembro de 2006. Disponível em <http://revistabrasil.org/revista/artigos/crise.htm>. Acesso em 24 abr. 2015.

RICOEUR, Paul. Narratividade, fenomenología y hermenéutica. In: **Anàlisi**. Revista Del Departament de Periodisme i Ciències de la Comunicació de la Universitat Autònoma de Barcelona. Barcelona, n. 25, 2000.

ROSSETI-FERREIRA Maria Clotilde; AMORIM, Katia De Souza; SILVA, Ana Paula Soares Da. **Rede de significações: e o estudo do desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

SAITO, Fabiano Santos; RIBEIRO, Patrícia Nora de Sousa. (Multi)letramento(s) digital(is), teoria do posicionamento e identidade docente: como professoras de uma escola pública juizforana se localizam metaforicamente na era digital. **Revista Práticas de Linguagem**. v. 3, n. 2, jul./dez. p. 104-121, 2013.

SANTANA, M. R.C. Redes Técnicas: os avatares geográficos da cidade mediada eletronicamente. In: **Reflexões e Construções Geográficas Contemporâneas**. Salvador: Copyright, 2004.

SCHLEMMER, E. Metodologias para educação a distância no contexto da formação de comunidades virtuais de aprendizagem. In: Barbosa, R.M. (Org.). **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**. ARTMED, Porto Alegre, 2005.

SCOTT, J. **Social Network Analysis**. A handbook. 2nd edition. London: Sage, 2004.

SELLI, Maribel Susane. Uma Experimentação Pelos Caminhos do Civitas na Formação Inicial de Professores. In: AXT, Margarete; AMADOR, Fernanda.S; REMIÃO, Joelma A. **Experimentações ético-estética em pesquisa em educação**. Porto Alegre: PanoramaCrítico, 2016

SELLI, Maribel Susane Selli. **Formação Docente: reverberações possíveis na prática pedagógica**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011, 121f. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

SILVA, Lídia J. Oliveira Loureiro da. A Internet – a geração de um novo espaço antropológico. In: LEMOS, André; PALACIOS, Marcos (orgs). **Janelas do Ciberespaço: comunicação e Cibercultura**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2001, p. 152-172.

SILVA DE BONA, Aline. **Espaço de Aprendizagem Digital de Matemática: o aprender a aprender por cooperação**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2012, 252f. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012.

_____. **Portfólio de matemática: um instrumento de análise do processo de aprendizagem**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2010, 404 f. Dissertação 2010. Instituto de Matemática. Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

SMITH, Ana Du Val. Problems in Conflict management in Virtual Communities. In KOLLOC, K Peter e SMITH, Marc. (organizadores) **Communities in Cyberspace**. Routledge. New York, 1999.

SOBRAL, Adail. Ético e estético: na vida, na arte e na pesquisa em Ciências Humanas. In BRAIT, B. **Bakhtin: conceitos-chave**. São Paulo: Contexto, p. 103-121, 2013.

_____. Ato/atividade e vento. In Brait. **Bakhtin: conceitos chave** 2013 p. 11-36.

_____. Ato “Responsível”, ou Ato Ético, em Bakhtin, e a Centralidade do Agente. **SIGNUM: Estud. Ling.**, Londrina, n. 11/1, p. 219-235, jul. 2008

SOUZA, Solange Jobim; ALBUQUERQUE, Elaine Deccache Porto. A pesquisa em ciências humanas: uma leitura bakhtiniana / Research in human sciences: a Bakhtinian reader. **Bakhtiniana**, São Paulo, 7 (2): 109-122, Jul./Dez. 2012.

SOUZA, Eliseu Clementino. **O conhecimento de si: Narrativas do itinerário escolar e formação de professores**. Bahia: Universidade Federal da Bahia, 2004, 442f. Tese de doutorado. Faculdade de Educação . Universidade Federal da Bahia, Terra, 2004.

SOUZA, Elmara Pereira de; OLIVEIRA, Eduardo David de. Produção de subjetividade em ambiente virtual de aprendizagem para formação de docentes online. Anais do SIED:EnPED - v. 1, n. 1. Universidade Federal de São Carlos, 2012. Disponível em <http://sistemas3.sead.ufscar.br/ojs1/index.php/sied/article/view/42/16>. Acesso em 13 mar. 2015.

STAFUZZA, G. Pressupostos teórico-metodológicos para uma análise do discurso literário: a interação verbal entre Joyce e Homero. In: FERNANDES, C. A et al.(Org.) **Sujeito, identidade e memória**. Uberlândia: EDUFU, p.155-173, 2004.

STATISTA. **Estatística de usuários da rede social Facebook**. Disponível em <http://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/> Acesso em 15 fev. 2015.

SUED, Gabriela. Pensando a Facebook, uma aproximação colectiva por dimensiones. In: PSCITELLI, Alejandro et al. (Org.). **El Proyecto Facebook y la Posuniversidad**. Buenos Aires: Ariel/Fundación Telefónica, p. 59-70, 2010.

STELLA, Paulo Rogério. Palavra. In Brait, B. **Bakhtin** conceitos-chave. 2013 p 177-190

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. **TransInformação**, Campinas, 25(3):245-253, set./dez., 2013.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Esferas de ação social e comunidades discursivas: conceitos superpostos, mas distintos. In: BASTOS, Neusa Barbosa (Org.). **Língua Portuguesa: aspectos linguísticos, culturais e identitários**. São Paulo: EDUC, p. 75-90, 2012.

VELÁZQUEZ, Alejandro; AGUILAR GALLEGOS, Norman. **Manual Introdutório à Análise de Redes Sociais Mexico**: Universidad Autonoma Del Estado de México., 2005.

WASSERMAN, Stanley; FAUST, Katherine. **Social network analysis: methods and applications**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994

WERTHEIM, Margaret. **Uma história do espaço de Dante à Internet**. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

WELLMAN, Barry e GULIA, Milena. Virtual Communities as Communities: Net Surfers don't ride Alone. In KOLLOCK Peter and SMITH, Marc. (organizadores) **Communities in Cyberspace**. Routledge. New York, 1999.

WEREBE, M. J. G., & NADEL-BRULFERT, J. **Henri Wallon**. São Paulo: Ática, 1986.

XAVIER, Antônio Carlos. **O hipertexto na sociedade da informação**: a constituição do modo de enunciação digital. São Paulo: Unicamp, 2002, 214 f. Tese de doutorado. Instituto de Estudos da linguagem. Unicamp, Campinas, 2002.

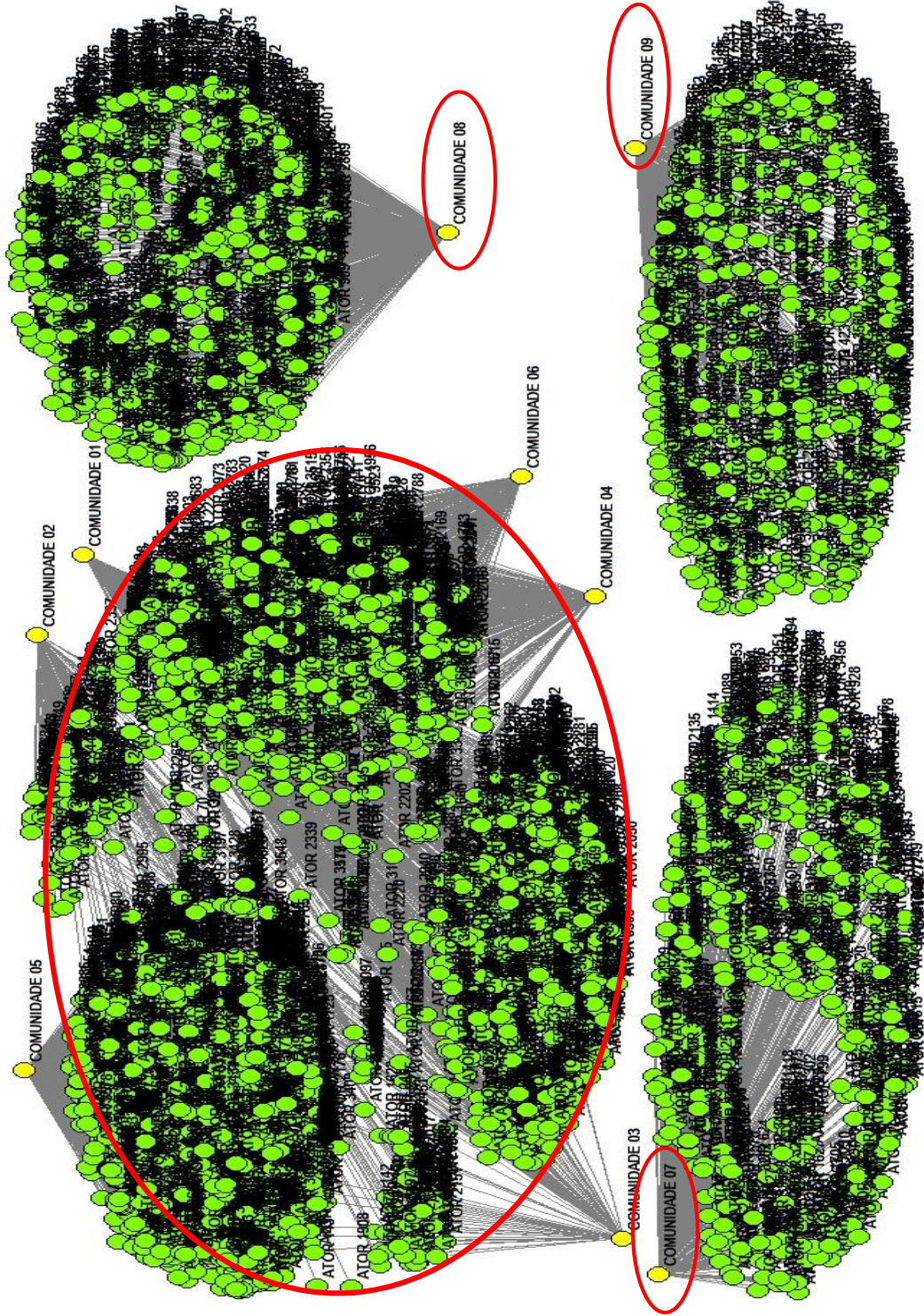
XAVIER, Antônio Carlos. **A era do hipertexto**: linguagem e tecnologia. Recife: Editora Universitária/UFPE., 2009.

ANEXOS

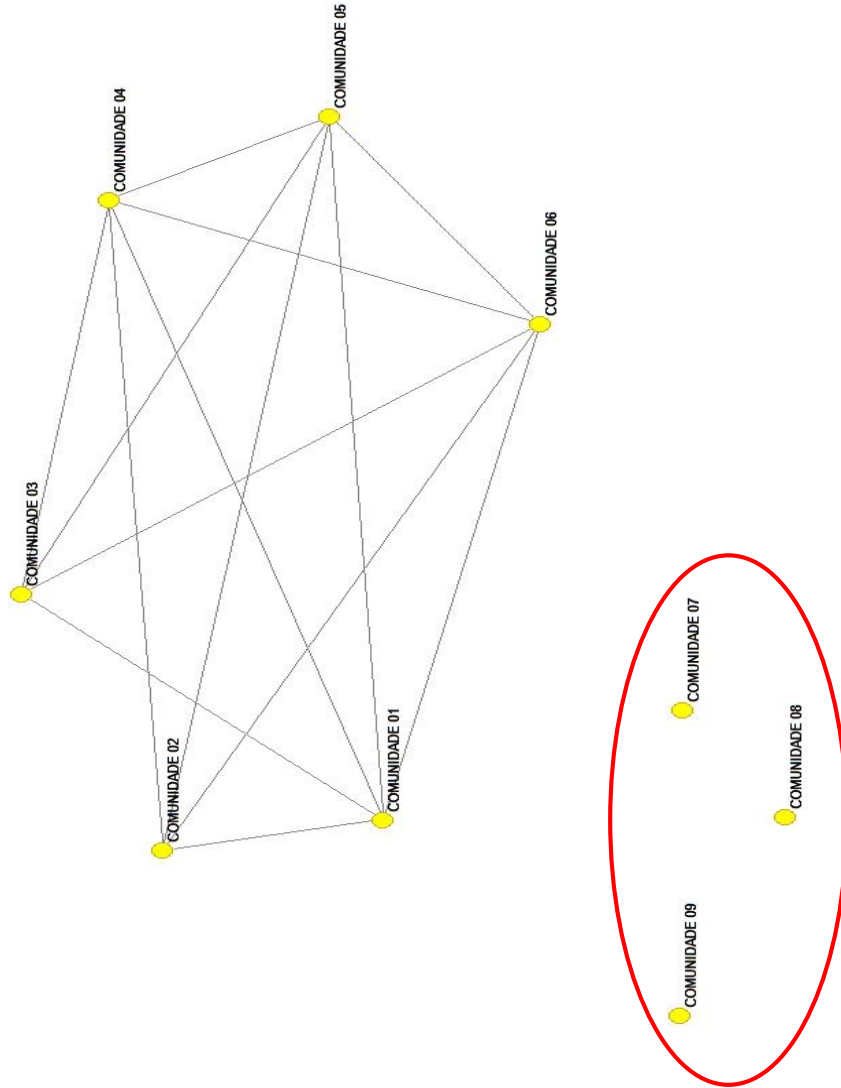
ANEXO 01 – QUADRO LAS MENINAS

Obra do Pintor Diego Velázquez - Museu do Prado em Madrid.

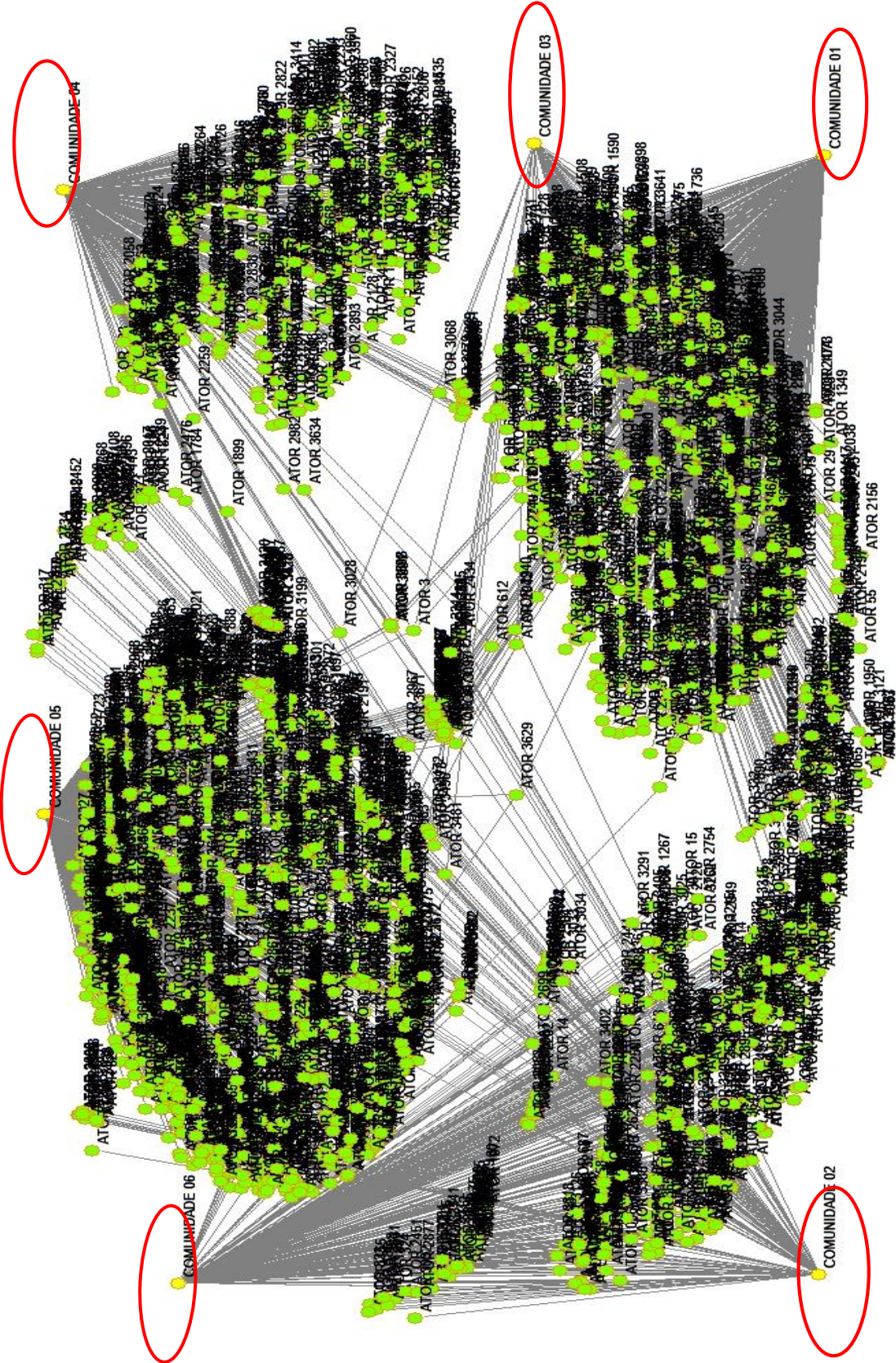
Grafo 01 - Rede Conexões Comunidades Virtuais e Educadores



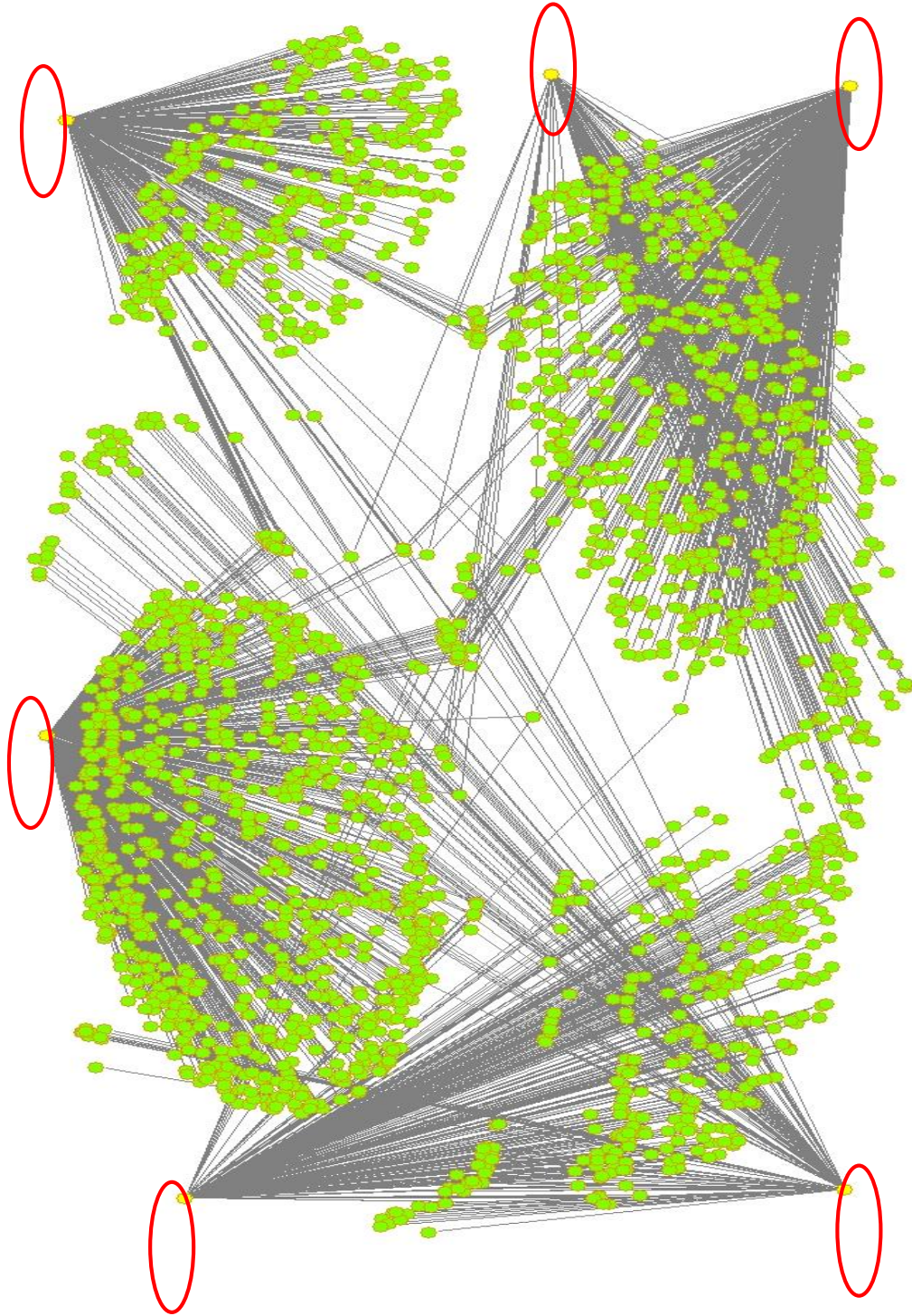
Grafo 02 - Rede Conexões Comunidades Virtuais



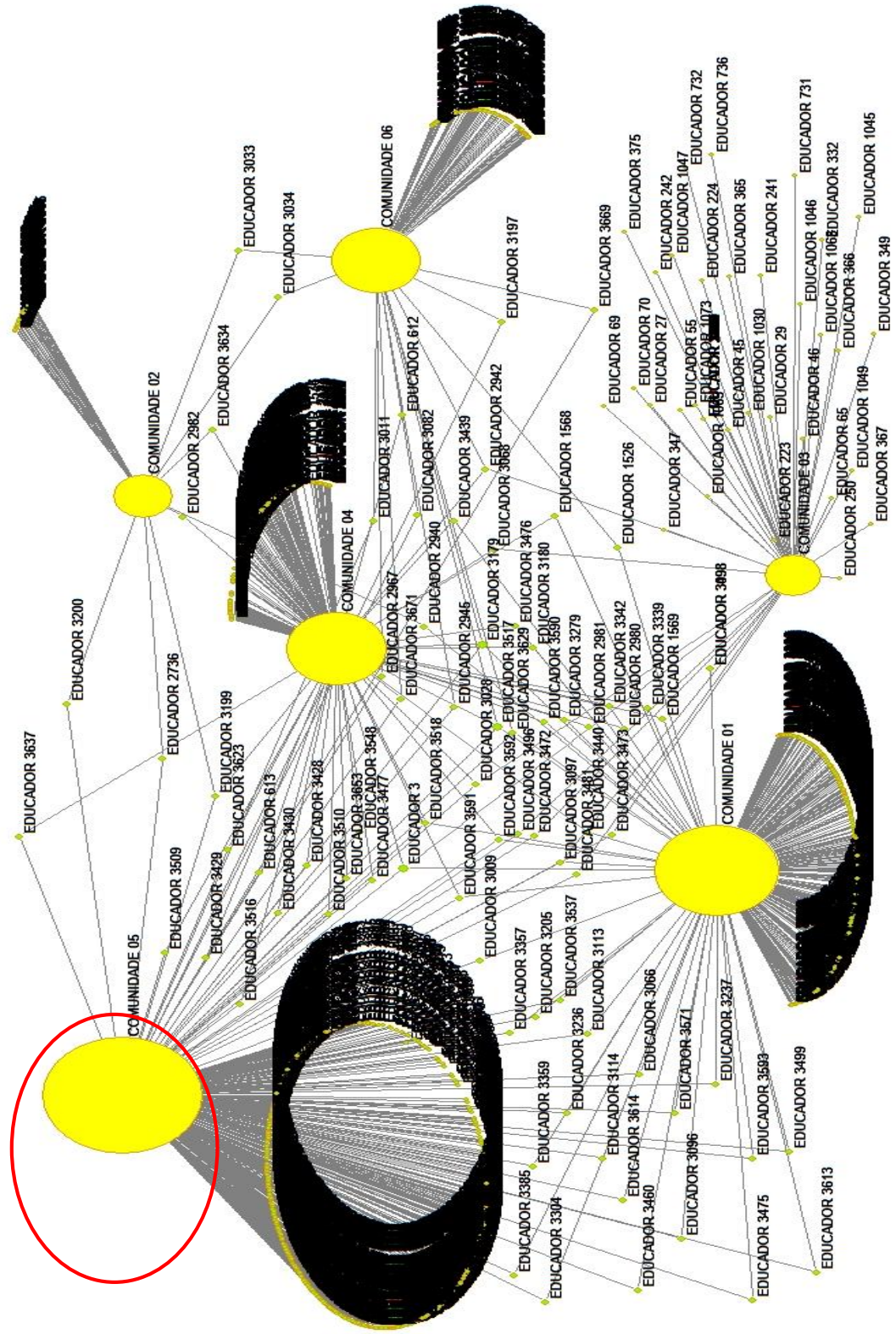
Grafo 03 - Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa



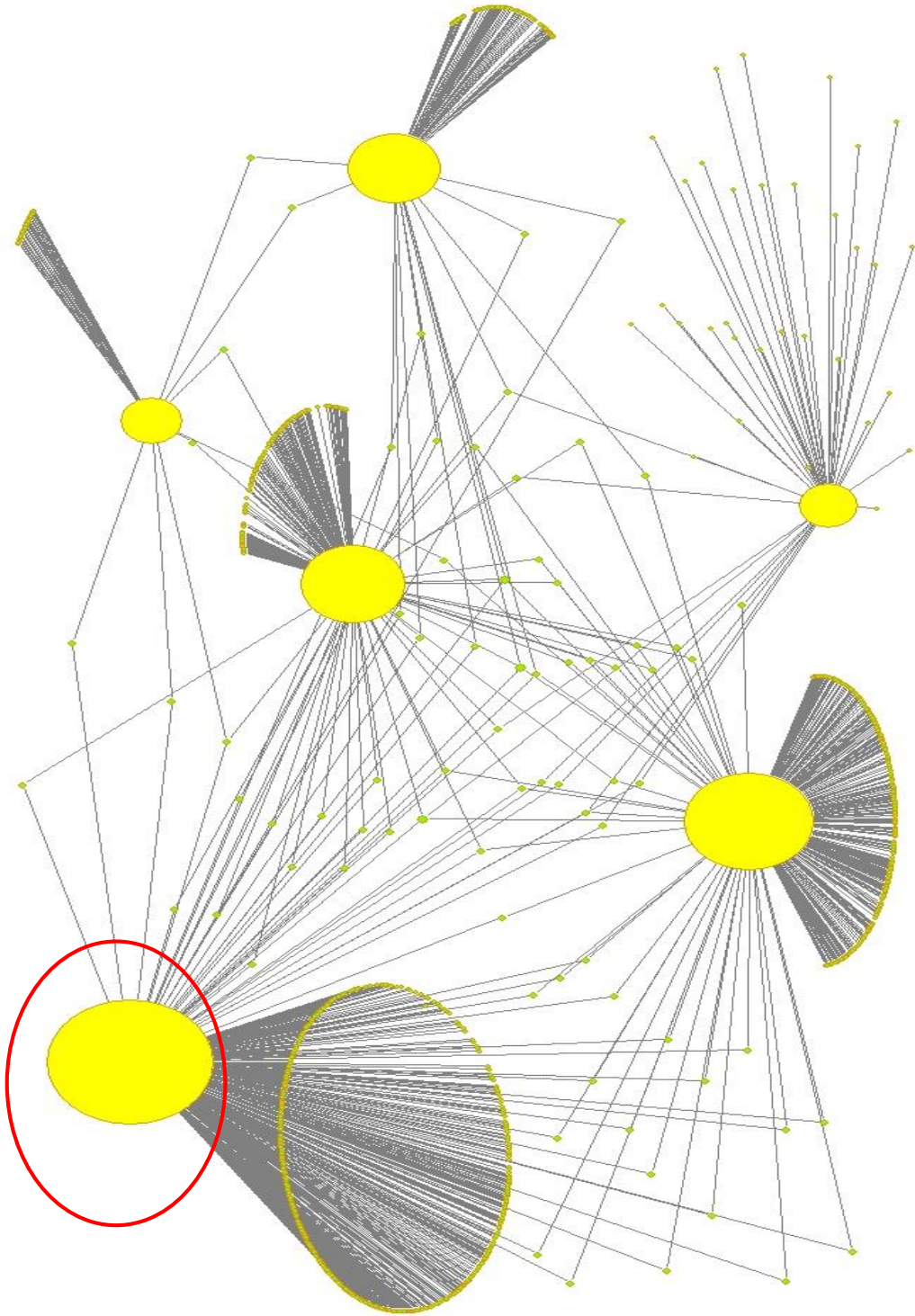
Grafo 03a - Rede Enunciativa do Corpus da Pesquisa (só grafo)



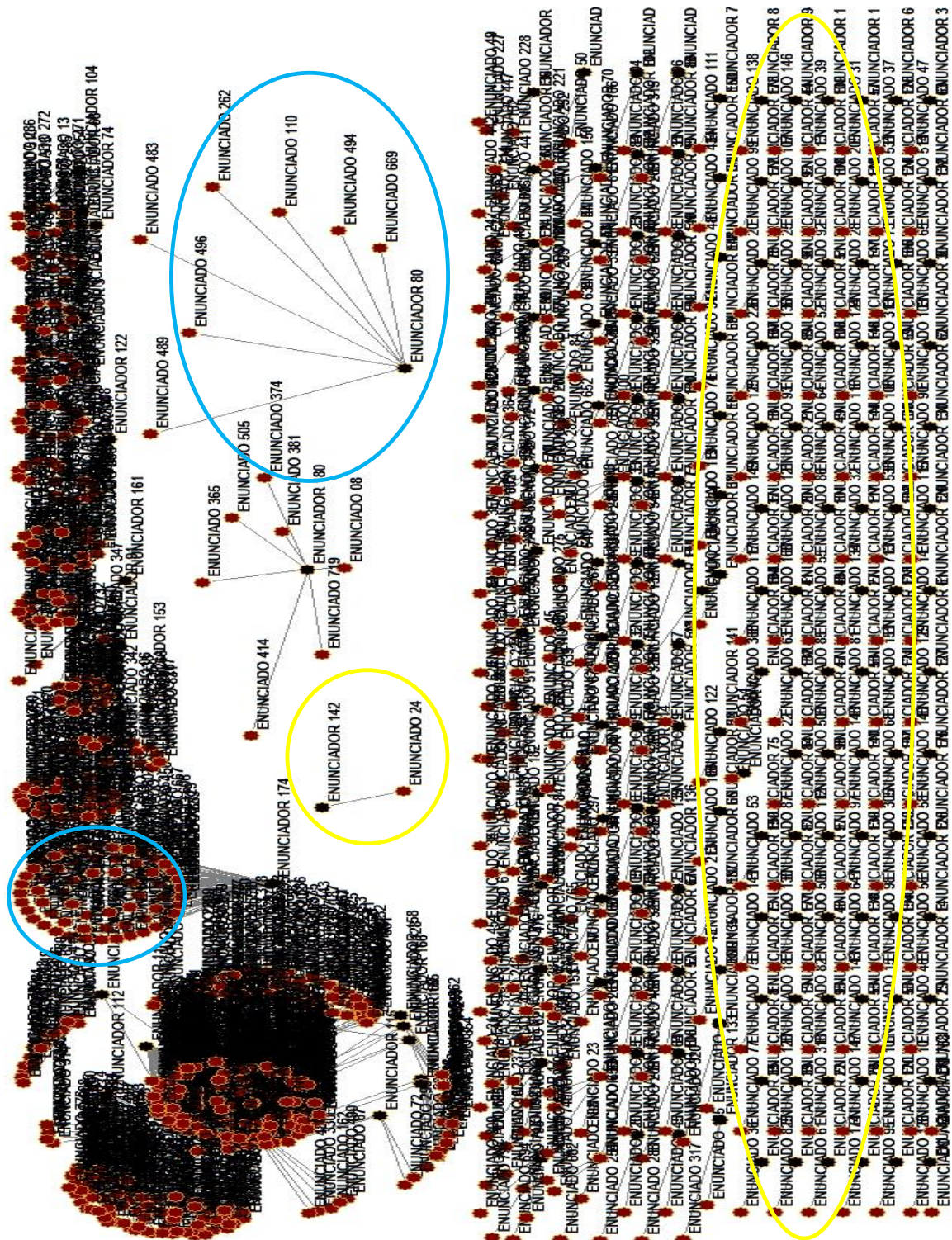
Grafo 04 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade



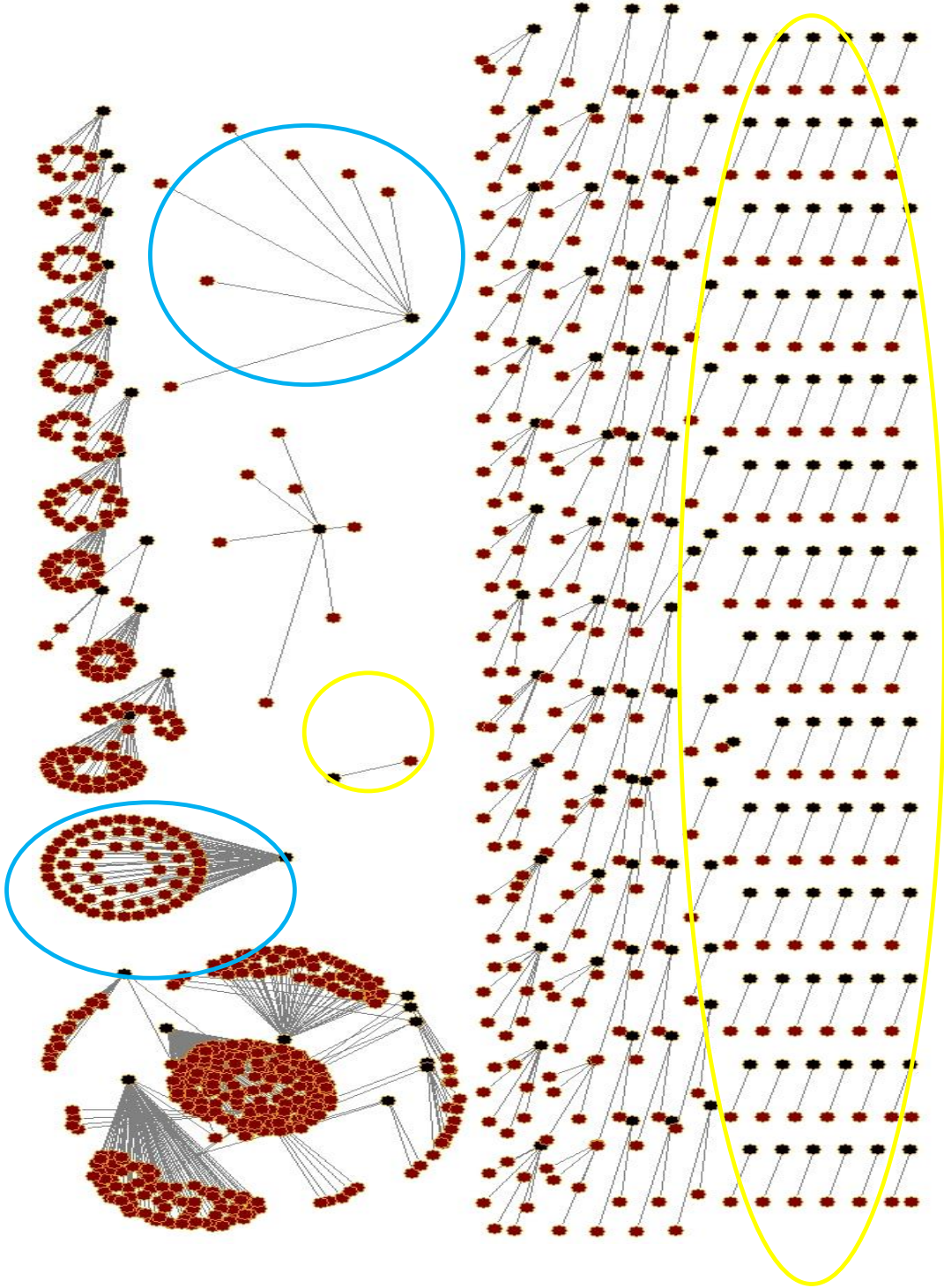
Grafo 04a - Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade - só grafo



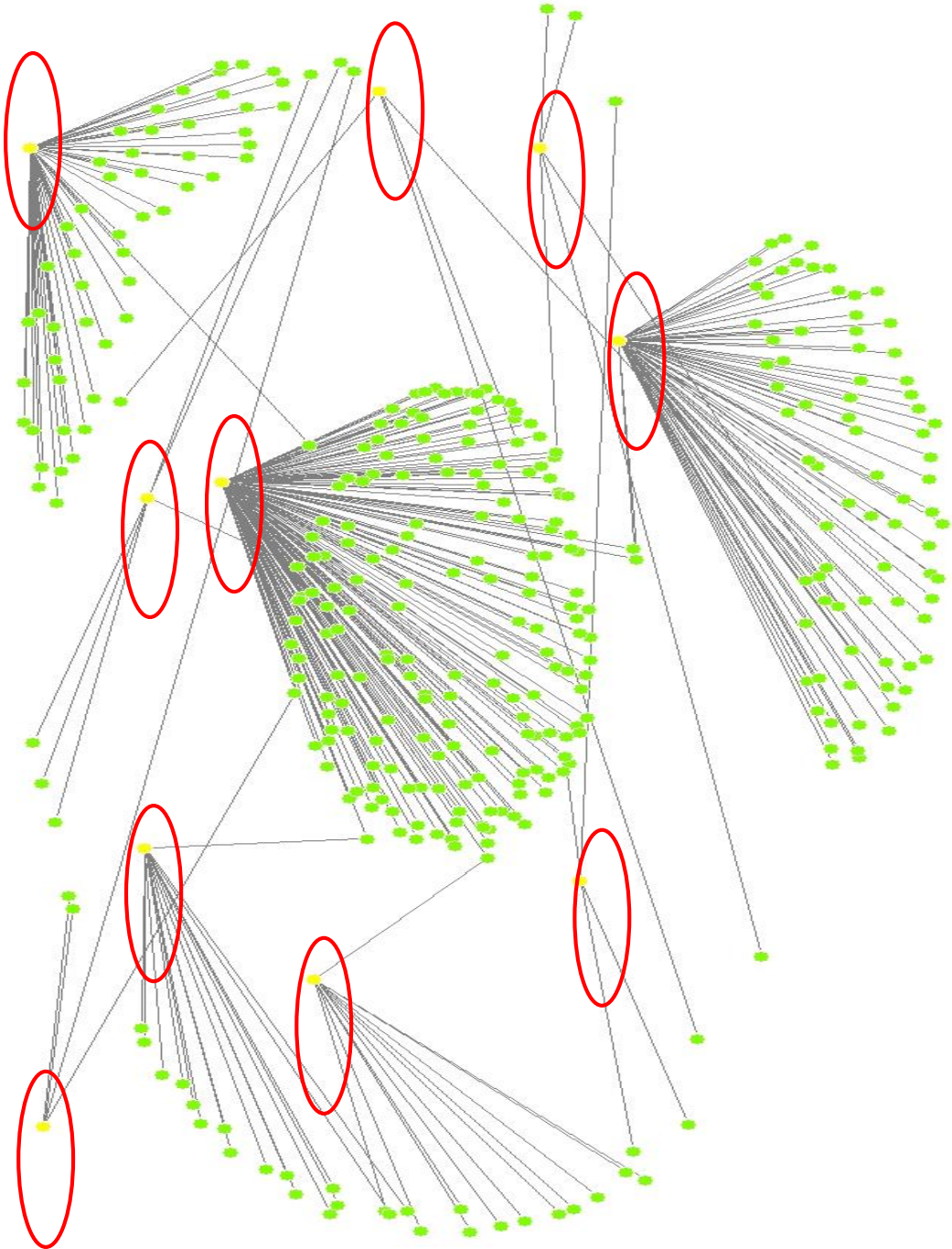
Grafo 05 – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação



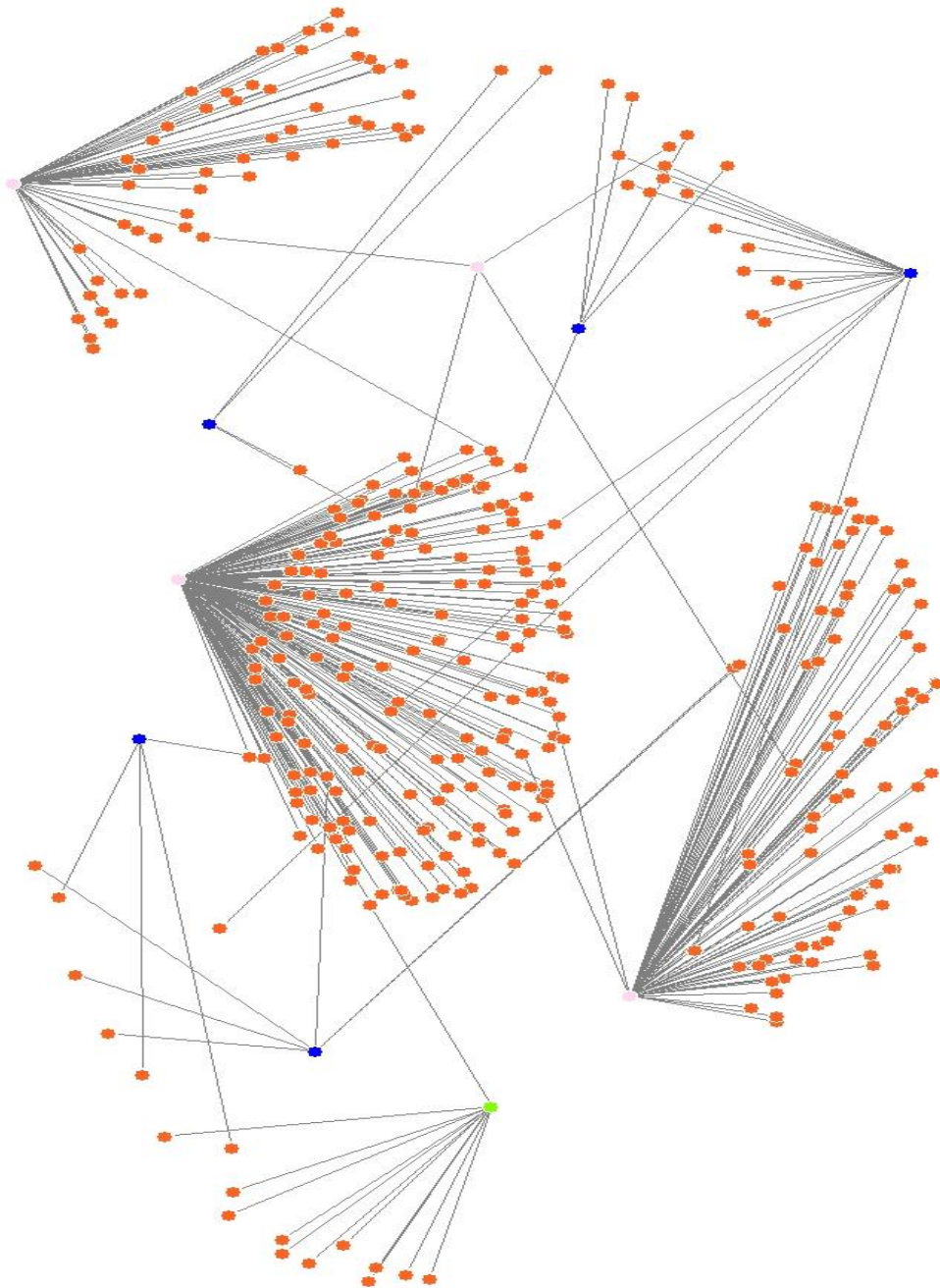
Grafo 05a – Rede Enunciativa: Arquitetura da enunciação só grafo



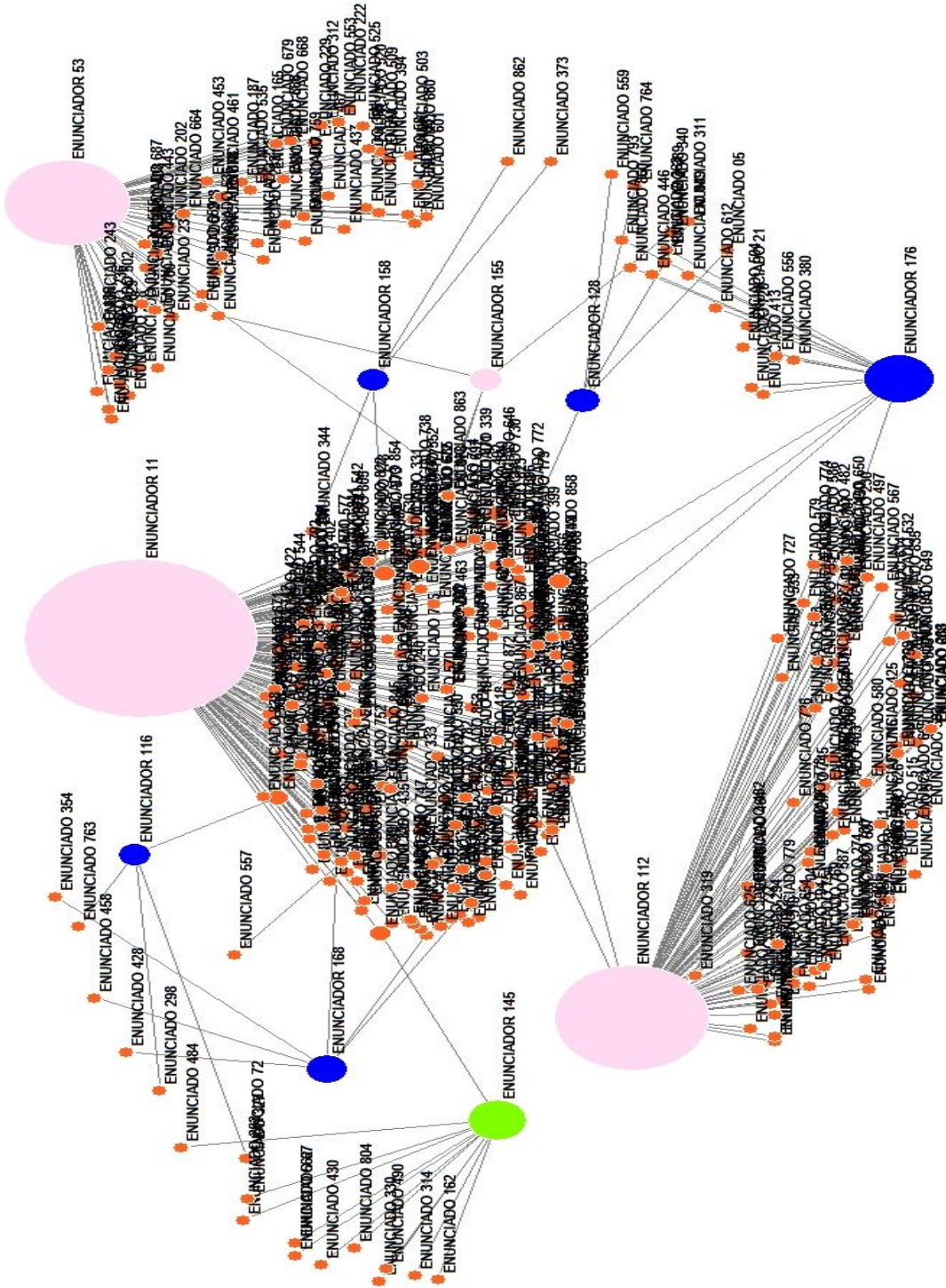
Grafo 06a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação só grafo



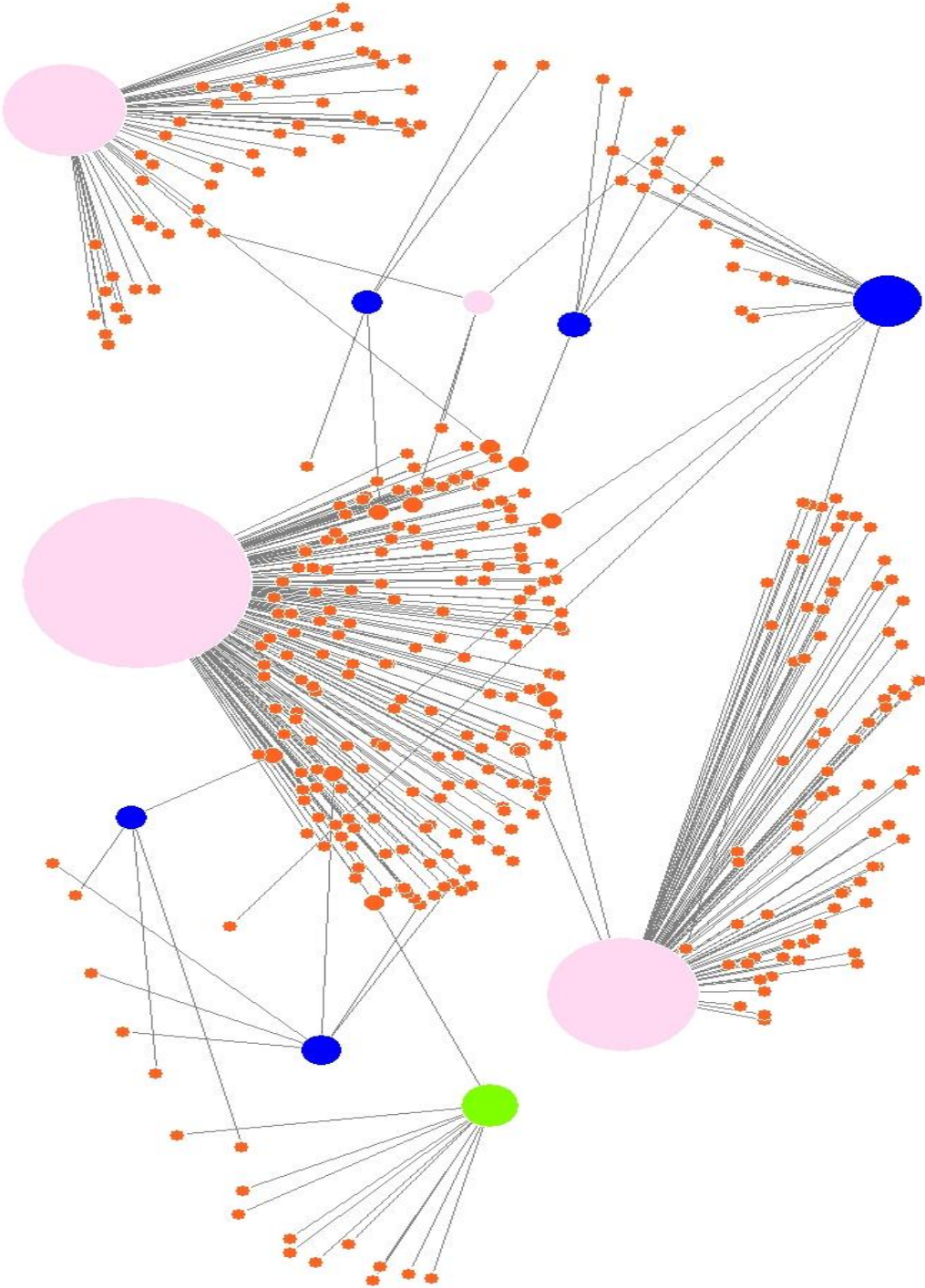
Grafo 07a – Rede Enunciativa: Sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo



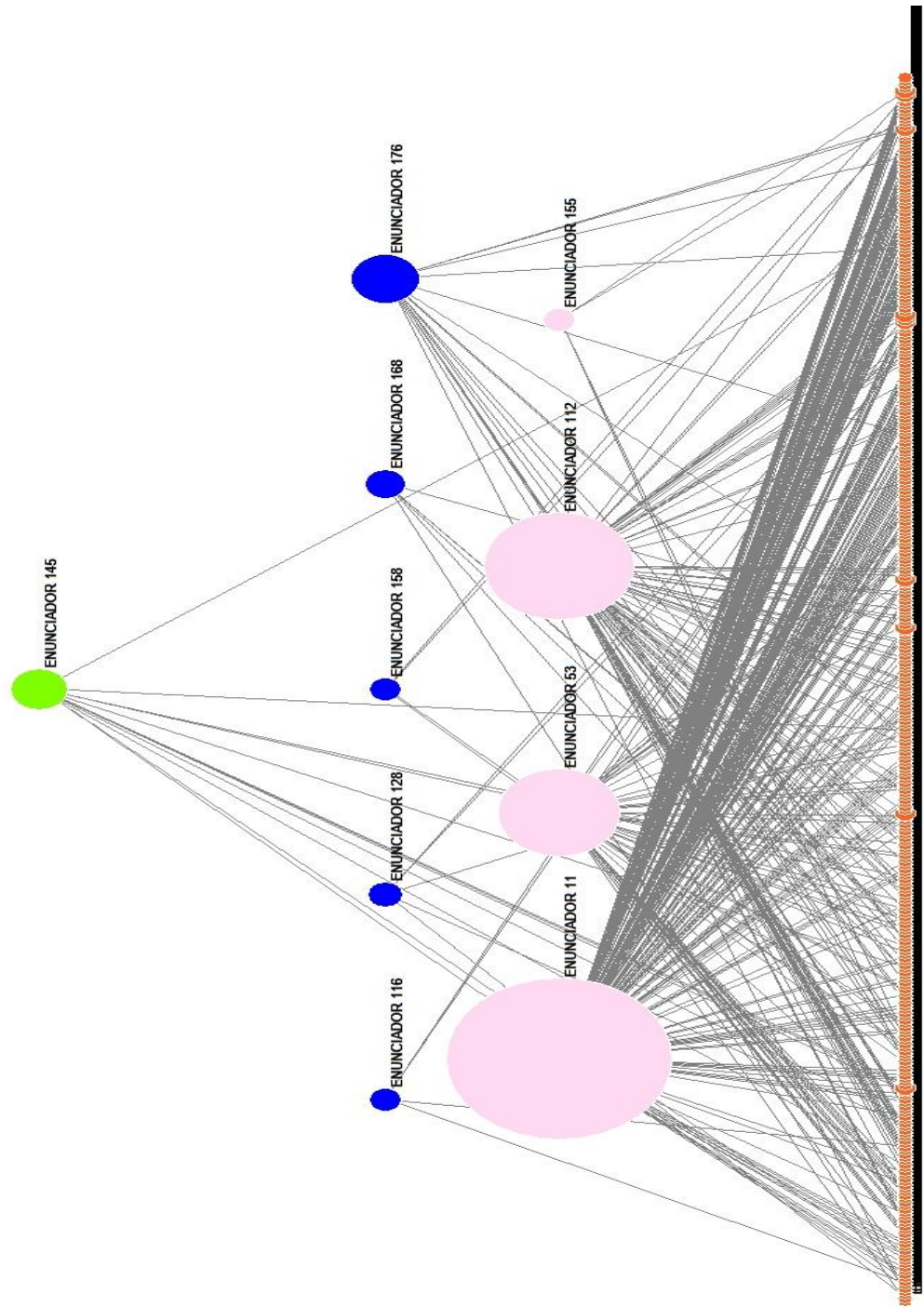
Grafo 08 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade)



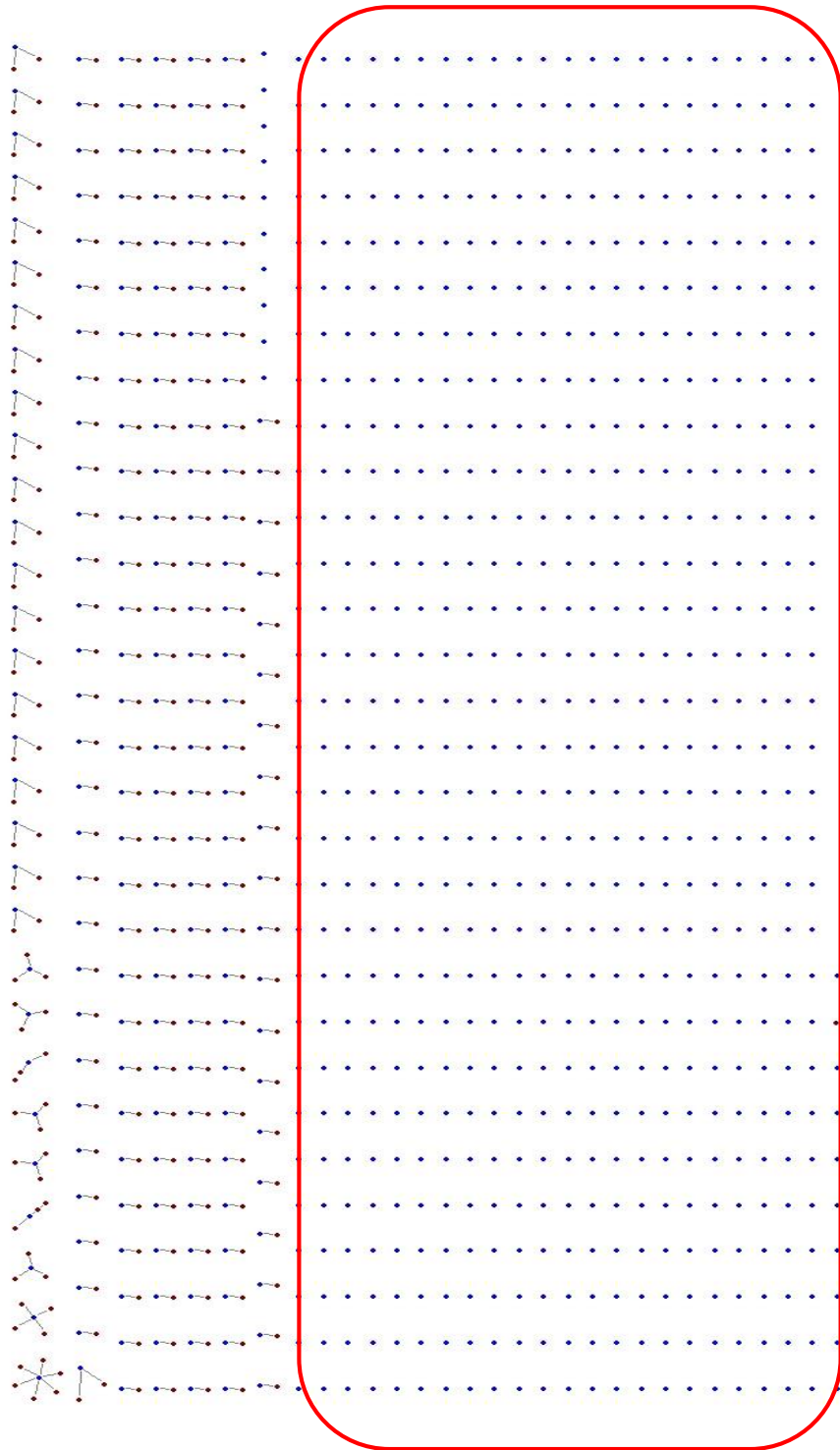
Grafo 08a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo



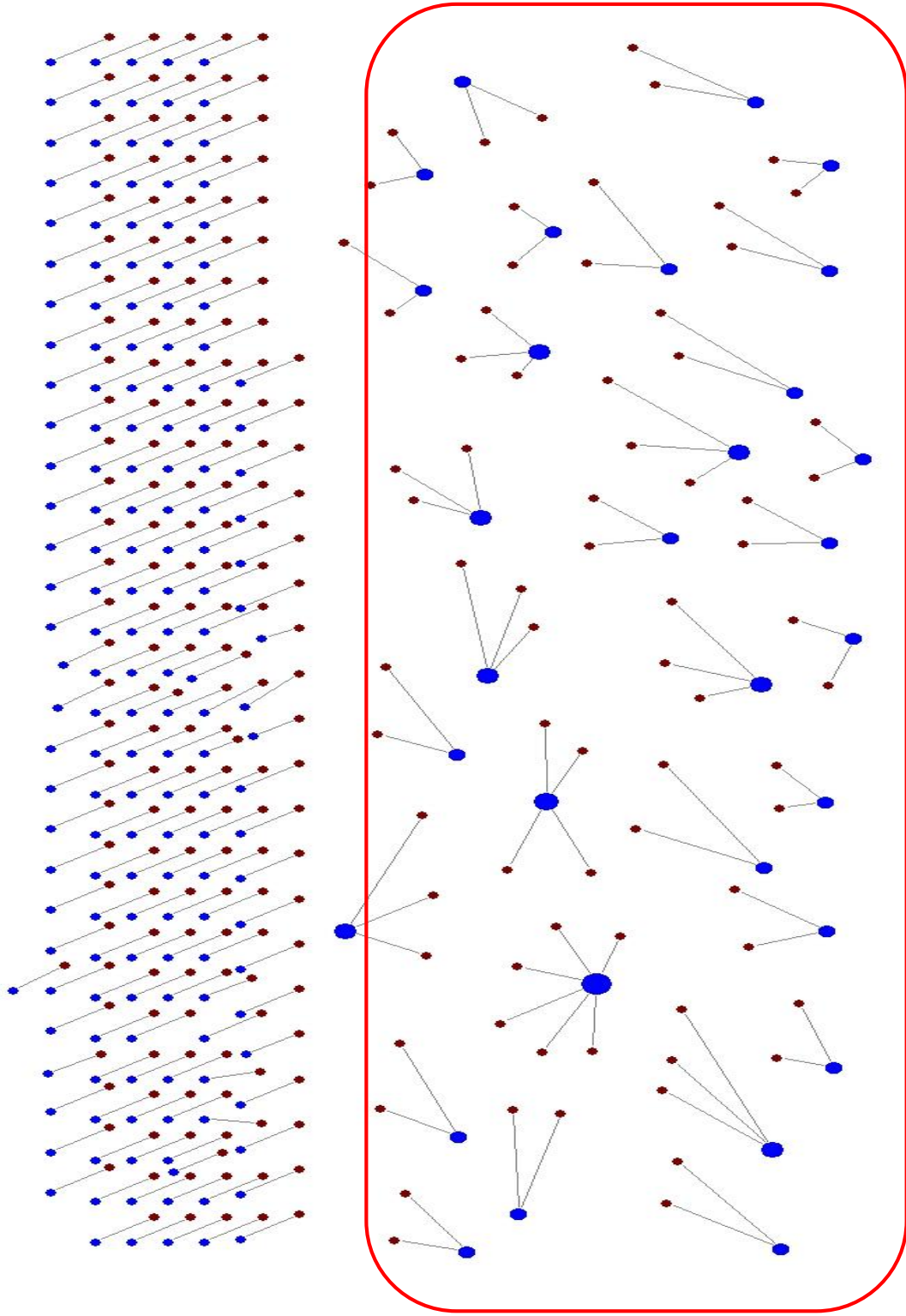
Grafo 09 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada (organização por vizinhança) a sub-rede da Arquitetura da Enunciação (atributo comunidade) só grafo



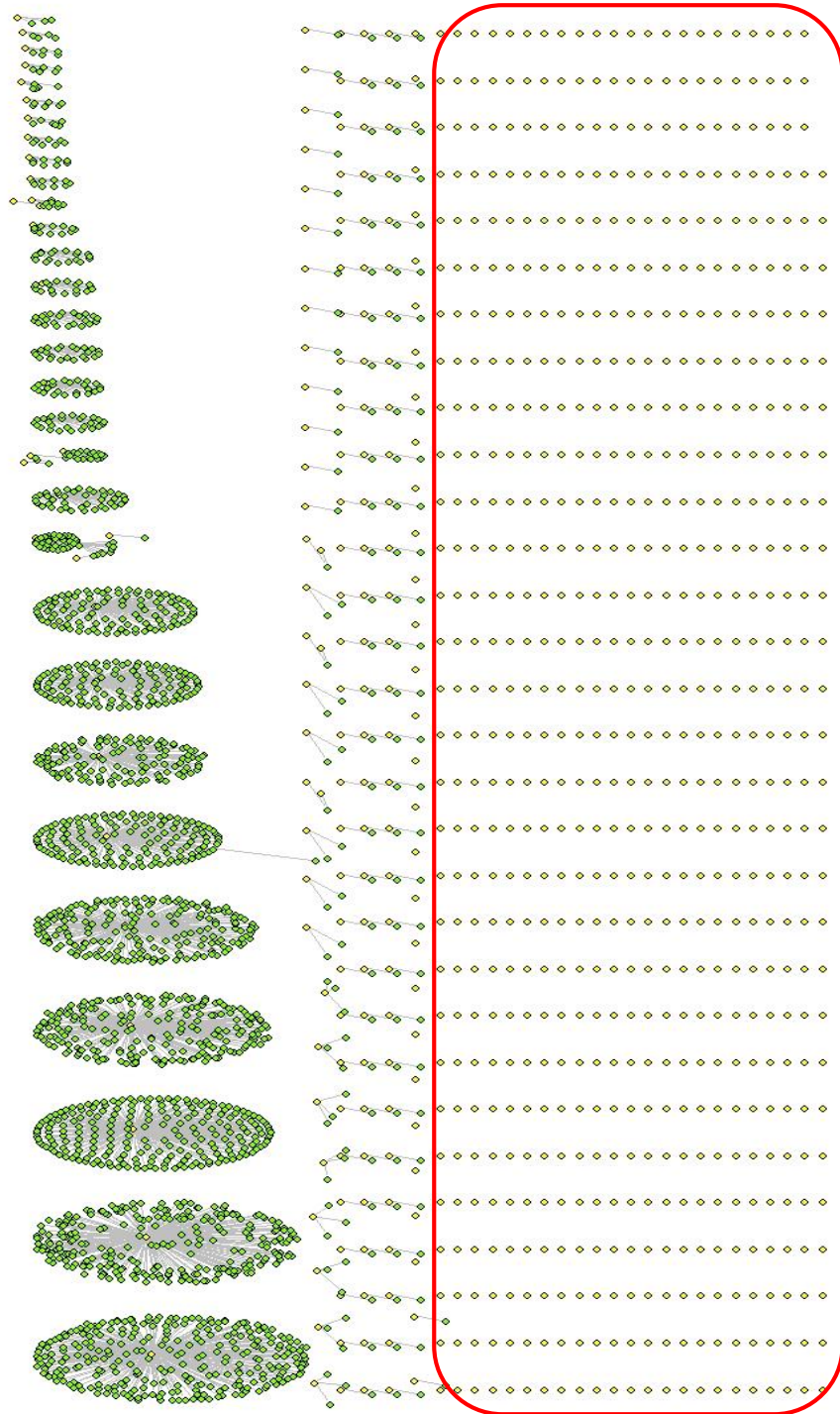
Grafo 10 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo



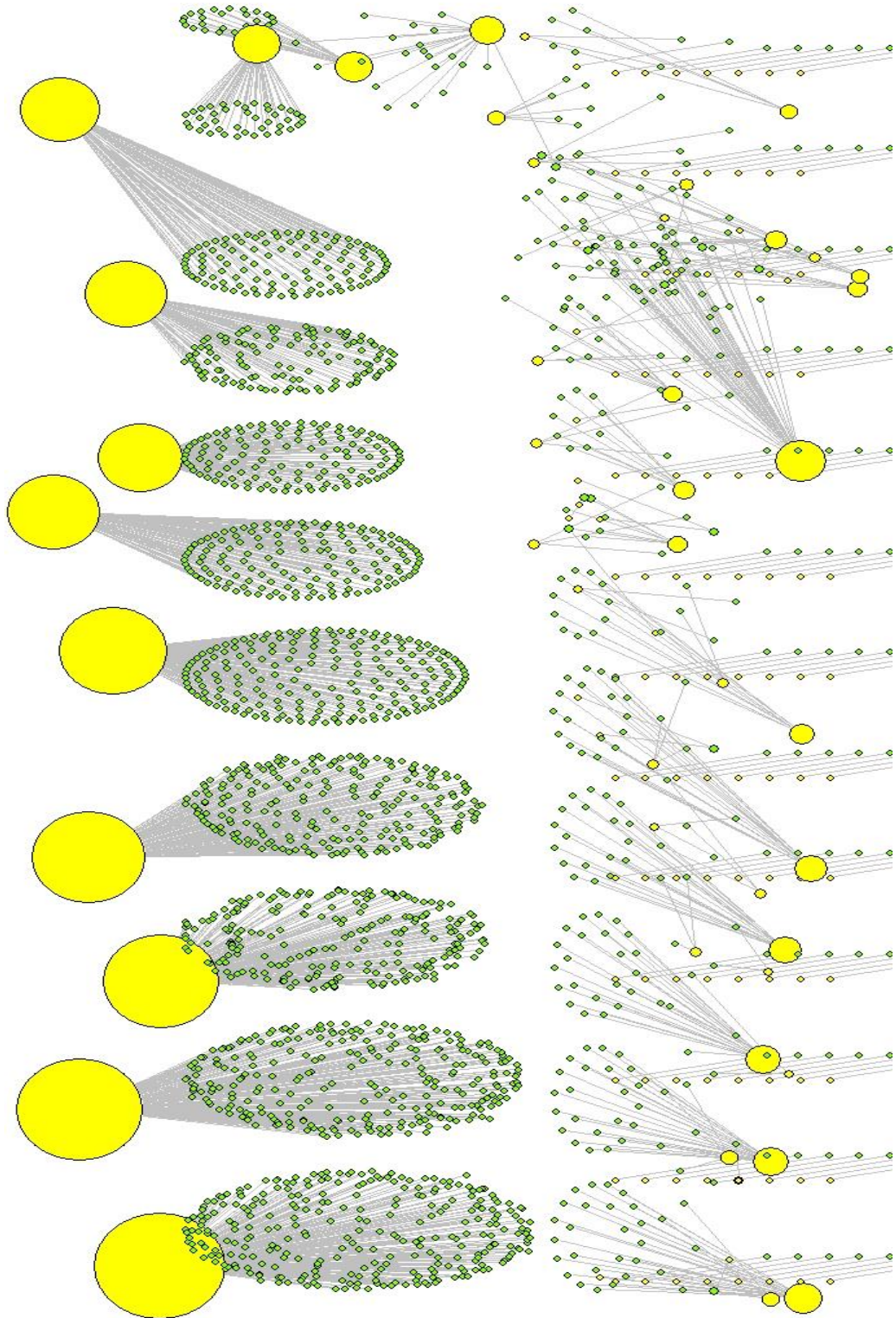
Grafo 11 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Comentários) só grafo



Grafo 12 – Rede Enunciativa: Relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo



Grafo 13a – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas (Enunciados e Curtidas) só grafo



Grafo 14 – Rede Enunciativa: Métrica de Centralidade aplicada nas relações dialógicas

Si discursivo

